

ANDRÉ MALRAUX
A CONDIÇÃO
HUMANA



Tchen tenterait-il
perait-il au travers?
il connaissait sa pro
en cet instant que d
par ce tas de mou
plafond sur un cor
et d'où sortait seule
le sommeil, vivant
d'homme. La seule

André Malraux

A CONDIÇÃO HUMANA

Tradução e Prefácio de: Jorge de Sena

Título do original francês: La Condition Humaine

Prefácio

“La Condition Humaine”, de André Malraux, é sem dúvida um dos grandes livros do nosso tempo, cá ousa dizer que uma duradoura obra-prima da literatura universal. Alguém já afirmou que se não é o mesmo, antes e depois de ter lido o que é uma das mais pungentes, sóbrias e penetrantes obras de que a ficção se serviu para expor uma concepção simultaneamente desesperada e nobre da “condição humana”.

Foi publicado este livro em 1933, naquele período chamado de “entre duas Grandes-Guerras”, período que os historiadores do futuro diluirão justamente entre as duas hecatombes, como se ambas houvessem sido a mesma, e que foi, no entanto, na ordem política e social, um período decisivo na história da humanidade. Durante ele, de facto, descobriu o conjunto dos homens, uns com entusiástico anseio, outros com ansioso temor, que civilização europeia não significava necessariamente, ou deixara de significar, um domínio económico e espiritual da Europa política. Nessa época se consumou, de resto, a unidade humana do Globo; nela, as distâncias são definitivamente anuladas, os meios de expansão e transmissão da cultura desenvolvem-se prodigiosamente, e abre-se a todos os homens, sem distinção de classes, credo ou cor, a possibilidade de uma ascensão efectiva à consciência humana. Não se iniciara, é certo, a era atómica, não se concebia ainda um extermínio em massa, levado a cabo com a comodidade e a simplicidade da campanha que mata o “Mandarim”. Por então, apenas o “krack” da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, lançara o mundo na confusão económica; os nacionalistas chineses triunfavam; o Japão ocupava a Mancharia; o espectro da guerra geral só era uma realidade no espírito dos factores dela e no de alguns clarividentes. André Malraux era já um escritor conhecido, um pouco o aventureiro da literatura e da arte, que no fundo nunca deixou de ser, a par de senhor de uma perfeita, clássica técnica da linguagem escrita: a concisão fremente, a obliquidade patética, a limpidez sombria do isolado intratável. Desde 1921, publicara entre outras obras “La Tentation de l’Occident, Royaume Farfelu, Les Conquérants, La Voie Royale”. Nascera em 1901, filho e neto de suicidas, seu pai, que fora um arruinado agente da “Royal Dutch”, seu avô, que fora “maire” de Dunquerque. Estivera na Indochina, e depois na China, onde assistira a guerra civil em Xangai e em Cantão, e contactara de perto com os actores e ensaiadores do drama. O êxito de “A Condição Humana” foi retumbante; e François Mauriac anotava no seu diário estas palavras subtis: “Poderia discernir-se nesta indulgência o instinto profundo de uma sociedade muito velha que diz ao filho que se levanta contra ela: - Faça

o que fizeres, apesar dos ultrajes de que me embebes, és meu pela inteligência, pela cultura, pelo estilo; és meu por todos os dons do espírito. A minha herança cola-se-te a pele...” (Citado por P. de Boisdeffre e in “André Malraux”). E de facto assim. Vejamos como.

O crítico norte-americano Edmund Wilson, escrevendo sobre o grande poeta Rimbaud, disse: “A carreira dele, com a sua violência, o seu interesse moral e a sua plenitude trágica, deixa-nos a sensação de assistirmos ao espírito humano levado a mais resoluta das sinceridades e na posse das mais altas faculdades, cindindo-se no esforço de fugir, primeiro, ao compromisso humilhante, depois, ao caos não menos humilhante.” (In “*axeI's Castle*”).

Entre estes dois textos esclarecedores na sua concisão, procuremos esboçar um retrato de Malraux e um sentido da sua obra em que avulta, pela profundidade das reflexões e pela intensidade das situações, “A Condição Humana”. Malraux é, de facto, como notou Mauriac, um filho preclaro da velha sociedade europeia, daquilo a que se convencionou chamar “civilização ocidental”. Foi sempre, porém, um filho rebelado contra o muito que dessa civilização ele sente que se lhe cola à pele. E, como de Rimbaud diz Wilson, dividido entre o “compromisso humilhante” e o “caos não menos humilhante”, e a ambos tentando recusar, e recusando-os efectivamente, na medida em que supera uma antinomia que o puro individualismo (a vaidade da consciência humana individual) não pode, de resto, por si só resolver. Rimbaud, abandonando as letras que conduziu à mais extrema aventura, viveu no entanto nos fins do século XIX, quando entre o compromisso e o caos havia uma sociedade poderosa e organizada, que apenas estava trocando o espírito pela consolidação das suas conquistas económicas. Perante esse mundo que, traindo-se a si próprio, cumpria o seu destino inexorável de civilização unilateral e lançava as bases da sua própria ruína, era possível erguer a literatura, ou o altivo abandono dela, como um efectivo e agónico sinal de independência. Era mesmo possível e até natural a proliferação de inúmeras atitudes de individualismo anárquico, de consciências lúcidas à custa de se negarem e às outras: entre elas avulta, com uma nobreza inexcusável, a voz comovente de Nietzsche. Mas o mundo de Malraux é outro, é o outro que a esse sucede. Trazendo para ele a consciência de uma solidão última que só a fraternidade mitiga (e é este um dos temas fundamentais de Malraux), era inevitável que Malraux, filho de uma sociedade que inventou por um lado o individualismo e por outro o culto da arte (ao perder, na sua evolução, a fé na condição ecuménica da humanidade, e a confiança na criação permanente que é a vida), assumisse com uma coerência natural várias posições contraditórias e acabasse criando a tese do “museu imaginário” da arte universal, ou seja a solidão do indivíduo rodeado das reproduções de quanto os homens, em todas as épocas e lugares, criaram. Reparemos que o “museu imaginário” e o corolário final da difusão das artes gráficas ao serviço do indivíduo que pode pagá-las para

com elas povoar a sua solidão.

As posições contraditórias de Malraux obedecem de facto a uma natural coerência; enumeremos algumas. Testemunha que foi das convulsões da nova China (e descontento quanto haja de pessoal e deformadora filosofia neles, “Les Conquérrants” e “La Condition Humaine” são preciosos documentos para a compreensão de um dos mais decisivos factos políticos do nosso tempo), é Malraux quem, com André Gide, vai a Berlim protestar contra o processo subsequente ao incêndio do Reichstag, que consolidara Hitler no poder; é dos primeiros a denunciar ao mundo (“Le Temps du Mépris”, 1935) a existência dos campos de concentração nazis; se alista como aviador ao lado da Espanha Republicana (e o seu livro “L’Espoir, 1937 - é considerado pela própria crítica espanhola contemporânea um dos mais belos e sérios que a guerra civil produziu); tendo recusado sempre, ao que parece, fazer parte do partido comunista, rompe com este (que aliás sempre pusera entre parênteses muito da sua obra e das suas atitudes), quando a Rússia ocupa a Polónia e os Estados bálticos; luta na Resistência, e feito prisioneiro, é libertado pelas F.F.I., e comanda depois a brigada Alsácia-Lorena cuja acção foi célebre; quem se liga ao general De Gaulle e é o ministro da Informação do gabinete de união nacional, efêmero (o ministério chamado das “mangas arregaçadas”... Moch, Soustelle, Bidault, Auriol, Thorez, Plevon, etc.) a que o general presidiu; abandona, como De Gaulle, a acção política do movimento, quando este decide ingressar no jogo parlamentar; se dedica à crítica de arte e escreve a monumental “As Vozes do Silêncio” (o seu interesse e o seu conhecimento destes temas datavam já da sua estreia nas letras); se entrega à “metamorfose dos deuses”, com que prolonga à mitologia o seu “museu imaginário” de fogosa, retórica, e reaparece ao lado do general De Gaulle, na actual crise francesa. De tudo isto, a par dos textos que escreveu, e em que se revela um moralista da estirpe e da descendência de Pascal, La Bruyère e, sobretudo, Vauvenargues, se poderia concluir pela fidelidade a si próprio de um espírito ávido de dedicação individual e de aventura, para o qual a fraternidade humana é menos uma solidariedade que a consequência de um solitário culto (no sentido de cultura, também) da liberdade, e que vê na política um “compromisso humilhante” para a livre expressão daquilo que uma consciência entregue à sua própria irresponsabilidade julga que é verdadeiro. Seria, porém, injusto não reconhecer a autenticidade de uma obra muitas vezes incompreendida ou condenada em função das atitudes do seu autor. De resto, que o tenha sido é por certo um sinal seguro dessa autenticidade dúplice.

Muito se tem afirmado, e é evidente nas suas páginas, que a obra de Malraux é um longo comentário moralista sobre a solidão e a morte, sobre a acção e o destino humano. Poucas personagens haverá na ficção tão tragicamente isoladas como algumas de “A Condição Humana”; e sem dúvida que todas elas se vêem

em situações extremas, nas quais a vida e a morte lhes surgem, não sequer como uma alternativa, mas como uma mesma versão do destino, em que a morte é menos escolhida que aceite. Todavia, o sacrifício, a esperança, a fraternidade, o amor, até o cepticismo - características da acção ou atitudes humanas que as personagens de Malraux a cada passo conhecem - não lhes aparecem como meios, mas como fins individuais. Imersos numa condição que os excede, individualistas que se sabem impotentes num mundo cuja complexidade já não esconde a fragilidade de uma posição individualista, estas personagens convertem-se a esses sentimentos medianeiros da grandeza humana, testemunhando assim de uma grandeza que os ultrapassa.

Quem quer que leia os romances de Malraux com olhos de ver e em especial “A Condição Humana”, não pode deixar de sentir lá uma nostalgia da grandeza e da dignidade humanas, como se estas fossem algo que se tivesse perdido e que em face do destino cada homem pode encontrar. Malraux é magistral em algumas das suas páginas, no sugerir que o homem pode aprender à sua própria custa a “grandeza”. Mas, usando as suas palavras, “tentar dar a homens a consciência da grandeza que em si próprios ignoram” - não basta. Não bastaria até porque aquele dar a homens nos recorda que como que se interpõem certos privilegiados da grandeza entre esta e os outros. Mas não basta especialmente porque a grandeza humana é algo que não releva apenas da descoberta individual, e bem mais da vivência colectiva. Importará assim tanto a solidão de cada um, para que o mundo se transforme numa associação de solidões? Será assim tão precioso o incomunicável? Ou valerá principalmente aquela capacidade humana de sentir os outros lá onde eles próprios se negam ou se esquecem?

Que tudo isto possa ser pensado a propósito de “A Condição Humana” seria desde já uma indicação do seu extraordinário valor: documento histórico, meditação moralista, intensa e asfíxiante acção romanesca, estilo admirável - eis uma obra em que o nosso tempo palpita com as suas esperanças e as suas desilusões, com as suas verdades e os seus erros, com, principalmente, uma análise magnífica daquilo a que Camões (outro aventureiro, muito contraditório, de um período crítico da história humana) chamou, com evidente conhecimento de causa, “estranha condição”. Exactamente assim: a estranheza, tão natural e tão grave, de que todos somos feitos.

Janeiro de 1956 - Agosto de 1958

Jorge de Sena

PRIMEIRA PARTE

21 de Março de 1927

Meia-noite e meia hora

Ousaria Tchen erguer o mosquitoeiro? Agiria através dele? A angústia apertava-lhe o estômago; conhecia a sua própria firmeza, mas não conseguia nesse momento pensar nela senão com pasmo, fascinado por aquele amontoado de musselina branca que caía do tecto sobre um corpo menos visível que uma sombra, e do qual apenas saía aquele pé meio inclinado pelo sono, vivo contudo - carne de homem. A única luz vinha do edifício vizinho: um grande rectângulo de electricidade pálida, cortada pelos pinásios da janela, um dos quais listrava a cama precisamente por cima do pé como para acentuar nele o volume e a vida. Quatro ou cinco buzinas chiaram ao mesmo tempo. Descoberto? Combater inimigos que se defendem, inimigos acordados, que alívio!

A vaga de ruído tombou: qualquer engarrafamento de carros (havia ainda engarrafamentos de carros, lá longe, no mundo dos homens...). Viu-se de novo em frente da grande mancha mole da musselina e do rectângulo de luz, imóveis naquela noite em que o tempo não contava.

Repetia a si próprio que aquele homem tinha de morrer. Tolamente: pois sabia que o mataria. Preso ou não, executado ou não, pouco importava. Apenas existia aquele pé, aquele homem que deveria matar sem que ele se defendesse - porque, se ele se defendesse, chamaria. Pestanejando, Tchen descobria em si, até à náusea, não o combatente que esperava, mas um sacrificador. E não apenas aos deuses que escolhera; sob o seu sacrifício à revolução erguia-se um mundo de profundidades, junto das quais esta, noite esmagada de angústia não era senão claridade. “Assassinar não é apenas matar, ai...” Nos bolsos, as mãos hesitantes seguravam, a direita uma navalha fechada, a esquerda um punhal curto. Metia-as para o fundo o mais possível, como se a noite não bastasse para esconder os seus gestos. A navalha era mais segura, mas Tchen sentia que não poderia nunca servir-se dela; o punhal desagradava-lhe menos. Largou a navalha, cujo cabo lhe penetrava nos dedos crispados; o punhal estava nu no bolso, sem bainha. Fê-lo passar para a mão direita, deixando cair de novo a esquerda sobre a lã da camisola, onde ficou colada. Elevou ligeiramente o braço direito, pasmado do silêncio que continuava a rodeá-lo, como se o seu gesto devesse desencadear a queda de alguma coisa. Mas não, não se passava nada. Era sempre a sua vez de agir. Aquele pé vivia como um animal adormecido. Terminava um corpo? “Será que estou a ficar doido?” Era preciso ver aquele corpo. Vê-lo, ver aquela cabeça; para isso, entrar na luz, deixar passar sobre a cama a sua sombra atarracada. Qual seria a resistência da carne? Convulsivamente, Tchen enterrou o punhal no braço esquerdo. A dor (não

conseguiu aperceber-se de que era o “seu” braço), a ideia do suplício certo, se o que dormia despertasse, aliviou-o por segundos: o suplício era preferível a esta atmosfera de loucura. Aproximou-se. Era bem o homem que vira, duas horas antes, em plena luz. O pé, que quase tocava as calças de Tchen, rodou de repente como uma chave, e voltou à mesma posição na noite tranquila. Talvez o adormecido sentisse uma presença, mas não o suficiente para acordar... Tchen estremeceu: um insecto corria-lhe na pele. Não; era o sangue do braço que corria em fio, E sempre a sensação de enjoo.

Um único gesto, e o homem estaria morto. O matar não era nada; o tocar é que era impossível. E era preciso ferir com precisão. O adormecido, deitado de costas, no meio da cama à europeia, estava apenas em cuecas, mas, sob a pele gorda, as costelas não eram visíveis. Tchen tinha de tomar para referência os mamilos. Sabia como era difícil ferir de cima para baixo. Tinha pois o punhal com a lâmina no ar, mas o seio esquerdo era o mais afastado; através da rede do mosquito, teria de ferir a todo o comprimento do braço, com um movimento curvo como o de um balouço. Mudou a posição do punhal: lâmina horizontal. Tocar aquele corpo imóvel era tão difícil como bater num cadáver, talvez pelas mesmas razões. Como convocado por esta ideia de cadáver, um estertor se ergueu. Tchen não podia sequer já recuar; as pernas e os braços tornavam-se-lhe completamente flácidos. Mas o estertor regularizou-se: o homem não estertorava, ressonava. Tornou-se vivo, vulnerável; e, ao mesmo tempo, Tchen sentiu-se ridicularizado. O corpo deslizou, com um leve movimento, para a direita. Iria agora acordar! Com uma pancada capaz de atravessar uma tábua, Tchen deteve-o num ruído de musselina rasgada, misturado a um choque surdo. Sensível até à ponta da lâmina, sentiu o corpo saltar de ricochete para ele, devolvido pelo colchão de arame. Retesou raivosamente o braço para o conter: as pernas vieram juntas para o peito, como atadas uma à outra; distenderam-se num repente. Deveria ferir de novo; mas como retirar o punhal? O corpo continuava de lado, instável e, apesar da convulsão que acabara de o sacudir, Tchen tinha a impressão de o manter fixado à cama com a sua curta arma sobre a qual pesava com toda a sua massa. Pelo enorme buraco do mosquito via-o demasiado bem: as pálpebras tinham-se aberto - teria acordado? -, os olhos estavam brancos. Ao longo do punhal o sangue começava a surgir, negro àquela falsa luz. No seu peso, o corpo, prestes a tombar para a direita ou para a esquerda, encontrava ainda vida. Tchen não podia largar o punhal. Através da arma, do seu braço retesado, e a sua espádua dorida, estabelecia-se uma comunicação de angústia entre aquele corpo e ele até ao fundo do seu peito, até ao coração convulso, única coisa que mexia no quarto. Estava absolutamente imóvel; o sangue que continuava a correr-lhe do braço esquerdo parecia-lhe ser do homem deitado; sem que nada de aparente tivesse acontecido, teve a certeza que aquele homem estava morto. Respirando a custo, continuava a mantê-lo de

lado, na luz imóvel e turva, na solidão do quarto. Nada ali indicava uma luta, nem sequer o rasgão da musselina que parecia separado em duas partes: havia apenas o silêncio e uma embriaguez esmagadora onde ele se afundava, separado do mundo dos vivos, agarrado à sua arma. Os dedos estavam cada vez mais apertados, mas os músculos do braço relaxavam-se e o braço inteiro começou a tremer como uma corda. Não era o medo, era um pavor ao mesmo tempo atroz e solene, que não conhecia desde a infância: estava só com a morte, só num lugar sem homens, molemente esmagado ao mesmo tempo pelo horror e pelo gosto do sangue.

Conseguiu abrir a mão. O corpo inclinou-se lentamente sobre o ventre: e, não estando o cabo do punhal já bem a prumo, no lençol uma mancha escura começou a alastrar, a crescer como um ser vivo. E, ao lado dela, crescendo como ela, apareceu a sombra de duas orelhas pontiagudas.

A porta estava longe, a varanda mais próxima; mas era da varanda que vinha a sombra. Se bem que Tchen não acreditasse em espíritos, ficou paralisado, incapaz de se voltar. Estremeceu: um miar. Semi-aliviado, ousou olhar. Era um gato vadio, que entrara pela janela, de patas silenciosas olhos fitos nele. Uma raiva cega sacudia Tchen, à medida que a sombra avançava, não contra o próprio animal, mas contra aquela presença; nada vivo deveria imiscuir-se na região bravia em que estava mergulhado: aquele que o vira segurar a faca impedia-o de regressar para entre os homens. Abriu a navalha, deu um passo em frente: o animal fugiu pela varanda. Tchen perseguiu-o; viu-se de repente em frente de Xangai.

Sacudida pela sua angústia, a noite borbulhava como um enorme fumo negro cheio de fálhas; ao ritmo da sua respiração cada vez menos ofegante, imobilizou-se e, no despedaçar das nuvens, as estrelas restabeleceram-se no movimento eterno que o invadiu com o ar mais fresco de fora. Ouviu-se uma sirene, que se perdeu nesta pungente serenidade. Em baixo, lá no fundo, as luzes da meia-noite, reflectidas através de uma bruma amarelada pelo macadame molhado, pelos riscos p lidos dos carris, palpitavam da vida dos homens que não matam. Havia ali milhões de vidas, e todas agora rejeitavam a dele; mas que era essa condenação miserável ao lado da morte que se retirava dele, que parecia correr-lhe fora do corpo, às golfadas, como o sangue do outro? Toda aquela sombra imóvel ou cintilante era a vida, como o rio, como o mar invisível ao longe - o mar... Respirando finalmente até ao mais fundo do peito, parecia-lhe reencontrar essa vida, com um reconhecimento sem limites - prestes a chorar, tão perturbado como havia pouco. "Tenho de me pôr ao fresco..." Continuava contemplando o movimento dos automóveis, dos transeuntes que lhe passavam aos pés na rua iluminada, como um cego curado olha, como um esfomeado come. Avidamente, insaciável de vida, queria tocar aqueles corpos. Uma

sirene encheu o horizonte, do outro lado do rio: a mudança de turno dos operários da noite, no arsenal. Que operários imbecis fabricassem as armas destinadas a matar os que combatiam por eles!... Aquela cidade iluminada permaneceria possuída como um acampamento pelo seu ditador militar, vendida à morte, como um rebanho, e aos senhores da guerra e ao comércio do Ocidente? O seu gesto assassino equivalia a um prolongado trabalho dos arsenais da China: a revolução iminente que queria entregar Xangai às tropas revolucionárias não possuía duzentas espingardas. Se possuíssem as pistolas (quase trezentas) cuja venda este intermediário, o morto, acabara de negociar com o governador, os insurrectos, dos quais o primeiro acto deveria ser desarmar a polícia para armarem as suas próprias tropas, duplicavam as probabilidades. Mas havia dez minutos que a Tchen tal não ocorrera nem uma vez.

E não se apoderara ainda do papel pelo qual matara aquele homem. Meteu-se para dentro, como se entrasse numa prisão. As roupas estavam amontoadas ao lado da cama, debaixo do mosquito. Procurou nos bolsos. Lenço, cigarros... Não tinha sequer carteira. O quarto continuava na mesma: mosquito, paredes brancas, nítido rectângulo de luz; portanto, o assassinio nada altera... Passou a mão sob o travesseiro, fechando os olhos. Sentia a carteira, pequenina, como um porta-moedas. De vergonha ou angústia, porque o pouco peso da cabeça no travesseiro era mais inquietante ainda, abriu os olhos: não havia sangue no travesseiro, e o homem não tinha nada ar de morto. Deveria então matá-lo outra vez? Mas já o olhar que encontrava os olhos brancos, o sangue nos lençóis, o aliviava. Para rebuscar na carteira, recuou para a luz; era a de um restaurante, cheio de jogadores. Encontrou o documento, guardou a carteira, atravessou o quarto quase correndo, fechou a porta com duas voltas da chave que meteu no bolso. Ao fundo do corredor do hotel - esforçava-se por abrandar o passo - não estava parado o ascensor. Chamaria? Desceu. No andar inferior, o do "dancing", do bar e dos bilhares, uma dezena de pessoas aguardava a cabina que chegava. Seguiu-os. "A dançarina de vermelho é brutalmente espantosa!", disse-lhe em inglês o seu vizinho, um birmanês ou siamês bastante bêbado. Teve, ao mesmo tempo, vontade de o esbofetear para o calar, e de o abraçar porque era um vivo. Resmungou em vez de responder; o outro bateu-lhe no ombro com ar cúmplice. "Ele pensa que eu estou também bêbado..." Mas o interlocutor abria novamente a boca. "Não sei línguas estrangeiras", disse Tchen, em pequinês. O outro calou-se, olhou intrigado aquele homem novo sem colarinho, mas com uma camiseta de boa lã. Tchen estava na frente do espelho interior da cabina. O assassinio não lhe deixara qualquer marca no rosto... As suas feições mais mongólicas do que chinesas, as maçãs do rosto salientes, o nariz achatado mas com uma ligeira aresta, como um bico - não tinham mudado, só exprimiam fadiga; mesmo as espáduas sólidas, os grossos, lábios de "tipo" corajoso, nos quais nada de estranho parecia pesar; só o braço, pegajoso quando o flectia, e quente... O ascensor

parou. Saiu no grupo.

Uma hora da manhã. Comprou uma garrafa de água mineral e chamou um táxi: um carro fechado, onde lavou o braço e o amarrou com um lenço. Os carris desertos e as poças dos aguaceiros da tarde brilhavam fracamente. O céu luminoso nelas se reflectia. Sem saber por que, Tchen olhou-o: quão mais perto dele havia estado, há pouco, quando descobrira as estrelas! Afastava-se dele à medida que a angústia enfraquecia, que ele encontrava outra vez os homens... Ao fim da rua, as auto-metralhadoras quase tão cinzentas como as poças, a lâmina clara das baionetas transportadas por ombros silenciosos: o posto, o limite da concessão francesa; o táxi não ia mais além. Tchen mostrou o passaporte falso de electricista empregado na concessão. A sentinela olhou o papel com indiferença (“O que agora fiz decididamente não se vê”) e deixou-o passar. Diante dele, perpendicular, a Avenida das Duas Repúblicas, fronteira da cidade chinesa.

Abandono e silêncio. Carregadas de todos os barulhos da maior cidade da China, ondas de surdo ruído se perdiam ali como, no fundo de um poço, os sons vindos das profundezas da terra: todos os da guerra, e os últimos sacões nervosos de uma multidão que não quer dormir. Mas era lá longe que viviam os homens; aqui nada restava do mundo, senão uma noite à qual Tchen instintivamente se apegava como a uma amizade súbita: este mundo nocturno, inquieto, não se opunha ao crime. Mundo de onde os homens tinham desaparecido, mundo eterno; não voltaria jamais o dia por sobre aquelas telhas partidas, aquelas ruelas ao fundo das quais um lampião iluminava uma parede sem janelas, um poste de fios telegráficos? Havia um mundo do assassinio, em que ele permanecia como no calor. Nenhuma vida, nenhuma presença, nenhum ruído próximo, nem sequer um pregão de vendedor, nem sequer cães abandonados.

Finalmente, uma loja ordinária: “Lu-Tu-Shuen e Hemmelrich, gramofones”. Havia que regressar para entre os homens... Esperou alguns minutos sem se libertar completamente, bateu por fim num taipal. A porta abriu-se quase imediatamente: uma loja cheia de discos alinhados com cuidado, um vago, aspecto de biblioteca pobre; depois as traseiras, espaçosas, nuas, e quatro camaradas, em mangas de camisa.

A porta, ao fechar, fez oscilar a lâmpada: as caras desapareceram, apareceram: à esquerda, gordalhufo, Lu-Yu-Shuen; a cabeça de pugilista arrebitado de Hemmelrich, tosquiado, com o nariz partido, ombros metidos para dentro. Por trás, na sombra, Katow. À direita, Kyo Gisors; ao passar por cima da cabeça deste, a lâmpada marcou fortemente os cantos caídos da boca de estampa japonesa; ao afastar-se, deslocou as sombras, e o rosto mestiço pareceu quase europeu. As oscilações da lâmpada tornaram-se cada vez mais curtas: as duas caras de Kyo reapareceram, ora uma ora outra, cada vez menos diferentes entre

si.

Paralisados até às entranhas pela necessidade de o interrogar, todos olhavam Tchen com uma intensidade idiota, mas nada diziam; este fixou o lajedo crivado de sementes de girassol. Poderia tranquilizar aqueles homens, mas não poderia nunca explicar-se. A resistência do corpo à faca obcecava-o, bem mais que a do seu braço: sem o impulso da surpresa, a arma não teria penetrado profundamente. “Nunca julguei que fosse tão duro...”

- Já está - disse.

No quarto, diante do corpo, passada a inconsciência, não duvidara: sentira a morte.

Estendeu a ordem de entrega das armas. O texto era longo. Kyo lia-o:

- Sim, mas...

Todos aguardavam. Kyo não estava nem impaciente, nem irritado; não se mexera; apenas tinha o rosto contraído. Mas todos sentiam que o que acabava de descobrir o desesperava. Decidiu-se:

- As armas não estão pagas. “Pagáveis contra entrega”.

Tchen sentiu a cólera atacá-lo, como se tivesse sido estupidamente roubado. Assegurara-se de que o papel era aquele que procurava, mas não tivera tempo de lê-lo. Não poderia, contudo, modificar nada. Tirou a carteira do bolso, deu-a a Kyo: fotografias, recibos; nada mais.

- Podemos arranjar-nos com os homens da secção de combate, suponho eu - disse Kyo.

- Desde que possamos entrar no barco - respondeu Katow, - está bem.

Silêncio. A presença deles arrancava Tchen à sua terrível solidão, lentamente, como uma planta que é arrancada à terra a que as raízes mais finas a seguram ainda. E, ao mesmo tempo que pouco a pouco vinha até eles, parecia que os descobria - como sua irmã, na primeira vez que ele voltara de um prostíbulo. Havia ali a tensão das salas de jogo no fim da noite.

- Correu tudo bem? - perguntou Katow, pousando finalmente o seu disco e avançando para a luz.

Sem responder, Tchen contemplou aquela boa cabeça de “Pierrot” russo - olhinhos divertidos e nariz arrebitado - que nem aquela luz conseguia tornar dramática; e, contudo, Katow sabia o que era a morte. Levantava-se, foi ver o grilo adormecido na minúscula gaiola; Tchen podia ter as suas razões de se calar. Este observava o movimento da luz, que lhe permitia não pensar: o trilo do grilo despertado pela proximidade misturava-se às últimas vibrações da sombra nos rostos. Sempre esta obsessão da dureza da carne, este desejo de apoiar o braço

com força à primeira coisa aparecida. As palavras só serviam para perturbar a familiaridade com a morte que se lhe estabelecera no coração.

- A que horas saís-te do hotel!? - perguntou Kyo.

- Há vinte minutos.

Kyo olhou para o relógio: meia-noite e cinquenta.

- Bem. Acabemos com isto aqui e desandemos.

- Vou ver o teu pai, Kyo.

- Sabes que será com certeza para amanhã?

- Tanto melhor.

Todos sabiam o que era: a chegada das tropas revolucionárias às últimas estações do caminho de ferro, que deveria desencadear a insurreição.

- Tanto melhor - repetiu Tchen. Como todas as sensações intensas, as da morte e do perigo, ao retirarem-se, deixavam-no vazio; desejava encontrá-las de novo.

- Apesar de tudo, quero vê-lo.

- Vai lá esta noite. Ele não dorme nunca antes da madrugada.

- Irei pelas quatro horas.

Instintivamente, quando se tratava de ser compreendido, Tchen dirigia-se ao Gisors pai. Que a sua atitude era dolorosa para Kyo - tanto mais dolorosa quanto nenhuma vaidade intervinha - sabia-o, mas nada podia: Kyo era um dos organizadores da insurreição, a comissão central tinha confiança nele; Tchen, também; mas ele não mataria nunca ninguém senão combatendo. Katow estava mais próximo, Katow condenado a cinco anos de trabalhos forçados, em 1905, quando, estudante de medicina, tentara fazer saltar a porta da prisão de Odessa. E todavia...

O russo comia confeiteiros, um a um, sem deixar de olhar Tchen; e Tchen, de repente, compreendeu a gulodice. Agora que matara, tinha o direito de lhe apetercer fosse o que fosse. O direito. Mesmo que fosse pueril. Estendeu a mão sem cerimónia. Katow julgou que ele queria ir-se embora e apertou-lha. Tchen levantou-se. Também talvez calhasse bem: nada mais tinha a fazer ali; Kyo estava prevenido, cabia-lhe agir. E ele, Tchen, sabia o que queria agora fazer. Foi até à porta, mas voltou:

- Dá-me os confeitos.

Katow deu-lhe o saco. Tchen quis dividir o conteúdo, não havia papel. Encheu a mão, comeu dela com a boca, e saiu.

- Não devia ter sido fácil - disse Katow.

Refugiado na Suíça de 1905 a 1912, data do seu regresso clandestino à Rússia,

falava francês sem qualquer sotaque russo, mas engolindo algumas vogais, como se quisesse compensar assim a necessidade de articular rigorosamente quando falava chinês. Quase debaixo da lâmpada agora, o seu rosto estava pouco iluminado. Kyo preferia isso: a expressão de ingenuidade irônica que os olhinhos e sobretudo o nariz arrebitado (pardal sonso, dizia Hemmelrich) davam ao rosto de Katow, era tanto mais viva quanto se opunha bastante às suas próprias feições, e muitas vezes o incomodava.

- Acabemos - disse. - Tens os discos, Lu?

Lu-Yu-Shuen, todo sorrisos e como que pronto para mil respeitosas vénias, dispôs em dois gramofones os dois discos examinados por Katow. Era preciso pô-los em movimento ao mesmo tempo.

- Um, dois, três - contou Kyo.

O assobio do primeiro disco cobriu o segundo; de repente, parou... ouviu-se: “enviar”... depois recomeçou. Outra palavra: trinta. Novo assobio. Depois: “homens”. Assobio.

- Perfeito - disse Kyo. Deteve o movimento, e repôs em andamento o primeiro disco, sozinho: assobio, silêncio, assobio. Alto. Bom. Etiqueta dos discos de refugo.

No segundo: “terceira lição. Correr, caminhar, ir, vir, enviar, receber. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, cem. Vi correr dez homens. Estão aqui vinte mulheres. Trinta”...

Estes falsos discos para ensino de línguas eram excelentes; a etiqueta, imitada a preceito. Kyo estava, contudo, inquieto:

- A minha gravação era má?

- Muito boa, perfeita.

Lu desvanecia-se em sorrisos, Hemmelrich parecia indiferente. No andar superior, uma criança gritou de dor.

Kyo não compreendia já:

- Então, por que a trocaram por outra?

- Ninguém trocou - disse Lu. - É a mesma. E raro que alguém reconheça a própria voz, não é, quando a ouve pela primeira vez.

- O gramofone deforma?

- Não é bem isso, porque cada um reconhece sem dificuldade a voz dos outros. Mas não estamos habituados, bem vê, a ouvirmo-nos...

Lu estava cheio da alegria chinesa de explicar uma coisa a um espírito culto que a ignora.

- Acontece o mesmo com a nossa língua...

- Bem. Afinal vêm buscar os discos esta noite?

- Os barcos partem amanhã ao amanhecer para Anqueu...

Os discos-assobios eram expedidos num barco; os discos-textos, noutra. Estes eram franceses ou ingleses, conforme a missão da região era católica ou protestante. Os revolucionários empregavam por vezes autênticos discos do ensino de línguas, outras vezes discos gravados por eles.

“No dia... - pensava Kyo. - Tanta coisa antes do dia...”. Levantou-se:

- São precisos voluntários para as armas. E alguns europeus, se possível.

Hemmelrich aproximou-se dele. A criança, em cima, chorou de novo.

- O pequeno responde-te - disse Hemmelrich. - Basta-te?

Que fazias tu com o pequeno que vai rebentar e a mulher que geme lá por cima... baixinho, para não nos incomodar...

A voz quase raivosa era bem a daquele rosto com o nariz partido, com os olhos encovados que a luz vertical substituíra por duas manchas negras.

- Cada um ao que lhe cabe - respondeu Kyo. - Os discos também são necessários... Katow e eu cá nos arranjaremos. Tratemos de procurar os tipos (saberemos, de passagem, se atacamos amanhã ou não) e eu...

- Podem descobrir o cadáver no hotel, bem vêes - disse Katow.

- Não antes do amanhecer. Tchen fechou à chave. Não há rondas.

- Talvez o intermediário tivesse combinado um encontro?

- A esta hora? Pouco provável. Aconteça o que acontecer, o essencial é fazer mudar o ancoradouro do barco: assim, se tentarem alcançá-lo, perderão pelo menos três horas antes de o encontrarem. Ele está no limite do porto.

- Para onde queres levá-lo?

- Para dentro do porto. Não para o cais, é claro. Há centenas de vapores. Três horas perdidas pelo menos. Pelo menos.

- O capitão desconfiar ...

O rosto de Katow quase nunca exprimia os sentimentos: a alegria irónica permanecia nele. Apenas, nesse instante, o tom da voz traduzia a inquietação bem mais fortemente.

- Conheço um especialista de negócios de armas - disse Kyo. - Com ele, o capitão terá confiança. Não temos muito dinheiro, mas podemos pagar uma comissão... Julgo que estamos de acordo: servimo-nos do papel para ir a bordo, e arranjar-nos-emos depois?

Katow encolheu os ombros, como perante a evidência. Enfiou o blusão, cuja gola

não abotoava nunca, estendeu para Kyo o casaco de desporto pendurado numa cadeira; os dois apertaram a mão de Hemmelrich. A piedade apenas o humilharia mais. Saíram.

Abandonaram imediatamente a avenida, entraram na cidade chinesa.

Nuvens muito baixas, pesadamente acumuladas, separadas a espaços, deixavam aparecer as estrelas apenas na profundidade das suas aberturas. Este movimento das nuvens animava a obscuridade, ora mais ténue, ora mais intensa, como se imensas sombras viessem de vez em quando aprofundar a noite. Katow e Kyo traziam sapatos de desporto com solas de crepe, e não ouviam os passos senão quando escorregavam na lama; do lado das concessões (o inimigo) uma claridade orlava os telhados. Lentamente cheio do extenso grito de uma sirene, o vento, que trazia o rumor quase extinto da cidade em estado de sítio e o silvo das vedetas que se dirigiam para os barcos de guerra, passou sobre as luzes eléctricas miseráveis, acesas ao fundo dos becos e ruelas; em redor delas, paredes em decomposição saíam da sombra deserta, revelada com todas as suas manchas por esta luz que nada fazia vacilar e de onde parecia emanar uma sórdida eternidade. Escondido por aquelas paredes, meio milhão de homens: os da fiação, os que trabalham dezasseis horas por dia desde a infância, o povo da úlcera, da escoliose, da miséria. Os vidros que protegiam as lâmpadas embaciaram, e, em poucos minutos, a grande chuva da China, furiosa, precipitada, apoderou-se da cidade. “Um bom bairro”, pensou Kyo. Havia mais de um mês que, de comissão em comissão, preparava a insurreição, e deixara de ver as ruas: não caminhava sobre a lama, mas sobre um plano. O raspar de milhões de vidazinhas quotidianas desaparecia, esmagado por uma outra vida. As concessões, os bairros ricos, com as suas grades lavadas pela chuva na extremidade das ruas, existiam apenas como ameaças, como barreiras, como compridas paredes de prisão sem janelas; estes bairros atrozes, pelo contrário (aqueles onde as tropas de choque eram mais numerosas), palpitavam do frémito de uma multidão à espreita. Na esquina de uma rua, o seu olhar de repente mergulhou na profundidade das luzes de uma rua larga; velada pela chuva em bâtegas, conservava no espírito dele uma perspectiva horizontal, pois seria preciso atacá-la contra espingardas e metralhadoras, que atiram horizontalmente. Após o revés dos levantamentos de Fevereiro, a comissão central do partido comunista chinês encarregara Kyo da coordenação das forças revolucionárias. Em cada uma daquelas ruas silenciosas onde o perfil das casas desaparecia sob o aguaceiro que cheirava a fumo, o número de militantes duplicara. Kyo pedira que lho elevassem de dois mil para cinco mil, o que a direcção militar conseguira nesse mês. Mas não possuíam duzentas espingardas. (E havia trezentos revólveres naquele “Xantam” que dormitava no meio do marulhar do rio.) Kyo organizara cento e noventa e dois grupos de combate de cerca de vinte e cinco homens cada, todos providos de chefes; só estes chefes estavam armados... Passaram

diante de uma garagem popular cheia de camiões velhos transformados em autocarros. Todas as garagens estavam “anotadas”. A direcção militar constituiria um estado-maior, a assembleia do partido elegera uma comissão central; desde o início da insurreição, era necessário mantê-los em contacto com os grupos de choque. Kyo criara um primeiro destacamento de ligação de cento e vinte ciclistas; aos primeiros tiros, oito grupos deveriam ocupar as garagens, apoderar-se dos automóveis. Os chefes desses grupos tinham já visitado as garagens e não se enganariam. Cada um dos outros chefes, estudava, havia dez dias, o bairro onde deveria combater. Quantos visitantes, hoje mesmo, tinham entrado nos edifícios principais, pedido para ver um amigo que ninguém lá conhecia, falado, oferecido chá, antes de se ir embora? Quantos operários, apesar das bâtegas de chuva, reparavam telhados? Todas as posições de qualquer valor para os combates de rua eram conhecidas, as melhores posições de tiro assinaladas a vermelho nos planos, no quartel-general dos grupos de choque. O que Kyo sabia da vida subterrânea da revolta alimentava o que dela ignorava; algo que o ultrapassava infinitamente vinha dos grandes tentáculos retalhados de Chapei e Putum, cobertos de fábricas e de miséria, para fazer estoirar os enormes tumores do centro; uma invisível multidão animava esta noite de Dia de Juízo.

- Amanhã? - perguntou Kyo.

Katow hesitou, parou o balancear das suas enormes mãos. Não, a pergunta não se dirigia a ele. A ninguém.

Caminhavam em silêncio. A bâtega, pouco a pouco, transformava-se em moinha, o crepitar da chuva nos telhados enfraqueceu, e a rua negra encheu-se com o ruído irregular das valetas. Os músculos dos rostos distenderam-se-lhes; reparando então na rua tal como aparecia ao olhar (comprida, negra, indiferente), Kyo viu-a como um passado, de tal modo a obsessão o impelia para a frente.

- Onde julgas que foi Tchen? perguntou ele. - Ele disse que só iria a casa do meu pai por volta das quatro horas. Dormir ?

- Não sei... Talvez para o bordel... Ele não se embebedou...

Chegavam a uma loja: “Shia, comerciante de lâmpadas”. Como por toda a parte, os taipais estavam postos. Abriam. Um medonho chinês pequenino ficou de pé ante eles, mal iluminado por detrás: da auréola de luz que lhe rodeava a cabeça, o mais pequeno movimento fazia deslizar um reflexo untuoso no enorme nariz cheio de borbulhas. Os vidros de centenas de lanternas furta-fogo penduradas reflectiam as chamas de duas lanternas acesas no balcão e perdiam-se na obscuridade até ao fundo invisível do armazém.

- Então? - disse Kyo.

Shia olhava-o esfregando as mãos com unção. Voltou-se sem dizer nada, deu

alguns passos, procurou em qualquer escaninho. O raspar da unha na folha fez ranger os dentes de Katow; mas já voltava, com os suspensórios para a direita, para a esquerda... Leu o papel que trazia, com a cabeça iluminada por debaixo, quase colada a um dos candeeiros. Era uma informação da organização militar que trabalhava com os ferroviários. Os reforços que defendiam Xangai contra os revolucionários vinham de Nanquim; os ferroviários tinham decretado a greve; os guardas brancos e os soldados do exército governamental obrigavam aqueles que eram apanhados a conduzir os comboios militares sob pena de morte.

- Um dos ferroviários detidos fez descarrilar o comboio que conduzia - leu o chinês. - Morto. Três outros comboios militares descarrilaram ontem, os carris tinham sido tirados.

- Fazer generalizar a sabotagem e anotar nos próprios relatórios o meio de reparar com o mínimo atraso - disse Kyo.

- Por todos os actos de sabotagem, os guardas brancos fuzilam...

- A Comissão bem sabe. Fuzilaremos também. Outra coisa: não há comboios de armas?

- Não.

- Sabemos quando estarão os nossos em Tchan-tcheu? (*A última estação antes de Xangai. (N. do A.)*)

- Não tenho ainda as notícias da meia-noite. O delegado do Sindicato pensa que será para esta noite ou para amanhã... A insurreição começaria, pois, no dia seguinte ou no outro a seguir. Havia que esperar as informações da Comissão Central. Kyo tinha sede. Saíram.

Não estavam longe do sítio onde teriam de separar-se. Uma nova sirene de navio chamou três vezes, aos sacões, depois mais uma vez, longamente. Parecia que o seu grito se espalhava na noite saturada; caiu por fim, como um foguete.

“Começariam a inquietar-se, por causa do “Xantum”?” Absurdo. O capitão só esperava os clientes às oito horas. Retomaram a marcha, prisioneiros daquele barco ancorado ao longe na água esverdeada e fria com as suas caixas de pistolas. Já não chovia.

- Contanto que eu encontre o tipo - disse Kyo. - Estaria apesar de tudo mais tranquilo se o “Xantum” mudasse de ancoradouro.

Os caminhos de ambos deixavam de ser o mesmo: combinaram encontro, separaram-se. Katow ia procurar os homens.

Kyo atingiu por fim o portão gradeado das concessões. Dois atiradores anamitas e um sargento da colonial vieram examinar-lhe os papéis: tinha o seu passaporte francês. Para tentar o posto, um comerciante chinês tinha prendido bolinhos nas pontas do arame farpado (“Bom sistema para envenenar um posto,

eventualmente”, pensou Kyo).

O sargento devolveu o passaporte. Kyo encontrou um táxi e deu a direcção do “Black Cat”.

O automóvel que o motorista conduzia a toda a velocidade, encontrou algumas patrulhas de voluntários europeus. “As tropas de oito nações velam aqui”, diziam os jornais. Pouco importava: não estava nas intenções do Kuomintang atacar as concessões. Avenidas desertas, sombras de pequenos mercadores, com a sua loja em forma de balança aos ombros... O automóvel parou à entrada de um jardim exíguo, iluminado pelo sinal luminoso do “Black Cat”. Ao passar diante do vestiário, Kyo viu as horas: duas horas da manhã. “Felizmente que todos os trajes são admitidos aqui”. Por baixo do casaco de desporto, de tecido felpudo, cinzento escuro, trazia um “pull-over”.

O jazz estava exausto. Havia cinco horas que mantinha, não a alegria, mas uma embriaguez selvagem à qual todos os pares aderiam ansiosamente. De repente parou, e a multidão dispersou: ao fundo, os clientes, aos lados, as dançarinas profissionais: chinesas nos seus vestidos de seda bordada, russas e mestiças; uma senha por cada dança ou por conversa. Um velhote com aspecto de “clergyman” aturdido ficou no meio da pista esboçando com o cotovelo gestos de pato. Aos cinquenta e dois anos ficara fora de casa pela primeira vez e, aterrorizado pela mulher, não ousara mais voltar. Havia oito meses que passava as noites nas casas de diversão, ignorava as lavadeiras e mudava de roupa nas camisarias chinesas, entre dois biombos.

Negociantes à beira da ruína, dançarinas e prostitutas, os que se sentiam ameaçados - quase todos mantinham os olhares pousados neste fantasma, como se unicamente ele os retivesse à beira do nada. Iriam deitar-se, derreados, de madrugada - quando o passeio do carrasco recomeçaria na cidade chinesa. Aquela hora havia apenas cabeças cortadas, nas gaiolas ainda mais negras, com os cabelos a escorrer em chuva.

- De talapão, querida amiga! Vesti-los-ão de talapões! (*Sacerdote Chinês budista. (N. do T.)*)

A voz escarninha, directamente inspirada em Polichinelo; parecia vir de uma coluna. Nasalada mas amarga, não evocava mal o espírito local, isolada num silêncio cheio de tilintar de copos por cima do “clergyman” aturdido: o homem que Kyo procurava estava presente.

Deu com ele, logo que contornou a coluna ao fundo da sala onde, em algumas filas, estavam dispostas as mesas que as dançarinas não ocupavam. Por cima de uma confusão de costas e de pescoços num monte de tecidos sedosos, um Polichinelo magro e sem corcunda, mas cuja voz se lhe assemelhava, fazia um discurso divertido a uma russa e a uma mestiça filipina sentadas na mesa dele.

De pé, com os cotovelos pegados ao corpo, gesticulando com as mãos, falava com todos os músculos da cara movendo-se violentamente, incomodado pelo quadrado de seda preta, estilo “Pied Nickelé”, que lhe protegia o olho direito, doente com certeza. Fosse como fosse que estivesse vestido (trazia “smoking”, nessa noite) o barão de Clappique tinha ar de mascarado. Kyo estava decidido a não o abordar ali, a esperar que ele saísse:

- Perfeitamente, cara amiga, perfeitamente! Xan-Cai-Xeque entrará aqui com os seus revolucionários e gritará (em estilo clássico, digo-lhes eu, clássico!) como quando toma as cidades: “Que vistam de talapões estes negociantes, de leopardos estes militares (como quando se sentam em bancos pintados de fresco)”. Semelhantes ao último príncipe da dinastia Liang, exactamente, minha bela, embarquemos nos juncos imperiais, contemplemos os nossos homens vestidos, para nos distraírem, cada um com a cor da sua profissão, azul, vermelho, verde, com tranças e pompons; nem uma palavra, cara amiga, nem uma palavra, digo-lhe eu!

E confidencial:

- A única música permitida será a do chapéu chinês.

- E você, lá, para que serve?

Lamentoso, soluçando:

- O quê, cara amiga, não adivinha? Serei o astrólogo da corte, morrerei ao colher a Lua num lago, numa noite em que estiver bêbedo... esta noite?

Científico:

-...como o poeta Tu-Fu, cujas obras encantam (nem uma palavra, tenho a certeza) os seus dias de folga. Além disso...

A sirene de um navio de guerra encheu a sala. Logo a seguir uma pancada no címbalo, furiosa, se lhe misturou, e a dança recomeçou. O barão sentara-se. Por entre as mesas e os pares, Kyo arranjou uma mesa livre, um pouco atrás da dele. A música cobrira todos os ruídos; mas agora que se aproximara de Clappique, ouvia-lhe de novo a voz. O barão beliscava a filipina, mas continuava a falar para o rosto delicado, todo olhos, da russa:

- ...a tristeza, cara amiga, é que já não há fantasia. De vez em quando...

Com o indicador espetado:

- ...um ministro europeu manda à mulher um pacotezinho pelo correio... ela abre-o... nem uma palavra...

Com o indicador na boca:

- ...é a cabeça do amante dela. Ainda se fala disto, três anos depois!

Lacrimoso:

- Lamentável, cara amiga, lamentável! Olhem-me. Vêem a minha cabeça? Aqui têm aonde levam vinte anos de fantasia hereditária. Parece-se com a sífilis... Nem uma palavra!

Cheio de autoridade:

- Criado! Champanhe para estas duas senhoras, e para mim...

De novo confidencial:

- ...um Martinizinho.

Severo:

- ...muito seco.

(Na pior das hipóteses, com esta polícia, tenho uma hora diante de mim, pensou Kyo. Em todo o caso, isto irá durar muito tempo?).

A filipina ria, ou fingia rir. A russa, com os olhos arregalados, procurava compreender. Clappique continuava a gesticular, com o indicador mexendo, teso de autoridade, chamando a atenção para a confidência. Mas Kyo mal o escutava; o calor entorpecia-o, e, com ele, uma preocupação que, naquela noite, vaguara sob os seus passos se difundia numa confusa fadiga; o disco, a “sua” voz que ele não reconhecera havia pouco, em casa de Hemmelrich. Pensava nisso com a mesma inquietação complexa com que contemplara, em criança, as amígdalas que o médico acabara de cortar. Impossível de seguir o pensamento.

-...numa palavra - guinchava o barão, batendo a pálpebra descoberta e voltando-se para a russa, - tinha um castelo na Hungria do norte.

- É húngaro?

- De modo nenhum! Sou francês. (Estou-me nas tintas, de resto, cara amiga, com...ple...ta...mente!) Mas minha mãe era húngara. Então, o meu avozinho vivia num castelo para esses lados, com grandes salas (muito grandes), com os mortos por baixo e pinheiros à volta; muitos pinheiros. Viúvo. Vivia só com uma gigantesca trompa de caça pendurada na chaminé. Passa um circo. Com uma amazona. Bonita...

Doutoral:

- Eu digo: bo... ni... ta.

Piscando novamente:

-...Ele raptou-a (não era difícil). Leva-a para um dos grandes quartos...

Chamando a atenção, com a mão erguida:

- Nem uma palavra!.. Ela vive lá. Continua. Aborrece-se. Tu também, filha - fez cócegas à filipina, - mas paciência... Ele também já não se divertia: passava metade da tarde a fazer arranjar as unhas das mãos e dos pés pelo barbeiro

(havia um barbeiro privativo do castelo), enquanto o secretário, filho de um servo imundo, lhe lia... lhe relia... em voz alta, a história da família. Encantadora ocupação, cara amiga, vida perfeita! De resto, estava quase sempre bêbedo... Ela...

- Apaixonou-se pelo secretário? - perguntou a russa.

- Formidável, esta pequena, for-mi-dável! Cara amiga, você é formidável. Perspicácia no-tá-vel!

Beijou-lhe a mão.

-...mas dormiu com o pedicuro, por não ligar às coisas do espírito como você. Soube-se então que o avozinho lhe batia. Nem uma palavra, inútil: fugiram.

“O abandonado, furioso, percorre as grandes salas (sempre com os mortos por baixo), declara-se escarnecido pelos dois parvalhões que se derreavam numa estalagem de Gogol, com um jarro de água esbotenado e uma berlinda no pátio. Despendurou a gi-gan-tes-ca trompa de caça, não consegue soprar-lhe para dentro e manda o intendente convocar os seus camponeses. (Havia ainda direitos naquele tempo). Arma-os: cinco espingardas de caça, duas pistolas. Mas, cara amiga, eram de mais!

“Então despovoam o castelo: eis os meus vilões a caminho... (imaginem, i-ma-gi-nem, digo-vos eu!) ...armados de floretes, de arcabuzes, de metralhadoras de tambor, sei lá?, de durindanas e de espadas, com o avô à frente, para a capital do distrito: a vingança perseguindo o crime. É anunciada a chegada deles. Aparece o guarda-caça com polícias. Quadro ma-gní-fi-co!

- E depois?

- Nada. Desarmaram-nos. O avô foi apesar disso à cidade, mas os culpados tinham desaparecido da estalagem, numa das poeirentas berlindas. Ele substituiu a amazona por uma campônia, o pedicuro por outro, e embriagava-se com o secretário. De vez em quando, trabalhava num dos seus testamentozinhos...

- A quem deixou ele o dinheiro?

- Questão de somenos, cara amiga. Mas, quando ele morreu...

Com os olhos arregalados:

-...soube-se tudo, tudo o que ele tramara assim, a mandar que lhe coçassem os pés e lhe lessem as crônicas, nobre-bêbedo! Fizeram-lhe a vontade: enterraram-no debaixo da capela, numa cova imensa, de pé sobre o cavalo morto, como tila...

O chinfrim do jazz cessou. Clappique continuou, bastante menos Polichi-nelo, como se a palhaçada tivesse sido adoçada pelo silêncio:

- Quando Átila morreu, puseram-no sobre o cavalo empinado, acima do

Danúbio; o sol poente fez uma tal sombra através da planície que os cavaleiros se safaram como poeira, amedrontados...

Tresvariava, levado pelos sonhos, o álcool e a calma súbita. Kyo sabia que propostas deveria fazer-lhe, mas conhecia-o mal, quanto o pai o conhecia bem; e pior ainda neste papel. Escutava-o com impaciência (quando uma mesa, diante do barão ficasse livre, instalar-se-ia nela e far-lhe-ia sinal de sair; não queria nem abordá-lo, nem chamá-lo ostensivamente), mas não sem curiosidade. Era a russa quem falava agora, com voz lenta, ronca, talvez bêbeda de insônia:

- O meu bisavô também tinha muitas terras... Nós viemo-nos embora por causa dos comunistas, não é ? Para não sermos como toda a gente, para sermos respeitados, aqui somos dois em cada mesa, quatro para um quarto! Quatro para um quarto... E temos de pagar o aluguer. Respeitados... Se ao menos o álcool não me fizesse mal!...

Clappique olhou para o copo dela: mal bebera. A filipina, pelo contrário... Sossegada, aquecia-se como um gato ao calor da semibebedeira. Inútil ligar-lhe importância. Voltou-se para a russa:

- Não tem dinheiro?

Ela encolheu os ombros. Ele chamou o criado, pagou com uma nota de cem dólares. Feito o troco, guardou dez dólares, deu o resto à mulher. Ela olhou-o com uma fixidez lassa:

- Bem.

Ela levantou-se.

- Não - disse ele.

Tinha um ar lamentoso de cão manso.

- Não. Esta noite aborrecê-la-ia.

Segurava-lhe a mão. Ela olhou-o:

- Obrigada.

Hesitou:

- Em todo o caso... Se lhe dá prazer...

- Dar-me mais prazer num dia em que não tiver dinheiro...

Polichinelo reapareceu:

- O que não tardar ...

Juntou-lhe as mãos e beijou-lhas muitas vezes.

Kyo, que já pagara, reuniu-se-lhe no corredor vazio:

- Saíamos juntos, quer?

Clappique olhou-o, reconheceu-o:

- Por aqui? É inaudito! Mas...

Este balido foi detido pelo erguer do indicador:

- A cair no deboche, menino?!

- É como vê...

Saiam já. Embora a chuva tivesse parado, a água estava tão presente como o ar. Deram alguns passos na areia do jardim.

- Há no porto - disse Kyo - um vapor carregado de armas...

Clappique parara. Kyo, porque tinha dado mais um passo, teve de voltar-se: o rosto do barão mal se via, mas o enorme gato luminoso, insígnia do “Black Cat”, rodeava-o como uma auréola:

- O “Xantam” - disse ele.

A obscuridade, e a sua posição, em contraluz, permitiam-lhe nada exprimir; e ele nada acrescentava.

- Há uma proposta - prosseguiu Kyo - de trinta dólares por revólver, do governo. Ainda não veio resposta. Eu tenho comprador por trinta e cinco dólares, mais três de comissão. Entrega imediata, no porto. Onde o capitão quiser, mas no porto. Ele que deixe o ancoradouro logo a seguir. A entrega feita esta noite, contra o dinheiro. De acordo com o delegado dele: aqui tem o contrato.

Estendeu-lhe o papel, acendeu o isqueiro, protegendo-o com a mão.

Ele quer “levar” o outro comprador - pensava Clappique, olhando para o contrato... peças soltas... e receber cinco dólares por arma. É nítido. E eu ralado: tenho daí três para mim.

- Está bem - disse em voz alta. - Dá-me o contrato, bem entendido?

- Sim. Conhece o capitão?

- Meu filho, há-os que eu conheço melhor, mas, em todo o caso, conheço-o.

- Ele podia desconfiar (e mais, ainda, a montante, onde ele está). O governo pode apreender as armas, em vez de as pagar, não pode?

- Um tento!

Outra vez Polichinelo. Mas Kyo esperava a continuação: de que dispunha o capitão, para impedir os seus (e não os do governo) de se apoderarem das armas? Clappique continuou com uma voz surda:

- Estes objectos são enviados por um fornecedor habitual. Conheço-o.

Irónico:

- É um traidor...

Voz singular na obscuridade, quando a não sustinha já qualquer expressão do rosto. Soou, como se ele pedisse um “cocktail”:

- Um autêntico traidor, muito magro! Porquê tudo isto passa por uma legação que... Nem uma palavra! Vou ocupar-me disso. Mas vai para já custar-me um dinheirão de táxi: o barco é longe... só tenho...

Procurou nos bolsos, tirou deles uma única nota, voltou-se para que a tabuleta luminosa a iluminasse.

-...Dez dólares, meu filho. Isto vai mal. Não tarda que eu compre uns quadros do seu tio Kama para Ferral, mas, enquanto espero...

- Cinquenta, chegará?

- Até sobra...

Kyo deu-lhos.

- Prevenir-me-

para minha casa, logo que esteja despachado.

- Entendido. - Daqui a uma hora?

- Mais tarde, creio. Mas logo que possa.

E com o tom com que a russa tinha dito: “Se ao menos o álcool não me fizesse mal...”, quase com a mesma voz, como se todos os seres daquele mundo se encontrassem no fundo de um igual desespero:

- Não tem graça nenhuma...

Afastou-se, com o nariz baixo, costas curvadas, cabeça descoberta, as mãos nos bolsos do “smoking”.

Kyo chamou um táxi e fez-se transportar ao limite das concessões, à primeira ruela da cidade chinesa, onde marcara encontro com Katow.

Dez minutos depois de ter deixado Kyo, Katow, atravessados os corredores, ultrapassados os postigos, chegara a uma sala branca, nua, bem iluminada por lanternas furta-fogo. Não havia janelas. Por debaixo do braço do chinês que lhe abriu a porta, cinco cabeças inclinadas para a mesa mas com os olhos nele, na alta silhueta conhecida de todos os grupos de choque: pernas afastadas, braços pendentes, blusão não abotoado em cima, nariz levantado, cabelos mal penteados. Manejavam granadas de diferentes modelos. Era um “tchon” - uma das organizações de combate comunistas que Kyo e ele tinham criado em Xangai.

- Quantos homens inscritos? - perguntou em chinês.

- Cento e trinta e oito - respondeu o mais jovem chinês, um adolescente de cabeça pequena, com a maçã de Adão muito saliente e os ombros caídos, vestido

de operário.

- Preciso absolutamente de doze homens para esta noite.

“Absolutamente” usava-se em todas as línguas que Katow falava.

- Quando?

- Agora.

- Aqui?

- Não: diante do pontão Yen-tam.

O chinês deu instruções: um dos homens partiu.

- Estarão lá antes de três horas - disse o chefe.

Pelas faces cavadas e o grande corpo magro, parecia muito fraco; mas a resolução do tom, a fixidez dos músculos do rosto testemunhavam uma vontade toda apoiada nos nervos - A instrução? - perguntou Katow.

- Quanto às granadas, não vai mal. Todos os camaradas conhecem já os nossos modelos. Quanto aos revólveres (pelo menos os Nagan e os Mauser), também. Eu faço-os trabalhar com os cartuchos vazios, mas era preciso poder atirar pelo menos ao alvo.... Prometeram emprestar-nos uma cave inteiramente segura.

Em cada uma das quarenta salas onde se preparava a insurreição, a mesma pergunta fora posta.

- Não há pólvora. Arranjar-se-á talvez; para já, não falemos mais nisso. As espingardas?

- Também caminha bem. A metralhadora é que me inquieta, se não se experimenta um pouco ao alvo.

O pomo de Adão subia e descia sob a pele a cada uma das respostas. Continuou:

- E, além disso, não haveria maneira de termos mais armas? Sete espingardas, treze revólveres, quarenta e duas granadas espoletadas! Um homem em cada dois não tem arma de fogo.

- Iremos buscá-las àqueles que as têm. Talvez tenhamos em breve revólveres. Se for para amanhã, quantos homens não saberão servir-se das suas armas de fogo, na tua secção?

O homem reflectiu. A atenção deu-lhe um ar distante. “Um intelectual”, pensou Katow.

- Quando apanharmos as espingardas da polícia?

- Absolutamente.

- Mais de metade.

- E as granadas?

- Todos saberão servir-se delas; e muito bem. Tenho aqui trinta homens, parentes de supliciados de Fevereiro... A menos que...

Hesitou, terminou a frase com um gesto confuso. Mão deformada, mas fina.

- A menos que...?

- Que esses patifes empreguem os tanques contra nós.

Os seis homens olharam para Katow.

- Isso não tem importância - respondeu ele. - Pegas nas tuas granadas, agrupadas em seis, e atira-las para debaixo do tanque: a partir de quatro, salta. E vocês, podem abrir valas, pelo menos num sentido. Têm ferramentas?

- Muito poucas. Mas sei onde arranjá-las.

- Arranja também bicicletas: logo que isto comece, é preciso que cada secção tenha o seu agente de ligação, além do centro.

- Tens a certeza de que os tanques vão pelo ar?

- Absolutamente! Mas não te rales: os tanques não deixarão a “frente”. Se a deixarem, eu virei com um grupo especial. Isso é cá comigo.

- Se formos surpreendidos?

- Os tanques, vêem-se: temos observadores. Agarra tu mesmo num molho de granadas, dá outro a cada um dos quatro tipos de quem estás seguro...

Todos os homens da secção sabiam que Katow, condenado depois da questão de Odessa à prisão numa das prisões menos rigorosas, pedira para acompanhar voluntariamente, para os instruir, os desgraçados enviados para as minas de chumbo. Confiavam nele, mas ficavam inquietos. Não tinham medo nem das espingardas, nem das metralhadoras, mas tinham medo dos tanques: achavam-se desarmados contra eles. Mesmo naquela sala onde só tinham vindo voluntários, quase todos parentes de supliciados, o tanque herdava o poder dos demónios.

- Se os tanques chegarem, não se preocupem, lá estaremos - repetiu Katow.

Como sair depois destas palavras vãs? à tarde inspeccionara uma quinzena de secções, mas não encontrara medo. Aqueles homens não eram menos corajosos que os outros, mas mais conscientes. Sabia que os não aliviaria do receio, e que, à excepção dos especialistas que ele comandava, as formações revolucionárias fugiriam diante dos tanques. Era provável que os tanques não pudessem deixar a frente; mas se atingissem a cidade, seria impossível detê-los todos por meio de valas, naqueles bairros onde se cruzavam tantas ruelas.

- Os tanques não largarão absolutamente a frente - disse.

- Como se devem amarrar as granadas? - perguntou o chinês mais novo.

Katow ensinou-lhe. A atmosfera tornou-se um pouco menos pesada, como se

aquela manipulação fosse a garantia de uma acção futura. Katow aproveitou para sair, muito inquieto. Metade dos homens não saberia servir-se das armas. Poderia ao menos contar com aqueles cujos grupos de combate, encarregados de desarmar a policia, formara? Amanhã. Mas depois de amanhã? O exército avançava, aproximava-se de hora para hora. Talvez a última gare já tivesse sido tomada. Quando Kyo voltasse, sem dúvida que o saberiam já, num dos centros de informação. O vendedor de lâmpadas não recebera informações depois das dez horas.

Katow esperou algum tempo na ruela, sem parar de caminhar; finalmente, Kyo chegou. Cada um deu conhecimento ao outro do que fizera. Retomaram a marcha na lama, sobre as solas de crepe, a passo: Kyo, pequeno e leve como um gato japonês, Katow balanceando as espáduas, pensando nas tropas que avançavam, espingardas brilhantes de chuva, para Xangai avermelhada no fundo da noite... O próprio Kyo quis saber se esse avanço não fora detido.

A ruela por onde caminhavam, a primeira da cidade chinesa, era, por causa da proximidade das casas europeias, a dos mercadores de animais. Todas as lojas estavam fechadas: nem um animal fora, nenhum pregão perturbava o silêncio, entre os apelos de sirene e as últimas gotas que caíam dos beirados sobreelevados nas poças. Os animais dormiam. Entraram, depois de ter batido, numa das lojecas: de um mercador de peixes vivos. Única luz, uma vela colocada num fotóforo reflectia-se fracamente nas jarras fosforescentes, alinhadas como as de Ali-babá, e onde dormiam, invisíveis, os ilustres ciprinóides chineses.

- Amanhã? - perguntou Kyo.

- Amanhã, à uma hora.

Ao fundo da sala, por trás de um balcão, dormia sobre o cotovelo dobrado um vulto difuso. Mal levantara a cabeça para responder. Esta loja era um dos oitenta postos do Kuomintang, pelo qual se transmitiam as notícias.

- Oficial?

- Sim. O exército está em Xan-Xeu. Greve geral ao meio-dia.

Sem que nada mudasse na sombra, sem que o mercador adormecido no fundo do seu alvéolo fizesse um gesto, a superfície fosforescente de todas as jarras começou a agitar-se ligeiramente: moles vagas negras, concêntricas levantavam-se em silêncio. O som das vozes acordava os peixes. Uma sirene, de novo, se perdeu ao longe.

Saíram, retomaram a marcha. Outra vez a Avenida das Duas Repúblicas.

Táxi. O carro disparou como num filme. Katow, sentado à esquerda, inclinou-se, olhou para o motorista com atenção.

- Está “nghien” (*Em estado de necessidade (a propósito de opiómanos)*).

Literalmente: possesso de um hábito. (N. do A.). Que pena. Gostava absolutamente de não ser morto antes de amanhã à tarde. Calma, meu rapaz.

- Clappique vai portanto fazer vir o barco- disse Kyo. - Os camaradas que estão nos armazéns de fardamento do governo podem fornecer-nos fardas de “chuis”...

- Inútil. Tenho mais de quinze no posto.

- Tomamos a vedeta com os teus doze tipos.

- Seria melhor sem ti...

Kyo olhou-o sem dizer nada.

- Não é muito perigoso, mas também não é um descanso, bem vê. É mais perigoso que este diabo de motorista que já está a acelerar outra vez. E não é altura de te deixares abater.

- E para ti também não.

- Não é a mesma coisa. A mim podem substituir-me, agora, compreendes... Preferia que te ocupasses do camião que há-de esperar, e da distribuição.

Ele hesitava, pouco à vontade, com a mão no peito. “E preciso deixá-lo tomar consciência”, pensava. Kyo não dizia nada. O carro continuava a escapar-se por entre raios de luz esfumados pela bruma. Que ele fosse mais útil que Katow não restava dúvida. A comissão central conhecia em pormenor tudo o que ele organizara, mas nas fichas, enquanto ele o vivia; tinha a cidade na pele, com os pontos fracos como feridas. Nenhum dos camaradas podia reagir tão depressa como ele, tão seguramente.

- Bem - disse.

Luzes cada vez mais numerosas... De novo, os camiões blindados das concessões, depois, uma vez mais, a escuridão.

O automóvel parou, Kyo desceu.

- Vou procurar os trapos - disse Katow; mandar-te-ei buscar, quando tudo estiver pronto.

Kyo morava com o pai numa casa chinesa de um só piso: quatro alas em volta de um jardim. Atravessou a primeira, depois o jardim, e entrou no vestíbulo: à direita e à esquerda, nas paredes brancas, pinturas Song, fênix de azul Chardin; ao fundo, um Buda da dinastia Wei, de um estilo quase romano. Divãs aseados, uma mesa de ópio. Por trás de Kyo, os vidros, nus como os de um atelier. O pai que o ouvira, entrou: havia alguns anos que sofria de insónias, só dormia algumas horas pela madrugada, e acolhia com satisfação tudo o que podia preencher-lhe a noite.

- Boa noite, pai. Tchen vem ver-te.

- Está bem.

Os traços de Kyo não eram os do pai; parecia contudo que bastara o sangue japonês da mãe para adoçar a máscara de abade ascético do velho Gisors (máscara a que o roupão de pêlo de camelo, aquela noite, acentuava o carácter), para fazer dele o rosto de samurai do filho.

- Aconteceu-lhe alguma coisa?

- Sim.

Nenhuma pergunta mais. Sentaram-se os dois. Kyo não tinha sono. Contou o espectáculo que Clappique lhe oferecera, sem falar das armas. Não, é claro, que desconfiasse do pai, mas exigia demasiado ser o único responsável da sua vida para lhe fazer compreender mais que o resumo dos seus actos. Embora o velho professor de sociologia da universidade de Pequim, expulso por Tchang-Tso-Lin, por causa do seu ensino, tivesse formado o melhor dos quadros revolucionários da China do Norte, não participava na acção. Quando Kyo entrava ali, a sua vontade transformava-se em inteligência, o que não apreciava: interessava-se pelos seres em lugar de se interessar pelas forças. E, porque falava de Clappique ao pai, que o conhecia bem, o barão pareceu-lhe mais misterioso do que anteriormente, quando o contemplava.

-...acabou por me “cravar” cinquenta dólares...

- Ele é desinteressado, Kyo...

- Mas tinha acabado de gastar cem dólares: eu vi. A mitomania é sempre uma coisa bastante inquietante.

Quería saber até onde podia continuar a utilizar Clappique. O pai, como sempre, procurava o que havia naquele homem de profundo e singular. Mas o que um homem tem de mais profundo é raramente aquilo pelo qual se pode fazê-lo imediatamente agir, e Kyo pensava nos revólveres:

- Se precisa de se julgar rico, porque não trata de enriquecer?

- Foi o primeiro antiquário de Pequim...

- Por que gasta ele então todo o seu dinheiro numa noite, senão para dar-se a ilusão de ser rico?

Gisors piscou os olhos, deitou para trás os cabelos brancos quase compridos; a sua voz de homem de idade, apesar do timbre enfraquecido, adquiriu a nitidez de uma linha:

- A sua mitomania é um meio de negar a vida, não é, de a negar, e não de a esquecer. Desconfia da lógica nestas matérias...

Estendeu vagamente a mão; os seus gestos breves não se dirigiam quase nunca para a direita ou para a esquerda, mas para diante: os seus movimentos, quando

prolongavam uma frase, não pareciam afastar mas agarrar qualquer coisa.

- Tudo se passa como se ele tivesse querido demonstrar a si mesmo, ontem à noite, que, embora tivesse vivido durante dez horas como um homem rico, a riqueza não existe. Porque então, “a pobreza também não existe”. O que é essencial. Nada existe: tudo é sonho. Não esqueças o álcool, que o ajuda...

Gisors sorriu. O sorriso dos seus lábios de cantos descaídos, já adelgaçados, exprimia-o com mais complexidade do que as palavras. Havia vinte anos que ele aplicava a inteligência em fazer-se estimar pelos homens justificando-os, e eles estavam-lhe reconhecidos por uma bondade cujas raízes não adivinhavam estarem no ópio. Atribuíam-lhe a paciência dos budistas: era a dos intoxicados.

- Nenhum homem vive de negar a vida - respondeu Kyo.

- Vivêmo-la mal... Ele tem necessidade de viver mal.

- E é levado a isso.

- A parte da necessidade é formada pelo comércio de antiguidades, as drogas talvez, o tráfico das armas... De acordo com a polícia que ele detesta sem dúvida, mas que colabora nesses trabalhos como uma justa retribuição...

Pouco importava: a polícia, essa, sabia que os comunistas não tinham dinheiro bastante para comprar armas aos importadores clandestinos.

- Todos os homens se assemelham à sua dor - disse Kyo. - O que o faz sofrer?

- A sua dor não tem mais importância, nem mais sentido sequer, não é verdade, nem toca nada mais profundo do que a sua mentira ou a sua satisfação; não há profundidade nenhuma, e é talvez o que o caracteriza melhor, porque isso é raro. E faz o que pode para isso, mas seriam precisos dons... Quando não estás ligado a um homem, Kyo, pensas nele para prever-lhe os actos. Os actos de Clappique...

Apontou o aquário onde os ciprinóides negros, indolentes e rendilhados como auriflomas, subiam e desciam.

- Ei-los... Bebe, mas era talhado para o ópio: muitos se

enganam de vício; há homens que não encontram aquele que os salvaria. É pena, porque está longe de não ter mérito. Mas o domínio que é o dele não te interessa.

Era verdade. Se Kyo, naquela noite, não pensasse na sua actividade, não poderia pensar senão em si próprio. O calor penetrava-o lentamente, como no “black-cat” havia pouco; e, de novo, a obsessão do disco o invadiu como o leve calor do repouso lhe invadia as pernas. Referiu o seu espanto diante dos discos, mas como se se tratasse de uma das gravações de voz que se faziam nos bazares ingleses. Gisors escutava-o, acariciando o queixo anguloso com a mão esquerda; as suas mãos de dedos finos eram muito belas. Inclinar a cabeça para a frente: os cabelos caíram-lhe para os olhos, embora tivesse já a testa muito alta. Atirou-os

para trás com um movimento de cabeça, mas o olhar permaneceu perdido:

- Aconteceu ver-me de repente diante de um espelho e não me reconhecer...

O indicador esfregava levemente os outros dedos da mão direita, como se tivesse feito deslizar uma poeira de recordações. Falava para si, seguia um pensamento que suprimia o filho:

- É com certeza uma questão de meios: nós ouvimos a voz dos outros com os ouvidos.

- E a nossa?

- Com a garganta: porque, com os ouvidos tapados, ouves a tua voz. O ópio é também um mundo que nós não ouvimos com os nossos ouvidos...

Kyo levantou-se. O pai mal o viu.

- Tenho de sair outra vez, daqui a pouco.

- Posso ser-te útil junto de Clappique?

- Não. Obrigado. Boa noite.

- Boa noite.

Deitado para tentar diminuir a fadiga. Kyo esperava. Não acendera a luz, não se mexia. Não era ele quem pensava na insurreição, era a insurreição, viva em tantos cérebros como o sono em tantos outros, que pesava sobre ele a ponto de ele não ser mais que inquietação e espera. Menos de quatrocentas espingardas ao todo. Vitória, ou fuzilamento com alguns requintes. Amanhã. Não: já. Questão de rapidez: desarmar por toda a parte a polícia e, com as quinhentas Mausers, armar os grupos de combate, antes que os soldados do comboio blindado governamental entrassem em acção. A insurreição devia começar à uma hora (a greve geral, portanto, ao meio-dia), e era preciso que a maior parte dos grupos de combate estivesse armada, antes das cinco horas. As massas estavam prontas. Metade da polícia, que morria de miséria, passar-se-ia sem dúvida para os insurrectos. Restava a outra. “A China soviética”, pensou. Conquistar assim a dignidade dos seus. A U.R.S.S. elevada a seiscentos milhões de homens. Vitória ou derrota, o destino do mundo, esta noite, hesitava ali perto. A menos que o Kuomintang, tomada Xangai, não tentasse esmagar os seus aliados comunistas... Estremeceu: a porta do jardim abria-se. A recordação abafou a inquietação: a mulher? Escutava: a porta da casa fechou-se de novo. May entrou. O casaco de couro azul, de um corte quase militar, acentuava o que havia de viril no seu andar e até no seu rosto: boca larga, nariz curto, maçãs acentuadas das alemãs do Norte.

- É realmente para já, Kyo?

- É.

Era médica num dos hospitais chineses, mas vinha da secção das mulheres revolucionárias, cujo hospital clandestino dirigia: - Sempre a mesma coisa, bem sabes: deixei agora uma rapariga de dezoito anos que tentou suicidar-se com uma navalha de barba no palanquim de noivado. Forçavam-na a desposar um bruto respeitável... Trouxeram-na com o vestido vermelho de casamento, cheio de sangue. A mãe atrás, uma sombrazinha enfezada que soluçava, é claro... Quando eu lhe disse que a rapariga não morria, ela respondeu-me: "Pobre filha! Ia tendo quase a sorte de morrer..." A sorte... Isto diz-nos muito mais do que os nossos discursos sobre a condição das mulheres aqui...

Alemã mas nascida em Xangai, doutora por Heidelberg e por Paris, falava o francês sem sotaque. Atirou o chapéu para a cama. Tinha os cabelos ondulados puxados para trás, para ser mais fácil penteá-los. Ele teve desejo de os acariciar. A testa muito ampla também tinha algo de masculino; mas, depois que parara de falar, May tornava-se mais feminina (Kyo não a largava com os olhos), simultaneamente porque o abandono da vontade lhe adoçava os traços, a fadiga os distendia, e estava sem chapéu. O rosto vivia da boca sensual e dos olhos muito grandes, transparentes, e claros o bastante para que a intensidade do olhar não parecesse ser dada pela pupila, mas pela sombra da testa nas órbitas alongadas.

Atraído pela luz, um "pequinois" branco entrou saltando. Ela chamou com uma voz fatigada:

- Cão cabeludo, cão espumudo, cão ramalhudo! (*Equivalência sónica difícil: "Chienvelu, chienmoussu, chientouffu"!*)

Agarrou-o com a mão esquerda, elevou-o até ao rosto, acariciando-o:

- Coelho- disse ela, sorrindo - coelho coelhovitch...

- Parece-se contigo - disse Kyo.

- Não achas?

Ela olhava no espelho a cabeça branca colada à sua, acima das patinhas juntas. A divertida semelhança provinha das salientes maçãs germânicas. Embora mal chegasse a ser bonita, ele pensou, modificando-a, na frase de Otelo: "Ó minha querida guerreira..."

Ela pousou o cão, levantou-se. O casaco meio aberto, em desalinho, marcava agora os seios altos, que faziam lembrar as maçãs do rosto. Kyo narrou-lhe a noite.

- No hospital - respondeu ela - esta noite, umas trinta mulheres da propaganda, fugidas às tropas brancas... Feridas. Acontece cada vez mais. Dizem que o exército está muito perto. E que há muitos mortos...

- E metade das feridas morrer ... O sofrimento não pode ter sentido senão quando leva à morte, e leva quase sempre. May reflectiu:

- Sim - disse ela, por fim. - E, no entanto, é talvez uma ideia masculina. Para mim, para uma mulher, o sofrimento... e é estranho... faz pensar mais na vida do que na morte... Por causa dos partos, talvez...

Reflectiu de novo:

- Quanto mais feridos há, mais a insurreição se aproxima, mais dormimos com...

- Claro.

- Devo dizer-te uma coisa que vai talvez contrariar-te...

Apoiado no cotovelo, ele interrogou-a com o olhar. Ela era inteligente e corajosa, mas por vezes desastrada.

- Acabei por ter relações com Lenglen, esta tarde.

Ele encolheu os ombros, como para dizer: “Isso é contigo”. Mas o gesto, a expressão fechada do seu rosto, condiziam mal com esta indiferença. Ela olhava-o, extenuada, com as maçãs do rosto acentuadas pela luz vertical. Também ele olhava os seus olhos sem visão, na sombra, e nada dizia. Perguntava a si próprio se a expressão de sensualidade do rosto dela não viria daquilo que os seus olhos rasos de água e a ligeira tumidez dos lábios acentuavam com violência, por contraste com os seus traços, a feminilidade... Ela sentou-se na cama, pegou-lhe na mão. Ele quis retirá-la, mas deixou-a. Ela sentiu no entanto o movimento dele:

- Isto magoa-te?

- Disse-te que eras livre... Não me peças mais - disse ele, com amargura.

O cãozinho saltou para a cama. Ele retirou a mão, para o acariciar talvez.

- És livre - repetiu. - Pouco importa o resto.

- Enfim, eu devia dizer-te. Até por mim.

- Sim.

Que ela tivesse de lho dizer não era dúvida, nem para um nem para outro. Ele quis subitamente levantar-se: assim deitado, ela sentada na sua cama, como um doente velado por ela... Mas para quê? Tudo era tão completamente vão... Continuava contudo a olhá-la, a descobrir que ela podia fazê-lo sofrer, mas que, havia meses, olhasse-a ou não, não a via já; algumas expressões, por vezes... Aquele amor muitas vezes inquieto que os unia como uma criança doente, aquele sentido comum da vida e da morte de ambos, aquele entendimento carnal entre eles, nada disto existia em face da fatalidade que desvanece as formas de que os nossos olhares estão saturados. “Amá-la-ei menos do que julgo?”, pensou ele. Não. Mesmo neste momento, tinha a certeza de que, se ela morresse, ele não mais serviria a causa com esperança, mas com desespero, como se ele próprio fosse um morto. Nada, contudo, prevalecia contra o desbotar deste rosto

enterrado no fundo da vida comum como em bruma, como na terra. Lembrou-se de um amigo que vira morrer a inteligência da mulher que amava, parálitica durante meses; parecia-lhe ver morrer May também, ver desaparecer absurdamente, como uma nuvem que se desfaz no céu pardo, a forma da sua felicidade. Como se ela morresse duas vezes: do tempo, e do que lhe dizia.

Ela levantou-se, foi até à janela. Caminhava com firmeza, apesar da fadiga. Resolvendo, por receio e pudor sentimental à mistura, não mais falar do que acabara de dizer, visto que ele se calava, desejando afastar a conversa à qual sentia porém que não escapariam, tentou exprimir a sua ternura, dizendo fosse o que fosse, e apelou, por instinto, para um animismo que ele amava: em frente da janela, uma das arvores de Março desabrochava durante a noite; a luz do quarto iluminava-lhe as folhas ainda enroladas, de um verde tenro no fundo escuro:

- Ela escondeu as folhas no tronco durante o dia - disse - e fá-las brotar esta noite, enquanto a não vemos.

Parecia falar para si própria, mas como se enganaria Kyo com o tom da voz?

- Podias ter escolhido outro dia - disse ele, entre dentes.

Ele igualmente se via no espelho, apoiado no cotovelo (tão japonês de traços entre os lençóis brancos). “Se eu não fosse mestiço...”. Fazia um esforço enorme para afastar os pensamentos odientos ou baixos, prestes a justificarem e alimentarem a cólera. E olhava-a, olhava-a, como se aquele rosto devesse reencontrar, pelo sofrimento que infligia, toda a vida que perdera.

- Mas, Kyo, é precisamente hoje que isto não terá importância... e...

Ela ia acrescentar: “ele tinha tanta necessidade...” Em face da morte, isto contava tão pouco... Mas disse apenas:

-...também eu, amanhã, posso morrer...

Tanto melhor. Kyo sofria a dor mais humilhante: aquela que nos desprezamos por sentir. Realmente ela era livre de ter relações com quem quisesse. De onde vinha portanto aquele sofrimento, ao qual ele se não reconhecia qualquer direito, e que se atribuía tantos direitos sobre ele?

- Quando compreendeste que eu... estava ligada a ti, Kyo, perguntaste-me um dia, não a sério... um pouco, contudo... se eu achava que iria contigo para a cadeia, e eu respondi-te que não fazia ideia nenhuma, que o difícil era sem dúvida ficar lá... Tu, no entanto, pensaste que sim, porque estavas também ligado a mim. Por que não acreditar agora?

- São sempre os mesmos que vão para a cadeia. Katow iria, ainda que não amasse profundamente. Iria pela ideia que faz da vida, de si próprio... Não é por alguém que se vai para a cadeia.

- Kyo, como isso são ideias de homem...

Ele meditava.

- E no entanto - disse - amar aqueles que são capazes disso, ser amado por eles talvez, que mais esperar do amor?... Para que pedir-lhes contas?... Mesmo que o façam por causa da moral que seguem...

- Não é por moral - disse ela lentamente. - Por moral, ...não seria eu capaz de fazê-lo, com certeza.

- Mas - ele falava igualmente devagar - esse amor não te impediria de dormir com esse tipo, enquanto pensavas... acabaste de o dizer... que isso... me contrariaria?

- Kyo, vou dizer-te qualquer coisa de singular, e que no entanto é verdade. Até há cinco minutos, eu julgava que te seria indiferente. Talvez me conviesse julgá-lo... Há apelos, principalmente quando se está perto da morte... (é à dos outros que eu estou habituada, Kyo...) que nada têm que ver com o amor...

Contudo, o ciúme existia, tanto mais perturbante quanto o desejo sexual que ela lhe inspirava repousava na ternura. Com os olhos fechados, sempre apoiado no cotovelo, ele tentava (triste ocupação) compreender. Ouvia apenas a respiração opressa de May, e o raspar das patas do cãozinho. A sua dor provinha, em primeiro lugar (haveria, ah!, seguidos: sentia-os emboscados em si mesmos como os seus camaradas por detrás das portas ainda fechadas) de atribuir ao homem que acabara de ter relações com May (Não consigo, no entanto, chamar-lhe o seu amante) desprezo por ela. Era um dos antigos camaradas de May, mal o conhecia. Mas conhecia a misoginia fundamental de quase todos os homens. “A ideia que, tendo dormido com ela, porque dormiu com ela, pode pensar dela: “Aquela pegazita”, dá-me vontade de o espancar. Não seremos nunca ciumentos se não do que supomos que outrem supõe? Triste humanidade...”. Para May a sexualidade não a obrigava a nada. Era necessário que o tipo o soubesse. Que dormisse com ela, vá, mas não imaginasse que a possuía. “Estou a tornar-me pungente...” Mas nada podia, e não estava aí o essencial, sabia-o. O essencial, o que o perturbava até a angústia, era que de repente se separara dela, não pela raiva (ainda que houvesse raiva nele), não pelo ciúme (ou então seria o ciúme exactamente isso?); por um sentimento sem nome, tão destruidor como o tempo ou a morte: não a reencontrava. Reabrir os olhos: que ser humano era aquele corpo desportivo e familiar, aquele perfil perdido: os olhos grandes, partindo das têmporas, mergulhados entre a testa ampla e as maçãs do rosto? Aquela que acabara de ter relações? Mas não era também aquela que suportava as suas fraquezas, as suas dores, as suas irritações, aquela que tratara com ele os seus camaradas feridos, velara com ele os seus amigos mortos... A doçura da sua voz, ainda no ar... Não se esquece o que se quer. No entanto, aquele corpo retomava o mistério doloroso do ser conhecido transformado de repente... do mudo, do cego, do doido. E era uma mulher. Não

uma espécie de homem. Outra coisa...

Ela escapava-lhe completamente. E, por causa disso talvez, o apelo furioso de um contacto intenso com ela o cegava, fosse qual fosse, pavor, gritos, pancadas. Levantou-se, aproximou-se dela. Sabia que estava num estado de crise, que no dia seguinte talvez já não compreendesse nada do que sentia, mas estava na frente dela como de uma agonia; e como para uma agonia o instinto impelia-o para ela: tocar, apalpar, agarrar os que nos deixam, colarmo-nos a eles... Com que angústia ela o olhava, parado a dois passos dela... A revelação do que queria tombou por fim sobre ele; deitar-se com ela, refugiar-se contra a vertigem na qual a perdia inteira; não precisavam de se conhecer quando empregavam todas as forças em apertar os braços nos corpos.

Ela voltou-se de repente: tinham tocado. Demasiado cedo para Katow. Estaria descoberta a insurreição? O que tinham dito, sentido, amado, detestado, afundava-se brutalmente. Tocaram novamente. Ele tirou o revólver de sob o travesseiro, atravessou o jardim, foi abrir em pijama; não era Katow, era Clappique, ainda de “smoking”. Ficaram no jardim.

- Então?

- Antes de mais, que eu lhe devolva o documento: ei-lo. Vai tudo bem. O barco partiu. Vai ancorar por alturas do consulado de França. Quase do outro lado do rio.

- Dificuldades?

- Nem uma palavra. Velha confiança: senão, como é que havia de ser? Nestas coisas, menino, a confiança é tanto maior quanto menos razão tem de o ser...

Alusão?

Clappique acendeu um cigarro. Kyo viu apenas a mancha da pala de seda preta no rosto confuso. Foi buscar a carteira (May esperava), voltou, pagou a comissão combinada. O barão meteu as notas no bolso, numa bola, sem as contar.

- A bondade dá sorte - disse ele. - Meu velho, a história da minha noite é uma notável história moral; começou pela esmola e termina pela fortuna. Nem uma palavra!

Com o indicador levantado, inclinou-se para o ouvido de Kyo:

- “Fantomas” saúda-o! - e voltou-se e partiu.

Como se Kyo tivesse medo de entrar, olhava-o a ir-se embora, “smoking” saltitante ao longo da parede branca. “Bastante Fantomas, com efeito, com aquele traje. Adivinhou, ou supôs, pelo...” Intermédio pitoresco: e Kyo ouviu uma tosse e reconheceu-a logo que a ouviu: Katow. Todos se apressavam, naquela noite.

Talvez para ser menos visível, caminhava no meio da rua. Kyo adivi-nhava-lhe a camisola mais do que a via, algures, acima, na sombra, um nariz no ar... Principalmente, sentia-lhe o bambolear das mãos. Caminhou para ele.

- Então? - perguntou, como tinha perguntado a Clappique.

- Tudo bem. O barco?

- Em frente do consulado da França. Longe do cais. Dentro de meia hora.

- A vedeta e os homens estão a quatrocentos metros daí. Vamos.

- As fardas?

- Não precisas preocupar-te. Os homenzinhos estão absolutamente prontos.

Ele entrou, vestiu-se num instante: calças, camisola. Alpargatas (talvez tivesse que trepar). Estava pronto. May ofereceu-lhe os lábios. O espírito de Kyo queria beijá-la; a boca, não (como se, independente, ela tivesse guardado rancor). Beijou-a por fim, mal. Ela olhou-o com tristeza, pálpebras descidas; os seus olhos cheios de sombra tornaram-se poderosamente expressivos, pois que a expressão vinha dos músculos. Ele partiu.

Caminhava ao lado de Katow, outra vez. Não conseguia, contudo, libertar-se dela. “Há pouco, parecia-me uma doida ou uma cega. Não a conheço. Não a conheço senão na medida em que a amo, no sentido em que a amo. Não possuímos de um ser senão o que nele mudamos, diz o meu pai... E depois ?” Mergulhou em si próprio como naquela ruela cada vez mais negra, onde nem os isoladores do telégrafo luziam no céu. Ai reencontrava a angústia, e lembrou-se dos discos: “Ouve-se a voz dos outros com os ouvidos, a nossa com a garganta”. Sim. A nossa vida, também a ouvimos com a garganta, e a dos outros?... Havia em primeiro lugar a solidão, a solidão imutável por trás da multidão mortal, como a grande noite primitiva por detrás daquela noite densa e baixa, sob a qual velava a cidade deserta, cheia de esperança e de ódio. “Mas eu, para mim, para a garganta, que sou eu? Uma espécie de afirmação absoluta, de afirmação de louco: uma intensidade maior que a de tudo o mais. Para os outros, eu sou o que fiz”. Apenas para May, ele não era o que tinha feito; para ele unicamente, ela era algo diferente da sua biografia. O amplexo pelo qual o amor mantém dois seres colados um ao outro contra a solidão, não era ao homem que trazia auxílio; era ao louco, ao monstro incomparável, preferível a tudo, que todo o ser é para si mesmo e que ele cria no coração. Depois que sua mãe morrera, May era o único ser para o qual não fora Kyo Gisors, mas a mais estreita cumplicidade. “Uma cumplicidade consentida, conquistada, escolhida”, pensou ele, extraordinariamente de acordo com a noite, como se o seu pensamento não tivesse sido feito para a luz. “Os homens não são meus semelhantes, são quem me olha e me julga; os meus semelhantes são aqueles que me amam e não me olham, que me amam contra tudo, que me amam apesar da decadência, apesar

da baixaza, apesar da traição, a mim e não ao que eu fiz ou farei, que me amariam tanto quanto eu me amaria a mim mesmo (até ao suicídio, é claro...). Só com ela tenho em comum este amor despedaçado ou não, como outros têm, juntos, crianças doentes e que podem morrer...” Não era por certo a felicidade, era qualquer coisa de primitivo que estava de acordo com as trevas e fazia subir nele um calor que terminava num abraço imóvel, como de face contra face - a única coisa nele tão forte como a morte.

Nos telhados, havia já sombras nos seus postos.

Quatro horas da manhã! O velho Gisors amarrotou o bocado de papel mal rasgado, no qual Tchen escrevera o nome a lápis, e meteu-o no bolso. Estava impaciente por ver o seu antigo aluno. O seu olhar voltou-se outra vez para o interlocutor presente, um velhíssimo chinês com cabeça de mandarim da Companhia das Índias, vestido de roupão; dirigia-se para a porta, em passos curtos, com indicador erguido, e falava inglês: “É bom que existam a submissão absoluta da mulher, a concubinação e a instituição das prostitutas. Continuarei a publicação dos meus artigos. É porque os nossos antepassados pensaram assim que existem estas belas pinturas (mostrava com o olhar a fénix azul, sem mover o rosto, como se lhe tivesse piscado o olho), de que se orgulha, e eu também. A mulher está submetida ao homem como o homem está submetido ao Estado; e servir o homem é menos duro do que servir o Estado. Vivemos para nós? Nós não somos nada. Nós vivemos para o Estado no presente, para a ordem dos mortos através da duração dos séculos...”

Iria finalmente embora? Aquele homem agarrado ao seu passado, mesmo hoje (as sirenes dos navios de guerra não bastavam para encher a noite...), em face da China roída progressivamente pelo sangue como os seus bronzes dos sacrifícios, assumia a poesia de certos loucos. A ordem! Multidões de esqueletos de roupões bordados, perdidos no fundo dos tempos em assembleias imóveis: em frente, Tchen, os duzentos mil operários da tecelagem, a multidão esmagadora dos “colis”. A submissão das mulheres? Todas as tardes, May narrava suicídios de noivas... O velho foi-se, com o indicador erguido: “A ordem, sr. Gisors!...”, depois de um último cumprimento saltitante da cabeça e dos ombros.

Assim que ouviu a porta fechar-se, Gisors chamou Tchen e voltou com ele para a sala da fénix.

Tchen começou a andar. Cada vez que ele passava a três quartos, Gisors, sentado num dos divãs, lembrava-se de um gavião de bronze egípcio, do qual Kyo conservava a fotografia por simpatia para com Tchen, “por causa da semelhança”. Era verdade, apesar do que os grossos lábios pareciam exprimir de bondade. “Em suma, um gavião convertido por Francisco de Assis”, pensou.

Tchen parou diante dele:

- Fui eu quem matou Tan-Ven-Ta - disse.

Vira no olhar de Gisors qualquer coisa de quase terno. Desprezava a ternura, e tinha medo dela. A cabeça metida nos ombros, que o caminhar inclinava para a frente, a aresta curva do nariz, acentuavam a semelhança com o gavião, apesar do corpo atarracado; mesmo os olhos estreitos, quase sem cílios, faziam lembrar uma ave.

- Era disso que me querias falar?

- Era.

- Kyo sabe?

- Sabe.

Gisors reflectia. Uma vez que não queria responder com ideias feitas, só tinha que aprovar. Sentia contudo alguma dificuldade em fazê-lo. “Estou a envelhecer”, pensou.

Tchen desistiu de caminhar.

- Estou extraordinariamente só - disse ele, olhando enfim Gisors de frente.

Este estava perturbado. Que Tchen se agarrasse a ele não o admirava; fora durante anos seu mestre no sentido chinês da palavra - um pouco menos do que o pai, mais do que a mãe; e, depois que ambos tinham morrido, Gisors era sem dúvida o único homem de quem Tchen tinha necessidade. O que não compreendia era que Tchen, que tornara sem dúvida a estar com terroristas naquela noite, pois que vira Kyo havia pouco, parecesse tão longe deles.

- Mas os outros? - perguntou ele.

Tchen recordou-os, na oficina do vendedor de discos, mergulhando na sombra ou saindo dela segundo o balancear da lâmpada, enquanto o grilo cantava.

- Não sabem.

- Que foste tu?

- Isso, sabem: nenhuma importância.

Calou-se outra vez. Gisors evitava perguntar. Tchen recomeçou por fim:

-...Que foi a primeira vez.

Gisors teve de repente a impressão de compreender; Tchen sentiu:

- Não. Não compreende.

Falava francês com um sotaque da garganta nas palavras de uma só sílaba nasal, cuja mistura com certos idiotismos aprendidos com Kyo surpreendia. O braço direito instintivamente se estendera ao longo da manga: sentia de novo o corpo ferido que o colchão de arame reenviava contra a faca. Isso não significava

nada. Recomeçaria. Mas, entretanto, desejava um refúgio. Afeição profunda que nada tenha que explicar, Gisors só a tinha por Kyo. Tchen sabia-o. Como explicar-se?

- Nunca matou ninguém, pois não?

- Bem o sabes.

Isso parecia evidente a Tchen, mas desconfiava de tais evidências, agora. Não obstante, pareceu-lhe que qualquer coisa faltava a Gisors. Levantou outra vez os olhos. Gisors fitava-o de alto a baixo, os cabelos brancos parecendo mais compridos por causa do movimento para trás da cabeça, intrigado pela sua ausência de gestos. Esta provinha do ferimento, acerca do qual Tchen lhe não dissera nada; não porque lhe doesse (um camarada enfermeiro havia-lho desinfestado e ligado), mas incomodava-o. Como sempre quando meditava, Gisors enrolava entre os dedos um invisível cigarro:

- Talvez...

Deve-se, com os olhos claros fixos na máscara de Templário barbeado. Tchen esperava. Gisors continuou, quase brutalmente:

- Não creio que baste a lembrança de uma morte para te transtornar assim.

Bem se vê que não percebe do que fala, tentou pensar Tchen; mas Gisors acertara em cheio. Tchen sentou-se, fitou os pés:

- Não, - disse ele - não creio, eu também não, que a lembrança baste. Há outra coisa, o essencial. Queria saber o quê.

Era para saber isso que viera?

- A primeira mulher com quem estiveste era uma prostituta, não era? - perguntou Gisors.

- Eu sou chinês - respondeu Tchen, com rancor.

Não, pensou Gisors. Salvo, talvez, na sexualidade, Tchen não era chinês. Os imigrados de todos os países, dos quais regorgitava Xangai, tinham mostrado a Gisors quanto o homem se separa da sua pátria de modo nacional, mas Tchen já não pertencia à China, mesmo pela maneira como a deixara: uma liberdade total o entregava totalmente ao seu pensamento.

- Que sentiste, depois?- perguntou Gisors.

Tchen crispou os dedos.

- Orgulho.

- De ser um homem?

- De não ser uma mulher.

A sua voz já não exprimia rancor, mas um desprezo complexo.

- Penso que quer dizer - continuou ele - que devo sentir-me... separado?

Gisores fugia de responder.

-...Sim. Terrivelmente. E tem razão de falar de mulheres.

Talvez desprezemos muito aquele que matamos. Mas menos que os outros.

- Do que aqueles que não matam?

- Do que aqueles que não matam: os que estão virgens.

Caminhava de novo. As duas últimas palavras tinham caído como uma carga atirada ao chão, e o silêncio fez-se em redor deles; Gisors começava a sentir, não sem tristeza, a separação de que Tchen falava. Lembrou-se de repente que Tchen lhe dissera ter horror pela caça.

- Não sentiste horror do sangue?

- Sim. Mas não “apenas” horror.

Dissera esta frase, afastando-se de Gisors. Voltou-se de súbito, e, considerando a fénix, mas tão directamente como se fixasse Gisors nos olhos, perguntou-lhe:

- Então? As mulheres, sei como se faz, quando elas querem continuar a possuir-nos: vive-se com elas. Mas a morte?

Mais amargamente, mas sem deixar de olhar a fénix:

- Uma “ligação”?

A propensão da inteligência de Gisors levava-o sempre em auxílio dos seus interlocutores; e ele tinha afeição por Tchen. Mas começava a ver claro: a acção nos grupos de choque já não bastava ao jovem, o terrorismo tornava-se para ele uma fascinação. Enrolando sempre o seu cigarro imaginário, a cabeça tão inclinada para a frente como se tivesse de olhar o tapete, o nariz estreito batido pela madeixa branca, disse, esforçando-se por dar à vez o tom do desapego:

- Pensas que não te livras mais disso... Mas, tomado de nervos, terminou tartamudeando:

-...e é dessa... angústia que tu vens... defender-te junto de mim.

Silêncio.

- Uma angústia, não - disse por fim Tchen, por entre dentes. - Uma fatalidade?

Silêncio de novo. Gisors sentia que nenhum gesto era possível, que não podia tomar-lhe a mão, como fazia dantes. Decidiu-se por sua vez, disse com lassidão, como se tivesse adquirido repentinamente o hábito da angústia:

- Então, é preciso pensá-la, e afastá-la a todo o custo. E, se queres viver com ela...

- Em breve serei morto.

Não é isso sobretudo o que ele quer?, perguntava a si mesmo Gisors. Ele não aspira a qualquer glória, a qualquer felicidade. Capaz de vencer, mas não de viver na sua vitória, que pode ele concitar senão a morte? Por certo quer dar-lhe o sentido que outros dão à vida. Morrer o mais alto possível. Alma de ambicioso, bastante lúcido, bastante separado dos homens ou bastante doente para desprezar todos os objectos da sua ambição, e a sua própria ambição?

- Se queres viver com essa... fatalidade, só há um recurso: transmiti-la.

- Quem seria digno dela? - perguntou Tchen, sempre entre dentes.

O ar tornava-se cada vez mais pesado, como se tudo o que estas frases convocavam de violência estivesse ali. Gisors não podia dizer mais nada: todas as palavras tomariam um som falso, frívolo, imbecil.

- Obrigado - disse Tchen.

Inclinou-se diante dele, com o corpo todo, à chinesa (o que nunca fazia), como se preferisse não lhe tocar, e saiu.

Gisors voltou a sentar-se, recomeçou a enrolar o cigarro. Pela primeira vez se encontrava não em face do combate mas do sangue. E, como sempre, pensava em Kyo. Kyo teria achado irrespirável aquele universo onde se movia Tchen... Seria assim? Tchen também detestava a caça, Tchen também tinha horror ao sangue... antes. Aquela profundidade, que sabia ele do filho? Assim que o seu amor não podia ter qualquer papel, assim que não podia referir-se a muitas recordações, sabia bem que deixava de conhecer Kyo. Um intenso desejo de o ver agitou-o... o que se tem de tornar a ver, uma última vez, os nossos mortos. Sabia que ele tinha partido.

Para onde? A presença de Tchen animava ainda a sala. Este atirara-se para o mundo da violência, e não mais sairia dele: com o seu furor, entrava na vida terrorista como numa prisão. Antes de dez anos, estaria preso (torturado ou morto); até lá, viveria como um obcecado resoluto, no mundo da decisão e da morte. As suas ideias o faziam viver; agora, iam matá-lo.

E era exactamente por isso que Gisors sofria. Que Kyo mandasse matar, era o seu dever. E, além disso, pouco importava: o que fazia Kyo era bem feito. Mas sentia-se apavorado por esta sensação súbita, esta certeza da fatalidade da morte; de uma intoxicação tão terrível quanto a sua era mínima. Sentiu quão mal dera a Tchen a ajuda que ele lhe pedia, quanto a morte é solitária... quanto, por causa desta angústia, Kyo se afastava dele. Pela primeira vez, a frase que tantas vezes repetira a si próprio: "Não há conhecimento dos seres", se lhe unia no espírito ao rosto do filho.

A Tchen, conhecia-o? Não acreditava de forma alguma que as recordações permitissem compreender os homens. Havia a primeira educação de Tchen, que

fora religiosa; quando ele começara a interessar-se por aquele adolescente órfão (pais mortos na pilhagem de Kalgan) silenciosamente insolente, Tchen vinha do colégio luterano, onde tinha sido aluno de um intelectual tuberculoso, feito tarde pastor, que se esforçava com paciência, aos cinquenta anos, por vencer pela caridade uma inquietação religiosa intensa. Obcecado pela vergonha do corpo, que atormentara Santo Agostinho, do corpo decaído no qual temos de viver com Cristo, pelo horror da civilização ritual da China que o rodeava e tornava mais imperioso ainda o apelo da verdadeira vida religiosa, este pastor tinha elaborado com a sua angústia a imagem de Lutero, da qual falava às vezes com Gisors: “Só há vida em Deus; mas o homem, pelo pecado, está a tal ponto decaído, tão irremediavelmente maculado, que atingir Deus é uma espécie de sacrilégio. Daí o Cristo, daí a sua crucificação eterna.” Restava a Graça, isto é o amor ilimitado ou o terror, conforme a força ou a fraqueza da esperança; e este terror era um novo pecado. Restava também a caridade; mas a caridade não basta sempre para esgotar a angústia.

O pastor dedicara-se a Tchen. Não suspeitava que o tio encarregado de Tchen o tinha enviado para os missionários apenas para que ele aprendesse o inglês e o francês, e o prevenira contra os ensinamentos deles, contra a ideia do Inferno principalmente, do qual se ria este confucionista. A criança, que encontrava o Cristo e não Satanás nem Deus (a experiência do pastor lhe ensinara que os homens se não convertem nunca senão aos mediadores), abandonava-se ao amor com o rigor que punha em tudo. Mas sentia demasiado respeito pelo mestre (a única coisa que a China lhe tinha fortemente inculcado), para que, apesar do amor ensinado, encontrasse a angústia do pastor e lhe aparecesse um Inferno mais terrível e mais convincente do que aquele contra o qual o tinham querido prevenir.

O tio voltou. Espantado pelo sobrinho que encontrava, manifestou uma satisfação delicada, mandou arvorezinhas de jade e de cristal ao director, ao pastor, a alguns outros; oito dias após, chamava Tchen para casa, e na semana seguinte mandou-o para a Universidade de Pequim.

Gisors, enrolando sempre o cigarro entre os joelhos, boca entreaberta e pasmada de quem reflectia, esforçava-se por recordar o adolescente de então. Mas como separá-lo, como isolá-lo daquilo que ele se tornara? “Penso no seu espírito religioso, porque Kyo nunca o teve, e porque neste momento toda a diferença profunda entre eles me alivia... Porque tenho a impressão de o conhecer melhor que a meu filho.” E que ele via muito melhor em que o tinha modificado: esta modificação capital, obra sua, era precisa, limitável, e ele nada nos seres conhecia melhor do que o que lhes havia trazido. Logo que observara Tchen, compreendera que aquele adolescente não podia viver de uma ideologia que se não transformasse imediatamente em actos. Privado de caridade, não podia ser

levado pela vida religiosa senão à contemplação ou à vida interior; mas detestava a contemplação, e não teria desejado senão um apostolado do qual o afastava precisamente a sua ausência de caridade. Para viver, era preciso pois em primeiro lugar que escapasse ao seu cristianismo. (Por meias confidências, parecia que o conhecimento das prostitutas e dos estudantes teria feito desaparecer o único pecado sempre mais forte que a vontade de Tchen, a masturbação; e, com ele, um sentimento sempre presente de angústia e de baixeza). Quanto, ao cristianismo, o novo mestre opusera, não argumentos, mas outras formas de grandeza, a fé escorrera por entre os dedos de Tchen, pouco a pouco, sem crise, como areia. Desligado por ela da China, habituado por ela a separar-se do mundo em lugar de se submeter a ele, compreendera através de Gisors que tudo se passara como se aquele período da sua vida não tivesse sido mais que uma iniciação ao sentido heróico: que fazer de uma alma, se não há Deus nem Cristo?

Aqui via Gisors o filho, indiferente ao cristianismo, mas a quem a educação japonesa (Kyo vivera no Japão dos oito aos dezassete anos) tinha imposto também a convicção de que as ideias não devem ser pensadas, mas vividas. Kyo escolhera a acção, de uma maneira grave e premeditada, como outros escolhem as armas ou o mar: deixara o pai, vivera em Cantão, em Tientsim, a vida dos operários e dos “colis”, para organizar os sindicatos. Tchen (o tio, preso como refém e, não tendo podido pagar o resgate, executado na tomada de Suateu) virase sem dinheiro, munido de diplomas sem valor, em frente dos seus vinte e quatro anos e da China. Motorista de camião enquanto as estradas do Norte tinham sido perigosas, depois praticante de farmácia, depois nada. Tudo o precipitava para a acção política: a esperança de um mundo diferente, a possibilidade de comer embora miseravelmente (era naturalmente austero, talvez por orgulho), a satisfação dos seus rancores, do seu pensamento, do seu carácter. Ele dava um sentido à sua solidão. Mas, no caso de Kyo, tudo era mais simples. O sentido heróico dera-lhe como que uma disciplina, não como que uma justificação da vida. Não era um inquieto. A sua vida tinha um sentido, que ele conhecia: dar a cada um daqueles homens que a miséria, naquele mesmo momento, fazia morrer como uma peste lenta, a posse da própria dignidade. Ele era um deles: tinham os mesmos inimigos. Mestiço, desclassificado, desdenhado dos brancos e mais ainda das brancas, Kyo não tentara seduzi-los: procurara os seus e encontrara-os. “Não há dignidade possível, não há vida real para um homem que trabalha doze horas por dia sem saber por que trabalha.” Urgia que esse trabalho tivesse um sentido, se tornasse uma pátria. As questões individuais não se punham para Kyo senão na vida privada.

Tudo isto Gisors sabia. “E, contudo, se Kyo entrasse e me dissesse, como Tchen há pouco: “Fui eu quem matou Tang-Yen-Ta”, se ele o dissesse, eu pensaria: já sabia. Tudo o que há de possível nele ressoa em mim com tanta força que, seja o

que for que me diga, pensarei: Já sabia...”. Olhou pela janela a noite imóvel e indiferente. “Mas se eu o soubesse realmente e não desta maneira incerta e assustadora, salvá-lo-ia.” Dolorosa afirmação na qual não acreditava. Que confiança tinha no seu próprio pensamento?

Desde a partida de Kyo, não mais ele servira senão para justificar a acção do filho, aquela acção então ínfima que começava algures (muitas vezes, durante três meses, nem sequer sabia onde) na China central ou nas províncias do sul. Se os estudantes inquietos sentiam que esta inteligência vinha em seu auxílio com tanto entusiasmo e penetração, não era, como o julgavam então os idiotas de Pequim, que ele se divertisse a brincar por procuração com vidas cuja idade o separava dele; era que, em todos estes dramas semelhantes, encontrava o do filho. Quando demonstrava aos alunos, quase todos pequenos burgueses, que eles eram compelidos a ligar-se ou aos chefes militares, ou ao proletariado, quando dizia àqueles que tinham escolhido: “O marxismo não é uma doutrina, é uma vontade, é, para o proletariado e os que se lhe juntam, a vontade de se conhecerem, de se sentirem como tal, de vencer como tal; não deveis ser marxistas para ter razão, mas para vencer sem vos trairdes”, ele falava a Kyo, defendia-o. E, se sabia que não era a alma exigente de Kyo que lhe respondia, logo que, após estes cursos, encontrava, segundo o costume chinês, o seu quarto cheio de flores brancas pelos estudantes, pelo menos sabia que aquelas mãos que se preparavam para matar trazendo-lhe camélias apertariam amanhã as do filho, que teria necessidade delas. Era a razão pela qual a força de carácter o atraía a tal ponto, pela qual se dedicara a Tchen. Mas, assim que se lhe dedicou, previra esta noite chuvosa em que o rapaz, falando do sangue ainda mal coalhado, viria dizer-lhe: “Eu não tenho unicamente horror...?”

Levantou-se, abriu a gaveta da mesa baixa onde arrumava a bandeja do ópio, por baixo de uma coleção de cactozinhos. Sob a bandeja, uma fotografia: Kyo. Tirou-a, contemplou-a sem nada pensar de preciso, afundando-se avidamente na certeza de que, no ponto em que estava, ninguém já conhecia ninguém... e que a própria presença de Kyo, que tanto desejara havia pouco, nada teria mudado, apenas tornaria mais desesperada a separação deles, como a dos amigos que abraçamos em sonhos e estão mortos há anos e anos. Segurava o retrato nos dedos: estava tépido como uma mão. Deixou-o cair de novo na gaveta, tirou a bandeja, apagou a electricidade e acendeu a lâmpada.

Dois cachimbos. Dantes, quando a sua avidez começava a saciar-se, olhava os seres com benevolência, e o mundo como uma infinidade de possíveis. Hoje, no mais fundo de si mesmo, os possíveis não achavam lugar: tinha sessenta anos, e as suas recordações estavam cheias de túmulos. O seu sentido tão puro da arte chinesa, dessas pinturas azuladas que a lâmpada mal iluminava, de toda a civilização de sugestão de que a China o rodeava, da qual, trinta anos mais cedo,

soubera tão inteligentemente aproveitar - absurdo da felicidade - não passava de uma ténue cobertura debaixo da qual despertavam, como cães ansiosos que se agitam no fim do sono, a angústia e a obsessão da morte.

O seu pensamento rodava no entanto em torno do mundo, em torno dos homens, com uma violenta paixão que a idade não extinguiu. Que houvesse em todos os seres, e, nele em primeiro lugar, um paranóico, disso tinha a certeza havia muito tempo. Acreditara, em tempos (tempos idos...), que se sonhava um herói. Não. Aquela força, aquela furiosa imaginação subterrânea que havia nele (ficasse eu doido, pensara, só ela restaria de mim...) estava pronta a tomar todas as formas, tal como a luz. Como Kyo, e quase pelas mesmas razões, pensou nos discos de que ele falara, e quase da mesma maneira, porque os modos de pensar de Kyo haviam nascido dos seus. Assim como Kyo não reconhecera a sua própria voz, porque a ouvira com a garganta, assim a consciência que ele, Gisors, adquiria de si mesmo era sem dúvida irredutível à que ele podia ter de outro ser, porque não era adquirida pelos mesmos meios. Não devia nada aos sentidos. Sentia-se penetrado, com a consciência intrusa, num domínio que lhe pertencia mais que qualquer outro, possuir com angústia uma solidão interdita onde ninguém jamais se lhe reuniria. Durante um segundo, teve a sensação de que era isto que devia escapar 'à morte... As mãos, que preparavam uma nova bolinha, tremiam ligeiramente. Desta solidão total, até o amor que tinha por Kyo o não libertava. Mas não sabia refugiar-se noutra ser, sabia libertar-se: tinha o ópio.

Cinco bolazinhas. Havia muitos anos se habituara àquilo, não sem tristeza, não sem dor por vezes. Raspou o forninho do cachimbo, a sombra da mão correu da parede ao tecto. Afastou a lâmpada alguns centímetros, os contornos da sombra perderam-se. Os objectos também se perdiam: sem mudar de forma, deixavam de ser distintos dele, reuniam-se-lhe no fundo de um mundo familiar onde uma benevolente indiferença misturava todas as coisas... um mundo mais verdadeiro que o outro porque mais constante, mais semelhante a si próprio; seguro como uma amizade, sempre indulgente e sempre reencontrado: formas, recordações, ideias, tudo mergulhava lentamente rumo a um universo liberto. Recordou-se de uma tarde de Setembro em que o perfeito cendrado do céu tornava leitosa água de um lago, nas folhas de vastos campos de nenúfares; desde as pontas carunchosas de um pavilhão abandonado até ao horizonte magnífico e flácido, surgia-lhe apenas um mundo penetrado de uma melancolia solene. Sem agitar a campainha, um bonzo encostara-se ao balaustre do pavilhão, abandonando o seu santuário à poeira, ao perfume das madeiras odorantes que ardiavam; os camponeses que colhiam as sementes de nenúfares passavam de barco, sem o mínimo ruído; junto das últimas flores, duas longas pregas de água nasceram do leme, foram perder-se na água parda, com uma extrema indolência. Perdiam-se agora em si próprio, recolhendo nos seus leques toda a prostração do mundo,

mas uma prostração sem amargura, levada pelo ópio a uma pureza suprema. Com os olhos fechados, erguido por grandes asas imóveis, Gisors contemplava a sua solidão: uma desolação que ia até ao divino, ao mesmo tempo que se alargava até ao infinito o sulco de serenidade que cobria lentamente as profundezas da morte.

Quatro horas e meia da manhã! Fardados já de soldados do governo, impermeável às costas, os homens desciam um a um para a grande vedeta balançada pelos remoinhos do rio.

- Dois dos marinheiros são do partido. É preciso interrogá-los: devem saber onde estão as armas - disse Kyo a Katow. Com excepção das botas, o uniforme modificava pouco o aspecto deste. O blusão militar estava tão mal abotoado como o outro. Mas o boné, novo e a que não estava habituado, condignamente pousado na cabeça, dava-lhe um ar idiota. "Admirável conjunto de um boné de oficial chinês com um tal nariz!" pensou Kyo. Era noite...

- Põe o capuz do teu impermeável - disse, todavia.

A vedeta largou do cais, ganhou por fim velocidade na noite. Depressa desapareceu por trás de um junco. Dos cruzadores, os feixes dos projectores, trazidos em revoada do céu para o porto confuso, cruzavam-se como sabres.

À proa, Katow não perdia de vista o "Xantum" que parecia aproximar-se pouco a pouco. Ao mesmo tempo que o invadía o cheiro de água estagnada, de peixe e de fumo do porto (estava quase ao lume de água) que substituíra pouco a pouco o de carvão do embarcador; a recordação que a aproximação de cada combate nele convocava tomava-lhe mais uma vez posse do espírito. Na frente da Lituânia, o seu batalhão fora aprisionado pelos brancos. Os homens desarmados alinhavam-se na imensa planura de neve mal visível ao despontar da aurora esverdeada. "Que os comunistas saiam das fileiras!" A morte, bem sabiam. Dois terços do batalhão tinham avançado. "Dispam as blusas", "Abram a vala". Tinham aberto. Lentamente, porque o solo estava gelado. Os guardas brancos, com um revólver em cada mão (as p s podiam tornar-se armas), inquietos e impacientes, esperavam à direita e à esquerda (o, centro vazio por causa das metralhadoras dirigidas para os prisioneiros). O silêncio não tinha limites, tão vasto como a neve a perder de vista. Apenas os bocados de terra gelada caíam com um ruído seco cada vez mais precipitado; apesar da morte, os homens despachavam-se para se aquecerem. Muitos tinham começado a espirrar. "Chega. Alto!" Tinham-se voltado. Por detrás deles, para lá dos camaradas, mulheres, crianças e velhos da aldeia estavam amontoados, mal vestidos, embrulhados em cobertores, mobilizados para assistirem ao exemplo, agitando a cabeça como se se esforçassem por não olhar, mas fascinados pela angústia. "- Tirem as calças!" Porque os uniformes eram raros. Os condenados hesitavam, por causa das mulheres. "- Tirem as calças!" As feridas tinham aparecido, uma

a uma, ligadas com farrapos: as metralhadoras tinham atirado muito baixo e quase todos estavam feridos nas pernas. Alguns dobravam as calças, embora tivessem atirado o capote. Tinham-se alinhado de novo, na borda da vala desta vez, em frente das metralhadoras, claros sobre a neve: carne e camisas. Tomados de frio espirravam sem parar, uns após outros, e os espirros eram tão intensamente humanos, nesta madrugada de execução, que as metralhadoras, em lugar de atirarem, tinham esperado... esperado que a vida fosse menos indiscreta. Tinham-se por fim decidido. No dia seguinte à tarde, os vermelhos retomavam a aldeia: dezassete mal metralhados, um dos quais Katow, foram salvos. As sombras claras sobre a neve esverdeada da madrugada; transparentes, sacudidas por espirros convulsivos em frente das metralhadoras, estavam ali, na chuva e na noite chinesa, em frente da sombra do “Xantum”.

A vedeta avançava sempre: o balanço era bastante forte para que a silhueta baixa e indistinta do navio parecesse balancear-se lentamente sobre o rio; mal iluminada, não se distinguia senão por uma massa mais escura no céu coberto. Sem dúvida nenhuma, o “Xantum” estava guardado. O projector de um cruzador atingiu a vedeta, observou-a um instante deixou-a. Ela descrevera uma grande curva e aproximava-se do navio pela ré, descaindo ligeiramente sobre a direita, como se se dirigisse para o barco vizinho. Todos os homens vestiam o impermeável dos marinheiros, capuz descaído sobre o uniforme. Por ordem da direcção do porto, as escadas do portaló de todos os barcos estavam descidas; Katow olhou para a do “Xantum” pelo binóculo escondido sob o impermeável: acabava a um metro da água, mal iluminada por três lâmpadas. Se o capitão pedia o dinheiro, que eles não tinham, antes de os autorizar a subir a bordo, os homens deviam saltar um a um da vedeta; seria difícil mantê-la debaixo da escada do portaló. Tudo dependeria, pois, daquela escadinha. Se tentassem do barco, içá-la, poderia atirar sobre os que manobrassem o cordame: ao pé do cadernal, estavam a descoberto. Mas o barco pôs-se na defensiva.

A vedeta rodou de noventa graus, chegou junto do “Xantum”. A corrente, forte àquela hora, dava-lhe de traves; o navio muito alto agora (estavam ao pé) parecia partir a toda a velocidade, na noite, como um navio fantasma. O motorista pôs o motor da vedeta a toda a força: o “Xantum” parece andar mais devagar, imobilizar-se, recuar. Aproximavam-se da escada do portaló. Katow agarrou-a à passagem: com uma suspensão, deu consigo na escada.

- O documento? - perguntou o homem do portaló.

Katow deu-lho. O homem passou-o a outro, ficou no seu lugar de revólver em punho. Era preciso, portanto, que o capitão reconhecesse o seu próprio documento; era provável, pois que tal fizera quando Clappique lho mostrara. No entanto... Por baixo do portaló, a vedeta escura subia e descia com o rio.

O mensageiro voltou:

- Pode subir.

Katow não se mexeu; um dos homens, que tinha galões de tenente (o único que falava inglês), deixou a vedeta, subiu e seguiu o mensageiro, que o conduziu ao capitão.

Este, um norueguês de cabeça rapada e rosto sardento, esperava-o no seu camarote, por trás da secretária. O mensageiro saiu.

- Vimos buscar as armas - disse o tenente em inglês.

O capitão olhou-o sem responder, estupefacto. Os generais tinham sempre pago as armas; a venda destas fora negociada clandestinamente, até ao envio do intermediário Tang-Yen-Ta, pelo adido de um consulado, contra uma justa retribuição. Se não cumpriam os compromissos para com os importadores clandestinos, quem os abasteceria? Mas, porque só tinha que tratar com o governo de Xangai, podia tentar salvar as armas.

- “Well”! Aqui tem a chave.

Procurou no bolso interior do casaco, calmamente, tirou dele de repente o revólver, à altura do peito do tenente, do qual estava apenas separado pela mesa. No mesmo instante, ouviu por trás dele:

- Mãos no ar! - Katow, pela janela aberta para o tombadilho apontava.

O capitão já não compreendia nada, porque aquele era um branco: mas não havia que discutir de momento. As caixas de armas não valiam a sua vida. “Uma viagem a inscrever nos riscos e perdas”. Veria o que poderia tentar com a equipagem. Pousou o revólver, que o tenente agarrou. Katow entrou e revistou-o: não tinha mais armas.

- Absolutamente inútil ter tantos revólveres a bordo para afinal usar só um - disse em inglês.

Seis dos seus homens entraram atrás dele, um a um, em silêncio. O andar pesado, o ar atarracado, o nariz arrebitado de Katow, os seus cabelos loiros claros eram de um russo. Escocês? Mas aquele sotaque...

- Não é do governo, pois não?

- Não te preocupes com isso.

Trouxeram o imediato, fortemente amarrado da cabeça aos pés, surpreen-dido durante o sono. Os homens amarraram o capitão. Dois de entre eles ficaram para o guardar. Os outros desceram com Katow. Os homens da tripulação, que eram do partido, mostraram-lhes onde estavam escondidas as armas; a única precaução dos importadores de Macau fora escrever “Peças avulsas” nas caixas. A descarga começou. Com a escada do portaló descida, foi fácil, porque as caixas eram pequenas. Posta a última caixa na vedeta, Katow foi destruir o posto

de T. S. F., depois dirigiu-se ao camarote do capitão.

- Se for muito apressado a terra, previno-o que será absolutamente abatido na primeira esquina. Boa noite.

Pura fanfarronice, mas à qual as cordas que entravam nos braços dos prisioneiros davam força.

Os revolucionários, acompanhados pelos dois homens da tripulação que os tinham guiado, voltaram à vedeta: esta destacou-se do portaló, partiu para o cais, sem rodeios desta vez. Desequilibrados pelo balanço, os homens mudavam de trajó, satisfeitos mas ansiosos: até à margem, nada era seguro.

Aí os esperava um camiã, com Kyo sentado ao lado do motorista.

- Entã ?

- Nada. Um negócio para estreates.

Acabado o transbordo, o camiã partiu, levando Kyo, Katow e quatro homens, dos quais um tinha conservado o uniforme. Os outros dispersaram.

Rolava através das ruas da cidade chinesa com um estrondo que a cada solavanco era coberto por um alarido de zinco: os lados, junto dos taipais, estavam guarnecidos de latas de petróleo. Detinha-se em cada “tchon” importante: loja, cave, apartamento. Uma caixa era descida; fixada ao lado, uma nota cifrada de Kyo determinava a repartição das armas, das quais algumas deviam ser distribuídas às organizações de combate secundárias. O camiã mal se detinha cinco minutos. Mas tinha de visitar mais de vinte postos.

Só tinham que reccar a traição: aquele camiã barulhento, conduzido por um motorista fardado do exército governamental não suscitava qualquer desconfiança. Encontraram uma patrulha. “Passo por leiteiro que faz o seu giro”, pensou Kyo.

O dia despontava.

SEGUNDA PARTE

22 de Março

Onze horas da manhã

“Isto vai mal”, pensou Ferral. O seu automóvel (o único Voisin de Xangai, porque o Presidente da Câmara de Comércio francês não podia servir-se de um carro americano) corria ao longo do cais. À direita, por baixo de auriflamas verticais cheias de caracteres: “Mais que doze horas de trabalho por dia, Não mais trabalho de crianças com menos de oito anos”, milhares de operários das fiações estavam de pé, acorados, deitados nos passeios numa tensa desordem. O automóvel ultrapassou um grupo de mulheres, reunidas debaixo do cartaz: “Direito de se sentarem às operárias”. O próprio arsenal estava vazio: os metalúrgicos estavam em greve. À esquerda, milhares de marinheiros de andrajos azuis, sem bandeiras, esperavam acorados ao longo do rio. A multidão dos manifestantes perdia-se, do lado do cais, até ao fundo das ruas perpendiculares; do lado do rio, apinhava-se nos pontões, escondia o limite da água. O carro deixou o cais, mergulhou na Avenida das Duas Repúblicas. Dificilmente avançava, entalado agora no movimento da multidão chinesa que irrompia de todas as ruas para o refúgio da concessão francesa. Como um cavalo de corrida ultrapassa outro com a cabeça, o pescoço, o peito, a multidão “ultrapassava” o automóvel, lentamente, constantemente. Carrinhos de mão com cabeças de bebês que pendiam no meio de tigelas, carroças de Pequim, riquexós, cavalinhos peludos, carros de mão, camiões carregados com sessenta pessoas, colchões monstruosos cheios de todo um mobiliário, guarnecidos de pés de mesa, gigantes, protegendo com os braços, da ponta dos quais pendia uma gaiola de melro, mulheres pequenas com crianças às costas... O motorista pode finalmente voltar, mergulhar em ruas cheias também, mas onde o barulho do “klaxon” afugentava a multidão alguns metros à frente do automóvel. Chegou aos grandes edifícios da polícia francesa.

Ferral galgou as escadas quase correndo.

A despeito dos seus cabelos atirados para trás, do seu fato lavrado, quase desportivo, e da camisa de seda cinzenta, o rosto mantinha qualquer coisa do 1900 da sua juventude. Sorria das pessoas “que se disfarçam de capitães da indústria”, o que lhe permitia disfarçar-se de diplomata: só renunciara ao monóculo. Os bigodes caídos, quase grisalhos, que pareciam prolongar a linha descaída da boca, davam ao perfil uma expressão de fina brutalidade; a força estava no acordo do nariz arqueado e do queixo quase de velho, mal barbeado naquela manhã: os empregados dos serviços de distribuição da água estavam em

greve, e a água calcária transportada pelos “colis” dissolvia mal o sabão. Desapareceu no meio dos cumprimentos.

No fundo do gabinete de Martial, o director da policia, um denunciante chinês, hércules dengoso, perguntava:

- É tudo, sr. Chefe?

- Trate também de desorganizar o sindicato - respondia Martial, de costas. - E faça-me o favor de acabar com essas palermeiras! Merecia que o pusesse na rua: metade dos seus homens são cúmplices! Eu não lhe pago para sustentar quartos-de-revolucionários que não se atrevem a dizer francamente o que são: a policia não é uma fábrica de alibis. Todos os agentes que têm relações com o Kuomintang, ponha-mos na rua, e que eu não tenha que lho repetir! E trate de compreender, em vez de me olhar com esse ar idiota! Se eu não conhecesse melhor a psicologia dos meus homens do que você a dos seus, seria lindo!

- Senhor...

- Em ordem. Compreendido. Classificado Ponha-se a andar, e mais depressa que isso. Bom dia, sr. Ferral.

Acabava de voltar-se: um carão militar, com grandes feições regulares e impessoais, menos significativas que os ombros.

- Bom dia, Martial. Então?

- Para guardar o caminho de ferro, o governo é obrigado a imobilizar milhares de homens. Nada se consegue contra um país inteiro, bem sabe, a menos que se disponha de uma policia como a nossa. A única coisa na qual o governo pode ter confiança é no comboio blindado, com os seus instrutores brancos. Isso, sim, é sério.

- Uma minoria comporta sempre uma maioria de imbecis. Enfim, seja.

- Tudo depende da frente. Aqui, vão tentar revoltar-se. Vai talvez sair-lhes caro: porque estão quase desarmados.

Ferral não podia senão escutar e esperar, - o que mais detestava no mundo. As conferências realizadas pelos chefes dos grupos anglo-saxões e japoneses, por ele, por certos consulados, com os intermediários dos quais regorgitavam os grandes hotéis das concessões continuavam sem conclusão. Esta tarde, talvez...

Com Xangai nas mãos do exército revolucionário, era preciso que o Kuomintang escolhesse entre a democracia e o comunismo. As democracias são sempre bons clientes. E uma sociedade pode ganhar dinheiro sem se apoiar nos Tratados. Pelo contrário, soviétizada a cidade, o Consórcio Franco-Asiático (e, com ele, todo o comércio francês de Xangai) desabaria; Ferral pensava que as potências abandonariam os seus nacionais, como a Inglaterra fizera em Anqueu. O seu objectivo imediato era que a cidade não fosse tomada antes da chegada do

exército, que os comunistas não pudessem fazer nada sozinhos.

- Quanta tropa, no máximo, Martial, além do comboio blindado?

- Dois mil homens da polícia e uma brigada de infantaria, sr. Ferral.

- E quantos revolucionários capazes de fazer mais do que tagarelar?

- Armados, umas centenas escassas... Quanto aos outros, não creio que valha a pena falar deles. Como aqui não há serviço militar, não sabem servir-se de uma espingarda, não esqueça. Esses rapazes, em Fevereiro, eram dois ou três mil, se se contarem os comunistas... São com certeza um pouco mais numerosos agora.

Mas, em Fevereiro, o exército governamental não estava destruído.

- Quantos os seguirão? - continuou Martial. - Mas tudo isto, bem vê, sr. Ferral, não nos adianta muito. Seria preciso conhecer a psicologia dos chefes... As dos homens, conheço-a um pouco. O Chinês, repare...

Às vezes (raramente), Ferral olhava o director como o fazia neste momento, o que bastava para o fazer calar. Expressão menos de desprezo, de irritação, que de apreciação: Ferral não dizia, com a sua voz cortante e um tanto mecânica: “Isto vai durar muito tempo?”, mas exprimia-o. Não podia suportar que Martial atribuisse à própria perspicácia as informações dos seus denunciantes.

Se Martial se atrevesse, ele teria respondido: “De que lhe serve isso?”. Era dominado por Ferral, e as suas relações com ele haviam sido estabelecidas por ordens às quais só tinha que submeter-se; até o sentia humanamente mais forte que ele, mas não podia suportar aquela insolente indiferença, aquela maneira de o reduzir à situação de m quina, de o negar quando queria falar como indivíduo e não apenas transmitir informações. Os parlamentares em missão tinham-lhe falado da acção de Ferral, antes da queda, nas Comissões da Câmara. Das qualidades que davam aos seus discursos a clareza e a força fazia no Parlamento tal emprego que os colegas o detestavam mais cada ano: tinha um talento único para lhes recusar a existência. Enquanto um Jauros, um Briand, lhes conferiam uma vida pessoal, da qual eles eram muitas vezes destituídos, lhes davam a ilusão de apelarem para cada um deles, de quererem convencê-los, de os arrastarem numa cumplicidade em que os teria unido uma comum experiência da vida e dos homens, Ferral erguia uma arquitectura de factos, e terminava por: “Em face de tais condições, seria pois, meus senhores, evidentemente absurdo...” Obrigava ou pagava. E não mudara, verificava Martial.

- E do lado de Anqueu? - perguntou Ferral.

- Recebemos informações esta noite. Há lá duzentos e vinte mil sem-trabalho, com que formar um novo exército vermelho...

Havia semanas, os “stocks” de três das companhias que Ferral dirigia apodreciam à beira do magnífico cais: os “colis” recusavam qualquer estiva.

- Notícias das relações entre os comunistas e Xan-Cai-Xeque?

- Aqui tem o último discurso dele - respondeu Martial. - Eu, como sabe, não acredito nada em discursos...

- Eu acredito. Pelo menos nestes. Pouco importa.

A campainha do telefone. Martial pegou no auscultador.

- É para si, sr. Ferral.

- Está?... Estou, sim.

-...

- Ele tira-o de embaraços para o esmagar com isso. É hostil à intervenção, é evidente. Trata-se apenas de saber se é melhor atacá-lo como pederasta ou afirmar que ele é pago. Aqui está.

-...

- Ficando entendido que não é nem uma nem outra coisa.

Além de que não gosto que um dos meus colaboradores me julgue capaz de atacar um homem por uma tara sexual que ele tivesse, de facto. Toma-me por um moralista? Até à vista.

Martial não se atrevia a perguntar-lhe nada. Que Ferral o não pusesse ao corrente dos seus projectos, lhe não dissesse o que esperava dos seus conciliá-bulos com os membros mais activos da Câmara de Comércio Internacional, com os chefes das grandes associações de comerciantes chineses, parecia-lhe simultaneamente insultuoso e insignificante. Contudo, se é vexatório para um director da policia não saber o que faz, é-o mais ainda perder o seu posto. Ora, Ferral, nascido na República como numa reunião de família, com a memória cheia de rostos benevolentes de velhas excelências que se chamavam Renan, Berthelot e Victor Hugo, filho de um grande jurisconsulto, assistente de História aos vinte e sete anos, director aos vinte e nove da primeira História colectiva da França, deputado muito jovem (servido pela época que fizera Poincaré e Barthou ministros antes dos quarenta anos), presidente do Consórcio Franco-Asiático, Ferral, apesar da sua queda política, possuía em Xangai um poder e um prestígio pelo menos iguais aos do cônsul-geral da França, de quem era amigo. O director era pois respeitavelmente cordial. Apresentou o discurso:

“Dispendi dezoito milhões de piastras ao todo, e tomei seis províncias, em cinco meses. Que os descontentes procurem, se lhes agrada outro generalissimo que goste tão pouco e faça tanto como eu”...

- É evidente, a questão do dinheiro seria resolvida com a tomada de Xangai - disse Ferral. - As alfândegas dar-lhe-iam sete milhões de piastras por mês, mais ou menos o que precisa para cobrir o déficite do exército...

- Sim. Mas dizem que Moscovo deu aos comissários políticos ordem de deixarem derrotar as próprias tropas diante de Xangai. A insurreição aqui poderia, nesse caso, acabar mal.

- Por que essas ordens?

- Para Xan-Cai-Xeque ser derrotado, destruir-lhe o prestígio, e substituí-lo por um general comunista em quem recairia então a honra da tomada de Xangai. É quase certo que a campanha contra Xangai foi empreendida sem o assentimento da Comissão Central de Anqueu. Os mesmos informadores afirmam que o Estado-Maior Vermelho protesta contra este sistema...

Ferral estava interessado, embora céptico. Continuou a leitura do discurso:

“Abandonada por grande número dos membros, muito incompleta, a Comissão Central executiva de Anqueu entende apesar disso ser a autoridade suprema do partido do Kuomintang... Eu sei que Sun-Yat-Sen admitiu os comunistas como auxiliares do Partido. Nada fiz contra eles, e muitas vezes lhes admirei o entusiasmo. Mas, presentemente, em lugar de se contentarem com ser auxiliares, julgam-se senhores, pretendem governar o Partido com violência e insolência. Avisei-os de que me oporia a pretensões exageradas, que ultrapassam o que foi estipulado a quando da sua admissão”...

Utilizar Xan-Cai-Xeque tornava-se impossível. O governo actual não significava nada, senão pela sua força (e perdia-a com a derrota do exército) e pelo medo que os comunistas do exército revolucionário inspiravam à burguesia. Muito poucos homens tinham interesse na sua manutenção. Por detrás de Xan, havia um exército vitorioso e toda a pequena burguesia chinesa.

- Nada mais? - perguntou em voz alta.

- Nada, sr. Ferral.

- Obrigado.

Desceu a escada, encontrou no meio uma Minerva morena, em saia-casaco de “sport”, com uma soberba máscara imóvel. Era uma russa do Cáucaso que passava por ser de momento a amante de Martial. “Gostaria bem de saber a cara que fazes quando gozas”, pensou.

- Com licença, minha senhora.

Ultrapassou-a inclinando-se, subiu para o automóvel que começou a meter-se na multidão, contra a corrente desta vez. O “klaxon” uivava em vão, impotente contra a força do êxodo, contra o borborinho milenário que levantam diante delas as invasões. Vendedores ambulantes que pareciam balanças com os dois pratos ao vento e os braços desengonçados, carrinhos, carros de mão dignos dos imperadores Tang, enfermos, gaiolas, e Ferral avançava contra a corrente de todos os olhos que a angústia fazia olhar para dentro: se a sua vida a ameaçar

ruína tinha de desfazer-se, que fosse então naquele barulho, naqueles desesperos aturdidos que vinham embater nos vidros do automóvel! Tal como ferido meditaria no sentido da vida, ameaçado nos seus empreendimentos meditava neles e sentia por fim onde era vulnerável. Bem pouco escolhera este combate; fora obrigado a empreender os negócios chineses para dar novos mercados à sua produção da Indochina. Jogava assim uma partida de expectativa: visava a França. E já não podia estar muito mais tempo na expectativa.

A sua maior fraqueza provinha da ausência de Estado. O desenvolvimento de negócios tão vastos era inseparável dos governos. Desde a sua juventude (ainda no Parlamento, fora presidente da Sociedade de Energia e Aparelhagem Eléctrica, que fabricava o material eléctrico do Estado francês; tinha em seguida organizado a transformação do porto de Buenos-Aires), sempre trabalhara para eles. _íntegro, da integridade orgulhosa que recusa as comissões e recebe as encomendas, esperara das colónias da Ásia o dinheiro de que necessitava após a sua queda: porque não queria jogar de novo, mas mudar as regras do jogo. Apoiado na situação pessoal do irmão, bem superior à sua função de director do Movimento Geral de Fundos; permanecendo à cabeça de um dos poderosos grupos financeiros franceses, Ferral tinha feito aceitar ao Governo Geral da Indochina (os próprios adversários não se sentiam aborrecidos por lhe fornecerem os meios de deixar a França) a execução de quatrocentos milhões de obras-públicas. A República não podia recusar ao irmão de um dos seus mais altos funcionários a execução deste programa civilizador, a qual foi excelente, e surpreendeu num país onde a própria mani-gância reina com indolência. Ferral sabia agir. Um lucro não se perde nunca: o grupo passou à industrialização da Indochina. Pouco a pouco apareceram: dois estabelecimentos de crédito (predial e agrícola); quatro sociedades de cultivo (seringais, culturas tropicais, campos de algodão, cana de açúcar) controlando a transformação imediata das matérias-primas em produtos manufacturados; três sociedades mineiras: minas de carvão, fosfatos, minas de ouro e uma anexa “exploração de salinas”; cinco sociedades industriais: iluminação e energia, electricidade, vidros, fábricas de papel, tipografias; três sociedades de trans-porte: cabotagem, rebocagem, comboios. No centro, a Sociedade de Obras-Públicas, rainha deste mundo de esforços, de rancor e de papel, mãe ou parteira de quase todas as sociedades-irmãs ocupadas em viver de proveitosos incestos, soube fazer-se adjudicar a construção do caminho de ferro do Anam-Central cujo traçado (quem diria?) atravessou a maior parte das concessões do grupo Ferral. (Aquilo não ia mal”, dizia o vice-presidente do conselho de administração a Ferral que se calava, ocupado em dispor os milhões em escada, para subir e daí vigiar Paris.

Mesmo com o projecto de uma nova sociedade chinesa em cada bolso, só pensava em Paris. Voltar a França bastante rico para comprar a Agência Havas ou negociar com ela; retomar a actividade política, e, regressado prudentemente

ao ministério, tentar a união do ministério e de uma opinião pública comprada, contra o Parlamento. Era isso o poder. Mas não se tratava agora já dos seus sonhos: a proliferação das suas empresas indochinesas tinha implicado completamente o grupo Ferral na penetração comercial da bacia do Iantsé, Xan-Cai-Xeque marchava sobre Xangai com o exército revolucionário, a multidão cada vez mais densa colava-se às portas do carro. Nenhuma das sociedades possuídas ou dirigidas na China pelo Consórcio Franco-Asiático escapava assim sem ser atingida: a das construções navais, em Hong-Kong, pela insegurança da navegação, todas as outras: obras-públicas, construções, electricidade, seguros, bancos, pela guerra e pela ameaça comunista. O que elas importavam permanecia nos entrepostos de Hong-Kong ou de Xangai, o que elas exportavam nos de Anqueu, às vezes no cais.

O carro parou. O silêncio (a multidão chinesa é vulgarmente uma das mais barulhentas) anunciava um fim do mundo. Um tiro de canhão. O exército revolucionário tão perto? Não: era o tiro do meio-dia. A multidão afastou-se, o carro não avançou. Ferral agarrou o tubo acústico. Nenhuma resposta: nem motorista, nem trintanário.

Ficou imóvel, estupefacto, no carro imóvel que a multidão contornava vagarosamente. O lojista mais próximo saiu, trazendo ao ombro um enorme taipal, voltou-se, ia partindo o vidro do carro; fechava a loja. _à direita, à esquerda, em frente, outros lojistas, outros artesões saíram, com os taipais cobertos de caracteres ao ombro; a greve geral começava.

Já não era a greve de Hong-Kong, desencadeada lentamente, épica e plácida: era uma manobra de exército. Tão longe quanto podia ver, nem uma loja estava aberta. Tinha de andar quanto antes; desceu, chamou um riquexó. O “coli” não lhe respondeu: corria em grandes pernas para a sua cocheira, quase só ele agora no meio da rua mais o carro abandonado: a multidão tinha refluído para os passeios. “Temem as metralhadoras”, pensou Ferral. As crianças, parando de brincar, fugiam por entre as pernas, através da actividade pululante dos passeios. Silêncio cheio de vidas simultaneamente longínquas e muito próximas, como o de uma floresta saturada de insectos; o apelo de um cruzador subiu e depois perdeu-se. Ferral caminhava para casa tão depressa quanto podia, mãos nos bolsos, ombros e queixo para a frente. Duas sirenes retomaram juntas, uma oitava mais acima, o grito da que acabara de extinguir-se, como se algum animal enorme, envolto naquele silêncio, anunciasse assim que se aproximava. A cidade inteira estava à espreita.

Uma hora da tarde. - Menos cinco - disse Tchen.

Os homens do seu grupo esperavam. Eram todos operários de fiação, vestidos de ganga azul; ele vestia de igual. Todos barbeados, todos magros... todos vigorosos: antes de Tchen, já a morte fizera a selecção. Dois tinham espingardas debaixo do

braço, de cano para o chão. Sete traziam revólveres do “Xantum”, um, uma granada, alguns outros escondiam-nas nos bolsos. Uns trinta tinham facas, “casse-têtes”, baionetas; oito ou dez sem qualquer arma permaneciam acocorados perto de montes de trapos, latas de petróleo, rolos de arame. Um adolescente examinava, como se fossem grãos, grandes pregos de cabeça chata que tirava de um saco: “Sem dúvida mais altos que as ferraduras dos cavalos... O Pátio dos Milagres, mas com o uniforme do ódio e da decisão. Ele não era um igual. Apesar do assassinio, apesar da sua presença. Se morresse hoje, morreria só. Para eles tudo era simples; iam à conquista do pão e da dignidade. Para eles... a não ser da sua dor e do combate comum, não sabia sequer falar-lhes. Ao menos sabia que o mais forte dos elos é o combate. E o combate ali estava.

Levantaram-se, de sacos às costas, latas na mão, arame debaixo do braço. Ainda não chovia; a tristeza daquela rua vazia que um cão atravessou em dois saltos como se qualquer instinto o houvesse prevenido do que se preparava, era tão profunda como o silêncio. Cinco tiros partiram, numa rua próxima: três juntos, outro, outro ainda. “Começa”, disse Tchen. O silêncio voltou, mas não parecia que fosse já o mesmo. Um tropel de cascos de cavalos encheu-o, precipitado, cada vez mais próximo. E, como depois de um trovão prolongado o rasnão vertical do raio, sempre sem que vissem nada, um tumulto encheu de repente a rua, feito de gritos confundidos, tiros de espingarda, relinchos furiosos, quedas; depois, enquanto os clamores diminuídos se abafavam pesadamente sob o indescritível silêncio, ecoou um grito de cão que uiva, interrompido de repente: um homem que é morto.

Numa corrida, atingiram em poucos instantes uma rua mais importante. Todas as lojas estavam fechadas. No chão, três corpos; por cima, crivado de fios telegráficos, o céu inquieto atravessado por fumos negros; no extremo da rua, uns vinte cavaleiros (havia muito pouca cavalaria em Xangai) giravam hesitando, sem verem os insurrectos colados à parede com os seus instrumentos, de olhar fíto no movimento hesitante dos cavalos. Tchen não podia pensar em atacá-los: os seus homens estavam demasiado mal armados. Os cavaleiros voltaram à direita, e eles atingiram enfim o posto; as sentinelas penetraram tranquilamente atrás de Tchen.

Os agentes jogavam as cartas, com as espingardas e Mausers nos armeiros. O sargento que os comandava abriu uma janela, gritou para um pátio muito sombrio:

- Vós todos que me escutais, vós sois testemunhas da violência que nos é feita. Bem vêem que somos injustamente obrigados a ceder à força!

Ia fechar a janela, Tchen manteve-a aberta, olhou: ninguém no pátio. Mas as aparências estavam salvas, e a teatrala fora feita a tempo. Tchen conhecia os compatriotas: aquele, visto que “aceitava o papel”, não agiria. Distribuiu as

armas. Os revoltosos foram-se embora, todos armados desta vez: inútil ocupar os pequenos postos desarmados da polícia. Os guardas hesitaram. Três levantaram-se e quiseram segui-los. (Talvez se pilhasse...). Tchen teve dificuldade em desembaraçar-se deles. Os outros apanharam as cartas e recomeçaram a jogar.

- Se ficarem vencedores - perguntou um - talvez este mês nos paguem?

- Talvez... - respondeu o sargento.

Deu as cartas.

- Mas, se forem derrotados, talvez se diga que traímos?

- Que teríamos podido fazer? Cedemos à força. Todos somos testemunhas que não traímos.

Reflectiam, de pescoço encolhido, corpos esmagados pelo pensamento.

- Não somos responsáveis- disse um.

Todos aprovaram. Levantaram-se contudo, e foram continuar o jogo numa loja vizinha, cujo proprietário não se atreveu a enxotá-los. Um monte de uniformes ficou abandonado no meio do posto.

Alegre e cauteloso, Tchen caminhava para um dos postos centrais: “Tudo vai bem, pensava, mas estes são quase tão pobres como nós...” Os russos brancos e os soldados do comboio blindado, esses, bater-se-iam. Os oficiais também. Detonações longínquas, surdas como se o céu baixo as enfraquecesse, sacudiam o ar para o centro da cidade. Numa encruzilhada, o grupo (todos armados agora, mesmo os portadores de latas), hesitou um instante, procurou com o olhar. Dos cruzadores e dos navios que não podiam descarregar as suas mercadorias, subiam massas obliquas de fumo que o vento pesado dissipava no sentido do avanço dos revoltosos, como se o céu participasse na revolta. O posto seguinte era um antigo hotel de tijolo vermelho, de um só andar; duas sentinelas, uma de cada lado da porta, de baioneta calada. Tchen sabia que a polícia especial estava de prevenção havia três dias, e os homens extenuados pelo contínuo estado de alerta. Havia ali oficiais, uns cinquenta polícias armados de Mausers, bem pagos, e dez soldados. Viver, viver pelo menos os oito próximos dias! Tchen parara na esquina da rua. As armas estavam com certeza no armeiro do rés-do-chão, na sala da direita, o corpo da guarda, que precedia o gabinete do oficial: Tchen e dois dos seus homens tinham-se introduzido lá várias vezes durante a semana. Escolheu dez homens sem espingarda, mandou esconder os revólveres nas blusas, e avançou com eles. Ultrapassada a esquina da rua, as sentinelas viram-nos aproximar; desconfiadas de tudo, não desconfiavam já; delegações operárias vinham muitas vezes conversar com o oficial, em geral para lhe trazerem gorjetas, operação que demandava muitas garantias e muita gente.

- O tenente Xuei-Tun - disse Tchen.

Enquanto oito homens passavam, os dois últimos, como que empurrados pela ligeira confusão, deslizavam entre as sentinelas e a parede. Logo que os primeiros chegaram ao corredor, as sentinelas sentiram contra as costas o cano dos revólveres. Deixaram-se desarmar: mais bem pagas que os seus colegas miseráveis, não o eram suficientemente para arriscar a vida. Quatro homens de Tchen que não se tinham juntado ao primeiro grupo, e pareciam passar na rua, levaram-nos ao longo da parede. Nada fora visível das janelas.

Do corredor, Tchen viu os armeiros com as espingardas. Havia no corpo da guarda só seis polícias armados de pistolas automáticas, e as armas estavam à cinta, nos coldres fechados. Atirou-se para a frente do armeiro, com o revólver apontado.

Se os polícias tivessem sido resolutos, o ataque falhava. Apesar de conhecer a casa, Tchen não teria tido tempo de designar a cada um dos seus homens aquele que deveria ameaçar; um ou dois polícias teriam podido atirar. Mas todos ergueram as mãos. Desarmados imediatamente. Um novo grupo dos homens de Tchen entrou. Uma nova distribuição de armas começou.

“Neste momento, pensou Tchen, duzentos grupos, na cidade, agem como nós. Se tiverem tanta sorte...”. Mal pegara na terceira espingarda, ouviu vir da escada o ruído de uma corrida precipitada: alguém subia a correr. Saiu. No momento em que cruzava a porta, um tiro partiu do primeiro andar. E depois mais nada. Um dos oficiais, ao descer, vira os insurrectos, atirara da escada, e voltara imediatamente para o patamar.

O combate ia começar.

Uma porta, no meio do patamar do primeiro andar, dominava os degraus. Enviar um parlamentar, à asiática? Todo o bom senso chinês que em si encontrava, Tchen detestava. Tentar tomar de assalto a escada, era suicidar-se: os polícias possuíam sem dúvida granadas de mão. As instruções da comissão militar, transmitidas por Kyo a todos os grupos, eram, em caso de revés parcial, incendiar, tomar posição nas casas vizinhas e pedir auxílio às equipas especiais. Não havia mais nada a fazer.

- Acendam!

Os homens das latas tentaram espalhar o petróleo, como a água de um balde, mas as aberturas estreitas não deixavam correr senão pequenos jactos irrisórios. Tiveram de fazê-lo correr lentamente, sobre os móveis, ao longo das paredes. Tchen olhou pela janela: em frente, lojas fechadas, janelas estreitas que dominavam a saída do posto; por cima, os telhados apodrecidos e em forma de gôndola das casas chinesas, e a calma infinita do céu pardo que nenhum fumo cruzava, do céu íntimo e baixo sobre a rua vazia. Todo o combate era absurdo, nada existia em face da vida; refez-se precisamente a tempo de ver

estilhaçarem-se caixilhos e vidraças, num ruído cristalino misturado ao barulho de um fogo de salva: atiravam de fora sobre eles.

Segunda salva. Estavam agora entre os policiais, prevenidos e senhores do andar, e os novos assaltantes, que não viam, no compartimento onde o petróleo corria. Todos os homens de Tchen estavam deitados de barriga para baixo, os prisioneiros amarrados a um canto. Se uma granada explodisse, arderiam. Um dos homens deitados resmungou, designando uma direcção com o dedo: um franco-atirador num telhado. E, na extrema esquerda da janela, deslizando com um ombro para o campo de visão, surgiam outros irregulares. Eram revoltosos, dos deles.

“Estes idiotas atiram antes de terem enviado um explorador”, pensou Tchen. Tinha no bolso a bandeira azul do Kuomintang. Tirou-a, precipitou-se para o corredor. No momento em que saía, apanhou nos rins uma pancada ao mesmo tempo furiosa e dissimulada, ao mesmo tempo que um formidável estrépito o penetrava até ao ventre. Deitou os braços para trás, a toda a força, para se deter, e viu-se por terra, meio estonteado. Nem um ruído; depois, um objecto de metal caiu e, imediatamente, gemidos entraram no corredor com a fumarada. Levantou-se; não estava ferido. Semicerrou a porta aberta pela incompreensível explosão, estendeu a bandeira para fora, com o braço esquerdo, pelo espaço livre: uma bala na mão não o teria surpreendido. Mas não; gritavam de alegria. A fumarada que saía lentamente pela janela impedia-o de ver os revoltosos da esquerda; mas os da direita chamavam-no.

Uma segunda explosão fê-lo de novo cair. Das janelas do primeiro andar os policiais cercados atiravam granadas de mão (como podiam eles abrir as janelas sem serem atingidos da rua?). A primeira, a que o tinha deitado ao chão, explodira diante da casa, e os estilhaços tinham entrado pela porta aberta e a janela em bocados, como se tivesse explodido no próprio corpo da guarda; aterrorizados pela explosão, aqueles dos seus homens que não tinham sido mortos haviam saltado para fora, mal protegidos pela fumarada. Sob o tiro dos policiais das janelas, dois tinham caído no meio da rua, joelhos no peito, como coelhos enrolados; outro, com a cara feita uma mancha vermelha, parecia sangrar do nariz. Os irregulares, esses, tinham reconhecido os seus, mas os gestos dos que chamavam Tchen fizeram compreender aos oficiais que alguém ia sair, e tinham atirado a segunda granada. Havia estoirado na rua, à esquerda de Tchen: a parede tinha-o protegido.

Do corredor, examinou o corpo da guarda. O fumo descia do tecto, com um movimento curvo e lento. Havia corpos pelo chão, gemidos enchiam o compartimento, rentes ao chão, como ganidos. No canto, um dos prisioneiros, com uma perna arrancada, berrava aos seus: “Não atirem mais!”. Os seus gritos ofegantes pareciam furar a fumarada que continuava sob o seu sofrimento a

curva indiferente, como uma fatalidade visível. Aquele homem que berrava, com a perna arrancada, não podia ficar “amarrado”, era impossível. No entanto, não iria outra granada rebentar de um instante para o outro? “Não tenho nada com isso, pensou Tchen, é um inimigo”. Mas com um buraco de carne abaixo da coxa, em vez de perna, e amarrado! O sentimento que experi-mentava era muito mais forte do que a piedade: era ele mesmo aquele homem amarrado. “Se a granada explode fora, deitar-me-ei de barriga para baixo; se ela cai aqui, é preciso que eu a atire imediatamente. Uma probabilidade em vinte de me sair bem. Que estou aqui a fazer? Que estou aqui a fazer?”. Morto, pouco importava. A sua angústia era poder ser ferido no ventre; era-lhe, contudo, menos intolerável que ver aquele ser torturado e amarrado, que aquela impotência humana na dor. Como não podia fazer mais nada, foi ao encontro do homem, de faca na mão, para lhe cortar as cordas. O prisioneiro julgou que ele ia matá-lo, quis gritar ainda mais: a voz enfraqueceu, tornou-se um silvo. Saturado de horror, Tchen apalpava-o com a mão esquerda, a que se agarravam as roupas cheias de sangue que escorria, incapaz porem de despregar o olhar da janela por onde poderia cair a granada. Sentiu finalmente as cordas, deslizou a faca por debaixo, cortou. O homem já não gritava: estava morto ou desmaiado. Tchen, com o olhar sempre fito na janela estilhaçada, voltou para o corredor. A modificação do cheiro surpreendeu-o; como se só então comesse a ouvir, compreendeu que os gemidos dos feridos se tinham mudado, também eles, em urros: na sala, os destroços impregnados de gasolina, incendiados pelas granadas, começavam a arder.

Não havia água. Antes da tomada do posto pelos revolucionários, os feridos (agora os prisioneiros não contavam, só pensava nos seus) estariam carbonizados... Sair, sair! Primeiro reflectir, para fazer em seguida o mínimo de gestos possível. Embora tremesse, o seu espírito fascinado pela fuga não deixava de estar lúcido: era preciso ir para a esquerda, onde um alpendre o abrigaria. Abriu a porta com a mão direita, fazendo com a esquerda o sinal de silêncio. Os inimigos, de cima, não podiam vê-lo, apenas a atitude dos rebeldes poderia avisá-los. Sentiu todos os olhares fixados na porta aberta, na sua silhueta atarracada, azul contra o fundo escuro do corredor. Começou a deslizar para a esquerda, colado à parede, braços em cruz, o revólver na mão direita. Avançando passo a passo, olhava as janelas, por cima dele: uma estava protegida por uma placa de blindagem disposta em alpendre. Em vão os rebeldes atiravam para as janelas: as granadas eram lançadas por baixo daquele alpendre. “Se eles tentarem lançar, devo ver a granada, e com certeza o braço, pensou Tchen, avançando sempre. Se eu a vir, tenho que a agarrar como um embrulho, e que a atirar o mais longe possível...” Não detinha a sua marcha de caranguejo. “Não poderei atirá-la para muito longe; se não estiver protegido, apanho uma quantidade de estilhaços na barriga...”.

Avançava sempre. O intenso cheiro a queimado, e a ausência súbita de apoio por trás dele (não se voltava) fizeram-lhe compreender que passava diante da janela do rés-do-chão. “Se agarrar a granada, atiro-a para o corpo da guarda, antes que ela rebente. Com a espessura da parede, ultrapassando a janela, estarei salvo”. Que importava que o corpo da guarda não estivesse vazio, que se encontrasse lá aquele homem cujas cordas cortara... e os seus próprios feridos. Não via os rebeldes, mesmo nos intervalos do fumo, porque não conseguia tirar do alpendre os olhos: mas sentia sempre os olhares que o procuravam: apesar dos tiros contra as janelas, que incomodavam os polícias, estava espantado que eles não compreendessem que algo se passava. Pensou de repente que eles possuíam poucas granadas e que espreitavam antes de as atirar; imediatamente, como se esta ideia tivesse nascido de qualquer sombra, uma cabeça apareceu no alpendre, escondida dos rebeldes, mas não dele. Freneticamente, deixando a sua atitude de dançarino na corda, atirou ao acaso, saltou para a frente, atingiu o portal. Uma salva partiu das janelas, uma granada explodiu no lugar que acabara de deixar: o polícia em quem ele não acertara, hesitara antes de passar por debaixo do anteparo a mão que segurava a granada, receando uma segunda bala. Tchen sentira uma pancada no braço esquerdo, qualquer deslocação do ar, à qual o ferimento que fizera com o punhal, antes de matar Tan-Yen-Ta, fora sensível. Sangrava outra vez, mas não lhe doía. Apertando mais o penso com um lenço, reuniu-se aos rebeldes nos becos.

Os que dirigiam o ataque estavam reunidos numa viela muito escura.

- Não podiam mandar exploradores, não?

O chefe do “tchon”, enorme chinês barbeado de mangas muito curtas, olhou aquela sombra que se aproximava, levantou lentamente as sobrancelhas, resignado.

- Mandei telefonar - respondeu simplesmente. - Esperamos agora um camião blindado.

- Como vão as outras secções?

- Tomámos metade dos postos.

- Mais nada?

- Já foi muito bom.

Toda aquela fuzilaria longínqua, eram os seus que convergiam para a Estação do Norte.

Tchen assoprava, como se tivesse saído da água, no meio do vento. Encostou-se à parede, cuja esquina os protegia a todos, retomando pouco a pouco a respiração, pensando no prisioneiro cujas cordas cortara. “Devia ter deixado aquele tipo. Para quê ter ido cortar-lhe as cordas, o que nada podia modificar?” Ainda agora,

seria capaz de não ver esse homem que se debatia, amarrado, com a perna arrancada? Por causa da sua própria ferida, pensou em Tan-Yen-Ta. Como tinha sido idiota toda a noite, toda a manhã! Nada era mais simples do que matar.

No posto, os destroços continuavam a arder, os feridos continuavam a berrar ante a aproximação das chamas; o seu clamor repetido, constante, ressoava naquela passagem baixa, tornado extraordinariamente próxima pelo afastamento das detonações, das sirenes, de todos os ruídos de guerra perdidos no ar morno. Um som afastado de ferragens se aproximou, abrangeu-os: o camião chegava. Fora blindado durante a noite, muito mal: todas as placas mexiam. Com a travagem o barulho cessou, e ouviram-se outra vez os gritos. Tchen, o único que entrara no posto, expôs a situação ao chefe do grupo de socorro. Era um antigo cadete de Vampó; à sua equipa de jovens burgueses, Tchen teria preferido um dos grupos de Katow. Se, diante dos companheiros mortos no meio da rua, joelhos na barriga, não conseguia ligar-se completamente aos seus homens, sabia, porém, que sempre detestara a burguesia chinesa; o proletariado era pelo menos a forma da sua esperança.

O oficial sabia do seu ofício. “O camião não serve para nada - disse ele - não tem sequer tecto. Basta que lhe atirem uma granada para dentro e vai tudo pelos ares; mas eu também trago granadas”. Os homens de Tchen que as tinham estavam no corpo da guarda... mortos?... e os do segundo grupo não tinham conseguido arranjá-las.

- Tentemos pelo lado de cima.

- De acordo - disse Tchen.

O oficial olhou-o com irritação: não lhe pergantara a opinião, mas não disse nada. Os dois, ele, militar apesar de à paisana, com os cabelos à escovinha, o bigode curto, o blusão ajustado pelo cinturão do revólver, e Tchen, atarracado e lívido, examinaram o posto. A direita da porta, o fumo das chamas que se aproximavam dos corpos dos seus camaradas feridos saía com uma regularidade mecânica, coordenada como gritos que a constância tornaria infantis se não fora o timbre atroz. A esquerda, nada. As janelas do primeiro andar estavam veladas. De vez em quando, um assaltante atirava ainda para uma das janelas, e alguns destroços iam aumentar no passeio uma alta poeirada de calça, de lascas, de estilhaças, onde bocados de vidro brilhavam apesar do dia enevoado. O posto já não atirava senão quando um dos rebeldes deixava o seu esconderijo.

- Como vão as outras secções? - perguntou Tchen, de novo.

- Quase todos os postos estão tomados. O principal, de surpresa, à hora e meia. Apanhámos lá oitocentas espingardas. Já podemos enviar reforços contra os que resistem, vocês são a terceira equipa que socorremos. Eles não recebem já os reforços. Bloqueámos as casernas, a Estação do Sul, o arsenal. Mas é preciso

acabar com isto aqui: temos necessidade do maior número de homens possível para o assalto. E falta o comboio blindado.

A ideia dos duzentos grupos que agiam como o seu exaltava e perturbava Tchen ao mesmo tempo. Apesar da fuzilaria que o vento brando trazia de toda a cidade, a violência dava-lhe a sensação de uma acção solitária.

Um homem tirou do caminhão uma bicicleta, partiu. Tchen reconheceu-o no momento em que ele saltava para o selim. Ma, um dos principais agitadores. Ia dar conta da situação à Comissão Militar. Tipógrafo, tendo devotado toda a sua vida, havia doze anos, a criar por toda a parte Uniões de operários tipográficos, com a esperança de agrupar todos os tipógrafos chineses; perseguido, condenado à morte, evadido, continuava organizando sempre. Gritos de alegria: ao mesmo tempo que Tchen, os homens tinham-no reconhecido e aclamavam-no. Tchen olhou-os. O mundo que preparavam juntos condenava-o, a ele, Tchen, tanto quanto o dos seus inimigos. Que faria ele na fábrica futura metido numa ganga azul?

O oficial distribuiu granadas, e dez homens foram pelos telhados tomar posição no do posto. Tratava-se de empregar contra os polícias a sua própria táctica, de fazer entrar os explosivos pelas janelas que dominavam a rua, mas não o telhado, e só uma era protegida pelo pára-vento. Os rebeldes avançaram de telhado em telhado, esguios no céu. O posto não modificava o tiro. Como se só os moribundos tivessem adivinhado este aproximar, os gritos de repente mudaram, tornaram-se gemidos. Mal se ouviam ainda. Eram agora gritos abafados de semimudos. As silhuetas atingiram a cumeeira do telhado inclinado do posto, desceram pouco a pouco; Tchen via-os pior, porque já se não recortavam no céu. Um urro gutural de mulher que dá à luz atravessou os gemidos que recomeçaram como um eco e cessaram depois.

Apesar do barulho, a ausência súbita dos gritos dava a impressão de um feroz silêncio: as chamas teriam atingido os feridos? Tchen e o oficial olharam-se, fecharam os olhos para melhor escutarem. Nada. Cada qual, reabrindo os olhos, reencontrou o olhar silencioso do outro.

Um dos homens, agarrado à decoração do telhado, avançou o braço livre acima da rua, atirou a granada para a janela do primeiro andar, que dominava: demasiado baixa. Estoirou no passeio. Lançou segunda, que entrou no compartimento onde estavam os feridos. Gritos se levantaram da janela atingida, já não os gritos de pouco antes, mas um urrar irregular de morte, o sobressalto de um sofrimento ainda não esgotado. O homem atirou a terceira granada e faliu de novo a janela.

Era um dos homens trazidos pelo camião. Tinha-se habilmente deitado para trás, com medo dos estilhaços. Inclinou-se de novo, com o braço levantado terminado

por uma quarta granada. Por detrás dele um dos homens de Tchen descia. O braço não se abaixou: todo o corpo foi arrebatado como por um enorme bólido. Uma explosão intensa ressoou no passeio; apesar da fumarada, uma mancha de sangue de um metro apareceu na parede. O fumo afastou-se: a parede estava cravejada de sangue e de carne. O segundo rebelde, perdendo o apoio e deslizando com todo o seu peso ao longo do telhado, tinha arrastado o primeiro. Ambos tinham caído sobre as suas próprias granadas, cujos fechos de segurança haviam destravado.

Do outro lado do telhado, à esquerda, homens dos dois grupos (burgueses Kuomintang e operários comunistas) chegavam com prudência. Perante a queda tinham parado: agora, recomeçavam a descer. A repressão de Fevereiro fora feita de excessivas torturas para que a insurreição tivesse falta de homens resolutos. À direita, outros homens se aproximavam. “Façam cadeia!” gritou Tchen, de baixo. Junto do posto, rebeldes repetiram o grito. Os homens agarraram-se pela mão, o mais em cima rodeando fortemente com o braço esquerdo um sólido ornamento de telhado. O lançamento das granadas recomeçou. Os sitiados não podiam ripostar.

Em cinco minutos, três granadas entraram através de duas janelas visadas, outra fez saltar o guarda-vento. Apenas a do meio não fora atingida. “Ao meio!” gritou o cadete. Tchen olhou para ele. Aquele homem sentia em comandar a satisfação de um desporto perfeito. Mal se protegia. Era valente, sem dúvida nenhuma, mas não estava ligado aos seus homens. Tchen estava ligado aos seus, mas não o bastante. Não o bastante.

Deixou o cadete, atravessou a rua, fora do campo de tiro dos sitiados. Atingiu o telhado. O homem que se agarrava ao remate fraquejava: substituiu-o. Com o braço ferido dobrado sobre aquela decoração de cimento e de estuque, agarrando com a mão direita a do primeiro homem da cadeia, não escapava à sua solidão. O peso de três homens que deslizavam estava-lhe suspenso do braço, passava-lhe através do peito como uma barra. As granadas estoiravam no interior do posto, que já não atirava. “Nós estamos protegidos pelo sótão, pensou ele, mas não por muito tempo. O telhado irá pelos ares”. Apesar da intimidade da morte, apesar daquele peso fraternal que o esquartejava, não era dos deles. “Será que mesmo o sangue é vão?”

O cadete, lá em baixo, olhava-o sem compreender. Um dos homens, subindo atrás de Tchen, ofereceu-se para o substituir.

- Está bem. Atirarei eu mesmo.

Passou-lhe a cadeia de corpos. Pelos músculos extenuados, subia-lhe um desespero sem limites. O seu rosto de coruja de olhos estreitos estava tenso, absolutamente imóvel; sentiu com pismo uma l grima correr-lhe ao longo do

nariz “O nervosismo”, pensou. Tirou uma granada do bolso, começou a descer, agarrando-se aos braços dos homens da cadeia. Mas a cadeia tinha o apoio no remate que terminava dos lados o telhado. De lá, era quase impossível atingir a janela do meio. Chegado à borda do telhado, Tchen largou o braço do atirador, suspendeu-se na perna, depois na goteira, desceu pelo tubo de queda: demasiado longe da janela para lhe tocar, estava bastante próximo para atirar. Os camaradas não se mexiam. Acima do rés-do-chão, uma saliência permitiu-lhe parar. Sofrer tão pouco da ferida espantava-o. Segurando com a mão esquerda um dos grampos de fixação da goteira, sopesou a primeira granada: “Se cai na rua, debaixo de mim, morro”. Atirou-a, com tanta força quanto lho permitiu a posição: ela entrou, estoitou no interior.

Em baixo a fuzilaria recomeçava.

Pela porta do posto, que ficara aberta, os polícias, afugentados da primeira sala, atirando ao acaso, lançavam-se para fora numa confusão de cegos espavoridos. Dos telhados, dos alpendres, das janelas, os rebeldes atiravam. Um após outro os corpos caíram, numerosos junto da porta, depois cada vez mais dispersos.

O fogo cessou. Tchen desceu, sempre suspenso da goteira: não via os pés, e caiu sobre um corpo.

O cadete entrava no posto. Ele seguiu-o, tirando do bolso a granada que não atirara. A cada passo, mais violentamente tomava consciência de que os lamentos dos feridos tinham cessado. No corpo da guarda só mortos. Os feridos estavam carbonizados. No primeiro andar, também mortos, alguns feridos.

- Agora, à Estação do Sul - disse o oficial. - Levemos as espingardas todas: outros grupos terão necessidade delas.

As armas foram postas no camião; quando acabaram todos de reunir-se, os homens subiram para a viatura, em pé, apertados, sentados na capota, agarrados aos estribos, pendurados nas traseiras. Os que ficavam foram pela ruela, em passo de ginástica. A grande marcha de sangue abandonada parecia inexplicável, no meio da rua deserta; na esquina, o camião desaparecia, eriçado de homens, com o seu chocalhar de latas, para a Estação do Sul e para os quartéis.

Logo teve que parar: a rua estava barrada por quatro cavalos mortos, e três cadáveres já desarmados. Eram os dos cavaleiros que Tchen vira no começo: o primeiro automóvel blindado tinha chegado a tempo. No chio, vidros partidos, mas ninguém senão um velho chinês com a barba em pincel, que gemia. Falou distintamente, quando Tchen se aproximou:

- É uma coisa injusta e muito triste! Quatro! Quatro! ai! - Só três - disse Tchen.

- Quatro, ai!

Tchen olhou de novo: só havia três cadáveres, um de lado como atirado com

força, dois de barriga para baixo, entre as casas mortas também, sob o céu pesado.

- Falo dos cavalos - disse o velho, com desprezo e temor: Tchen estava de revólver em punho.

- Eu, dos homens. Um dos cavalos pertencia-te?

Por certo tinham-nos requisitado pela manhã.

- Não. Mas eu era cocheiro. Animais, isso é comigo. Quatro mortos! E para nada!

O motorista interveio:

- Para nada?

- Não percamos tempo - disse Tchen.

Ajudado por dois homens, afastou os cavalos. O caminhão passou. Na extremidade da rua, Tchen, sentado num dos estribos, olhou para trás: o velho cocheiro continuava entre os cadáveres, gemendo sem dúvida, negro na rua cinzenta.

Cinco horas “A Estação do Sul caiu”.

Ferral pousou o auscultador. Enquanto marcava encontros (uma parte da Câmara do Comércio Internacional era hostil a qualquer intervenção, mas ele dispunha do maior jornal de Xangai), os progressos da revolta atingiam-no um após outro. Tinha querido telefonar sozinho. Voltou para o seu gabinete, onde Martial, acabado de chegar, discutia com o enviado de Xan-Cai-Xeque: este não tinha aceitado encontrar-se com o chefe da polícia nem no Comando, nem em casa dele. Antes mesmo de abrir a porta, Ferral ouviu, apesar da fuzilaria:

- Eu, compreenda, represento aqui o quê? Os interesses franceses...

- Mas que apoio posso eu prometer? - respondia o chinês, num tom de insistência indolente. O sr. Cônsul Geral em pessoa diz-me esperar de si informações exactas. Porque o senhor conhece muito bem o nosso país, e a gente.

O telefone do gabinete tocou.

- “O Conselho Municipal caiu” - disse Martial.

E, mudando de tom:

- Eu não digo que não tenha certa experiência psicológica deste país, e dos homens em geral. Psicologia e acção, é o meu ofício; e no que...

- Mas, se indivíduos tão perigosos para o seu país e para o nosso, perigosos para a paz da civilização, se refugiam, como sempre, na concessão? A polícia internacional...

“Cá estamos, pensou Ferral que entrava. Quer saber se Martial, em caso de

ruptura, deixaria os chefes comunistas refugiarem-se entre nós”.

- ...prometeu-nos toda a benevolência... Que fará a polícia francesa?

- Cá nos arranjaremos. Tenham só isto em atenção: nada de histórias com mulheres brancas, a não ser russas Tenho sobre isso instruções muito rigorosas. Mas já lhe disse: nada de oficial. Nada de oficial.

No gabinete moderno (nas paredes, Picassos do período róseo, e um esquisso erótico de Fragonard), os interlocutores, de pé, estavam de cada lado de uma grande Kwannyn de pedra negra, da dinastia Tang, comprada a conselho de Clappique e que Gisors supunha falsa. O chinês, um jovem coronel de nariz curvo, à paisana, abotoado de alto a baixo, fitava Martial e sorria, com a cabeça inclinada para trás;

- Agradeço-lhe em nome do meu partido... Os comunistas são muito traidores: traem-nos, a nós, fiéis aliados deles. Ficara assente que colabora-riamos, e que a questão social seria posta, quando a China estivesse unificada. E põem-na já. Não respeitam o acordo. Não querem saber da China mas dos Sovietes. Os mortos do exército não morreram pelos Sovietes, mas pela China. Os comunistas são capazes de tudo. E é por isso que tenho de lhe perguntar, sr. Director, se a polícia francesa põe alguma objecção em cuidar da segurança pessoal do General.

Era evidente que pedira o mesmo serviço à polícia internacional.

- De boa vontade - respondeu Martial. - Mande-me o chefe da vossa polícia. É ainda Köenig?

- Ainda. Diga-me, sr. Director: estudou a história romana?

- Naturalmente.

“Na escola nocturna”, pensou Ferral.

O telefone, outra vez Martial pegou no auscultador. - “As pontes foram tomadas” - disse, pousando-o - Dentro de um quarto de hora a revolução ocupará a cidade.

- A minha opinião - continuou o chinês como se não tivesse ouvido - é que a corrupção dos costumes perdeu o Império Romano. Não acha que uma organização técnica da prostituição, uma organização ocidental, como a da polícia, poderia dominar os chefes de Anqueu, que não valem os do Império Romano?

- É uma ideia... mas não creio que seja aplicável. Seria preciso reflectir muito nisso...

- Os europeus não compreendem nunca da China senão o que se lhes assemelha.

Um silêncio. Ferral divertia-se. O chinês intrigava-o: aquela cabeça deitada para trás, quase desdenhosa, e, ao mesmo tempo, aquele acanhamento... “Anqueu afogada em comboios de prostitutas...” pensou. E conhece os comunistas. E que

tenha algum conhecimento de economia política não é de excluir. Espantoso!.. “Talvez se preparassem já soviets na cidade, e aquele tipo sonhava com os astuciosos ensinamentos do Império Romano. Gisors tem razão, procuram sempre truques”. Outra vez o telefone:

- “As casernas estão cercadas” - disse Martial. Os reforços do Governo já não podem chegar.

- A Estação do Norte? - perguntou Ferral.

- Ainda não foi tomada.

- Então, o Governo pode trazer tropas da frente?

- Talvez - disse o chinês. - As suas tropas e os seus tanques recuam para Nanquim. Pode enviá-las para aqui. O comboio blindado ainda pode combater seriamente.

- Sim, em volta do comboio e da estação, é que vai ser - continuou Martial. - Tudo o que é tomado é organizado a par e passo: a insurreição tem certamente quadros russos ou europeus; os funcionários coniventes de cada administração guiam os revolucionários. Há uma comissão militar que dirige tudo. Toda a polícia está neste momento desarmada. Os vermelhos têm pontos de reunião, de onde as tropas são dirigidas contra os quartéis.

- Os Chineses têm um grande sentido da organização - disse o oficial.

- Como é protegido Xan-Cai-Xeque?

- O seu automóvel é sempre precedido pelo da guarda pessoal. E nós temos os nossos informadores.

Ferral compreendeu enfim a razão daquele porte desdenhoso da cabeça, que começava a irritá-lo (a princípio, parecera-lhe sempre que o oficial, por cima da cabeça de Martial, fitava o seu esboço erótico): uma belida no olho direito obrigava o oficial a olhar de cima para baixo.

Não basta - respondeu Martial. - Temos de tratar disso. Quanto mais cedo melhor. Agora tenho de me pôr a andar: trata-se de eleger a Comissão Executiva que tomará conta do poder. Nisso, poderei talvez alguma coisa. E também da eleição do prefeito, o que não é nada...

Ferral e o oficial ficaram sós.

- Então, - disse o chinês, com a cabeça para trás - podemos desde já contar consigo?

- Liu-Ti-Yu espera - respondeu-lhe.

Chefe da associação dos banqueiros de Xangai, presidente honorário da Câmara de Comércio chinesa, ligado a todos os chefes das corporações, era quem podia agir, nesta cidade chinesa, que as secções revoltadas começavam sem dúvida a

ocupar, melhor ainda que Ferral nas concessões. O oficial inclinou-se e saiu. Ferral subiu ao primeiro andar. Num canto de um gabinete moderno, ornado, por toda a parte, de esculturas do Alto Império chinês, com fato de pano branco por cima de uma camisola branca como os seus cabelos à escovinha, sem colarinho, com as mãos postas nos varões niquelados do sofá, Liu-Ti-Yu, com efeito, esperava. Todo o rosto estava na boca e nos maxilares: uma enérgica rã velha.

Ferral não se sentou:

- Você está resolvido a acabar com os comunistas. – Não interrogava, afirmava.
- Nós também, , evidente. - Começou a caminhar de lés a lés, ombros para a frente... Xan-Cai-Xeque está prestes a romper com eles.

Ferral nunca descobrira a desconfiança num rosto chinês. Este acreditá-lo-ia? Estendeu-lhe uma caixa de cigarros. Esta caixa, depois que decidira não fumar, estava sempre aberta no seu gabinete, como se vê-la continuamente reafirmasse a força do seu carácter, confirmando-o assim na decisão.

- É preciso ajudar Xan-Cai-Xeque. É para si uma questão de vida ou de morte. Não é admissível que a situação actual se mantenha. - retaguarda do exército, na província, os comunistas começam a organizar Uniões de Campo-neses. O primeiro decreto das Uniões ser nacionalizar os prestamistas (Ferral não dizia: os usurários). A maior parte dos vossos capitais está nas províncias, o mais seguro dos vossos depósitos bancários , garantido pelas terras. Os soviets camponeses...

- Os comunistas não se atreverão a organizar soviets na China.

- Não brinquemos com as palavras, sr. Liu. Uniões ou soviets, as organizações comunistas vão nacionalizar a terra, e declarar ilegais os títulos de dívida. Estas duas medidas suprimem o essencial das garantias em nome das quais os créditos estrangeiros vos foram concedidos. Mais de um bilião, incluindo os meus amigos japoneses e americanos. Não se pode garantir esta quantia com um comércio paralisado. E, mesmo sem falar dos nossos créditos, estes decretos bastam para fazer falir todos os bancos chineses. É evidente.

- O Kuomintang não permitirá.

- Não existe Kuomintang. Há os azuis e os vermelhos. Entenderam-se até agora, e mal, porque Xan-Cai-Xeque não tinha dinheiro. Tomada Xangai... amanhã... Xan-Cai-Xeque pode pagar o exército quase só com as alfândegas. Não completamente. Conta conosco. Os comunistas pregaram por toda a parte a expropriação das terras. Diz-se que se esforçam por retardá-la: , demasiado tarde. Os camponeses compreenderam os discursos deles e não são membros do partido. Terão de fazer o que os camponeses quiserem.

- Nada pode deter os camponeses senão a força. Já o disse ao sr. Côsul-Geral da Grã-Bretanha.

Encontrando quase o tom da sua voz na do interlocutor, Ferral teve a impressão de que o convenciera.

- Eles já tentaram apoderar-se das terras. Xan-Cai-Xeque está resolvido a não deixar. Deu ordem que se não tocassem em terras que pertençam a oficiais ou a parentes de oficiais. É preciso...

- Nós somos todos parentes de oficiais. - Liu sorriu. - Há uma única terra na China cujo proprietário não seja parente de oficial?...

Ferral conhecia a parentela chinesa.

Outra vez o telefone.

- “O arsenal está cercado” - disse Ferral. - Todos os organismos governamentais estão tomados. O exército revolucionário está em Xangai amanhã. E preciso que a questão seja resolvida “agora”. Compreenda-me bem. Em consequência da propaganda comunista, numerosas terras foram tiradas aos seus proprietários; Xan-Cai-Xeque tem de aceitar, ou dar ordem de fuzilamento daqueles que as tomaram.

O governo vermelho de Anqueu não pode aceitar uma tal ordem.

- Contemporizará.

- Bem sabe no que se converteram as acções das sociedades inglesas, após a tomada da concessão inglesa de Anqueu. Bem sabe qual será a sua própria situação, quando as terras, sejam quais forem, tiverem sido legalmente arrebatadas aos possuidores. Xan-Cai-Xeque, ele mesmo, sabe e diz que é obrigado a romper “agora”. Quer ajudá-lo, sim ou não?

Liu falou secamente, com a cabeça metida nos ombros. Fechou os olhos, abriu-os, fixou Ferral com o olho pisco do velho usurário de qualquer lugar na terra:

- Quanto ?

- Cinquenta milhões de dólares.

Ele atirou de novo:

- Só para nós?

- Sim.

Liu fechou os olhos. Por sobre o ruído abafado da fuzilaria, de minuto a minuto, o comboio blindado disparava.

Se os amigos de Liu se decidiam, seria preciso lutar ainda; se não se decidiam, o comunismo triunfaria sem dúvida na China. “Eis um dos momentos em que o destino do mundo leva uma volta...”, pensou Ferral, com um orgulho em que havia exaltação e indiferença. Não despregava os olhos do interlocutor. O velho, de olhos fechados, parecia dormir, mas, nas costas das mãos, as veias azuis,

encordoadas, fream como nervos. “É preciso também um argumento individual”, pensou Ferral.

- Xan-Cai-Xeque - disse - não pode deixar despojar os seus oficiais. E os comunistas estão decididos a assassiná-lo. Ele sabe-o.

Dizia-se havia alguns dias, mas Ferral duvidava.

- De quanto tempo dispomos? - perguntou Liu. E, logo em seguida, com um olho fechado, o outro aberto, malicioso à direita, envergonhado à esquerda: - Tem a certeza de que ele não ficará com o dinheiro, sem cumprir as promessas?

- Há também o “nosso” dinheiro, e não é de promessas que se trata. Ele “não pode fazer” outra coisa. E, compreenda-me bem, não, porque os senhores lhe pagam que ele tem que destruir os comunistas, é porque ele tem que destruir os comunistas que os senhores lhe pagam.

- Vou reunir os meus amigos.

Ferral conhecia o costume chinês, e a influência daquele que fala.

- Qual ser a vossa opinião?

- Xan-Cai-Xeque pode ser derrotado pela gente de Anqueu. Há lá duzentos mil desempregados.

- Se o não ajudarmos, sê-lo- pela certa.

- Cinquenta milhões... É muito... muito...

Olhou por fim Ferral de frente

- Menos do que seríeis obrigados a dar a um governo comunista.

O telefone.

- “O comboio blindado foi isolado” - continuou Ferral.- Mesmo que o governo queira mandar vir tropas da frente, já não pode.

Estendeu a mão.

Liu apertou-lha, deixou a sala. Da enorme janela cheia de farrapos de nuvens, Ferral viu o automóvel afastar-se, o motor abafando por momentos as salvas. Mesmo vencedor, a situação das suas empresas obrigá-lo-ia talvez a pedir o auxílio do governo francês, que o recusava tantas vezes, que acabara de o recusar ao Banco Industrial da China; mas, agora, ele era uma das pessoas através das quais jogava a sorte de Xangai. Todas as forças económicas, quase todos os consulados faziam o mesmo jogo que ele: Liu pagaria. O comboio blindado continuava a atirar. Sim, pela primeira vez, havia uma organização do outro lado. Os homens que a dirigiam, gostaria de os conhecer. De os mandar fuzilar também.

A tarde de guerra perdia-se na noite. Rentes ao solo, acendiam-se as luzes, e o rio

invisível chamava a si, como sempre, o pouco de vida que restava na cidade. Vinha de Anqueu, este rio. Liu tinha razão, e Ferral sabia-o: aí estava o perigo. Aí se organizava o exército vermelho. Aí dominavam os comunistas. Desde que as tropas revolucionárias, como um limpa-neves, acossavam os nortistas, toda a “esquerda” sonhava com esta terra da promessa: a pátria da Revolução estava na sombra esverdeada dessas fundições, desses arsenais, antes mesmo de ela os ter tomado; agora, possuía-os, e os caminhantes miseráveis, que se perdiam na bruma persistente onde as lanternas se tornavam cada vez mais numerosas, avançavam todos no sentido do rio, como se todos tivessem também chegado de Anqueu com os seus clamores de derrota, presságios enxotados até ele pela noite ameaçadora.

Onze horas

Depois da partida de Liu, antes e depois do jantar, chefes de sindicatos, banqueiros, directores de companhias de seguros e de transportes fluviais, importadores, donos de fiações. Todos dependiam de qualquer modo do Grupo Ferral ou de um dos grupos estrangeiros que tinham ligado a sua política à do Consórcio Franco-Asiático: Ferral não contava só com Liu. Coração vivo da China, Xangai palpitava da passagem de tudo o que a fazia viver; até aos confins dos campos (a maior parte dos proprietários de terras dependia dos bancos), os vasos sanguíneos confluíam como os canais para aquela capital onde se decidia o destino chinês. A fuzilaria continuava. Agora, era preciso esperar.

No quarto ao lado, Valérie estava deitada. Embora fosse sua amante havia uma semana, nunca tinha pretendido amá-la: ela teria sorrido, com uma insolente complicidade. Também ela lhe não tinha dito nada, pela mesma razão talvez. Os obstáculos de que a sua vida presente era feita impeliavam-no para o erotismo, não para o amor. Sabia que já não era novo, e esforçava-se por se persuadir que a sua lenda supriria o resto. Era Ferral e conhecia as mulheres. Tão bem, com efeito, que não acreditava uma palavra do que dizia a si mesmo. Lembrava-se de um dos amigos, doente inteligente, a quem invejara amantes. Um dia que a seu respeito interrogara Valérie: “Não há nada mais comovedor num homem que a união da força e da fraqueza”, dissera-lhe ela. Persuadido que nenhum ser se explica pela própria vida, recordava esta frase dela mais que tudo o que ela lhe confiara da sua.

Esta grande modista rica não era venal (ainda não, pelo menos). Afirmava que o erotismo de muitas mulheres consistia em despirem-se diante de um homem escolhido, e em não gozar completamente senão uma vez. Pensaria em si própria? Era contudo a terceira vez que com ele se deitava. Sentia nela um orgulho semelhante ao dele. “Os homens têm as viagens, as mulheres têm os amantes”, dissera ela, na véspera. Agradar-lhe-ia ele, como a muitas mulheres, pelo contraste entre a dureza e as delicadezas de que dava prova? Ele não ignorava que comprometia neste jogo o orgulho... o essencial da sua vida. O que não era sem perigos com uma parceira que dizia: “Nenhum homem é capaz de falar das mulheres, querido, porque nenhum homem compreende que qual-quer nova pintura, qualquer novo vestido, qualquer novo amante, pressupõe uma alma nova...”, com o competente sorriso.

Entrou no quarto. Deitada, com os cabelos no recôncavo do braço torneado, ela fixou-o, sorridente.

O sorriso dava-lhe a vida simultaneamente intensa e abandonada que o prazer dá. Em repouso, a expressão de Valérie era de uma tristeza suave, e Ferral

recordava-se que, na primeira vez que a tinha visto, dissera que ela tinha um rosto contraditório... o rosto que condizia com o que os olhos tinham de doce. Mas entrasse o coquetismo em jogo, e o sorriso que entreabria a sua boca em arco, mais alto nas comissuras que no meio, concordante de um modo imprevisível com os seus cabelos curtos ondulados em madeixas e com os olhos então menos ternos, dava-lhe, apesar da fina regularidade dos traços, a expressão complexa do gato em atitude de abandono. Ferral estimava os animais, como todos aqueles cujo orgulho, demasiado grande para se adaptarem aos homens; e os gatos, sobretudo.

Beijou-a. Ela estendeu a boca. “Por sensualidade ou por horror à ternura?” perguntava ele a si próprio, enquanto se despia na casa de banho. A lâmpada estava partida, e os objectos de “toilette” pareciam avermelhados, iluminados pelos incêndios. Olhou através da janela: na avenida, uma multidão em movimento, milhões de peixes sob o estremecer de uma água escura: pareceu-lhe de repente que a alma desta multidão se tinha abandonado como o pensamento dos adormecidos que sonham, e que ela ardia com uma alegre energia nessas chamas abundantes que iluminava os limites dos edifícios.

Quando voltou, Valérie meditava e já não sorria. Embora estivesse habituado a esta diferença de expressão, pareceu-lhe, uma vez mais, sair de uma loucura. Queria apenas ser amado pela mulher do sorriso, do qual esta mulher sem sorriso o separava como uma estranha? O comboio blindado atirava de minuto a minuto, como numa salva triunfal: estava ainda em poder dos governamentais, com o quartel, o arsenal e a igreja russa.

- Querido, - perguntou ela - tornou a ver o sr. Clappique?

Toda a colónia francesa de Xangai conhecia Clappique. Valérie tinha-o encontrado num jantar na antevéspera, a fantasia dele encantava-a.

- Sim. Encarreguei-o de me comprar umas aquarelas de Kama.

- Encontram-se nos antiquários?

- Nenhuma. Mas Kama volta da Europa, passar aqui dentro de quinze dias. Clappique estava cansado, só contou duas histórias: a de um ladrão chinês que foi apanhado por se ter introduzido por um buraco em forma de lira na casa de senhoras que ele arrombara, e esta: “Ilustre-Virtude” há vinte anos, que cria coelhos. Do lado da alfândega, a sua casa, do outro, as coelheiras. Os funcionários, substituídos uma vez mais, esquecem-se de avisar os sucessores da sua passagem diária.

Chega ele, com o cesto cheio de erva debaixo do braço. “Eh lá! Mostra o teu cesto.” Debaixo da erva, relógios e correntes, lâmpadas eléctricas, m quinas fotográficas. “É isto que dá a comer aos seus coelhos?”

“Sim, sr. director da alfândega. E... (ameaçador para com os coelhos)... e se não gostam disto, não terão mais nada.”

- Ora! - disse ela. - É uma história científica, agora compreendo tudo. Os coelhos-clarins, os coelhos-tambores, bem sabe, todos estes animaizinhos que vivem tão bem na Lua e lugares quejandos, e tão mal nos quartos de crianças, que é de onde eles vêm... É também uma amarga injustiça essa triste história do Ilustre-Virtude. E os jornais revolucionários vão protestar imenso, creio, porque, na verdade, tenho a certeza que os coelhos dele comiam essas coisas.

- Leu a “Alice no País das Maravilhas”, querida?

Desprezava as mulheres, sem as quais não podia passar, o bastante para lhes chamar querida.

- Como pode duvidar disso? Sei-o de cor.

- O seu sorriso faz-me pensar no fantasma do gato que nunca se materializava, e do qual não se via senão um encantador sorriso de gato, flutuando no ar. Ah! Por que ser que a inteligência das mulheres quer sempre escolher outro objecto além do seu próprio?

- E qual, o próprio, querido?

- O encanto e a compreensão, é evidente.

Ela reflectiu.

- Os homens chamam assim à submissão do espírito. Vocês não reconhecem numa mulher senão a inteligência que os aplaude. É tão, tão repousante...

- Dar-se, para uma mulher, e possuir, para um homem, são os únicos meios que os seres têm de compreender seja o que for...

- Não acha, querido, que as mulheres não se dão nunca (ou quase) e que os homens não possuem nada? É um jogo: “Eu julgo que a possuo, portanto ela julga que é possuída...” Sim? Realmente? O que vou dizer é muito mal comparado, mas não acha que é a história da rolha que se julgava muito mais importante do que a garrafa?

A liberdade dos costumes numa mulher excitava Ferral, mas a liberdade de espírito irritava-o. Sentiu-se vido de fazer renascer o único sentimento que lhe dava vantagem sobre uma mulher: a vergonha cristã, o reconhecimento pela vergonha sofrida. Se ela não o adivinhava, adivinhou que ele se separava dela, e, sensível por outro lado a um desejo físico que via crescer, divertida com a ideia de que podia atraí-lo à vontade, olhou-o, com a boca entreaberta (visto que ele amava o seu sorriso...), o olhar oferecido, certa de que, como quase todos os homens, ele tomaria por um abandono o desejo que ela tinha de o seduzir.

Ele juntou-se-lhe na cama. As carícias davam a Valérie uma expressão fechada

que ele quis ver transformar-se. Apelava para a outra expressão com demasiada paixão para não esperar que a voluptuosidade a fixaria no rosto de Valérie, crente de que destruíra uma máscara, e que o que ela tinha de mais profundo, de mais secreto, era necessariamente o que ele preferia nela: só tivera relações com ela às escuras. Mas mal, com a mão, lhe afastou suavemente as pernas, ela apagou a luz. Ele reacendeu-a.

Procurara o interruptor às apalpadelas, e ela supôs um equívoco: apagou outra vez. Ele acendeu logo. De nervos muito sensíveis, ela sentiu-se, ao mesmo tempo, muito próxima do riso e da cólera; mas deu com o olhar dele que afastara o interruptor, e teve a certeza que ele esperava o mais evidente prazer da transformação sensual dos seus traços. Sabia que só era realmente dominada pela sexualidade no princípio de uma ligação, e de surpresa; assim que viu que não encontraria o interruptor, a tepidez que conhecia arrebatou-a, subiu-lhe ao longo do torso até aos bicos dos seios, até aos lábios que adivinhou, pelo olhar de Ferral, entumecerem insensivelmente. Escolheu a tepidez e, com as coxas e com os braços apertando-o contra ela, mergulhou em longas pulsações longe de uma margem, para a qual sabia que seria atirada, daí a pouco, com ela mesma, a resolução de não lhe perdoar.

Valérie dormia. A regular respiração e o abandono do dormir inchavam-lhe os lábios com doçura, e também com a expressão perdida que lhe deva o gozo. “Um ser humano, pensou Ferral, uma vida individual, isolada, única, como a minha...”.

Imaginou-se ela, habitando o seu corpo, sentindo em seu lugar este gozo que ele não podia sentir senão como uma humilhação; imaginava-se ele mesmo, humilhado por àquela voluptuosidade passiva, por aquele sexo de mulher. “É idiota, ela sente em função do seu sexo, como eu em função do meu, nem mais nem menos. Ela sente como um nó de desejos, de tristeza, de orgulho, com um destino... É evidente.” Mas não naquele momento: o sono e os lábios entregavam-na a uma sensualidade perfeita, como se ela tivesse aceitado o não ser já um ser vivo e livre, mas apenas esta expressão de reconhecimento de uma conquista física. O grande silêncio da noite chinesa, com o seu cheiro de cânfora e de folhas, adormecido também até ao Pacífico, cobria-a, fora do tempo: nem um navio chamava, nem um tiro se ouvia. Ela não arrastava para o seu sono recordações e esperanças que jamais possuiria, nada mais tinha senão o outro polo do seu próprio prazer. Nunca vivera, nunca fora uma rapariguinha.

O canhão, outra vez: o comboio blindado recomeçava a atirar.

Dia seguinte

Quatro horas

De uma loja de relojoeiro transformada em posto, Kyo observava o comboio blindado. A duzentos metros para a frente e para trás, os revolucionários tinham feito saltar os carris, arrancando a passagem de nível. Do comboio que barrava a rua (imóvel e morto), Kyo só via as carruagens, uma fechada como um vagão “J”, outra esmagada, como debaixo de um reservatório de petróleo, sob o seu torreão de onde saía um canhão de pequeno calibre. Não havia homens: nem os sitiados escondidos por detrás das suas portinholas blindadas, nem os assaltantes entrincheirados nas casas que dominavam a via. Por trás de Kyo, para os lados da igreja russa, da Imprensa Comercial, o tiroteio não cessava. Os soldados dispostos a deixarem-se desarmar não contavam, os outros iam morrer. Todas as secções rebeldes estavam agora armadas; as tropas governamentais, rota a frente, fugiam para Nanquim nos comboios sabotados e pelos lamaçais das estradas, num vento chuvoso. O exército do Kuomintang atingiria Xangai em poucas horas: de momento a momento, chegavam estafetas.

Tchen entrou, sempre vestido de operário, sentou-se ao lado de Kyo, olhou para o comboio. Os seus homens estavam de guarda por trás de uma barricada, a cem metros dali, mas não deviam atacar.

O canhão do comboio, de perfil, mexia. Como nuvens muito baixas, cortinas de fumo, último rasto do incêndio extinto, deslizavam ante ele.

- Não me parece que ainda tenham muitas munições – disse Tchen.

O canhão saía da torrinha como um telescópio de observatório, e mexia com uma mobilidade prudente; apesar das blindagens, a hesitação do movimento fazia-o parecer frágil.

- Assim que os nossos canhões aqui estiverem... - disse Kyo.

Aquilo que eles olhavam deixou de mexer, atirou. Em resposta, uma salva crepitou contra a blindagem. Uma aberta apareceu no céu pardo e branco, mesmo por cima do comboio. Um correio trouxe uns documentos a Kyo.

- Não estamos em maioria na comissão - disse este.

A assembleia dos delegados, reunida clandestinamente pelo partido Kuomintang, antes da insurreição, elege a uma comissão central de vinte e seis membros, dos quais quinze comunistas; mas esta comissão acabava de eleger por sua vez a comissão executiva que ia organizar o governo municipal. Nela residia a eficácia; e nela os comunistas não estavam em maioria.

Um segundo correio, de uniforme, entrou, parou no limiar Ma porta.

- O arsenal foi tomado.
- Os tanques? - perguntou Kyo.
- Foram para Nanquim.
- Vens do exército?

Era um soldado da primeira Divisão, a que abrangia o maior número de comunistas. Kyo interrogou-o. O homem vinha azedo: todos perguntavam para que servia a Internacional. Tudo tinha sido dado à burguesia do Kuomintang; os parentes dos soldados, camponeses quase todos, eram obrigados a pagar a pesada cotização do fundo de guerra, enquanto para a burguesia os impostos eram moderados. Se queriam expropriar as terras, as ordens superiores proibiam-nos. A tomada de Xangai ia mudar tudo aquilo, pensavam os soldados comunistas; ele, o mensageiro, não estava muito certo disso. Esclarecido por um só aspecto, usava maus argumentos, mas era fácil tirar dele melhores. A guarda vermelha, respondia Kyo, as milícias operárias iam ser criadas em Xangai, havia em Anqueu mais de duzentos mil desempregados. Ambos, de minuto a minuto, se calavam, escutavam.

- Anqueu... - disse o homem. - Bem sei que há Anqueu...

As vozes abafadas como que ficavam perto deles, retidas pelo ar agitado que parecia também esperar o canhão. Ambos pensavam em Anqueu, “a cidade mais industrializada da China inteira”. Onde se organizava um novo exército vermelho; onde, naquele momento, as secções operárias aprendiam a manejar espingardas...

De pernas afastadas, punhos nos joelhos, boca aberta, Tchen olhava, e não dizia nada.

- Tudo vai depender do Prefeito de Xangai - continuou Kyo.
- Se ele é dos nossos, pouco importa a maioria. Se ele é da direita...

Tchen viu as horas. Naquela loja de relojoeiro, trinta relógios de parede pelo menos, andando ou parados, indicavam horas diferentes. Salvas precipitadas juntaram-se em avalanche. Tchen hesitou em olhar para fora; não podia despegar os olhos deste universo de movimentos de relojoaria, impassíveis na Revolução. O movimento dos correios que se retiravam libertou-o: decidiu-se por fim a olhar para o seu próprio relógio.

- Quatro horas. Pode saber-se...

Pôs a funcionar o telefone de campanha, pousou raivosamente o auscultador, voltou-se para Kyo:

- O Prefeito é da direita.
- Expandir em primeiro lugar a Revolução, e em seguida aprofundá-la... -

respondeu Kyo, mais como uma pergunta do que como uma resposta. - A directiva da Internacional parece ser que se deixe aqui o poder à burguesia. Provisoriamente... Vamos ser roubados. Estive com correios da frente: todo o movimento operário é interdito à retaguarda. Xan-Cai-Xeque mandou atirar sobre os grevistas, tomando algumas precauções.

Um raio de sol entrou. Lá no alto, a mancha azul do céu aumentava. A rua encheu-se de sol. Apesar das salvas, o comboio blindado, àquela luz, parecia abandonado. Atirou de novo. Kyo e Tchen observavam-no com menos atenção agora. Talvez o inimigo estivesse mais perto deles. Muito inquieto, Kyo olhava confusamente o passeio, que brilhava ao provisório sol. Uma grande sombra nele se alongou. Ergueu a cabeça: Katow.

- Antes de quinze dias - continuou Kyo - o governo Kuomintang proibirá as nossas secções de assalto. Acabo de estar com oficiais azuis, enviados da frente para nos sondarem, nos insinuarem astuciosamente que as armas estariam melhor nas mãos deles que nas nossas. Desarmar a guarda operária: e eles terão a polícia, a Comissão, o Prefeito, o Exército e as armas. E fizemos nós a revolução para isto. Devemos abandonar o Kuomintang, isolar o partido comunista, e, se possível, dar-lhe o poder. Não se trata de jogar o xadrez, mas de pensar seriamente no proletariado, em tudo isto. Que lhe aconselhámos?

Tchen olhava para os seus pés finos e sujos, nus nos tamancos.

- Os operários “têm razão” em fazer greve. Nós mandamos que cessem a greve. Os camponeses querem apoderar-se da terra. Têm razão. E nós não os deixamos.

O seu sotaque não sublinhava as palavras mais extensas.

- As nossas ordens são as dos azuis - continuou Kyo - com umas promessas mais. Mas os azuis dão aos burgueses o que, lhes prometem, e nós não damos aos operários o que prometemos aos operários.

- Basta - disse Tchen, sem sequer levantar os olhos. - Primeiro, é preciso matar Xan-Cai-Xeque.

Katow ouvia em silêncio.

- Isso é o futuro - disse por fim. - Presentemente, matam os nossos. Sim. E, no entanto, Kyo, não estou certo de ser da tua opinião, vê lá. No princípio da Revolução, quando eu era ainda socialista revolucionário, éramos todos contra a tática de Lenine na Ucrânia. Antonov, o comissário, prendera os proprietários das minas e aplicara-lhes dez anos de trabalhos forçados por sabotagem. Sem julgamento. Com a sua autoridade de Comissário da Tcheka, Lenine felicitou-o; nós protestámos todos. Eram autênticos exploradores os proprietários, bem sabes, e muitos de nós tinham estado nas minas, como condenados: é por isso que

pensávamos que era necessário ser especialmente justos com eles, para exemplo. Contudo, se os tivéssemos posto em liberdade, o proletariado não teria compreendido. Lenine tinha razão. A justiça estava do nosso lado, mas Lenine tinha razão. E éramos também contra os poderes extraordinários da Tcheka. E preciso ter cuidado. A ordem actual, boa expandir a revolução, e em seguida aprofundá-la. Lenine não disse logo: “Todo o poder para os soviets”.

- Mas não disse nunca: o poder para os mencheviques. Nenhuma situação pode obrigar-nos a darmos as nossas armas aos azuis. Nenhuma. Porque então, que a Revolução está perdida, e só há que...

Um oficial do Kuomintang entrava, pequeno, teso, quase japonês. Cumprimentos.

- O exército estar aqui dentro de meia hora - disse ele.

- Temos falta de armas. Quantas podem enviar-nos?

Tchen caminhava de lés a lés. Katow esperava.

- As milícias operárias devem ficar armadas - disse Kyo.

- O meu pedido, feito de acordo com o governo de Anqueu - respondeu o oficial.

Kyo e Tchen sorriram.

- Peço-lhe que se informe - continuou ele.

Kyo manejou o telefone.

- Mesmo que a ordem... - começou Tchen, em cólera.

- Cala-te! - gritou Kyo.

Escutava. Katow pegou no segundo auscultador. Pousaram.

- Bem - disse Kyo. - Mas os homens estão ainda em combate.

- A artilharia não tarda aí - disse o oficial. - Acabaremos nós com tudo isso...

Indicou o comboio blindado, enalhado ao sol.

- ...nos mesmos. Podem entregar as armas ao exército, amanhã à noite? Temos uma urgente necessidade delas. Continuamos a marchar para Nanquim.

- Ponho em dúvida que seja possível recuperar mais de metade das armas.

- Por quê?

- Nem todos os comunistas aceitarão devolver as suas.

- Mesmo com ordem de Anqueu?

- Mesmo com ordem de Moscovo. Pelo menos, imediatamente.

Sentiam a exasperação do oficial, embora este a não manifestasse.

- Vejam o que podem fazer - disse ele. - Mandarei alguém pelas sete horas.

Saiu.

- És da opinião de devolver as armas? - perguntou Kyo a Katow.

- Tento compreender. É preciso, antes de mais, ir a Anqueu, bem vês. Que pretende a Internacional? Primeiro, servir-se do exército do Kuomintang para unificar a China. Desenvolver, em seguida pela propaganda e o resto, esta Revolução que deve por si transformar-se de revolução democrática em revolução socialista.

- É preciso matar Xan-Cai-Xeque - disse Tchen.

- Xan-Cai-Xeque não nos deixar chegar a tanto - respondeu Kyo a Katow. - Não pode. Não pode manter-se aqui, senão apoiado nas alfândegas e nas contribuições da burguesia, e a burguesia não pagar para nada: é preciso que ele lhe retribua em comunistas liquidados.

- Tudo isto - disse Tchen - é falar sem dizer nada.

- Deixa-nos em paz - disse Katow. - Pensas em tentar matar Xan-Cai-Xeque, sem o acordo da Comissão Central ou pelo menos do delegado da Internacional?

Um rumor longínquo enchia pouco a pouco o silêncio.

- Vais a Anqueu? - perguntou Tchen a Kyo.

- Claro que vou.

Tchen andava de ponta a ponta no compartimento, debaixo das pêndulas e dos cucos que continuavam a bater o compasso.

- O que eu disse é muito simples - continuou por fim. - O essencial. A única coisa a fazer. Avisa-os.

- Esperarás?

Kyo sabia que, se Tchen, em vez de lhe responder, hesitava, não era porque Katow o tivesse convencido. Era que nenhuma das ordens presentes da Internacional satisfazia a paixão profunda que o fizera revolucionário; se, por disciplina, as aceitasse, não poderia agir. Kyo olhava, sob os relógios, esse corpo hostil que fizera à Revolução o sacrifício de si próprio e dos outros, e que a Revolução ia talvez atirar para a solidão com a recordação dos assassinios. Ao mesmo tempo dos seus e contra ele, Kyo já não podia nem juntar-se-lhe nem afastar-se dele. Na fraternidade das armas, no próprio instante em que fixava o comboio blindado que talvez atacassem juntos, sentia a ruptura possível como teria sentido a ameaça da crise num amigo epiléptico ou doido, no momento da maior lucidez.

Tchen recomeçara o caminhar, sacudiu a cabeça como para protestar, disse finalmente: “Bom”, encolhendo os ombros, como se tivesse respondido assim

para satisfazer em Kyo algum desejo infantil.

O rumor voltou mais forte, mas tão confuso que tiveram de escutar muito atentamente para distinguir de onde ele vinha. Parecia que vinha da terra.

- Não - disse Kyo - são gritos.

Aproximavam-se, e tornavam-se mais precisos.

- Teriam tomado a igreja russa?... - perguntou Katow.

Muitos governamentais estavam lá entrincheirados. Mas os gritos aproximavam-se, como se viessem do arrabalde para o interior. Cada vez mais fortes. Impossível distinguir as palavras. Katow deitou um olhar para o comboio blindado.

- Chegar-lhes-iam reforços?

Os gritos, sempre sem palavras, tornavam-se cada vez mais próximos, como se qualquer nova importante fosse transmitida de multidão em multidão. Lutando com eles, outro ruído tomou lugar, tornou-se por fim distinto: o tremer regular do solo sob os passos.

- O exército - disse Katow. - São os nossos.

Sem dúvida. Os gritos eram aclamações. Impossível ainda distingui-los dos urros de medo: Kyo ouvira aproximarem-se assim os da multidão expulsa pela inundação. O martelar dos passos mudou para sussurro, depois recomeçou: os soldados tinham-se detido e partiam outra vez noutra direcção.

- Avisaram-nos de que o comboio blindado está aqui - disse Kyo.

Os do comboio ouviam com certeza os gritos pior que eles mas muito melhor o martelar transmitido pela ressonância das blindagens.

Um estrondo formidável surpreendeu-os aos três: por cada peça, cada metralhadora, cada espingarda, o comboio atirava. Katow tinha pertencido a um dos comboios blindados da Sibéria; mais forte que ele, a sua imaginação fazia-o seguir a agonia deste. Os oficiais tinham comandado fogo à discreção. Que podiam fazer nas suas torrinhas, com o telefone numa mão, o revólver na outra? Todos os soldados adivinhavam sem dúvida o que era aquele martelar. Preparavam-se para morrer juntos, ou para atirar-se uns contra os outros, naquele enorme submarino que não mais flutuaria?

O próprio comboio entrava num transe furioso. Atirando sempre por todos os lados, sacudido pelo seu próprio frenesi, parecia querer saltar dos carris, como se a fúria desesperada dos homens que abrigava tivesse passado para a armadura prisioneira que se debatia também. O que, neste ímpeto, fascinava Katow, não era a mortal embriaguez na qual soçobravam os homens do comboio, era o fremir dos carris que seguravam os bramidos todos como uma camisa de forças:

fez um gesto com o braço para a frente, para provar a si próprio que não estava paralisado. Trinta segundos, o barulho cessou. Por cima da confusão surda dos passos e do tique-taque de todos os relógios da loja, ouviu-se um rugido de pesadas ferragens: a artilharia do exército revolucionário.

Por trás de cada blindagem, um homem do comboio escutava esse ruído como a própria voz da morte.

TERCEIRA PARTE

29 de Março

Treze horas

Anqueu estava muito próximo: o movimento das sampanas cobria quase o rio. As chaminés do arsenal destacaram-se pouco a pouco de uma colina, quase invisíveis sob a enorme fumarada; através de uma luz azulada de tarde de Primavera, a cidade apareceu enfim com todos os seus bancos com colunatas, nos espaços de um primeiro plano nítido e negro... os barcos de guerra das nações do Ocidente. Havia seis dias que Kyo subia o rio, sem notícias de Xangai.

Ao pé do barco, uma vedeta estrangeira apitou. Os papéis de Kyo estavam em ordem, e estava habituado à acção clandestina.

Foi à proa, apenas por prudência.

- Que querem eles? - perguntou a um mecânico.

- Querem saber se temos arroz ou carvão. É proibido trazer.

- E porquê?

- Um pretexto. Se trazemos carvão, não dizem nada, mas tratam de desarmar o barco no porto. Impossível abastecer a cidade.

Ao longe, chaminés, elevadores, reservatórios: os aliados da revolução. Mas Xangai ensinara a Kyo o que é um porto activo.

Este que via, só estava cheio de juncos e torpedeiros. Agarrou o binóculo: um vapor de carga, dois, três. Alguns outros... O seu acostava, do lado de Ou-Xan; tinha de tomar o transbordo para ir para Anqueu.

Desceu. No cais, um oficial vigiava o desembarque.

- Por que tão poucos barcos? - perguntou Kyo.

- As companhias mandaram todos embora: têm medo que sejam requisitados.

Todos, em Xangai, julgavam feita há muito tempo a requisição.

- Quando parte o transbordo?

- Todas as meias horas.

Tinha de esperar vinte minutos. Caminhou ao acaso. Os candeeiros de petróleo acendiam-se no fundo das lojas; aqui e ali, algumas silhuetas de árvores e de remates de casas subiam para o céu do Oeste, onde permanecia uma luz sem origem que parecia emanar da própria suavidade do céu e reunir-se nas alturas à tranquilidade da noite. Apesar dos soldados e das Uniões operárias, no fundo das

barracas, os curandeiros com sanguessugas, os vendedores de ervas e de monstros, os escribas públicos, os bruxos, os astrólogos, os adivinhos, continuavam as suas profissões lunares à luz torva em que desapareciam as manchas de sangue. As sombras perdiam-se no solo mais do que nele se alongavam, banhadas por uma fosforescência azulada; o último brilho desta tarde única que se passava muito longe, algures nos mundos, e da qual só um reflexo vinha banhar a terra, luzia fracamente no fundo de um arco enorme que dominava um pagode arruinado pela hera, já negro. Ao longe, um batalhão perdia-se na noite acumulada em nevoeiro ao nível do rio, para lá de um ruído de campainhas, de fonógrafos, e crivada pela iluminação. Kyo desceu, também, até um monte de blocos enormes: os das muralhas, arrasadas em sinal de libertação da China. O transbordo estava perto.

Ainda um quarto de hora pelo rio, a ver a cidade subir na noite. Finalmente, Anqueu.

Os riquexós esperavam no cais, mas a ansiedade de Kyo era demasiado grande para que pudesse ficar imóvel. Preferiu andar: a concessão britânica que a Inglaterra abandonara em Janeiro, os grandes bancos mundiais fechados, mas não ocupados... “Estranha sensação a angústia: sente-se, no ritmo do coração, que se respira mal, como se se respirasse com o coração...”. Tornava-se mais forte que a lucidez. Na esquina de uma rua, pela abertura de um grande jardim cheio de árvores em flor, cinzento na bruma da noite, apareceram as chaminés das fábricas do Oeste. Nenhum fumo. De todas as que via, só as do Arsenal estavam em actividade. Seria possível que Anqueu, a cidade da qual os comunistas do mundo inteiro esperavam a salvação da China, estivesse em greve? O Arsenal trabalhava; ao menos podia contar-se com o exército vermelho? Não ousava correr. Se Anqueu não era o que todos julgavam que ela fosse, todos os seus, em Xangai, estavam condenados à morte. E May. E ele próprio.

Finalmente, a Delegação da Internacional.

A vivenda estava toda iluminada. Kyo sabia que no último andar trabalhava Borodine; no rés-do-chão, a tipografia funcionava em pleno rendimento, com o seu barulho de enorme ventilador em mau estado.

Um guarda, vestido com um blusão cinzento de grande gola, observou Kyo. Já, julgando-o japonês, lhe indicava com o dedo o plantão encarregado de guiar os estrangeiros, quando o seu olhar deu nos papéis que Kyo lhe estendia através da entrada atravancada; guiou-o pois à secção da Internacional, encarregada de Xangai. Do secretário que o recebeu, Kyo sabia apenas que ele tinha organizado as primeiras insurreições da Finlândia; um camarada, com a mão estendida por cima da secretária, enquanto ele se apresentava: Vologuine. Parecia gordo, mais como uma mulher madura do que como um homem; isto provinha da delicadeza

dos traços simultaneamente firmes e abonecados, ligeiramente levantinos apesar da tez muito clara, ou das compridas madeixas de cabelo quase cinzentas, cortadas para serem postas para trás, mas que lhe caíam para o rosto como tesos bandós?

- Estamos enganados em Xangai - disse Kyo.

A frase surpreendeu-o: o seu pensamento ia mais depressa que ele. Contudo, dissera o que teria querido dizer: se Anqueu não podia enviar o socorro que as secções esperavam, entregar as armas era um suicídio.

Vologuine enfiou as mãos nas mangas de caqui do uniforme, e inclinou a cabeça para a frente, amontoado no sofá.

- Outra vez!... - rosnou ele.

- Em primeiro lugar, que se passa aqui?

- Continua; em que estamos enganados em Xangai?

- Mas por que, por que não trabalham as fábricas?

- Espera. Que camaradas protestam?

- Os dos grupos de combate. Os terroristas, também.

- Os terroristas, bem nos ralam!... Os outros...

Olhou para Kyo:

- Que , que eles querem?

- Sair do Kuomintang. Organizar um Partido Comunista independente. Dar o poder às Uniões. E, principalmente, não restituir as armas. Antes de mais nada.

- Sempre a mesma coisa.

Vologuine levantou-se, olhou pela janela para o rio e para as colinas, sem a menor expressão de paixão ou de vontade: só uma intensidade fixa, semelhante à de um sonâmbulo, dava vida àquele rosto gelado. Era pequeno, e as costas tão gordas como o ventre faziam-no parecer quase corcunda.

- Vou responder-te. Supõe que saímos do Kuomintang. Que fazemos?

- Primeiro, uma milícia por cada união, por cada sindicato.

- Com que armas? Aqui, o arsenal está nas mãos dos generais. Xan-Cai-Xeque tem presentemente o de Xangai E estamos cortados da Mongólia: portanto, sem armas russas.

- Em Xangai, nós tomámos o arsenal.

- Com o exército revolucionário por trás de vocês. Não à frente. Quem armaremos nós aqui? Dez mil operários, talvez. Com o núcleo comunista do “exército de ferro”, mais dez mil. Dez balas cada um! Contra eles, mais de

setenta e cinco mil homens, só aqui. Sem falar, enfim... de Xan-Cai-Xeque, nem dos outros. Ansiosos por se aliarem contra nós, à primeira medida realmente comunista. E como abasteceríamos as nossas tropas?

- As fundições, as manufacturas?

- As matérias primas não chegam cá.

Imóvel, de perfil perdido nas madeixas, diante da janela, na noite que descia, Vologuine continuava:

- Anqueu não é a capital dos trabalhadores, é a capital dos desempregados. Não há armas; tanto melhor, talvez. Há momentos em que eu penso: se os armássemos, atirariam sobre nós. E, contudo, há também os que trabalham quinze horas por dia sem uma reivindicação, porque a “nossa revolução está ameaçada...”.

Kyo afundava-se, como se mergulhasse num sonho, cada vez mais fundo.

- O poder não nos pertence - continuava Vologuine, mas aos generais do “Kuomintang da esquerda”, como eles dizem. Não aceitariam os soviets, como os não aceita Xan-Cai-Xeque. Isto, certo. Podemos servir-nos deles, e é tudo. E com muito cuidado.

Se Anqueu era apenas um cenário ensanguentado... Kyo não ousava avançar mais. “Tenho que falar a Possoz, ao sair”, dizia consigo. Era o único camarada em Anqueu, em quem tinha confiança. “Tenho que falar a Possoz...”.

- ...Não abra a boca dessa maneira, enfim... tola – disse abruptamente Vologuine.

- O mundo crê Anqueu comunista, tanto melhor. Isso honra a nossa propaganda. Não é uma razão para que seja verdade.

- Quais são as instruções actuais?

- Reforçar o núcleo comunista do “exército de ferro”. Podemos equilibrar os pratos da balança. Não somos uma força por nós mesmos. Os generais que combatem connosco, aqui, detestam tanto os Sovietes e os comunistas como Xan-Cai-Xeque. Sei-o, vejo-o, enfim... todos os dias. Qualquer ordem comunista os atirar sobre nós. E sem dúvida os levar a uma aliança com Xan. A única coisa que podemos fazer, demolir Xan, servindo-nos deles. Depois Fen-Yu-Xian, da mesma maneira, se for preciso. Como demolimos, em resumo, os generais que combatemos até agora, servindo-nos de Xan. Porque a propaganda traz-nos tantos homens como a vitória lhes leva a eles. Subimos com eles. É por isso que ganhar tempo é o essencial. A Revolução não pode aguentar-se, enfim, na sua forma democrática. Por sua própria natureza, deve tornar-se socialista. Há que deixá-la à vontade. Trata-se de a dar à luz. Não de a abortar.

- Sim. Mas há no marxismo o sentido de uma fatalidade e a exaltação de uma vontade. De cada vez que a fatalidade passa à frente da vontade, desconfio.

- Uma ordem puramente comunista, hoje, traria a união, enfim, imediata de todos os generais contra nós: duzentos mil homens contra vinte mil. É por isso que vocês têm de arranjar-se em Xangai com Xan-Cai-Xeque. Se não há maneira, deponham as armas.

- Por esse andar, não valia a pena tentar a Revolução de Outubro: quantos eram os bolchevistas?

- A palavra de ordem... a “paz”... deu-nos as massas.

- Há outras.

- Prematuras. E quais?

- Supressão total, imediata, das rendas e hipotecas. A revolução campo-nesa, sem compromissos nem reticências.

Os seis dias passados a subir o rio tinham confirmado Kyo no seu pensamento: nestas cidades de terra argilosa, amarradas nas confluências havia milénios, os pobres seguiriam tanto o camponês como o operário.

- O camponês segue sempre - disse Vologuine. - Ou o operário, ou o burguês. Mas segue.

- Não. Um movimento camponês não “dura”, senão apoiando-se nas cidades, e os camponeses sozinhos dão apenas uma “Jacquerie”, está claro. Mas não se trata de separá-los do proletariado: a supressão das hipotecas é uma ordem de combate, a única que pode mobilizar os camponeses.

- Enfim, a divisão das terras - disse Vologuine.

- Mais concretamente: muitos camponeses bastante pobres são proprietários, mas trabalham para o usurário. Todos sabem. Por outro lado é preciso, em Xangai, adestrar rapidamente os guardas das Uniões operárias. Não os deixar desarmar, seja porque pretexto for. Fazer deles a nossa força, frente a Xan-Cai-Xeque.

- Logo que essa ordem for conhecida, seremos todos esmagados.

- Então, sê-lo-emos de qualquer maneira. As palavras de ordem comunistas seguem o seu caminho, mesmo quando as abandonamos. Bastam discursos para que os camponeses queiram as terras, não bastarão discursos para que deixem de as querer. Ou teremos de aceitar participar na repressão, com as tropas de Xan-Cai-Xeque, agrada-te?, comprometermo-nos “definitivamente”, ou terão eles de nos esmagar, quer queiram ou não.

- Toda a gente em Moscovo esta de acordo em que ser preciso, enfim, romper. Mas não já.

- Então se se trata, antes de mais, de astúcia, não entreguem as armas. Entregá-las, , entregar os camaradas.

- Se seguirem as instruções, Xan não agir .
 - Que as sigam ou não, nada alterará. A Comissão, Katow, eu próprio, organizámos a guarda operária. Se querem dissolvê-la, todo o proletariado de Xangai acreditar na traição.
 - Portanto, deixem-na desarmar.
 - As uniões operárias organizam-se por toda a parte, por si próprias, nos bairros pobres. Vão vocês proibir os sindicatos, em nome da Internacional?
- Vologuine estava voltado para a janela. Inclinou para o peito a cabeça que se rodeou de um duplo queixo. A noite vinha, cheia de estrelas ainda pálidas.
- Romper é uma derrota certa. Moscovo não tolerar que agora saíamos do Kuomintang. E o Partido Comunista chinês é mais favorável ainda ao acordo que Moscovo.
 - No cimo apenas: na base, os camaradas não entregarão as armas, ainda que lho ordenem. Vocês sacrificam-nos, sem dar a tranquilidade a Xan-Cai-Xeque. Borodine pode dizê-lo a Moscovo.

- Moscovo bem sabe: a ordem de entregar as armas foi dada anteontem.

Estupefacto, Kyo não respondeu imediatamente.

- E as secções entregaram-nas?

- Metade, apenas...

Na antevéspera, enquanto ele reflectia ou dormia no barco... Ele sabia, também, que Moscovo manteria a linha de conduta. A consciência da situação deu de repente um confuso valor ao projecto de Tchen:

- Outra coisa... talvez a mesma; Tchen-Ta-Eul, de Xangai, quer matar Xan.

- Ah! É por causa disso!

- O quê?

- Mandou-me um recado pedindo para me falar, quando tu estivesse aqui. Pegou numa mensagem, de cima da mesa. Kyo não notara ainda as suas mãos eclesiásticas. “Por que não o mandou subir imediatamente?”, perguntou a si mesmo.

- ...Questão grave... (Vologuine lia a mensagem). Todos dizem: questão grave...

- Ele está aqui?

- Não tinha que vir? Todos o mesmo. Mudam quase todos os dias de opinião. Está aqui há, enfim, duas ou três horas: o teu barco atrasou-se muito.

Telefonou para que mandassem subir Tchen. Não apreciava as entrevistas com os terroristas, que achava estúpidos, orgulhosos e desprovidos de senso político.

- Aquilo ainda corria pior em Leninegrado, - disse – quando Youdenitch estava diante da cidade, e safaram-se apesar de tudo...

Tchen entrou, também de blusão, passou diante de Kyo, sentou-se em frente de Vologuine. Apenas o barulho da tipografia enchia o silêncio. Na grande janela perpendicular à secretária, a noite agora total separava os dois homens de perfil. Tchen, com os cotovelos na secretária, queixo nas mãos, tenaz, tenso, não se mexia. “A extrema densidade de um homem toma qualquer coisa de inumano, pensou Kyo, olhando-o.

Ser porque nos sentimos facilmente em contacto pelas nossas fraque-zas?...” Passada a surpresa, achava inevitável que Tchen estivesse ali, que ele viesse afirmar em pessoa (porque não pensava que ele a discutisse) a sua decisão. Do outro lado da noite crivada de estrelas, Vologuine, de pé, madeixas na cara, as mãos gordas cruzadas no peito, esperava também.

- Ele disse-te? - perguntou Tchen, indicando Kyo com a cabeça.

- Tu sabes o que a Internacional pensa dos actos terroristas - respondeu Vologuine. - Não vou fazer-te, enfim, um discurso sobre isso.

- O caso presente é especial. Xan-Cai-Xeque é o “único” bastante popular e bastante forte para manter a burguesia unida contra nós. Opõem-se a esta execução, sim ou não?

Continuava imóvel, encostado à secretária, de queixo nas mãos. Kyo sabia que a discussão não possuía valor essencial para Tchen, embora tivesse vindo. Apenas a destruição o punha de acordo consigo próprio.

- A Internacional não tem que aprovar esse projecto... - Vologuine falava no tom da evidência. - No entanto, do teu próprio ponto, de vista... - Tchen continuava a não se mexer.

- ...o momento, enfim, , bem escolhido?

- Prefere esperar que Xan tenha mandado assassinar os nossos?

- Ele publicar decretos e nada mais. O filho dele está em Moscovo, não te esqueças. Enfim, oficiais russos de Gallen não puderam deixar o seu estado-maior. Serão torturados, se ele for morto. Nem Gallen nem o estado-maior vermelho o admitirão...

“A questão foi pois discutida aqui”, pensou Kyo. Havia nesta discussão não sabia o quê de vão, de vazio, que o perturbava: achava Vologuine singular-mente mais firme quando mandava entregar as armas do que quando falava no assassinio de Xan-Cai-Xeque.

- Se os oficiais russos forem torturados, - disse Tchen, - sê-lo-ão. Eu também o serei. Não importa. Os milhões de chineses valem bem quinze oficiais russos. Bem. E Xan abandonar o filho.

- Que sabes tu?

- E tu? E vocês nem sequer se atrevem a matá-lo.

- Com certeza que ele estima o filho menos do que se estima a si próprio - disse Kyo. - E, se não tenta esmagar-nos, está perdido. Se não trava a acção camponesa; até os seus oficiais o deixarão. Receio, pois, que ele abandone o filho, após algumas promessas dos Cônsules europeus ou de outras cortesias. E toda a pequena burguesia que tu queres reunir, Vologuine, o seguirá no dia seguinte ao dia que nos desarmar: estará do lado da força. Conheço-a.

- Não é evidente; e não há só Xangai.

- Dizes que vocês morrem de fome. Perdida Xangai, quem vos abasteceria? Fen-Yu-Xian separa-vos da Mongólia, e trair-vos-á, se formos esmagados. Portanto, nada pelo Iantsé, nada da Rússia. Julgam que os camponeses a quem prometeram o programa do Kuomintang (vinte e cinco por cento de redução de encargos, sem tretas nenhuma, hem!) morrerão de fome para alimentar o exército vermelho? Vocês põem-se nas mãos do Kuomintang como nunca estiveram. Tentar a luta contra Xan agora, com verdadeiras ordens revolucionárias, com o apoio dos camponeses e do proletariado de Xangai, é arriscado, mas não é impossível: a primeira divisão é comunista quase toda, a começar pelo general, e combater connosco. E tu dizes que conservamos metade das armas. Não tentar, é esperar com tranquilidade o morticínio.

- O Kuomintang existe. Não o fizemos. Existe. E mais forte que nós, provisoriamente. Podemos conquistá-lo pela base, introduzindo nele todos os elementos comunistas de que dispomos. Os seus membros são, em enorme maioria, extremistas.

- Sabes tão bem como eu que o número não é, nada, numa democracia, contra a mim quina dirigente.

- Demonstrámos que o Kuomintang pode ser empregado, empregando-o. Não discutindo. Nós não deixámos de o empregar, nestes dois anos. Todos os meses, todos os dias.

- Enquanto lhe aceitaram os fins; nunca, quando se tratou para ele de aceitar os vossos. Levaram-no a aceitar as prendas por que ele ansiava: oficiais, voluntários, dinheiro, propaganda. Os sovietes de soldados, as uniões camponesas, isso, outra questão.

- E a exclusão dos elementos anticomunistas?

- Xan-Cai-Xeque não possuía Xangai.

- Antes de um mês, teremos conseguido que a Comissão Central do Kuomintang o ponha fora da lei.

- Quando ele nos tiver esmagado. Que pode ralar esses generais da Comissão

Central que matem ou não os militantes comunistas? Tanto melhor! Não acredita, realmente, que a obsessão das fatalidades económicas impede o Partido Comunista chinês, e talvez Moscovo, de ver a necessidade elementar que temos à frente do nariz?

- Isso é oportunismo.

- Ora bem! No teu entender, Lenine não devia tomar a divisão das terras como palavra de ordem (figurava, antes, no programa dos socialistas revolucionários, que não se ralaram de a aplicar, muito mais do que no dos bolchevistas). A divisão das terras era a constituição da pequena propriedade; deveria, portanto, ter feito, não a divisão, mas a colectivização imediata, os “sovkhozes”. Como se saiu bem, agora vocês acham que foi tática! Para nós também se trata apenas de tática! Vocês estão à beira de perder o controle das massas...

- Imaginas tu que Lenine, enfim, o tenha tido de Fevereiro a Outubro?

- Perdeu-o “por instantes”. Mas nunca se desviou. Vocês e as vossas pala-vras de ordem vão contra a corrente. Não se trata de uma mudança de direcção, mas de direcções que se irão afastando sempre, cada vez mais. Para agir sobre as massas como vocês querem fazer, é preciso estar no poder. Não é o caso.

- Não se trata de nada disso - disse Tchen.

Levantou-se.

- Não conseguirão deter a acção camponesa - continuou Kyo.

- Presentemente, nós, comunistas, damos às massas instruções que elas só podem considerar como traições. Julgam que elas compreenderão as vossas ordens para esperar?

- Mesmo “coli” do porto de Xangai, eu pensaria que a obediência ao Partido, a única atitude, enfim, de um militante comunista. E que todas as armas devem ser entregues.

Tchen levantou-se:

- Não, por obediência que nos deixamos morrer. Nem que matamos. Salvo os covardes.

Vologuine encolheu os ombros.

- Não devemos considerar o assassinio, enfim, como a via principal da verdade política.

Tchen saiu.

- Proporei na primeira reunião da Comissão Central a divisão imediata das terras - disse Kyo, estendendo a mão a Vologuine - e a destruição das hipotecas.

- A Comissão não as votar - respondeu Vologuine, sorrindo pela primeira vez.

Tchen, sombra atarracada no passeio, esperava. Kyo juntou-se-lhe, depois de ter obtido a direcção do seu amigo Possoz: este era encarregado da direcção do porto.

- Ouve... - disse Tchen.

Transmitido pela terra, o frémito das m quinas de imprimir, regular, dominado como o de um motor de navio, penetrava-os dos pés à cabeça: na cidade adormecida, a delegação velava com todas as suas janelas iluminadas, que bustos negros atravessavam. Caminhavam, as duas sombras iguais diante deles: a mesma estatura, o mesmo efeito da gola do blusão. As palhotas vislumbradas na perspectiva das ruas, com as suas silhuetas de purgatório, perdiam-se no fundo da noite calma e quase solene, no cheiro a peixe e gorduras queimadas; Kyo não conseguia livrar-se daquele barulho das m quinas transmitido aos seus músculos pelo solo... como se aquelas m quinas de fabricar a verdade se tivessem juntado nele às hesitações e às afirmações de Vologuine. Enquanto subira o rio, não cessara de verificar quanto as suas informações eram frágeis, quanto lhe era difícil fundar a sua acção, se não aceitasse obedecer pura e simplesmente às instruções da Internacional. Mas a Internacional enganava-se. Ganhar tempo já não era possível. A propaganda comunista atingira as massas como uma inundação, porque era a delas. Fosse qual fosse a prudência de Moscovo, não se deteria. Xan sabia-o, e tinha, desde já, de esmagar os comunistas. Era a única certeza. Talvez a Revolução pudesse ter sido conduzida de outro modo, mas era demasiado tarde. Os camponeses comunistas apoderar-se-iam da terra, os operários comunistas exigiriam outro regime de trabalho, os soldados comunistas não combateriam mais sem saber por que, quer Moscovo o quisesse, quer não. Moscovo e as capitais do Ocidente inimigas podiam organizar no fundo da noite as suas paixões opostas e tentar fazer delas um mundo. A Revolução levava a sua gravidez ao fim, tinha agora de dar à luz ou de morrer. Ao mesmo tempo que o aproximava de Tchen a camaradagem nocturna, uma grande dependência penetrava Kyo, a angústia de ser apenas um homem, apenas ele próprio; lembrou-se dos muçulmanos chineses que vira, em noites parecidas, prosternados nas estepes de alfazema requeimada, uivar os cânticos que despedaçam há milénios o homem que sofre e sabe que vai morrer. Que viera fazer a Anqueu? Pôr a Internacional ao corrente da situação de Xangai. A Internacional estava tão decidida como ele. O que ouvira fora, mais do que os argumentos de Vologuine, o silêncio das fábricas, a angústia da cidade que morria recamada de glória revolucionária, mas nem por isso morrendo menos. Podiam legar aquele cadáver à próxima vaga revoltosa, em vez de se deixarem liquefazer nas astúcias. Pela certa estavam todos condenados: o essencial era que não fosse em vão. Tinha a certeza que Tchen, igualmente, se ligava nesse instante a ele com uma amizade de prisioneiros:

- Não saber... - disse este. - Se se trata de matar Xan-Cai-Xeque, eu sei. Para este Vologuine, é a mesma coisa, creio; mas ele, em lugar de ser o assassínio, é a obediência. Quando se vive como nós, é preciso uma certeza. Executar as ordens, para ele, está certo, creio, como matar para mim. E preciso que qualquer coisa seja segura. É preciso.

Calou-se.

- Sonhas muito? - continuou.

- Não. Ou pelo menos tenho poucas recordações dos meus sonhos.

- Eu sonho quase todas as noites. Também tenho a distração, o devaneio. Quando me esqueço, vejo por vezes a sombra de um gato, no chão: mais terrível que não sei o quê de verdadeiro. Mas nada há pior que os sonhos.

- Que não sei o quê de verdadeiro?...

- Eu não sou dos que têm remorsos. No assassínio, o difícil não é matar. E não decair, ficar mais forte do que... o que se passa em nós nesse momento.

Azedume? Impossível ajuizar pelo tom de voz, e Kyo não lhe via a cara. Na solidão da rua, o barulho abafado de um automóvel perdeu-se ao longe com o vento que, caindo, abandonou por entre os perfumes canforados da noite o perfume dos pomares.

- ...Se fosse só isto... não. É pior. Animais.

Tchen repetiu:

- Animais... Polvos, principalmente. E eu lembro-me sempre.

Kyo, apesar da grande amplitude da noite, sentiu-se perto dele como num quarto fechado.

- Há muito tempo que isso dura?

- Muito. Tanto quanto posso lembrar. Há algum tempo, é menos frequente. E só me lembro... destas coisas. Detesto recordar, em geral. E isso não me acontece; a minha vida não está no passado, está diante de mim.

Silêncio.

- ...A única coisa de que tenho medo... medo... é de adormecer... E ador-meço todos os dias...

Deram dez horas. Pessoas discutiam, em breves guinchos chineses, no fundo da noite.

- ...ou de ficar doido. Estes polvos, noite e dia, a vida inteira... E nunca nos matamos quando estamos doidos, parece... Nunca.

- Matar altera os teus sonhos?

- Já não sei. Dir-te-ei depois... de Xan.

Kyo admitira, de vez, que jogava a própria vida, e vivia entre homens que sabiam que a deles estava dia a dia ameaçada: a coragem não o admirava. Mas era a primeira vez que encontrava a fascinação da morte, neste amigo que mal via, que falava com uma voz distraída... como se as palavras lhe fossem suscitadas pela mesma força da noite que a sua própria angústia, pela intimidade onnipotente da ansiedade, do silêncio e da fadiga... No entanto, a voz mudara.

- Pensas nisso com... inquietação?

- Não. Com...

Hesitou:

- Busco uma palavra mais forte que alegria. Não há palavra. Mesmo em chinês. Um... apaziguamento total. Uma espécie de... como dizem vocês?... De... não sei. Só há uma coisa mais profunda. Mais longe do homem, mais perto de... Experimentaste o ópio?

- Nunca.

- Então, não posso explicar-te bem. Mais perto do que vocês chamam... êxtase. Sim. Mas espesso. Profundo. Não leve. Um êxtase... para baixo.

- E é uma ideia que te dá isso?

- Sim: a minha morte.

Sempre esta voz de distraído. “Matar-se- á”, pensou Kyo. Ouvira demasiado o pai para saber que aquele que procura tão asperamente o absoluto só o encontra na sensação. Sede de absoluto, sede de imortalidade, portanto medo de morrer: Tchen deveria ser covarde, mas sentia, como todo o místico, que o seu absoluto não podia ser apreendido senão no momento único. De onde sem dúvida o seu desdém por tudo o que não tendia para o momento que o ligaria a si próprio numa posse vertiginosa.

Daquela forma humana que Kyo não via sequer, emanava uma força cega e que a dominava: a informe matéria da qual a fatalidade é feita. Este camarada agora silencioso, entregue às suas visões familiares de pavor tinha algo de doido, mas também algo de sagrado - o que tem sempre de sagrado a presença do inumano. Talvez ele não matasse Xan senão para se matar. Procurando ver na obscuridade aquele rosto fino de belos lábios, Kyo sentia estremecer em si a angústia primordial, aquela que atirava Tchen simultaneamente aos polvos do sono e à morte.

- Meu pai pensa - disse lentamente Kyo - que o fundo do homem , a angústia, a consciência da sua própria fatalidade, de onde nascem todos os medos, mesmo o da morte... mas que o ópio liberta disso, e que o seu sentido , esse.

- Encontra-se sempre o pavor em nós. Basta procurar suficientemente fundo: felizmente, podemos agir; se Moscovo me aprova, é-me indiferente, se Moscovo me desaprova, o mais simples é ignorar. Vou-me embora. Queres ficar?

- Quero, antes de mais, falar com Possoz. E tu não podes partir: não tens o visto.

- Vou-me embora. De certeza.

- Como?

- Não sei. Mas vou-me embora. Disso tenho a certeza. “era” preciso que eu matasse Tan-Yen-Ta, e “é” preciso que eu vá. Evidentemente que irei.

De facto, Kyo sentia que a vontade de Tchen tinha na ocorrência um pequeníssimo papel. Se o destino existia nalgum sítio, estava ali, naquela noite, a seu lado.

- Achas importante que sejas “tu” quem organize o atentado contra Xan?

- Não... E no entanto, não quereria deixá-lo a outrem.

- Por que não terias confiança?

- Porque não gosto que as mulheres de quem gosto sejam beijadas pelos outros.

A frase fez acordar em Kyo todo o sofrimento que esquecera: sentiu-se de repente afastado de Tchen. Tinham chegado ao rio. Tchen cortou a corda de uma das lanchas amarradas, e deixou a margem. Já Kyo o não via, mas ouvia o bater dos remos, que dominava a intervalos regulares a ligeira ressaca da água contra as fragas. Conhecia os terroristas. Não faziam perguntas. Faziam parte de um grupo: insectos assassinos, viviam da ligação a uma estreita colectividade trágica. Mas Tchen... Continuando a pensar sem alterar o passo, Kyo dirigia-se para a Direcção do Porto. “O barco dele ser detido à partida...” Chegou a uns grandes edifícios guardados pelo exército, quase vazios a comparar com o da Internacional. Nos corredores, os soldados dormiam ou jogavam aos “trinta e seis animais”. Encontrou sem dificuldade o amigo. Grande cabeça em forma de pêra, tez de vinhateiro, bigodes pardos à gaulesa, fato de caqui, Possoz era um antigo operário anarco-sindicalista da “Chaux-de-Fonds”, que fora para a Rússia depois da guerra e se tornara bolchevista. Kyo conhecera-o em Pequim e tinha confiança nele. Apertaram-se tranquilamente a mão: em Anqueu qualquer espectro era o mais normal dos visitantes.

- Os descarregadores estão aqui - dizia um soldado.

- Manda-os cá.

O soldado foi-se embora. Possoz voltou-se para Kyo:

- Reparas que não tenho com que me ralar, meu filho? Previram a direcção do porto para trezentos barcos: não há dez...

O porto dormia por baixo das janelas abertas: não se ouviam sirenes, nada mais

que a constante ressaca da água contra as margens e as estacadas. Um grande foco alvacento passou pelas paredes do compartimento: os projectores das canhoneiras distantes tinham varrido esta parte do rio. Um ruído de passos.

Possoz tirou o revólver do coldre, pousou-o na secretária.

- Atacaram a guarda vermelha com barras de ferro - disse a Kyo.

- A guarda vermelha está armada.

- O perigo não é que eles espanquem os guardas, meu filho; é que os guardas se passem para eles.

A luz do farol voltou, projectou na parede branca do fundo as suas sombras enormes, voltou à noite no mesmo instante em que os descarregadores entravam: quatro, cinco, seis, sete. Em fato-macaco, um de torso nu. Algemas. Rostos diferentes, pouco visíveis no escuro, mas, em comum, uma enorme raiva. Com eles, dois guardas chineses, de pistola Nagan. Os descarregadores permaneciam amontoados como um enxame. A raiva, mas também o medo.

- Os guardas vermelhos são operários - disse Possoz em chinês.

Silêncio.

- Se são guardas, é pela Revolução, e não por eles.

- E para comerem - disse um dos descarregadores.

- É justo que as rações vão para aqueles que combatem. Que querem vocês? Jogá-las ao "trinta e seis"?

- Dá-las a todos.

- Já não chega para alguns. O governo está decidido à maior indulgência para com os proletários, mesmo quando eles se enganam. Se por toda a parte a guarda vermelha fosse morta, os generais e os estrangeiros retomariam o poder como antes, vocês bem sabem. Então? É isto que querem?

- Dantes, comíamos.

- Não - disse Kyo aos operários. - Dantes, não se comia. Eu sei, eu fui estivador. E rebentar por rebentar de fome, mais vale que seja para nos tornarmos homens.

O branco de todos aqueles olhos, a que se agarrava a fraca luz, cresceu imperceptivelmente; procuravam ver melhor o tipo de ar japonês, de blusão, que falava com sotaque das províncias do Norte, e que pretendia ter sido colí.

- Promessas - respondeu um deles a meia-voz.

- Sim - disse outro. - Nós temos principalmente o direito de nos pormos em greve e de morrermos de fome. O meu irmão está na tropa. Por que expul-saram a divisão dele os que pediram a formação das Uniões de soldados?

O tom subia.

- Julgam que a Revolução russa se fez num dia? – perguntou Possoz.

- Os russos fizeram o que quiseram.

Inútil discutir: tratava-se apenas de saber qual a profundidade da revolta.

- O ataque à guarda vermelha é um acto contra-revolucionário, punível com a pena de morte. Bem sabem.

Pausa.

- Se vos mandassem pôr em liberdade, que fariam vocês?

Entreolharam-se, a sombra não permitia ver a expressão dos rostos. Apesar das pistolas, das algemas, Kyo sentia formar-se a atmosfera do regateio chinês que tantas vezes encontrara na revolução.

- Com trabalho? - perguntou um dos prisioneiros.

- Quando o houver.

- Então, “enquanto esperamos”, se a guarda vermelha nos impede de comer, atacaremos a guarda vermelha. Eu não comia há três dias. Nada.

- É verdade que se come na prisão? - perguntou um dos que nada tinham dito.

- Vais ver.

Possoz tocou sem nada acrescentar, e os milicianos levaram os prisio-neiros.

- É isto que é espantoso. - continuou ele, em francês agora - Começam a julgar que na prisão os alimentam como capões.

- Por que não tentaste antes convencê-los, uma vez que os tinhas mandado subir?

Possoz encolheu os ombros, acabrunhado.

- Meu filho, eu mando-os subir, porque espero sempre que me digam outra coisa. E, contudo, há os outros, os rapazes que trabalham quinze e dezasseis horas por dia sem apresentar uma única reivindicação, e que o farão até estarmos em sossego, “como que como” (*Comme que comme*” - locução suíça).

A expressão suíça surpreendeu Kyo. Possoz sorriu, e os dentes, como os olhos dos descarregadores pouco antes, brilharam na luz indecisa, sob a linha confusa dos bigodes.

- Tens sorte por teres conservado dentes assim, com a vida que se leva em campanha.

- Não, meu filho, nem pensar, é uma dentadura que mandei pôr em Xanxá. Os dentistas não parecem afectados pela revolução. E tu? Quem te mandou? Que fazes aqui?

Kyo explicou-lhe, sem falar de Tchen. Possoz ouvia-o, cada vez mais inquieto.

- Tudo isso, meu filho, é muito possível, e, ainda mais, muito lamentável.

Trabalhei em relógios quinze anos, sei o que são rodas que dependem umas das outras. Se não há confiança na Internacional, não vale a pena ser do Partido.

- Metade da Internacional pensa que devemos criar os soviets.

- Há uma linha geral que nos dirige, é preciso segui-la.

- E entregar as armas! Uma linha que nos leva a atirar sobre o proletariado é necessariamente má. Se os camponeses se apoderam das terras, os generais entendem-se agora para comprometer quaisquer tropas comunistas na repressão. Sim ou não, aceitarías atirar sobre os camponeses?

- Meu menino, não somos perfeitos: eu atiraria para o ar, é provável que seja o que fazem os camaradas. Prefiro que isso não aconteça. Mas não é a coisa principal.

- Compreende, meu velho: é como se eu visse um tipo prestes a apontar-te, e discutissemos o perigo das balas de revólver... Xan-Cai-Xeque não pode deixar de nos massacrar. E ser o mesmo em seguida com os generais daqui, nossos “aliados”! E eles serão lógicos. Deixar-nos-emos todos massacrar, sem sequer manter a dignidade do Partido, que levamos todos os dias ao bordel com um monte de generais, como se fosse o seu lugar...

- Se todos agirem a seu gosto, nada feito. Se a Internacional triunfar, gritarão: Bravo! E vem a dar na mesma. Mas, se lhe atiramos para as pernas, irá abaixo com certeza, e o essencial é que ela triunfe... E que tenham mandado os comunistas atirar sobre os camponeses, bem sei que se diz, mas tens a certeza disso, o que se chama a certeza? Tu não viste com os teus olhos, e apesar de tudo (eu sei que não fazes de propósito, mas em todo o caso...) convém à tua teoria acreditar nisso...

- Que entre nós se possa dizer bastaria. Não é altura de organizar inquéritos de seis meses.

Para que discutir? Não era Possoz que Kyo queria convencer, mas os de Xangai; e pela certa estavam já convertidos agora, como ele fora confirmado na sua decisão por Anqueu, pela cena a que acabara de assistir. Só tinha um desejo: partir.

Um alferes chinês entrou, de feições alongadas e corpo ligeiramente curvado para a frente, como as figuras de marfim que se desenvolvem segundo o dente de elefante.

- Prenderam um homem embarcado clandestinamente.

Kyo nem respirava.

- Diz ter recebido autorização sua para deixar Anqueu. É mercador.

Kyo respirou fundo.

- Não dei autorização nenhuma - disse Possoz. - Não é nada comigo. Mande para a polícia.

Os ricos, quando detidos, apelavam para qualquer funcionário: conse-guiam às vezes vê-lo a sós, e ofereciam dinheiro. Era mais prudente do que deixar-se fuzilar sem nada tentar.

- Espere!

Possoz tirou uma lista da pasta dos papéis, murmurou nomes.

- É isso. Está aqui mesmo. Estava marcado. A polícia que se arranje!

O alferes saiu. A lista, uma folha de caderno, ficou sobre o mata-borrão. Kyo pensava sempre em Tchen.

- É a lista das pessoas suspeitas - disse Possoz, que viu o olhar de Kyo fixado no papel. - Os últimos são anotados pelo telefone, antes da partida dos barcos... quando os barcos partem...

Possoz estendeu-lha: catorze nomes. Tchen não figurava. Era impossível que Vologuine não tivesse compreendido que ele ia tentar sair de Anqueu quanto antes. E, mesmo à sorte, assinalar a sua partida como possível teria sido de mera prudência. “A Internacional não quer tomar a responsabilidade de mandar matar Xan-Cai-Xeque, pensou Kyo; mas talvez aceitasse sem desgosto que essa desgraça acontecesse... Seria por isso que as respostas de Vologuine pareciam tão vagas?...”

Devolveu a lista.

“Partirei”, tinha dito Tchen. Era fácil explicar essa partida; a explicação não bastava. A chegada imprevista de Tchen, as reticências de Vologuine, a lista, Kyo compreendia tudo isso; mas cada um dos gestos de Tchen o aproximava de novo da morte, e até as coisas pareciam arrastadas pelo destino dele.

Efêmeros zumbiam em volta do candeeirinho. “Talvez Tchen seja um efêmero que segregasse a sua própria luz, aquela na qual se vai distrair... Talvez que o próprio homem...” Não vemos nunca senão a fatalidade dos outros? Não era como um efêmero que ele mesmo queria agora partir para Xangai quanto antes, manter as secções a todo o custo? O oficial voltou, o que lhe permitiu deixar Possoz.

Encontrou de novo a paz nocturna. Nem uma sirene, só o barulho da água. Ao longo das margens, perto dos revérbos crepitantes de insectos, os colis dormiam em atitudes de pestíferos. Aqui e ali, nos passeios, pequenos cartazes vermelhos, redondos como tampas de esgoto; uma única letra figurava neles: “Fome”. Como pouco antes com Tchen, sentiu que, naquela mesma noite, na China inteira, e através do Oeste até metade da Europa, homens hesitavam como ele, dilacerados, pela mesma tortura, entre a disciplina e o massacre dos seus. Os

descarregadores que protestavam não compreendiam. Mas, mesmo compreendendo, como escolher o sacrifício, aqui, nesta cidade, da qual o Ocidente esperava o destino de quatrocentos milhões de homens e talvez o seu, e que dormia à beira do rio um sono inquieto de esfaimado... na impotência, na miséria, na raiva?

QUARTA PARTE

11 de Abril

Meio-dia e meia hora

Quase sozinho na sala do bar do pequeno hotel Grosvenor (nogueira polida, garrafas, níquel, bandeiras) Clappique fazia girar um cinzeiro na ponta do indicador estendido. O conde Chpilewski, por quem ele esperava, entrou. Clappique amachucou o papel onde acabava de dar a cada um dos amigos um presente imaginário:

- Então esta aldeiazinha cheia de sol vai vendo prosperar os negócios, meu caro?
- Qual! Mas lá para o fim do mês não-de ir bem. Coloco gêneros alimentícios. Nos europeus, é claro.

Apesar do vestuário branco, muito simples, de Chpilewski, o seu nariz curvo e fino, a fronte calva, os cabelos grisalhos, puxados para trás, e as maçãs do rosto davam-lhe sempre o ar de estar mascarado de águia. O monóculo acentuava a caricatura.

- A questão, bem vê, meu caro amigo, seria naturalmente arranjar uns vinte mil francos. Com essa importância, pode criar-se uma situação muito respeitável no comércio de víveres.
- Dê cá um abraço, meu velho! Quer um modesto lugar, não é um lugar muito honroso nos abastecimentos? Bravo...
- Não lhe conhecia uns tais... coisa... preconceitos.

Clappique olhava para a guia de soslaio: antigo campeão de sabre de Cracóvia, secção dos oficiais.

- Eu? Suma-se pelo chão abaixo! Eu rebento! Imagine que, se eu tivesse esses dinheiros, os empregaria em imitar um alto funcionário holandês da Sumatra que passava todos os anos, quando vinha à pátria acarinhar as suas túlipas, em frente da costa da Arábia; meu caro, meteu-se-lhe na cabeça a ideia (é preciso dizer que isto se passava cerca de 1860) de ir “pinar” os tesouros de Meca. Parece que são consideráveis, reluzentes de ouro, em cavernas sombrias para onde sempre os têm deitado os peregrinos. Eu cá era nessa caverna que gostava de viver... Enfim, o meu cultivador de túlipas recebe uma herança, vai às Antilhas recrutar uma tripulação de piratas para conquistar Meca de surpresa com uma data de armas modernas, espingardas de dois canos, baionetas de parafuso, e não sei que mais. Embarca-os... nem uma palavra... leva-os por ali fora...

Pousou o indicador nos lábios, gozando a curiosidade do polaco, que tinha um ar de cumplicidade.

- Bom! Eles revoltam-se, zurzem-no meticulosamente e entregam-se com o

barco a uma pirataria sem fantasias, num mar qualquer.. É uma história verdadeira; e, mais ainda, moral. Mas, dizia eu, se contava comigo para encontrar os vinte mil paus, loucura, , o que lhe digo! Quer que eu procure os tipos, ou qualquer coisa desse género? Fá-lo-ei. Por outro lado, Já que para cada arranjinho eu tenho que pagar à vossa maldita polícia, antes quero que seja você do que outro. Mas os tipos, enquanto arde a tenda, só se interessam pelo ópio e pela aguardente.

Recomeçou a fazer girar o cinzeiro.

- Falo-lhe nisto - disse Chpilewski - porque, se eu quiser triunfar, tenho naturalmente de falar a todos, um por um. Devia talvez, pelo menos... ter esperado. Mas eu só queria prestar-lhe um serviço, quando lhe pedi que viesse oferecer-me esse álcool (é uma falsificação). Aqui está: saia de Xangai amanhã.

- Ah! Ah! Ah! - disse Clappique uma oitava acima. Como um eco, a buzina de um automóvel lá fora soou num harpejo.

- Por quê?

- Cá por coisas. A minha polícia, como diz, é da boa. Vá-se embora.

Clappique sabia que não podia insistir. Daí a um segundo, perguntava a si mesmo se aquilo não seria uma manobra talvez para obter os vinte mil francos? Que loucura!

- E é preciso que me safe amanhã?

Olhava aquele bar, os “shakers”, o corrimão niquelado, como velhas coisas amigas.

- O mais tardar. Mas não partir . Estou vendo. Pelo menos preveni-o.

Um reconhecimento hesitante (combatido menos pela desconfiança do que pelo carácter do conselho que lhe era dado, pela ignorância do que o ameaçava) penetrava Clappique.

- Teria eu mais sorte do que julgava? - tornou o polaco; pegou-lhe no braço: - Parta. Há uma história de um barco...

- Mas eu, nisso, não sou visto nem achado!

- Vá-se embora.

- Pode dizer-me se o Gisors pai está metido nisso?

- Não creio. O Gisors filho, talvez.

O polaco decididamente estava informado. Clappique pousou a mão na dele.

- Lamento muito não ter esses dinheiros para lhe pagar as suas mercearias, meu velho; talvez me esteja salvando... mas restam-me ainda algumas coisas, duas ou

três estátuas: fique com elas.

- Não...

- Por quê ?

- Não.

- Ah... Nem uma palavra? Seja. Mas sempre gostaria de saber porque não quer você aceitar as minhas estátuas.

Chpilewski fitou-o.

- Quando se viveu como eu vivi, como poderia ter-se esta... coisa... profissão, senão... houvesse compensações?

- Duvido que haja muitas profissões que não obriguem a compensações...

- Sim. Por exemplo, você não imagina a que ponto os armazéns estão mal guardados...

- Que ligação...? - esteve quase a perguntar Clappique.

Mas sabia, por experiência, que as frases assim encadeadas são sempre interessantes. E ele queria absolutamente prestar um serviço ao seu interlocutor, nem que fosse apenas o de o deixar falar. No entanto, estava incomodado a ponto de se sentir mal:

- Você vigia armazéns?

Para ele, a polícia era uma mistura de enredos e de chantagem, uma corporação encarregada de cobrar impostos clandestinos sobre o ópio e as casas de jogo. Os polícias com quem estava relacionado (e particularmente Chpilewski) eram sempre meio adversários, meio cúmplices. Por outro lado, repugnava-lhe a denúncia e tinha medo dela. Mas Chpilewski respondia:

- Vigiar? Não de maneira nenhuma. Coisa... pelo contrário.

- Então? Contas pessoais?

- É só para os brinquedos. compreende. Já não tenho dinheiro que chegue para comprar brinquedos ao meu pequeno. Custa muito. Tanto mais que, na verdade, só gosto do garoto quando lhe dou... coisa... prazer. E não sei dar-lhe prazer doutra maneira. É muito difícil.

- Mas, vejamos, aceite então as minhas estátuas. Não todas, se quer.

- Peça-lhe, peça-lhe... Então eu vou aos armazéns e digo... (atirou a cabeça para trás contraiu os músculos da testa e da face esquerda em volta do monóculo, sem ironia)... Eu sou inventor e construtor, naturalmente. Acabo de ver os seus modelos. Deixam-me olhar. Escolho um deles, nunca mais que um. As vezes vigiam-me, mas é raro.

- E se você fosse descoberto?

Tirou a carteira do bolso, e entreabriu-a diante de Clappique, no lugar do cartão de policia. Voltou a fechá-la e fez com a mão um gesto muito vago:

- Às vezes tenho dinheiro... poderia também ser mandado embora... mas tudo pode acontecer...

Muito admirado, Clappique revelava-se de repente homem sério e ponderado. Como ele nunca se julgava responsável por si próprio, aquilo surpreendeu-o.

“Tenho de avisar o jovem Gisors”, pensou.

Uma hora

Antes da hora, Tchen caminhava ao longo do cais, de pasta debaixo do braço, cruzando-se um a um com os europeus cujas caras conhecia; a essa hora, quase todos iam beber, encontrar-se, no bar do Xangai-club, ou dos hotéis da vizinhança. Uma mão, por trás dele, pousou-lhe suavemente no ombro. Teve um sobressalto, apalpou a algibeira interior onde tinha escondido o revólver.

- Há já muito tempo que não nos víamos, Tchen... acha...

Voltou-se; era o pastor Smithson, o seu primeiro mestre. Reconheceu imediatamente o seu belo rosto de americano um pouco Sioux, agora tão envelhecido.

- ...que podemos seguir juntos?

- Acho.

Tchen preferia, para mais segurança e ironia, prosseguir na companhia de um branco: trazia uma bomba na pasta. O casaco correcto que vestia naquela manhã dava-lhe a impressão que o seu próprio pensamento se sentia pouco à vontade; a presença de um companheiro completava esse disfarce... e, por uma obscura superstição, não queria magoar o pastor. Tinha contado os automóveis durante um minuto, nessa manhã, para saber (par ou ímpar) se seria bem sucedido: resposta favorável. Estava exasperado consigo próprio. Conversar com Smithson equivalia a libertar-se da sua irritação.

Esta não escapava ao pastor que se enganou quanto ao motivo:

- Está doente, Tchen?

- Não.

Conservava um afecto pelo antigo mestre, não sem rancor.

O velhote aceitou o braço que ele lhe oferecia.

- Rezo por si todos os dias, Tchen. Que encontrou em lugar da fé que abandonou?

Olhava com profunda afeição, que nada tinha contudo de paternal, apenas como se se oferecesse. Tchen hesitou:

- ... Não sou daqueles de quem a felicidade se ocupa...

- Não existe a felicidade, Tchen, há a paz.

- Não, não para mim.

- Para todos...

O pastor fechou os olhos, e Tchen teve a impressão de ir de braço dado com um cego.

- Não procuro a paz. Procuro... o contrário.

Smithson olhou-o, sem deixar de caminhar:

- Tome cuidado com o orgulho.

- Quem é que lhe diz que eu não tenha encontrado a minha fé?

- Que fé política terá em conta o sofrimento no mundo?

- Antes quero diminuí-lo que tê-lo em conta. O tom da sua voz está cheio de... humanidade. Não gosto da humanidade que é feita da contemplação do sofrimento.

- Está certo de que existe outra, Tchen?

- Espere: difícil de explicar... existe outra, que, pelo menos, é só feita dela mesma...

- Qual o credo político que destruirá a morte...

O tom do pastor não era de interrogação; era antes de tristeza. Tchen recordou-se da sua conversa com Gisors que não tornara a ver. Gisors pusera a sua inteligência ao serviço de si próprio e não ao de Deus.

- Já lhe disse que não procurava a paz.

- A paz...

O pastor calou-se. Iam andando.

- Meu pobre filho - tornou ele por fim, - cada um de nós só conhece a sua própria dor. - O braço dele apertava o de Tchen. - Julga que qualquer vida verdadeiramente religiosa não é uma conversão de cada dia?

Ambos olhavam o passeio, pareciam não ter outro contacto além do dos seus braços, - ...de cada dia... - repetiu o pastor num tom fatigado, como se as suas palavras não houvessem sido mais do que o eco de uma obsessão. Tchen não respondia. Aquele homem falava de si mesmo e dizia a verdade. Como ele, aquele vivia como pensava; era qualquer coisa mais que um farrapo vido. Debaixo do braço esquerdo, a pasta e a bomba; debaixo do braço direito, esse braço apertado: "...uma conversão de cada dia...". Aquela confiança em tom de segredo punha o pastor numa perspectiva súbita e patética. Tão perto do assassinio, Tchen ligava bem com qualquer angústia.

- Todas as noites, Tchen, rezarei para que Deus o livre do orgulho. (Rezo principalmente à noite, que , favorável à oração). Se Ele lhe conceder a humildade, ser salvo. Agora encontro e sigo o seu olhar, que ainda agora não era capaz de encontrar...

Fora com o sofrimento dele, não com as suas palavras, que Tchen entrara em comunhão: aquela última frase, essa frase de pescador que julga sentir o peixe,

convocava dentro dele uma cólera que crescia a custo, sem expulsar de todo uma furtiva piedade. Já não compreendia os seus sentimentos.

- Escute bem - disse ele. - Dentro de duas horas, matarei.

Desta vez, fixou o olhar nos olhos do companheiro. Sem motivo levou à cara a mão direita que tremia, crispou-a na banda do seu casaco correcto:

- Ainda encontra o meu olhar?

Não. Estava só. Sempre só. A mão dele deixou o casaco, agarrou-se à banda do pastor, como se quisesse sacudi-lo; este, pousou a mão na dele. Ficaram assim no meio do passeio, imóveis, como se estivessem prestes a lutar; um transeunte parou. Era um branco, e julgou que altercavam.

- Isso é uma mentira atroz - disse o pastor a meia voz.

O braço de Tchen caiu de novo. Nem podia rir. - Uma mentira! - gritou ele ao homem que ia a passar. Este encolheu os ombros e afastou-se. Tchen voltou-se de repente e foi-se embora quase a correr.

Encontrou por fim os dois companheiros, a mais de um quilómetro. “Muito a carácter” com os seus chapéus, os seus fatos de empregados, escolhi-dos para justificar as pastas que levavam, uma das quais continha uma bomba e a outra granadas. Suan (nariz adunco, chinês do tipo pele-vermelha) meditava, não olhava para coisa alguma; Pei... nunca Tchen reparara até então a que ponto aquele rosto parecia adolescente. Os óculos redondos de tartaruga acentuavam-lhe talvez a juventude. Partiram, atingiram a Avenida das Duas Repúblicas; com todos os estabelecimentos abertos, começava a animar-se sob o céu turvo.

O automóvel de Xang-Cai-Xeque chegaria à Avenida por uma estreita rua perpendicular. Abrandaria o andamento para virar.

Era preciso vê-lo vir, e lançar a bomba, assim que ele começasse a andar mais devagar. Passava todos os dias entre a uma hora e a uma e um quarto: o general almoçava à europeia. Era pois preciso que aquele que vigiava a pequena rua transversal fizesse sinal aos outros dois, assim que visse o automóvel. A presença de um mercador de antiguidades, cuja loja estava aberta mesmo em frente, ajudá-lo-ia; a menos que o homem pertencesse à polícia. Tchen queria ser ele a vigiar.

Colocou Pei na Avenida, muito perto do sitio onde o carro terminaria a curva antes de retomar velocidade; Suan, um pouco mais longe. Ele, Tchen, preveniria e lançaria a primeira bomba. Se o automóvel não parasse, atingido ou não, os outros dois lançariam, por sua vez, duas bombas. Se parasse, avançariam para ele: a rua era estreita demais para o carro virar. Estava aí o possível insucesso: se falhassem, os guardas de pé no estribo abririam fogo para impedir quem quer que fosse de se aproximar.

Tchen e os companheiros tinham agora que separar-se. Havia seguramente agentes secretos na multidão ao longo de todo o percurso do automóvel. De um barzito chinês, Pei ia espreitar o gesto de Tchen; de mais longe, Suan esperaria que Pei saísse. Talvez pelo menos um dos três fosse morto, Tchen sem dúvida. Não se atreviam a dizer coisa alguma. Separaram-se, sem mesmo se apertarem as mãos.

Tchen entrou na loja do antiquário e pediu para ver pequenos objectos de bronze achados em escavações. O negociante tirou de uma gaveta um grande punhado de pequenas caixas de cetim roxo, pousou sobre o balcão a mão eriçada de cubos, e começou a dispô-los. Não era um xangaiês mas um chinês do Norte ou do Turquestão: os bigodes e a barba ralos mas tufados, os olhos oblíquos eram de muçulmano da classe baixa, assim como a boca obsequiosa; mas não o rosto sem arestas, de bode com nariz chato. Aquele que denunciasse um homem encontrado com uma bomba, à passagem do general, receberia uma avultada soma em dinheiro e muita consideração entre os seus. E esse burguês rico era talvez um partidário sincero de Xan-Cai-Xeque.

- Há muito tempo que está em Xangai? perguntou a Tchen.

Que poderia ser aquele singular cliente? O seu constrangimento, a sua falta de naturalidade, de curiosidade pelos objectos expostos, inquietavam-no. Esse jovem não tinha talvez o hábito de trajar à europeia. Os lábios grossos de Tchen, apesar do seu perfil anguloso, tornavam-no simpático Filho de qualquer rico camponês do interior? Mas os grandes lavradores não colecionam bronzes antigos. Faria compras para um europeu? Não era um “boy” nem um mensageiro... e, se era amador, olhava os objectos com bem pouco amor: parecia pensar noutra coisa.

Porque já Tchen vigiava a rua. Daquela loja ele podia avistar até duzentos metros. Durante quanto tempo veria o carro? Mas como calcular sob os olhares curiosos desse imbecil? Antes de mais nada era preciso responder. Ficar silencioso, como havia feito até ali, era estúpido:

- Vivia no interior - disse. - Fui expulso pela guerra.

O mercador perguntava a si mesmo se não seria um ladrão que vinha examinar a loja, para depois a pilhar nas próximas desordens; e, todavia, aquele rapaz não desejava ver as suas mais belas peças. Só os bronzes ou as fíbulas de raposas, e de preço moderado. Os Japoneses gostam de raposas, mas aquele cliente não era japonês. Precisava de continuar a interrogá-lo com jeito.

Com certeza vive no Hupê? A vida tornou-se muito difícil, dizem, nas províncias do interior.

Tchen perguntou a si próprio se não deveria fingir-se um pouco surdo. Não se atreveu, com medo de parecer ainda mais estranho.

- Já lá não vivo - respondeu apenas.

O tom em que falava, a estrutura das frases tinham, mesmo em chinês, qualquer coisa de breve: exprimia directamente o que pensava, sem empregar os rodeios habituais. Mas pensou na discussão do preço.

- Quanto custa? - perguntou, indicando com o dedo uma das fíbulas de cabeça de raposa que se encontram em grande número nos túmulos.

- Quinze dólares.

- Parece-me que oito seria um bom preço...

- Para uma peça dessa qualidade? Como pode supor?... Pense que paguei por ela dez... Fixe o senhor o meu lucro.

Em lugar de responder, Tchen olhava para Pei sentado diante de uma mesa no seu bar aberto, com um jogo de faíscas nas lentes dos óculos; este não o via, sem dúvida, por causa da montra da loja de antiguidades. Mas vê-lo-ia sair.

- Não daria mais de nove - disse por fim, como se exprimisse o resultado de uma meditação. - E, mesmo assim, faria muito sacrifício.

As fórmulas, neste caso, eram rituais, e servia-se delas sem dificuldade.

- É o meu primeiro negócio de hoje - respondeu o antiquário - Talvez deva aceitar essa pequena perda de um dólar, porque o fecho do primeiro negócio é um bom presságio...

A rua deserta. Um riquexó, ao longe, atravessou-a. Mais outro. Dois homens saíram. Um cão. Uma bicicleta. Os homens voltaram à direita; o riquexó atravessara. A rua deserta outra vez; só o cão...

- E nove dólares e meio, não dava?

- Para exprimir a simpatia que o senhor me inspira.

Outra raposa de porcelana. Novo negócio; Tchen, depois da compra, inspirava mais confiança. Tinha adquirido o direito de reflectir: procurava o preço que havia de oferecer, aquele correspondia subtilmente à qualidade do objecto; a sua respeitável meditação não devia ser perturbada. "O automóvel, nesta rua, avança a quarenta quilómetros à hora, mais de um quilómetro em dois minutos. Hei-de vê-lo durante pouco menos de um minuto. É pouco. É preciso que Pei não tire os olhos desta porta...". Nenhum automóvel passava naquela rua. Algumas bicicletas... Apreçou uma fivela de jade, não aceitou o preço do mercador, disse que voltaria mais tarde. Um dos empregados trouxe chá. Tchen quis uma cabecinha de raposa, de cristal, pela qual o antiquário só pedia três dólares. Mas a desconfiança do dono da loja não se desfizera de todo.

- Tenho outras peças lindíssimas, muito autênticas, com raposas muito bonitas. Mas são peças muito valiosas e não as guardo no meu armazém. Poderíamos

combinar um encontro...

Tchen nada dizia.

- ...na verdade, poderia mandar um dos meus empregados buscá-las...

- Não estou interessado em peças de grande valor. Não sou, infelizmente, bastante rico para elas.

Não era então um ladrão; nem sequer pedia para as ver. O antiquário mostrava de novo a fivela de jade, com uma delicadeza de quem mexe em múmias; mas, apesar das palavras que passavam uma a uma entre os seus lábios de veludo gelatinoso, apesar dos seus olhos concupiscentes, o cliente permanecia indiferente, distante... Fora ele, no entanto, quem havia escolhido aquele fivela. A compra é uma colaboração, como o amor; o comprador, capaz de amar uma tábua. Por que comprava então este homem? De súbito, adivinhou: era um desses pobres rapazes que se deixavam puerilmente seduzir pelas prostitutas japonesas de Tchapei.

Elas adoram as raposas. Aquele cliente comprava-as para qualquer falsa gueixa: se lhe eram tão indiferentes, porque as não comprava para si. (Tchen não cessava de imaginar a chegada do automóvel, a rapidez com que devia abrir a pasta, tirar de lá a bomba, arremessá-la). Mas as gueixas não apreciam objectos de escavações... Talvez abram excepção, quando se trata de raposinhas? O rapaz tinha comprado também um objecto de cristal e um de porcelana...

Abertas ou fechadas, as caixas minúsculas estavam ali expostas, à vista. Os dois empregados olhavam, apoiados nos cotovelos. Um, muito novo, encostara-se à pasta de Tchen; como se balançava sobre uma e outra perna, empurrou-a um pouco para fora do balcão. A bomba estava do lado direito, a três centímetros da borda.

Tchen não podia mexer-se. Enfim, estendeu o braço, puxou a pasta para si, sem a menor dificuldade. Nenhum dos homens sentira a morte, nem o atentado falhado; nada, uma pasta que um marçano balança e que o seu proprietário puxa para si... E de repente, tudo pareceu extraordinariamente fácil a Tchen. As coisas, os próprios actos, não existiam; tudo eram sonhos que nos abafam porque lhes damos força, mas que bem podemos também renegar... Nesse instante, ouviu a buzina de um automóvel: Xan-Cai-Xeque.

Pegou na pasta como se fosse uma arma, pagou, meteu os dois embrulhinhos na algibeira, saiu.

O mercador vinha atrás dele, com a fivela, que ele havia recusado comprar, na mão:

- Isto são peças de jade, de que muito especialmente gostam as senhoras japonesas.

Aquele imbecil ia estragar tudo.

- Eu voltarei por cá.

Qual o negociante que não conhece a fórmula? O carro aproximava-se muito mais depressa que de costume, pareceu a Tchen, precedido pelo Ford da guarda.

- Deixe-me.

Avançando para eles, o carro sacudia, sobre as pedras grossas da calçada, os dois agentes agarrados aos estribos. O Ford passou. Tchen, parado, abriu a pasta, pôs a mão em cima da bomba embrulhada num jornal. O mercador meteu, sorrindo, a fivela na bolsa vazia da pasta aberta. Era a mais distante dele. Assim barrava o movimento aos dois braços de Tchen:

- Paga quando quiser.

- Deixe-me!

Estupefacto com aquele grito, o antiquário olhou para Tchen, também de boca aberta.

- Não estará mal disposto?

Tchen já não via nada, lasso como se fosse desmaiar: o automóvel passava.

Não tinha podido libertar-se a tempo do gesto do antiquário que pensou: “Este cliente vai sentir-se mal”. Tentou ampará-lo. De repente, Tchen deixou cair com força os dois braços estendidos para a frente e avançou. A dor fez estacar o mercador. Tchen quase corria.

- A minha placa! - gritou o homem. - A minha placa!

Lá estava na pasta. Tchen não compreendia coisa alguma. Cada um dos seus músculos, o mais fino dos seus nervos, esperava uma detonação que, enchendo a rua, se perderia pesadamente sob o céu abafado. Nada. O carro voltara, tinha mesmo, sem dúvida, ultrapassado Suan. E aquele bruto ficava ali. Não havia perigo, uma vez que tudo falhara. Que tinham feito os outros?

Tchen começou a correr. “Agarra que é ladrão!”- gritou o antiquário. Apareceram vendedores. Tchen compreendeu. De raiva, teve vontade de fugir com a placa, de atirá-la para qualquer lado. Mas aproximavam-se outros basbaques. Atirou-a à cara do antiquário, e reparou que não tinha fechado a pasta.

Desde a passagem do carro que ficara aberta, sob os olhos desse cretino e dos transeuntes, com a bomba à vista, nem mesmo protegida pelo papel que caíra. Fechou outra vez a pasta com prudência (por um pouco a deixava cair, lutava com todas as forças para dominar os nervos). O mercador voltou o mais depressa que pôde para a loja. Tchen prosseguiu na corrida.

- E então? - disse a Pei, quando chegou ao pé dele.

- E tu?

Olharam-se arquejantes, cada qual querendo primeiro ouvir o outro. Suan, que se aproximava, via-os assim numa imobilidade cheia de hesitações e de veleidades, de perfil sobre as casas esbatidas; a luz muito forte, apesar das nuvens, destacava o perfil de gavião bonacheirão de Tchen e a cabeça arredondada de Pei, isolava aquelas duas personagens de mãos trémulas, plantadas sobre as suas sombras curtas de começo da tarde, por entre os transeuntes atarefados e inquietos. Todos três traziam ainda as pastas: era prudente não ficar ali muito tempo. As casas de comidas não eram seguras. E já se haviam reunido e separado de mais naquela rua. Por quê? Nada se passara...

- Em casa de Hemmelrich - disse, todavia, Tchen.

Meteram-se pelas ruelas.

- Que aconteceu? - perguntou Suan.

Tchen explicou. Pei, esse, ficara perturbado quando vira que Tchen não saía só da loja do antiquário. Dirigira-se para o seu posto de lançamento, a alguns metros da esquina. A regra, em Xangai, é seguir pela esquerda; o carro virava, de ordinário, pelo caminho mais curto, e Pei colocara-se no passeio da esquerda; para atirar a sua bomba mais de perto. Ora o automóvel ia depressa; não havia carros nesse momento na Avenida das Duas Repúblicas. O motorista fizera a curva mais larga; tinha portanto passado rente ao outro passeio, e Pei vira-se separado dele por um riquexó.

- Tanto pior para o riquexó - disse Tchen. - Há milhares de outros "colis" que não podem viver sem a morte de Xan-Cai-Xeque.

- Teria falhado o alvo.

Suan, esse, não tinha lançado as suas granadas, porque a abstenção dos camaradas o tinha feito supor que o general não seguia no carro.

Avançavam em silêncio entre as paredes que o céu amarelento e carregado de bruma tornava lívidas, numa solidão miserável, crivada de detritos e de fios telegráficos.

- As bombas estão intactas - disse Tchen, a meia voz. - Tentaremos outra vez.

Mas os dois companheiros estavam esmagados; aqueles que falharam o suicídio raramente o tentam de novo. A tensão dos seus nervos, que fora extrema, tornava-se demasiado fraca. À medida que avançavam, o esgotamento dava neles lugar ao desespero.

- Foi minha a culpa - disse Suan.

Pei repetiu:

- A culpa foi minha.

- Basta - disse Tchen, que não podia mais.

Enquanto prosseguia na caminhada miserável reflectia. Não deviam recomeçar a tentativa da mesma maneira. Aquele plano era mau, mas era difícil imaginar outro. Tinha pensado que...

Chegavam a casa de Hemmelrich.

Do fundo da loja, Hemmelrich ouvia uma voz que falava em chinês, outras duas que respondiam. O timbre, o ritmo inquieto, haviam-lhe chamado a atenção. “Já ontem, pensou ele, vi vadiarem por aí dois tipos que tinham umas ventas de quem sofre de hemorróidas crônicas, e que não andam cá com certeza para se divertir...”. Era-lhe difícil ouvir distintamente: lá em cima, o menino chorava sem parar. Mas as vozes calaram-se, e curtas sombras, no passeio, mostraram que estavam ali três corpos. A polícia?... Hemmelrich levantou-se, pensou no pouco medo que inspirariam a agressores o seu nariz chato e os seus ombros alcachinados de pugilista rebentado, e caminhou para a porta. Antes que a mão lhe houvesse chegado ao bolso, tinha reconhecido Tchen; estendeu-lha, em lugar de puxar pelo revólver.

- Vamos para as traseiras da loja - disse Tchen.

Todos três passaram diante de Hemmelrich. Ele examinou-os. Uma pasta cada um, não transportada sem cuidado, mas segura pelos músculos crispados dos braços.

- Ora bem - disse Tchen, logo que a porta se fechou de novo.

- Podes dar-nos hospitalidade por algumas horas? A nós e ao que está nas nossas pastas?

- Bombas?

- Sim.

- Não.

A criança lá em cima, continuava a berrar. Os seus gritos mais magoados tinham-se transformado em soluços e por vezes pequenos cacarejos, como se chorasse por brincadeira... muito mais impressionantes. Discos, cadeiras, o grilo, tudo estava a tal ponto no mesmo lugar, como quando Tchen tinha chegado depois do assassinio de Yan-Yen-Ta, que Hemmelrich e ele se lembraram ambos dessa noite. Ele nada disse, mas Hemmelrich adivinhou-o:

- As bombas... - continuou ele - isso não pode ser, neste momento. Se encontram bombas aqui, matarão a mulher e a criança.

- Bom. Vamos para casa de Shia. - Era o mercador de lanternas que Kyo visitara na véspera da insurreição. - A esta hora só lá está o rapaz.

- Compreende-me, Tchen: o pequeno está doente, e a mãe também não está

muito bem...

Olhava Tchen com as mãos trémulas:

- Não podes saber, Tchen, não podes saber a felicidade que tens de ser livre!...

- Sim, eu sei.

Os três chineses saíram.

- Raios partam o diabo no Inferno! pensou Hemmerlich. - Nunca estarei no lugar dele? - praguejava no seu íntimo com calma, como que ao retardador. E subia lentamente para o quarto. A chinesa estava sentada, com o olhar fixo na cama, e não se voltou.

- A senhora foi bonita hoje - disse o pequeno, - quase não me fez doer...

A senhora era May... Hemmelrich lembrava-se: “Mastoidite. Meu amigo, , preciso partir o osso...”. Aquela criança, quase um bebé, só tinha tido vida para sofrer. Havia que “explicar-lhe”. Explicar-lhe o quê? Que era proveitoso deixar partir os ossos da cara para não morrer, para ser recompensado com uma vida tão preciosa e delicada como a do pai?”

“Miserável juventude”, dissera ele durante vinte anos. Quanto tempo ainda antes de dizer “Miserável velhice!”, e de passar a essa infeliz criança estas duas perfeitas expressões da vida?

No mês anterior, o gato deslocara a pata e fora preciso segurá-lo, enquanto o veterinário chinês puxava o membro ao seu lugar, e o bicho dava urros e debatia-se; não compreendia nada; e ele sentia que o bicho se julgava submetido a torturas. E o gato não era uma criança, não dizia: “Quase não me faz doer...”. Desceu outra vez. O cheiro dos cadáveres sobre os quais se atiravam sem dúvida os cães, ali perto, nas ruas estreitas, entrava na loja com um vago sol. O que não falta é o sofrimento!”, pensou ele.

Não perdoava a si mesmo aquela recusa. Como um homem torturado que revelou segredos, sabia que voltaria a proceder como havia procedido, mas não se perdoava tê-lo feito.

Traíra a sua mocidade, traíra os seus desejos e os seus sonhos. Como não os trair? “O importante seria querer-se o que se pode...”. Ele só queria o que não podia: dar asilo a Tchen e sair com ele. Sair. Compensar por meio de qualquer violência, com bombas, essa vida atroz que o envenenava desde que nascera, que havia de envenenar também os seus filhos. Sobre tudo os filhos. O seu próprio sofrimento, era-lhe impossível aceitá-lo: estava habituado. Não o das crianças.

“Tem-se tornado muito inteligente desde que está doente”, dissera May. Como por acaso...

Sair com Tchen, pegar numa das bombas escondidas nas pastas, atirá-la. Era o

bom-senso. E mesmo a única coisa que, na sua vida actual, podia ter um sentido. Trinta e sete anos. Ainda trinta anos para viver, talvez. Para viver como? Esses discos em depósito cuja miséria partilhara com Lu-Yu-Xuen, de que nem um nem outro podiam viver e, quando fosse velho... Trinta e sete anos: tão longe quanto a lembrança alcança dizem as pessoas; a lembrança dele não tinha que alcançar: de uma à outra ponta, era só miséria.

Mau aluno na escola: ausente um dia em cada dois... a mãe para se embebedar sossegada mandava-o fazer o trabalho dela. A fábrica: o trabalho. Mau feitio; na tropa, sempre no calabouço. E na guerra? Gaseado. Por quem? Para que? Pela sua terra? Não era belga, era miserável. Mas na guerra comia-se.

Depois desmobilizado, finalmente para a Indochina. “O clima não permite aqui as profissões manuais...”. Mas permitia rebentar de desintéria, muito particularmente às pessoas conhecidas pelo seu mau feitio. Tinha enalhado em Xangai. As bombas, Deus do Céu, as bombas!

Havia a mulher: nada mais lhe fora dado na vida. Fora vendida por doze dólares. Abandonada pelo comprador a quem já não agradava, tinha vindo para casa dele com terror, para comer, para dormir; mas a princípio não dormia, esperando dele a maldade dos europeus, de que sempre lhe tinham falado. Ele fora bom para ela.

Erguendo-se pouco a pouco do seu pavor, tinha-o tratado quando ele estivera doente, trabalhara para ele, tinha suportado as suas crises de ódio impotente.

Prendera-se a ele com um amor de cão cego e martirizado, suspeitando que ele era outro cão cego e martirizado. E agora, havia o garoto. Que podia ele fazer? Dar-lhe de comer, e mal.

Só guardava forças para o sofrimento que podia infligir; havia mais dores no mundo do que estrelas no céu, mas a pior de todas podia ele impô-la àquela mulher: abandoná-la ao morrer.

Como esse russo esfomeado, quase seu vizinho, que, tornado operário, se suicidara num dia de miséria excessiva, e cuja mulher, louca de raiva, havia esbofetado o cadáver que a abandonava mais aos quatro filhos nos cantos da casa, um deles a perguntar “por que brigam?”... À mulher, ao filho, impedia-os de morrer. Nada era. Menos de que nada. Se tivesse dinheiro, se pudesse deixá-lo, seria livre de se fazer matar. Como se o universo o não houvesse tratado, a vida inteira, a pontapés, ainda o espoliava da única dignidade que ele tinha, que poderia possuir... a sua morte. Respirando com a revolta de todas as coisas vivas, apesar do hábito, o cheiro dos cadáveres que cada lufada de vento fazia deslizar no sol imóvel, penetrava-se dele com um horror satisfeito, obcecado por Tchen como por um amigo na agonia, e procurando (como se tal coisa tivesse importância) o que dominava nele, vergonha, fraternidade ou uma inveja atroz.

De novo Tchen e os seus companheiros tinham saído da Avenida: os pátios e as ruelas eram pouco vigiados, o automóvel do general não passava por aí. “Tenho de mudar de plano”, pensava Tchen, de cabeça baixa, olhando para os sapatos de gente fina, que avançavam sob os seus olhos, um após outro. Fazer chocar o carro de Xan-Cai-Xeque com outro carro, conduzido em sentido inverso? Mas todos os automóveis podiam ser requisitados pelo exército. Tentar empregar o pavilhão de uma legação para proteger o carro de que se servissem era incerto, porque a policia conhecia os motoristas dos ministros estrangeiros. Atravancar o caminho com uma carroça?

Xan-Cai-Xeque era sempre precedido pelo Ford da sua guarda pessoal. Ante uma paragem suspeita, guardas e policia, dos estribos, haviam de atirar sobre quem quer que tentasse aproximar-se. Tchen escutou: havia uns instantes que os companheiros falavam entre si.

- Muitos generais abandonarão Xan-Cai-Xeque, se sabem que se arriscam verdadeiramente a ser assassinados - dizia Pei.

- Só nós é que temos fé.

- Sim - disse Suan. - Fazem-se bons terroristas dos filhos dos executados.

- E quanto aos generais que ficarem, - acrescentou Pei - mesmo que tenham de fazer a China contra nós, hão-de fazê-la grande, porque a farão sobre o seu próprio sangue.

- Não - disseram ao mesmo tempo Tchen e Suan. Nem um nem outro ignoravam quão elevado era o número de nacionalistas entre os comunistas, entre os intelectuais sobretudo.

Pei escrevia em revistas, a breve prazo interditas, contos de um amargor dolorosamente satisfeito consigo mesmo, e artigos, o último dos quais começava assim: “Estando o imperialismo em apuros, a China pensa em solicitar mais uma vez a sua benevolência e em pedir-lhe que substitua por um anel de níquel o anel de ouro que ele lhe enfiou no nariz...”.

Preparava por outro lado uma ideologia do terrorismo. Para ele, o comunismo era só o verdadeiro meio de fazer reviver a China.

- Eu não quero fazer a China - disse Suan, - quero fazer os meus, com ou sem ela. Os pobres. É por eles que aceito morrer, matar. Só por eles...

Foi Tchen quem respondeu:

- Sempre que tentarmos lançar a bomba, isso dar mau resultado. São demasiadas as probabilidades de fracasso. E temos de acabar com isto hoje mesmo.

- Fazê-lo de outro modo, não, mais fácil.

- Há uma maneira.

As nuvens baixas e pesadas avançavam no sentido em que iam caminhando, sob uma claridade amarelenta, com um movimento incerto e contudo imperioso de destinos. Tchen tinha fechado os olhos para reflectir, mas caminhava sempre; os camaradas aguardavam, olhando esse perfil curvilíneo que avançava como de costume ao longo das paredes.

- Há uma maneira. E creio que há só uma: não se deve atirar a bomba; preciso lançarmo-nos para debaixo do automóvel com ela.

A caminhada continuava através dos pátios arruinados onde já não brincavam as crianças. Todos três reflectiam.

Chegaram. O empregado introduziu-os nas traseiras da loja.

Ficaram de pé no meio das lanternas, de pastas debaixo dos braços. Acabaram por pousá-las com todo o cuidado. Suan e Pei acocoraram-se à chinesa.

- Por que ris tu, Tchen?

Ele não ria, sorria, muito longe da ironia que lhe atribuía a inquietação de Pei: estupefacto, descobria a euforia. Tudo se tornava simples. Dissipava-se a sua angústia. Sabia que mal estar perturbava os camaradas, apesar da coragem que tinham: atirar bombas, mesmo da forma mais perigosa, era a aventura; a resolução de morrer era outra coisa: o contrário, talvez.

Começou a andar de um lado para o outro. A oficina só era iluminada pela claridade que vinha do armazém. O céu estava pardo, reinava ali uma luz plúmbea como a que precede as borrascas; naquela bruma suja, brilhavam nos bojos das lanternas furta-fogo efeitos de luz, pontos de interrogação tombados e paralelos. A sombra de Tchen, demasiado contusa para ser uma silhueta, avançava acima dos olhos inquietos dos outros.

- Kyo tem razão: o que nos faz mais falta é o sentido do araquiri. Mas o japonês que se mata pode tornar-se um deus, o que , o começo da patacoada. Não: é preciso que o sangue recaia sobre os homens... e que aí fique.

- Antes quero tentar sair-me bem - disse Suan, - sair-me bem de vários atentados do que decidir que apenas tentarei um, porque depois desse estarei morto.

No entanto, sob as palavras de Tchen, vibrando mais com o timbre delas do que com o seu sentido (quando exprimia a sua paixão em chinês, a voz tomava-lhe uma intensidade extrema), como que uma corrente atraía Suan, com toda a atenção presa sem saber por que.

- Tenho que atirar-me para debaixo do automóvel – respondeu Tchen.

Com o pescoço imóvel, seguiam-no com o olhar, enquanto se afastava e voltava outra vez; ele já os não olhava. Tropeçou numa das lanternas postas no chão, foi

aos tombos esbarrar com a parede. A lanterna caiu e partiu-se tilintando. Mas não havia ocasião para risos. A sua sombra outra vez erguida destacava-se confusamente acima das cabeças dos outros sobre as últimas filas de lanternas; Suan começava a compreender o que Tchen esperava dele; todavia, por desconfiança de si próprio ou defesa contra o que previa, disse:

- Tu, que queres?

Tchen compreendeu que não o sabia. Parecia-lhe lutar não contra Suan, mas contra o próprio pensamento que lhe fugia.

Enfim:

- Que isso se não perca.

- Tu queres que Pei e eu tomemos o compromisso de te imitar? E isso?

- Não, uma promessa que eu espero. É uma exigência.

Os reflexos apagavam-se nas lanternas. A claridade diminuía na divisão sem janelas: sem dúvida, as nuvens acumulavam-se lá fora. Tchen recordou-se de Gisors: “A beira da morte, uma tal paixão aspira transmitir-se...”. De súbito, compreendeu. Suan também compreendia:

- Tu queres fazer do terrorismo uma espécie de religião?

A exaltação de Tchen tornava-se maior. Todas as palavras eram vazias, absurdas, impotentes, para exprimir o que queria deles.

- Não uma religião. O sentido da vida. A...

Fazia com a mão o gesto confuso de amassar, e o seu pensamento parecia arfar como uma respiração.

- ...A posse completa de si próprio. Total. Absoluta. A única. Saber. Não procurar, constantemente, ideias e deveres. Há uma hora que já não sinto coisa alguma do que pesava sobre mim. Estão a ouvir? Nada.

Agitava-o uma tal exaltação que já não procurava convencê-los, senão falando-lhes de si:

- Estou de posse de mim próprio. Mas nem uma ameaça, nem uma angústia, como sempre. Dominado, apertado, como esta mão apertada a outra (apertava-a com toda a força). Ainda não basta, como...

Apanhou do chão um dos bocados de vidro da lanterna quebrada. Um grande estilhaço triangular, cheio de reflexos. Com um gesto, enterrou-o na coxa. A sua voz entrecortada estava penetrada de uma certeza selvagem, mas parecia muito mais dominar a sua exaltação do que ser dominado por ela.

Nada louco. Os outros dois mal o viam já e, contudo, ele enchia o compartimento. Suan começou a ter medo:

- Sou menos inteligente do que tu, Tchen, mas, para mim... para mim, não. Eu vi o meu pai pendurado pelas mãos, açoitado a vergastadas no ventre, para que confessasse onde o patrão escondera o dinheiro que não tinha. É pelos nossos que eu combato, não por mim.

- Pelos nossos, nada podes fazer de melhor que decidir-te a morrer. Nenhum homem pode ser tão eficaz como aquele que assim escolheu. Se tivéssemos decidido antes, não teríamos deixado escapar há bocado Xan-Cai-Xeque. Bem sabes.

- Tu, tens talvez necessidade disso. Não sei... - debatia-se. - Se eu estivesse de acordo, tu compreendes, parecer-me-ia que não me deixava matar por todos, mas...

- Mas?

Escurecera quase por completo, mas a fraca claridade da tarde permanecia ali, sem desaparecer de todo, eterna.

- Por ti.

Um forte cheiro a petróleo lembrou a Tchen as latas de gasolina do incêndio do posto, no primeiro dia da insurreição. Mas tudo mergulhava no passado, mesmo Suan, visto que não queria segui-lo. Todavia, a única vontade que o seu pensamento presente não aniquilava era a de criar esses juizes condenados, essa raça de vingadores. O nascimento daquela ideia fazia-se nele como todos os nascimentos, rasgando-o e exaltando-o, sem que fosse senhor de o impedir. Não podia suportar qualquer presença. Levantou-se.

- Tu que escreves - disse a Pei, - explicarás.

Pegaram de novo nas pastas. Pei limpava os óculos. Tchen, antes de sair arregaçou as calças, ligou a coxa com um lenço sem lavar a ferida. (Para quê? Não teria tempo de infectar).

“Faz-se sempre a mesma coisa”, reflectiu ele, perturbado, pensando na faca que tinha enterrado no braço.

- Irei só - disse. - E, esta noite, bastarei eu.

- Mesmo assim, poderei organizar alguma coisa – respondeu Suan.

- Ser demasiado tarde.

Em frente da loja, Tchen deu um passo para a esquerda. Pei seguia-o. Suan ficara imóvel. Segundo passo. Pei seguiu-o ainda. Tchen notou que o adolescente, de óculos na mão (quanto mais humano era esse rosto de criança, sem lentes sobre os olhos!), chorava em silêncio.

- Onde vais?

- Vou contigo.

Tchen parou. Julgara-o sempre da opinião de Suan; apontou-lhe este com o dedo.

- Irei contigo - insistiu Pei.

Esforçava-se por falar o menos possível, com a voz embargada, a maçã de Adão sacudida por silenciosos soluços.

- Não. Hoje, testemunha.

Crispou os dedos no braço de Pei.

- Testemunha - repetiu.

Afastou-se. Pei ficou no passeio, de boca aberta, limpando sempre os vidros dos óculos, cómico. Nunca julgara que se pudesse ser tão solitário.

Três horas

Clappique pensara encontrar Kyo em casa. Mas não: na grande sala, com o tapete juncado de esbocetos que um discípulo de quimono ia apanhando, Gisors conversava com o cunhado, o pintor Kama.

- Bom dia, meu caro! Dê cá um abraço.

Sentou-se tranquilamente.

- É pena que o seu filho não esteja cá.

- Quer esperar por ele?

- Tentemos. Tenho imensa necessidade de lhe falar. Que novo cactozinho ser aquele, debaixo da mesa do ópio? A colecção está a tornar-se digna de respeito. É encantador, caro amigo, en-can-ta-dor! Tenho que comprar um. Onde o arranjou?

- É um presente. Foi-me enviado há pouco mais de uma hora.

Clappique lia os caracteres chineses traçados na etiqueta presa à planta; um maior: fidelidade; três pequenas, uma assinatura: Tchen-Ta-Eul.

- Tchen-Ta-Eul... Tchen... Não conheço. É pena. É um rapaz que percebe de cactos.

Lembrou-se de que, no dia seguinte, deveria partir. Era preciso arranjar o dinheiro para a partida, e não comprar cactos. Impossível vender rapidamente objectos de arte na cidade ocupada militarmente. Os seus amigos eram pobres. E Ferral não se deixava cravar a pretexto algum. Encarregara-o de comprar para ele aguarelas de Kama, quando o pintor japonês chegasse. Algumas dezenas de dólares de comissão...

- Kyo já deveria cá estar - disse Gisors. - Tinha muitas entrevistas hoje, não é...

- Faria melhor, se faltasse a elas - resmungou Clappique.

Nada mais se atreveu a acrescentar. Ignorava o que Gisors conhecia da actividade de Kyo. Mas a ausência de qualquer pergunta humilhou-o.

- Bem vê que é muito sério.

- Tudo o que diz respeito a Kyo é muito sério para mim.

- Tem alguma ideia sobre a maneira de ganhar ou encontrar imediatamente quatrocentos ou quinhentos dólares?

Gisors sorriu tristemente. Clappique sabia-o pobre; e as suas obras de arte, mesmo se ele aceitasse vendê-las...

“Ganhemos pois os nossos poucos cobres”, pensou o barão.

Aproximou-se, olhou para as aguarelas espalhadas sobre o divã.

Bastante esperto para não ajuizar da arte japonesa tradicional em função das suas relações com Cézanne ou Picasso, detestava-a hoje: o gosto da serenidade, fraco nos homens acossados. Queimadas perdidas na montanha, ruas de aldeia que a chuva ia dissolvendo, voos de groux na neve, todo um mundo em que a melancolia predispunha à felicidade... Clappique imaginava, ai!, sem custo, os paraísos à porta dos quais teria de ficar, mas irritava-se com a existência deles.

- A mais bela mulher do mundo - disse - nua, excitada, mas com um cinto de castidade! Para Ferral, não para mim. Some-te!

Escolheu quatro, ditou a morada ao discípulo.

- Porque pensa na nossa arte - disse Gisors. - Esta não serve para a mesma coisa.

- Por que pinta, Kama-San?

De quimono também (Gisors estava sempre vestido de roupão, só Clappique trazia calças), com um reflexo de luz no crânio calvo, o velho mestre fitava Clappique com curiosidade.

O discípulo deixou o esboço, traduziu, respondeu:

- Diz o mestre: primeiro para a minha mulher, porque a amo...

- Não digo para quem, mas para quê.

- O mestre diz que é difícil de explicar. Diz ele: quando eu fui à Europa, vi os museus. Quanto mais os vossos pintores fazem maçãs, e mesmo linhas que não representam coisas, mais falam de si mesmos. Para mim, é o mundo que conta.

Kama disse uma frase mais; uma expressão de doçura passou-lhe por instantes no rosto de velha dama indulgente.

- Diz o mestre: a pintura entre nós seria entre vós a caridade.

Um segundo discípulo, cozinheiro, trouxe tigelas de “sakê” depois retirou-se. Kama falou de novo.

- O mestre diz que, se não pintasse mais, lhe havia de parecer que tinha ficado cego. E mais do que cego: só.

- Um minuto! - disse o barão, com um olho aberto e outro fechado, espe-tado o indicador. - Se um médico lhe dissesse: “estás atacado por uma doença incurável e morrer s dentro de três meses”, pintaria ainda?

- O mestre diz que, se soubesse que ia morrer, acha que pintaria melhor, mas não de outro modo.

- Melhor, por quê? - perguntou Gisors.

Não cessava de pensar em Kyo. O que Clappique havia dito ao entrar era suficiente para lhe causar inquietação: naqueles dias, a serenidade era quase um

insulto.

Kama respondeu. O próprio Gisors traduziu:

- Diz ele: "Há dois sorrisos... o da minha mulher e o da minha filha... que eu pensaria então que nunca mais veria, e mais havia de amar a tristeza. O mundo é como os caracteres da nossa escrita. O que ó sinal é para a flor, a própria flor, esta (mostrou uma das aquarelas), o é para qualquer coisa. Tudo é, sinal. Ir do sinal à coisa significada é aprofundar o mundo, é ir para Deus. Ele pensa que a aproximação da morte... Espere...

Interrogou novamente Kama, retomou a tradução.

- Sim, é isso. Ele pensa que a aproximação da morte lhe permitiria talvez pôr em todas as coisas bastante fervor, tristeza, para que todas as formas que pintasse se tornassem sinais compreensíveis, para que o que elas significam, e o que escondem também, se revelasse.

Clappique sentia a atroz sensação de sofrer em frente de um ser que nega a dor. Escutava com atenção, não tirando os olhos do rosto de asceta indulgente de Kama, enquanto Gisors traduzia; com os cotovelos chegados ao corpo, as mãos juntas, Clappique, logo que o rosto dele exprimia inteligência, tomava o aspecto de um macaco triste e friorento.

- Talvez você não ponha bem a questão - disse Gisors.

Disse em japonês uma frase muito breve. Kama tinha respondido até então quase de seguida. Desta vez reflectiu.

- Que pergunta lhe fez? - inquiriu Clappique a meia voz.

- O que faria se o médico condenasse a mulher.

- O mestre diz que não acreditaria no médico.

O discípulo-cozinheiro voltou e levou as tigelas numa bandeja. O seu traje europeu, o sorriso, os gestos que a alegria tornava extravagantes, até a deferência, tudo nele parecia estranho, mesmo a Gisors. Kama disse, a meia voz, uma frase que o outro discípulo não traduziu.

- No Japão, os rapazes nunca bebem vinho - disse Gisors. Está chocado por ver este discípulo embriagado.

O olhar dele perdeu-se; a porta exterior abria-se. Um ruído de passos. Mas não era Kyo. O olhar voltou a ser incisivo, pousou com firmeza no de Kama:

- E se ela estivesse morta?

Teria prosseguido neste diálogo com um europeu? Mas o velho pintor pertencia a outro universo. Antes de responder, teve um longo sorriso triste, não dos lábios, mas das pálpebras:

- Pode comunicar-se mesmo com a morte... É mais difícil mas é talvez o sentido da vida.

Despedia-se, dirigia-se para o seu quarto, seguido pelo discípulo.

Clappique sentou-se.

- Nem uma palavra!... Notável, meu caro, notável! Foi-se embora como um fantasma cortês. Sabe que os jovens fantasmas são muitíssimo mal educados e que os velhos têm imenso trabalho para os ensinarem a meter medo às pessoas, porque os tais jovens ignoram todas as línguas, e não sabem dizer senão: Zip-Zip... Do que...

Parou: a aldraba outra vez. No silêncio, começaram a retinir notas de guitarra; em breve se organizaram numa chuva lenta que se desenvolveu descendo até às mais graves, sustentadas longamente e perdidas enfim numa serenidade solene.

- Mas o que é, o que quer isto dizer?

- Toca chamissém. Sempre, quando alguma coisa o perturba: longe do Japão, a sua defesa... Ele disse-me, quando voltou da Europa: “Sei agora que posso tornar a encontrar em qualquer parte o meu silêncio interior”.

- Afectação ?

Clappique tinha feito distraidamente a pergunta: ouvia.

Àquela hora em que a sua vida estava talvez em perigo (ainda que poucas vezes se interessasse suficientemente por si mesmo para se sentir na verdade ameaçado), essas notas tão puras e que faziam refluir dentro dele, com o amor pela música de que vivera a sua mocidade, essa própria mocidade e toda a ventura destruída com ela, perturbavam-no também.

O ruído de passos, uma vez mais: já Kyo vinha entrando.

Levou Clappique para o seu quarto. Divã, cadeira, secretária, paredes brancas: uma austeridade simples. Estava calor ali; Kyo atirou o casaco para cima do divã, ficou em “pull-over”.

- Eis o que se passa - disse Clappique. - Acabam de dar-me uma informaçãozinha a que você faria mal em não dar a maior importância; se nos não tivermos safado daqui antes de amanhã à noite, seremos mortos.

- Qual a origem dessa informação? Polícia?

- Bravo. Inútil dizer-lhe que não posso ir mais longe. Mas é grave. A história do barco, conhecida. Conserve-se quieto, e safe-se dentro de quarenta e oito horas.

Kyo ia dizer: já não é um delito, visto que triunfámos.

Calou-se. Não ficou surpreendido, porque já contava com a repressão do movimento operário. Tratava-se da rotura, o que Clappique não podia adivinhar.

E, se este era perseguido era-o porque, tendo o “Xantum” sido assaltado pelos comunistas, o julgavam ligado a eles.

- Que pensa fazer? - continuou Clappique.

- Primeiro, reflectir.

- Que ideia profunda! E tem massa para se pôr ao fresco?

Kyo encolheu os ombros sorrindo.

- Não tenho a intenção de me pôr ao fresco - e após um instante prosse-guiu. - O seu aviso nem por isso deixa de ser da maior importância para mim.

- Não tem intenção de se pôr ao fresco? Então prefere que lhe tratem da saúde?

- Talvez. Mas você quer partir?

- Por que havia de ficar?

- Quanto precisa?

- Trezentos, quatrocentos...

- Talvez possa dar-lhe uma parte. Gostaria de o ajudar. Não julgue que imagino pagar assim o serviço que me presta...

Clappique sorriu tristemente. Não se enganava com a delicadeza de Kyo, mas era-lhe sensível.

- Onde ir esta noite? - continuou Kyo.

- Onde quiser.

- Não.

- Combinemos então no “Black Cat”. É preciso que eu arranje umas massazinhas de várias maneiras.

- Fixe: a “boite” está no território das concessões; portanto, não há policia chinesa. E o “kidnapage” (*Termo de Xangai. Do Inglês “kidnapped”, raptado. (N. do Autor) não é para temer como aqui: gente de mais... Passarei por lá entre as onze e as onze e meia. Mais tarde, não. Tenho uma entrevista marcada em seguida...*

Clappique desviou o olhar.

- ...a que estou resolvido a não faltar. Tem a certeza de que o “Cat” não estará fechado?

- Que loucura! Estar cheio de oficiais de Xan-Cai-Xeque; os seus uniformes gloriosos unir-se-ão na dança aos corpos das mulheres perdidas. Em graciosas grinaldas, é o que lhe digo! Esperá-lo-ei, pois, contemplando com toda a atenção esse espectáculo obrigatório, até perto das onze horas e meia.

- Julga que poderá ficar mais bem informado, esta noite?

- Tentá-lo-ei.

- Prestar-me-ia talvez um grande serviço. Muito maior serviço do que pode pensar. Sou expressamente visado?

- É.

- E meu pai?

- Não. Tê-lo-ia prevenido. Não tinha nada que ver com o caso do “xantum”.

Kyo sabia que não era no “xantum” que tinham de pensar, mas na repressão. May? O seu papel era muito pouco importante, para que se justificasse interrogar Clappique. Quanto aos companheiros, se ele estava ameaçado, todos o estavam.

- Obrigado.

Voltaram juntos. Na sala das fênix, May dizia a Gisors:

- É muito difícil: se a União das Mulheres concede o divórcio às esposas maltratadas, os maridos abandonam a União revolucionária; e, se nós lho não concedemos, elas perdem toda a confiança em nós. Não deixam de ter razão...

- Para organizar, receio que seja demasiado cedo ou demasiado tarde - disse Kyo.

Clappique ia-se embora, sem ouvir.

- Seja, como sempre, magnânimo - disse ele a Gisors. - Dê-me o seu cacto.

- Tenho afeição pelo rapaz que mo mandou... Outro qualquer, de boa vontade...

Era um cactozinho hirsuto.

- Paciência.

- Até breve.

- Até bre... Não. Talvez. Até à vista, meu caro. O único homem de Xangai que não existe... nem uma palavra... que em absoluto não existe!... saúda-o.

Saiu.

May e Gisors olhavam para Kyo com angústia; este explicou logo:

- Ele soube pela polícia que sou visado; aconselha-me a não me mexer daqui, a não ser para me escapar dentro de dois dias. Por outro lado, a repressão está iminente. E as últimas tropas da 1ª divisão deixaram a cidade.

Era a única divisão com que os comunistas podiam contar.

Xan-Cai-Xeque sabia-o: tinha ordenado ao seu general que se dirigisse para a linha de batalha com as tropas. Este propusera à Comissão Central comunista que prendesse Xan-Cai-Xeque. Tinham-no aconselhado a ganhar tempo, que se fizesse passar por doente; em breve se vira em face de um ultimato. E, não se atrevendo a combater sem o acordo do Partido, abandonara a cidade, tentando

unicamente deixar ali algumas tropas. Por sua vez, estas acabavam de partir.

- Ainda não estão longe - continuou Kyo; - e mesmo a divisão pode voltar, se conservarmos a cidade bastante tempo.

A porta tornou a abrir-se, um nariz espreitou, uma voz cavernosa disse: “O barão de Clappique não existe”.

A porta fechou-se outra vez.

- De Anqueu, nada? - perguntou Kyo.

- Nada.

Desde o seu regresso, organizava clandestinamente grupos de combate contra Xan-Cai-Xeque, como os organizara contra os nortistas. A Internacional tinha repellido as palavras de ordem de oposição, mas aceitara a manutenção dos grupos comunistas de choque; dos novos grupos de militantes Kyo queria fazer os organizadores das massas que todos os dias agora se dirigiam para as Uniões; mas os discursos oficiais do Partido Comunista Chinês, toda a propa-ganda de união com o Kuomintang paralisavam-no. Somente a Comissão Militar se lhe reunira; nem todas as armas haviam sido entregues, mas Xan-Cai-Xeque exigia nesse mesmo dia a entrega das que os comunistas ainda tinham em seu poder. Um último apelo de Kyo e da Comissão Militar fora telegrafado a Anqueu.

O velho Gisors (posto ao corrente desta vez) estava inquieto.

Via por demais no marxismo a forma de uma fatalidade para encarar sem desconfiança as questões de tática. Como Kyo, estava certo de que Xan-Cai-Xeque tentaria esmagar os comunistas; como Kyo, pensava que o assassinio do general teria ferido a reacção no seu ponto mais vulnerável. Mas detestava o carácter de conspiração da actual acção deles. A morte de Xan-Cai-Xeque, a própria conquista do governo de Xangai, só conduziriam a uma aventura. Com alguns membros da Internacional, desejava o regresso a Cantão do “exército de ferro” e da fracção comunista do Kuomintang: ali, apoiados por uma cidade revolucionária, um arsenal activo e bem abastecido, os vermelhos poderiam instalar-se e esperar o momento propício para uma nova campanha do norte, que a reacção iminente havia de preparar a fundo. Os generais de Anqueu, ávidos de terras para conquistar, não pretendiam de maneira alguma as do sul da China, onde as Uniões fiéis àqueles que representavam a memória de Sun-Ya-Sen, os constrangeriam a uma constante e pouco frutuosa guerrilha. Em vez de dever combater os nortistas e depois Xan-Cai-Xeque, o exército vermelho teria assim deixado a este o trabalho de combater aqueles; quem quer que fosse o inimigo que viesse a encontrar depois em Cantão, havia de encontrá-lo enfraquecido. “Os burros estão demasiado fascinados pela sua cenoura, dizia Gisors dos generais, para nos morderem neste momento, se não nos pomos entre ela e eles...”. Mas a maioria do Partido Comunista Chinês, e talvez Moscovo,

julgavam “liquidador” esse ponto de vista.

Kyo pensava, como seu pai, que a melhor política era a do regresso a Cantão. Além disso, gostaria de ter preparado com uma propaganda intensa a emigração em massa dos operários (eles nada possuíam) de Xangai para Cantão. Era muito difícil, não impossível. Estando assegurados os mercados das províncias do Sul, as massas operárias trariam a Cantão uma industrialização rápida. Tática perigosa para Xangai: os operários das fiações são mais ou menos categorizados, e instruir novos operários era formar novos revolucio-nários, a menos que se elevassem os salários, “hipótese excluída, diria Ferral, em consequência do estado actual das indústrias chinesas”. Xangai em proveito de Cantão, como Hong-Kong; em 1925... Hong-Kong está a cinco horas de Cantão, e Xangai a cinco dias: difícil empresa, mais difícil talvez que deixar-se matar, mas menos imbecil.

Desde o seu regresso de Anqueu, estava convencido de que a reacção se preparava; mesmo que Clappique o não tivesse prevenido, teria considerado a situação, em caso de ataque dos comunistas pelo exército de Xan-Cai-Xeque, como tão desesperada, que qualquer acontecimento, mesmo o assassinio do general (fossem quais fossem as consequências) se tornaria favorável. As Uniões, se as armassem, podiam em rigor tentar combater um exército desorganizado.

Outra vez a campanha. Kyo correu à porta: era enfim o correio que trazia a resposta de Anqueu. Seu pai e May viram-no voltar, sem dizer nada.

- Ordem de enterrar as armas - disse.

A mensagem, rasgada, fizera-se numa bola na cova da sua mão. Pegou outra vez nos pedaços de papel, desembrulhou-os sobre a mesa do ópio, juntou-os, encolheu os ombros ante a sua puerilidade: era de facto a ordem para esconder ou enterrar as armas.

- Tenho que lá ir já.

Lá, era a Comissão Central. Devia pois abandonar as concessões. Gisors sabia que nada podia dizer. Talvez seu filho fosse para a morte; não era a primeira vez: era a razão de ser da vida dele. Só tinha que sofrer e calar-se. Tomava muito a sério a informação de Clappique: este tinha salvo em Pequim, avisando-o de que o corpo de cadetes do qual fazia parte ia ser massacrado, o alemão que dirigia agora a policia de Xan-Cai-Xeque, König. Gisors não conhecia Chpilewski.

Como o olhar de Kyo encontrasse o seu, tentou sorrir; Kyo também, e os olhares deles não se separaram: ambos sabiam que mentiam, e que essa mentira era talvez a mais afectuosa comunhão.

Kyo voltou ao seu quarto, onde tinha o sobretudo. May enfiou o casaco.

- Onde vais?

- Contigo, Kyo.

- Para quê?

Ela não respondeu.

- É mais fácil reconhecerem-nos juntos do que separados - disse ele.

- Mas por quê? Se estiveres marcado , o mesmo...

- De nada poder s servir.

- De que servirei eu, aqui, durante esse tempo? Os homens não sabem o que é esperar...

Ele adiantou-se uns passos, parou voltou-se para ela:

- Escuta, May: quando a tua liberdade esteve em jogo, aceitei-a...

Ela compreendeu a que ele fazia alusão e teve medo: tinha esquecido. Com efeito, ele acrescentava num tom mais abafado:

- ...e tu soubeste tomá-la. Trata-se agora da minha.

- Mas Kyo, que ligação tem isso?

- Reconhecer a liberdade de outrem , dar-lhe razão contra o seu próprio sofrimento, eu sei-o por experiência.

- Serei eu “outrem”, Kyo?

Ele calou-se, outra vez. Sim, nesse momento ela era outrem.

Qualquer coisa entre eles tinha mudado.

- Então - voltou ela - porque eu... enfim, por causa disso, não podemos já estar em perigo juntos?... Reflecte, Kyo: dir-se-ia quase que te vingas...

- Já não o poder fazer, e tentar quando já , inútil, são coisas diferentes.

- Mas se me querias mal a esse ponto, só tinhas que arranjar uma amante... E não!...Porque digo eu isto, não é verdade, eu não arranjei um amante, dormi com um tipo qualquer. Não é o mesmo, e tu bem sabes que podes dormir com quem quiseses...

- Bastas-me tu - respondeu ele, amargamente.

O seu olhar espantou May: todos os sentimentos se misturavam nele. E (mais perturbante que tudo), no seu rosto, a inquietante expressão de uma volúpia ignorada por ele próprio.

- Neste momento como há quinze dias - continuou ele, - não é de dormir com alguém que tenho vontade. Não digo que não tenhas razão; digo que quero partir só. A liberdade que tu me reconheces, é a tua liberdade de fazer o que “te” agrada. A liberdade não é uma troca, é a liberdade.

- É um abandono...

Silêncio.

- Para que é que seres que se amam estão em face da morte, senão para se arriscarem a ela juntos?

- Adivinhou que ele ia partir sem discutir, e pôs-se em frente da porta.

- Não devias ter-me dado essa liberdade - disse ela, - se ela tem que separar-nos agora.

- Tu não a pediste.

- Tinhas-ma reconhecido antes.

“Não devias ter-me acreditado”, pensou ele. Era verdade, ele sempre lha reconhecera. Mas o facto de ela discutir direitos nesse momento, afastava-a ainda mais.

- Há direitos que são dados - disse ela amargamente – só para que não nos sirvamos deles.

- Que eu tos tivesse reconhecido só para que tu possas agarrar-te a eles neste momento, não seria tão mau como isso...

Este segundo separava-os mais do que a morte: pálpebras, boca, têmporas, o lugar de todas as meiguices está visível no rosto de uma morta, e aquelas maçãs do rosto salientes e aquelas longas pálpebras pertenciam apenas a um mundo estranho. As feridas do mais profundo amor bastam para criar um rico ódio. Recuava ela, tão perto da morte, no limiar desse mundo de hostilidade que estava descobrindo? Disse:

- Não me agarro a coisa alguma, Kyo, concordemos que não tenho razão, o que tu quiseres, mas agora, neste momento, já, quero ir contigo. Peço-to.

Ele calava-se.

- Se não gostasses de mim - continuou ela, - ser-te-ia indiferente deixar-me partir contigo... Então? Por que havemos de nos fazer sofrer um ao outro?

“Como se fosse o momento”, acrescentou com lassidão.

Kyo sentia fervilhar nele alguns demónios familiares que o desgostavam bastante. Tinha vontade de a ferir, e precisamente no seu amor. Ela tinha razão: se a não amasse, que lhe importava que ela morresse? Talvez fosse porque ela o constringia a compreender isso, naquele momento, que estava mais contra ela.

Teria ela vontade de chorar? Fechara os olhos, e o estremecimento dos seus ombros, constante, silencioso, parecia, em oposição à sua máscara imóvel, a própria expressão da angústia humana. Já não era a sua vontade que os separava, mas a dor. E, aproximando o espectáculo da dor tanto como a dor separa, ele era de novo atraído para ela por aquele rosto, cujos sobrolhos subiam pouco a pouco como quando tinha um ar maravilhado... Acima dos seus olhos fechados, o

movimento da fronte cessou, e o rosto tenso, cujas pálpebras continuavam descidas, tornou-se de súbito um rosto de morta.

Muitas das expressões de May não tinham efeito sobre ele: conhecia-as, e parecia-lhe sempre um pouco que ela se copiava. Mas nunca vira essa máscara mortuária (a dor e não o sono sobre uns olhos fechados), e a morte estava tão perto que aquela ilusão ganhava a força de uma premonição sinistra. Ela reabriu os olhos sem o fitar: o seu olhar perdia-se na parede branca do quarto; sem que um só dos seus músculos se movesse, uma lágrima deslizou-lhe ao longo do nariz, ficou-lhe suspensa ao canto da boca, traíndo com a sua vida silenciosa, pungente como a dor dos bichos, essa máscara inumana, tão morta como há pouco.

- Abre os olhos.

Ela olhou-o.

- Estão abertos.

- Tive a impressão de que estavas morta.

- E então?

Ele encolheu os ombros, e continuou com uma voz repassada da mais triste fadiga:

- Eu, se morrer, acho que podes morrer...

Compreendia agora o verdadeiro sentimento que o movia: queria consolá-la, mas não a podia consolar senão aceitando que fosse com ele. Ela fechara outra vez os olhos. Tomou-a nos braços, beijou-a nas pálpebras. Quando se separaram:

- Partimos? - perguntou ela.

- Não.

Demasiado leal para esconder o instinto, ela voltava ao seu desejo com uma teimosia de gato, que muitas vezes desesperava Kyo. Afastara-se da porta, mas ele compreendeu que só tivera vontade de passar, enquanto estava certo de que não passaria.

- May, vamos deixar-nos sem mais nada?

- Vivi eu como uma mulher a quem se protege?...

Ficavam um em frente do outro, não sabendo mais que dizer e não aceitando o silêncio, ambos certos de que esse instante, um dos mais graves da sua vida, era corrompido pelo tempo que passava: o lugar de Kyo não era ali, mas na Comissão; e, por detrás de tudo o que ele pensava, emboscava-se a impaciência.

Ela apontou-lhe a porta com a cara.

Ele olhou-a, tomou-lhe a cabeça nas duas mãos, apertando-a docemente sem a beijar, como se tivesse podido pôr nesse estreitar do rosto o que têm de ternura e

de violência misturadas todos os gestos viris do amor. Enfim as mãos dele afastaram-se.

As duas portas fecharam-se. May continuava a escutar, como se esperasse que se fechasse por sua vez uma terceira porta que não existia: com a boca aberta e mole, ébria de mágoa, descobrindo que, se lhe tinha feito sinal para partir só, era porque pensava fazer assim o último, o único gesto que podia decidi-lo a levá-la consigo.

Mal Kyo tinha dado uns cem passos encontrou Katow

- Tchen não está lá?

Apontava a casa de Kyo.

- Não.

- Com certeza não sabes onde ele está?

- Não. Por quê?

Katow estava calmo, mas aquela cara de enxaqueca..

- Há vários automóveis de Xan-Cai-Xeque. Tchen não sabe. Ou a polícia está prevenida, ou desconfia. Se não foi prevenido, vai fazer com que o apanhem e lançar bombas para nada. Ando atrás dele há que tempos. Vê bem. As bombas deviam ter sido atiradas há uma hora. Nada aconteceu; já o saberíamos.

- Devia actuar na avenida das Duas Repúblicas. O mais prudente seria passar por casa de Hemmelrich.

Katow foi logo para lá.

- Tens o teu cianeto? - perguntou Kyo, no momento em que ele se voltava.

- Sim.

Ambos, como vários outros chefes revolucionários, traziam cianeto na fivela chata do cinto, que se abria como uma caixa.

A separação não libertara Kyo. Pelo contrário: Mav era mais forte naquela rua deserta - por ter aceitado - do que na sua frente, opondo-se-lhe. Entrou na cidade chinesa, não sem dar por isso, mas com indiferença. "Vivi eu como uma mulher que se protege?..." Com que direito exercia ele a sua lamentável protecção sobre a mulher que aceitava até que ele partisse? Em nome de que a deixava? Estaria certo de não fazer aquilo por vingança? Sem dúvida, May estava ainda sentada na cama, acabrunhada por um desgosto que dispensava a psicologia...

Voltou para trás a correr.

A sala das fénix estava vazia: seu pai saíra, May conservava-se no quarto.

Antes de abrir, parou, esmagado pela fraternidade da morte, descobrindo quanto, ante aquela comunhão, a carne permanecia irrisória apesar do seu

arrebatamento. Compreendia agora que aceitar arrastar consigo para a morte o ser que se ama é talvez a forma. total do amor, aquela que não pode ser ultrapassada.

Abriu.

Ela atirou precipitadamente o casaco para cima dos ombros, e seguiu-o, sem dizer nada.

Três horas e meia

Havia muito que Hemmelrich contemplava os seus discos sem compra-dores. Alguém bateu com o sinal combinado.

Abriu.

Era Katow.

- Viste Tchen?

- Remorso ambulante! - resmungou Hemmelrich.

- O quê?

- Nada. Sim, vi-o. Perto da uma hora, duas horas. Tens alguma coisa com isso?

- Tenho absoluta necessidade de lhe falar. O que disse ele?

Do outro quarto, um grito de criança veio até eles, seguido de confusas palavras da mãe que se esforçava por acalmá-la.

- Veio com dois companheiros. Um era Suan. O outro, não conheço. Um tipo de óculos, como toda a gente. Com ar nobre. Pastas debaixo do braço: compreendes?

- É por isso que eu tenho de os encontrar, vê lá tu.

- Pediu-me para ficar aqui três horas.

- Ah!, bom. Onde está ele?

- Cala o bico. Escuta o que te dizem. Pediu-me para ficar cá. Não fui nisso. Entendes?

Silêncio.

- Já te disse que não fui nisso.

- Para onde pode ele ter ido?

- Ele não disse coisa alguma. Como tu. O silêncio alastra, hoje...

Hemmelrich estava de pé no meio da casa, com o seu corpo atarracado, o olhar quase odiento. Katow disse com calma, sem olhar para ele:

- Julgas-te pior do que és. Por isso fazes com que te descomponham, para poderes defender-te.

- Que percebes tu disso? E que , que isso te importa? Não olhes para mim assim, com esse penacho de cabelo em crista de pintainho e de mãos abertas, como Jesus Cristo, para que lá te ponham os pregos...

Sem fechar a mão, Katow pousou-a no ombro de Hemmelrich.

- Isso continua mal lá por cima?

- Menos. Mas chega. Pobre petiz!... Com a magreza que tem e aquela cabeça, parece um coelho esfolado... Deixa-me...

O belga soltou-se brutalmente, deteve-se, depois dirigiu-se para o fundo da sala com um movimento estranhamente pueril, como se estivesse amuado.

- E o pior - disse ele, - ainda não é isso. Não, não te ponhas com o ar de um tipo que tem comichões, que se torce com ares incomodados: eu não denunciarei Tchen, à polícia. Até aí... Pelo menos ainda não caí nisso...

Katow encolheu os ombros com tristeza.

- Farias melhor se te explicasses.

- Queria partir com ele.

- Com Tchen?

Katow estava certo agora de que o não encontraria mais. Falava com a voz calma e lassa das pessoas vencidas. Xan-Cai-Xeque só voltava à meia-noite e Tchen nada podia tentar antes disso.

Hemmelrich estendeu o polegar por cima do ombro, apontando a direcção de onde viera o grito da criança:

- E aí tens. Aí está. Que raio queres tu que eu faça?

- Esperar...

- Que o petiz morra, não é? Ouve bem: durante metade do dia, desejo isso. Mas, se visse que isso acontecia, desejaria que ele ficasse, “que não morresse”, mesmo doente, mesmo inválido...

- Eu sei.

- O quê? - disse Hemmelrich, fora de si. - Que sabes tu? Nem sequer és casado!

- Fui casado.

- Queria ver isso! Com a tua figura... Não, não são para nós essas coisas boas que se vêem passar na rua...

Sentiu que Katow pensava na mulher que velava a criança, lá em cima.

- Dedicção, sim. É tudo de que ela é capaz. O resto, o que ela não tem, é precisamente para os ricos. Quando vejo pessoas que parecem amar-se, dá-me vontade de lhes partir a cara.

- A dedicção, , muito... O que é preciso é não estar sozinho.

- E é por isso que ficas para aí, não? Para me ajudar?

- Sim.

- Por dó?

- Não por dó. Por...

Mas Katow não achava a palavra. E talvez não existisse. Tentou explicar-se indirectamente.

- Conheci isso, ou quase. E também a tua espécie de... raiva... Como queres que as coisas se compreendam, a não ser pelas recordações... É por isso que tu não me ofendes.

Aproximara-se e falava com a cabeça metida nos ombros, com aquela voz que comia as sílabas, olhando-o pelo canto do olho; ambos assim, de cabeça baixa, pareciam preparar-se para um combate no meio dos discos. Mas Katow sabia que era o mais forte, ignorando por quê. Talvez fosse a sua voz, a sua calma, a sua amizade até, que agiam?

- Um homem que se está nas tintas para tudo, se encontra verdadeira-mente a dedicação, o sacrificio, ou um qualquer desses tais truques está lixado.

- Fora de piadas! Então que há-de ele fazer?

- Sadismo - respondeu Katow, olhando o outro tranquilamente.

O grilo. Passos, na rua, perdiam-se ao longe, pouco a pouco.

- O sadismo com alfinetes - continuou ele - é raro; com palavras, está longe de o ser. Mas se a mulher aceita absolutamente, se é capaz de ir até aí... Conheci um tipo que roubou e jogou o dinheiro que a dele tinha economizado durante anos para ir para o sanatório. Questão de vida ou de morte.

Perdeu-o. (Nestes casos, perde-se sempre). Voltou em farrapos, absoluta-mente esmagado, como tu neste momento. Ela viu-o vir até ao pé do leito. Percebeu tudo, vê lá tu. E depois, o quê?

Pôs-se a consolá-lo...

- Mais fácil - disse lentamente Hemmelrich - é consolar os outros do que consolar-se cada um a si mesmo... - E, erguendo de repente os olhos: - Eras tu, o tipo?

- Bas...ta! - Katow deu um murro no balcão. - Se fosse eu, teria dito: eu, e não outra coisa. - Mas a sua cólera desvaneceu-se logo. - Não fiz tanto como isso, e não é preciso fazer tanto... Se não se acredita em qualquer coisa, sobre-tudo porque não se acredita em nada, é-se obrigado a acreditar nas qualidades do coração, quando as encontramos, já se vê. E , o que tu fazes. Sem a mulher e o miúdo ter-te-ias ido embora, estou certo. Então?

- E como não se existe senão para essas qualidades cardíacas, elas tramam uma pessoa! Mas, se é preciso ser sempre comido, antes por elas... Mas tudo isto são trapas. Não se trata de ter razão. Não me posso conformar com ter posto Tchen no olho da rua, e não poderia suportar deixá-lo ficar.

- Não se deve pedir aos camaradas senão o que eles nos podem fazer. Quero

camaradas e não santos. Nada de confiança em santos.

- É verdade que acompanhaste por tua vontade os tipos as minas de chumbo?

- Estava no campo - disse Katow, embaraçado - as minas ou o campo tanto faz.

- Tanto faz?! Não é verdade!

- Que sabes tu?

- Não é verdade!... E tu terias deixado ficar Tchen.

- Eu não tenho filhos...

- Parece-me que era para mim menos... difícil até a ideia de que o matassem, se ele não estivesse doente... Sou um asno. É verdade que sou um asno. E nem talvez seja trabalhador. E depois? Acho que sou como um candeeiro de gás, onde tudo o que há de livre no mundo vem mijar.

Apontou outra vez o andar de cima com um movimento da sua cara achatada, porque a criança tornara a gritar. Katow não se atrevia a dizer: “A morte vai libertar-te”. Fora a morte que o libertara a ele. Desde que Hemmelrich começara a falar, a recordação da sua mulher estava entre eles. Tendo regressado da Sibéria sem esperança, desfeito, com os seus estudos de medicina interrompidos, tornado operário de fábrica e certo de que morreria sem ver a Revolução, provara a si mesmo que ainda lhe ficara um resto de existência, fazendo sofrer uma operariuzita que o amava. Mas, mal ela aceitara os desgostos que ele lhe infligia, ficara preso pelo que tem de impressionante a ternura do ente que sofre por quem o faz sofrer, e só vivera para ela então, continuando por hábito a acção revolucionária, mas pondo nesta a obsessão da ternura sem limites oculta no coração dessa pateta: durante horas acariciava-lhe os cabelos, e estavam deitados o dia inteiro. Ela morreria, e depois... Isso, contudo, estava entre Hemmelrich e ele. Não o bastante.

Por palavras, quase nada podia; mas, para além das palavras, havia o que exprimem os gestos, os olhares, a simples presença. Sabia por experiência que o pior sofrimento está na solidão que o acompanha. Expressi-lo também liberta; mas poucas palavras são menos conhecidas dos homens do que as das suas dores profundas. Expressir-se mal ou mentir daria a Hemmelrich um novo impulso para se desprezar: sofria principalmente de si mesmo. Katow olhou-o sem lhe fixar o olhar, tristemente (impressionado uma vez mais por verificar como são pouco numerosos e desastrosos os gestos da afeição viril):

- Tens de compreender, sem que eu diga nada - proferiu.

- Nada há a dizer.

Hemmelrich levantou a mão, voltou a deixá-la cair pesadamente, como se não tivesse podido escolher entre a angústia e o absurdo da vida. Mas permanecia em frente de Katow, embebido.

“Não tarda que possa partir outra vez à procura de Tchen”, pensava Katow.

Seis horas

- O dinheiro foi ontem entregue - disse Ferral ao coronel desta vez de uniforme. - Em que altura estamos nós?

- O governador militar enviou ao general Xan-Cai-Xeque uma nota muito longa a perguntar o que deveria fazer em caso de motim.

- Quer estar coberto?

O coronel olhou Ferral por cima da sua belida e respondeu apenas:

- Eis a tradução.

Ferral leu o papel.

- Tenho até a resposta - disse o coronel.

Estendeu-lhe uma fotografia: por cima da assinatura de Xan-Cai-Xeque, dois caracteres.

- Isto quer dizer?

- “Fuzile”.

Ferral fitou, na parede, o mapa de Xangai, com grandes manchas verme-lhas que indicavam as massas de operários e de miseráveis - as mesmas. “Três mil homens das guardas sindicais, pensava ele, talvez trezentos mil por trás deles; mas atrever-se-ão eles a tugar? Do outro lado, Xan-Cai-Xeque e o exército...”

- Vai começar a fuzilar os chefes comunistas, antes mesmo que haja revolta? - perguntou.

- Decerto. Não haver revolta; os comunistas estão quase desarmados e Xan-Cai-Xeque tem as suas tropas. A 1ª divisão está na frente; era a única perigosa.

- Obrigado. Até à vista.

Ferral ia ter com Valérie. Um “boy” esperava-o ao lado do motorista, com um melro numa grande gaiola dourada sobre os joelhos. Valérie pedira a Ferral para lhe levar esse pássaro. Logo que o automóvel se pôs em andamento, tirou do bolso uma carta, releu-a. O que ele temia havia um mês, dava-se agora: os seus créditos americanos iam ser-lhe cortados.

As encomendas do Governo Geral da Indochina não bastavam já à actividade de fábricas criadas para um mercado que devia aumentar de mês para mês e que diminuía dia a dia: as empresas industriais do Consórcio eram deficitárias. A cotação das acções, mantida em Paris pelos bancos de Ferral e os grupos financeiros franceses que lhes estavam ligados e sobretudo pela inflação, desde a estabilização do franco que descia sem parar. Mas os bancos do Consórcio só tinham a força que lhes vinha dos lucros das suas plantações - essencialmente,

das suas sociedades de borrachas. O plano Stevenson (*Restrição da produção da borracha em todo o Império Britânico (principal produtor do mundo), destinada a elevar a cotação da borracha, então descida abaixo do preço do custo.* (N. do Autor) elevara de dezasseis cêntimos a cento e doze a cotação da borracha.

Ferral, produtor pelos seus seringais da Indochina, tinha beneficiado da alta, sem ter de restringir a sua produção, uma vez que os seus negócios não eram ingleses. Também os bancos americanos, sabendo por experiência quanto o plano custava à América, principal consumidor, tinham de bom grado abertos créditos garantidos pelas plantações. Mas a produção indígena das Índias Neerlandesas, a ameaça de plantações americanas nas

Filipinas, no Brasil, na Libéria, levavam agora à derrocada as cotações de borracha; os bancos americanos cessavam pois os seus créditos pelas mesmas razões por que os haviam concedido. Ferral era atingido simultaneamente pelo craque da única matéria prima que o sustinha - conseguira créditos, tinha especulado, não sobre o valor da sua produção, mas sobre o das próprias plantações -, pela estabilização do franco, que fazia baixar todos os seus títulos (uma quantidade dos quais pertencia aos seus bancos, decididos a controlar o mercado), e pela supressão dos créditos americanos. Não ignorava que, uma vez conhecida esta supressão, todos os aventureiros de Paris e de Nova Iorque jogariam na baixa dos títulos; posição bem mais segura... Só podia ser salvo por razões de ordem moral; portanto, só pelo governo francês.

A aproximação da falência traz aos grupos financeiros uma consciência intensa da nação a que pertencem. Habitados a ver “esvaziar o pé de meia”, os governos não gostam de o ver esvaziar da esperança: um pé de meia que pensa, com a esperança tenaz do jogador, voltar a encontrar um dia o seu dinheiro perdido, é um pé de meia semiconsolidado. Era pois difícil à França abandonar o consórcio, depois do Banco Industrial da China. Mas, para que Ferral pudesse pedir auxílio, era preciso que este não fosse desesperado; era preciso, antes de mais nada, que o comunismo fosse esmagado na China. Xan-Cai-Xeque, senhor das províncias, equivalia à construção do caminho-de-ferro chinês; o empréstimo previsto era de três biliões de francos-ouro, o que fazia muitos milhões de francos-papel. Decerto, ele não receberia sozinho a encomenda do material, assim como hoje não defendia sozinho Xan-Cai-Xeque; mas entraria no rol. Para mais, os bancos americanos temiam o triunfo do comunismo chinês; a sua queda modificaria a política deles. Sendo francês, Ferral dispunha de privilégios na China; “não se punha a questão de o Consórcio não participar na construção do caminho-de-ferro”.

Para resistir, justificava-se que pedisse ao governo uma ajuda que aquele havia de preferir a um novo craque: se os seus créditos eram americanos, os seus depósitos eram franceses. Não podia ganhar com todos os trunfos, num período

de crise chinesa aguda; mas da mesma maneira que o plano Stevenson tinha assegurado no seu tempo a vida do Consórcio, a vitória do Kuomintang devia assegurá-la hoje. A estabilização do franco jogara contra ele; a queda do comunismo chinês jogaria a seu favor...

Não faria ele toda a vida senão esperar que chegassem, para aproveitar-lhes os lucros, essas expansões da economia mundial que começavam como oferendas e acabavam como socos no estômago? Naquela noite, quer se tratasse da resistência, da vitória ou da derrota, sentia-se dependente de todas as forças do mundo. Mas havia essa mulher de quem ele não dependia, que ia ser dele daí a pouco; a expressão submissa desse rosto possuído ia ocultar-lhe, como uma mão a tapar-lhe os olhos, a teia de contrariedades sobre a qual repousava a sua vida. Encontrara-a já na alta sociedade (ela só voltara de Kyoto havia três dias) e de todas as vezes o havia prendido e irritado com a recusa total de submissão com que lhe estimulava o desejo, embora tivesse aceitado ficar com ele nessa noite. Na sua necessidade ilimitada de ser preferido - admiram-se mais facilmente, mais totalmente as pessoas de outro sexo - se a admiração lhe deixava dúvidas, apelava para o erotismo para a reavivar. Por isso olhara para Valérie quando estava deitado ao lado dela: há muita certeza nos lábios entumecidos pelo prazer. Detestava a garridice sem a qual ela nem teria existido aos seus olhos: aquilo que nela lhe desagradava, mais irritava a sua sensualidade. Tudo isto era muito turvo, porque era da necessidade de se imaginar no lugar dela, assim que começava a tocar-lhe o corpo, que ele tirava a sensação aguda de posse. Mas um corpo conquistado tinha para ele mais sabor do que um corpo abandonado - mais sabor do que qualquer outro corpo.

Saiu do carro e entrou no “Astor”, seguido do “boy” que trazia a gaiola na ponta do braço estendido com dignidade. Havia sobre a terra milhões de vultos: mulheres cujo amor lhe não interessava - e um adversário vivo: a mulher por quem ele queria ser amado. A ideia da posse total tornara-se para ele fixa, e o seu orgulho provocava um orgulho inimigo como o jogador apaixonado suscita um outro jogador que o combate, e não a paz. Pelo menos, a partida estava nessa noite bem encaminhada, visto que iam começar por deitar-se juntos.

Logo no átrio um empregado europeu aproximou-se dele.

- A sra. Serge manda dizer ao sr. Ferral que esta noite ficará fora, mas que esse senhor lhe explicará porquê.

Ferral, interdito, olhou para “esse senhor”, sentado de costas, ao lado de um biombo. O homem voltou-se: era o director de um dos bancos ingleses, que havia um mês cortejava Valérie. Ao seu lado, por trás do biombo, um “boy” segurava, não menos dignamente do que o de Ferral, um melro numa gaiola. O inglês levantou-se, confuso, apertou a mão de Ferral, enquanto lhe dizia:

- Deveria explicar-me.

Compreenderam ao mesmo tempo que haviam sido mistificados.

Olharam-se, no meio dos sorrisos dos “boys” e da gravidade, muito acentuada para ser natural, dos empregados brancos. Era a hora do aperitivo, e Xangai em peso estava ali. Ferral sentiu-se o mais ridículo: o inglês era quase um rapaz.

Um desprezo tão intenso como a ira que o inspirava compensou instantaneamente a inferioridade que lhe era imposta. Sentiu-se cercado da verdadeira estupidez humana, daquela que se cola a nós, que nos pesa nos ombros: os entes que olhavam para ele eram os mais detestáveis cretinos da terra. Todavia, ignorando o que eles sabiam, supunha-os ao corrente de tudo, e sentia-se, em face da ironia deles, esmagado por uma paralisia tensa de ódio.

- É concurso? - perguntava um “boy” ao outro.

- Sei lá.

- O meu é um macho.

- Sim. O meu, uma fêmea.

- Então deve ser para isso.

O inglês inclinou-se diante de Ferral, dirigiu-se para o porteiro. Este entregou-lhe uma carta. Ele leu-a, chamou o “boy”, tirou um cartão de visita da carteira, prendeu-o à gaiola, disse ao porteiro: “Para a sra. Serge” e saiu.

Ferral esforçava-se por reflectir, por se defender. Ela atingira-o no ponto mais sensível, como se lhe houvesse picado os olhos enquanto ele dormia: negava-o. O que ele podia pensar, fazer, querer, não existia. Aquele seu ridículo existia, nada fazia com que ele não tivesse sido. Só ele existia num mundo de fantasmas, e era ele, precisamente ele, quem fora ridicularizado. E para cúmulo (porque ele não pensava numa consequência, mas numa sucessão de pretextos, como se a raiva o tivesse tornado masoquista), para cúmulo não iria deitar-se com ela. Cada vez mais vido de se vingar nesse corpo irónico, para ali estava só em frente daqueles brutos e do seu “boy” indiferente, de gaiola no extremo do braço. Esse pássaro era um insulto constante. Mas era preciso, antes de mais nada, ficar. Encomendou um “cocktail” e acendeu um cigarro, depois ficou imóvel, ocupado em quebrar, dentro da algebeira do casaco, o fósforo entre os dedos. Os olhos pousaram num par. O homem tinha o encanto que d o conjunto dos cabelos grisalhos e de um rosto mais jovem; a mulher, gentil, um pouco figura de magazine, olhava-o com amoroso reconhecimento, feito de ternura ou de sensualidade. “Ama-o, pensou Ferral, com inveja. E , sem dúvida um vago cretino, que talvez dependa de um dos meus negócios...”. Mandou chamar o porteiro.

- Você tem uma carta para mim. Dê-ma.

O porteiro, espantado, mas sempre sério, estendeu a carta.

“Sabe, querido, que as mulheres persas, quando a cólera as domina, batem nos maridos com as babuchas de cardas? São irresponsáveis. E depois, já se vê, voltam à vida vulgar, aquela em que chorar com um homem não nos obriga a compromisso, mas onde dormir com ele nos entrega (quer crer?) a vida onde se tem as mulheres. Não sou uma mulher que se tenha, um corpo imbecil onde você encontra prazer, mentindo como às crianças e aos doentes. Você sabe muitas coisas, mas talvez morra sem se ter apercebido de que uma mulher é também um ser humano. Sempre encontrei (talvez eu não encontre nunca outros além desses, mas tanto pior, você não pode saber quanto eu digo tanto pior! homens que me acharam encanto, que se incomodaram de uma forma comovente para satisfazer as minhas loucuras, mas que sabiam igualmente bem ir ter com os amigos, logo que se tratasse de verdadeiras coisas humanas (salvo naturalmente para serem consolados). Os meus caprichos, preciso deles não só para agradar, mas mesmo para que você me oiça quando eu falo; a minha encantadora loucura, sai a o que ela vale: parece-se com a sua ternura. Se a dor tivesse podido nascer do poder que queria ter sobre mim, não a teria sequer reconhecido...”

“Conheci já bastantes homens para saber o que devemos pensar dos seus caprichos: nada, sem importância para um homem, uma vez que o seu orgulho esteja em causa, e o prazer é a palavra que mais depressa e mais vezes lhe permite satisfazê-lo.

Recuso-me a ser um simples corpo, da mesma maneira que você se recusa a ser um livro de cheques. Você procede comigo como as prostitutas para consigo: “Fala, mas paga”. Eu sou” também “esse corpo que você quer que eu” unicamente “seja; bem sei. Nem sempre me é fácil defender-me da ideia que formam de mim. A sua presença aproxima-me do meu corpo com náusea, assim como a Primavera me aproxima dele com júbilo. A propósito de Primavera, brinque muito com os passarinhos. E, já agora, deixe lá os interruptores da electricidade em paz”.

Afirmava a si mesmo que tinha construído estradas, transformado um país, arrancado às cabanas dos campos milhares de camponeses alojados em barracas de folha de zinco ondulada em volta das suas fábricas - como os senhores feudais, como os governadores do Império; dentro da gaiola, o melro parecia zombar. A coragem de Ferral, a sua lucidez, a audácia com que havia transformado a Indochina e da qual a carta da América acabava de lhe fazer sentir o peso esmagador, conduziam a esse pássaro ridículo como o universo inteiro, e que se estava marimbando para ele. “Tanta importância concedida a uma mulher”. Não era da mulher que se tratava. Ela era apenas uma venda arrancada dos olhos: ele atirara-se com todas as forças contra os limites da sua

vontade. A excitação sexual iludida alimentava-lhe a cólera, lançava-o na hipnose abafante em que o ridículo clama por sangue. Só nos vingamos bem no corpo. Clappique contara-lhe a história selvática de um chefe afegão cuja mulher voltara violada por um chefe vizinho, com esta carta: “Devolvo-te a tua mulher, não , tão interessante como dizem”, e que, tendo agarrado o violador, o amarrara diante da mulher nua para lhe arrancar os olhos, enquanto lhe dizia: “Viste-a e desprezaste-a, mas podes jurar que nunca mais a ver s”. Imaginou-se no quarto de Valérie, ela amarrada sobre a cama, chorando até aos soluços que quase se confundem com gritos de prazer, manietada, estorcendo-se possuída pelo sofrimento, já que o não fazia pela posse do sexo... O porteiro estava à espera. “Trata-se de permanecer impassível como aquele idiota, a quem, não obstante, me apetece pregar um par de bofetadas”. O idiota não tinha o menor ar de sorrir. Ficaria para mais tarde. Ferral disse:

“Volto já”, não pagou o “cocktail”, deixou ficar o chapéu e saiu.

- Vamos à loja do maior mercador de pássaros - disse ao motorista

Era mesmo ao pé. Mas o estabelecimento estava fechado.

- Na cidade chinesa - disse o homem - haver rua mercadores de pássaros.

- Vamos lá.

Enquanto o carro avançava, instalava-se no espírito de Ferral a confissão, lida em qualquer alfarrábio de medicina, de uma mulher enlouquecida pelo desejo de ser flagelada, combinando encontro por carta com um desconhecido e descobrindo com pavor que queria fugir no próprio instante em que, deitada no leito de um quarto de aluguer, o homem armado de chicote lhe paralisava totalmente os braços debaixo das saias levantadas. A cara era invisível, mas era a de Valérie. Parar no primeiro bordel chinês que encontrasse? Não: nenhuma carne o libertaria do orgulho sexual ultrajado que o desesperava.

O carro teve que parar diante dos arames farpados. Em frente, a cidade chinesa muito negra, bem pouco segura. Tanto melhor. Ferral deixou o automóvel, passou o revólver para a algibeira do casaco, na expectativa de qualquer ataque: mata-se o que se pode.

A rua dos passarinhos estava adormecida; tranquilamente, o “boy” bateu no primeiro taipal, gritando “comprador”: os mercadores temiam os soldados. Cinco minutos depois, abriam; na magnífica obscuridade fulva das lojas chinesas, em volta de uma lanterna, alguns pulos abafados de gatos ou de macacos e depois o bater de asas anunciaram o despertar dos bichos. No escuro, manchas alongadas de um cor-de-rosa velho: papagaios presos a poleiros.

- Quanto custam todos estes pássaros?

- Só os pássaros? Oitocentos dólares.

Era um pequeno mercador que não possuía aves raras. Ferral puxou do livro de cheques, hesitou: o mercador havia de querer dinheiro. O “boy” compreendeu: “É o sr. Ferral, disse; o automóvel está acolá”. O mercador saiu, viu os faróis do automóvel, tracejados pelo arame farpado.

- Está bem.

Aquela confiança, prova da sua autoridade, exasperava Ferral; a sua força, evidente até ao conhecimento do seu nome por esse lojista, era absurda, uma vez que não podia apelar para ela. No entanto, o orgulho, ajudado pela acção que empreendera e pelo ar frio da noite, voltava em seu auxílio: cólera e imaginações s dicas convertiam-se em asco, ainda que soubesse que não acabara de vez com elas.

- Também tenho um canguru - disse o mercador.

Ferral encolheu os ombros. Mas já um garoto, acordado também, chegava com o canguru nos braços. Era um animal de pequeníssima estatura, peludo, que olhou para Ferral com os olhos assustados.

- Bom.

Novo cheque.

Ferral voltou lentamente para o automóvel. Era preciso antes de mais nada que, se Valérie contasse a história das gaiolas (não deixaria de o fazer), bastasse que ele contasse o fim para escapar ao ridículo. Mercador, garoto, “boy”, traziam as gaiolinhas, arrumavam-nas no carro, voltavam a buscar outras; por fim, os últimos animais, o canguru e os papagaios em gaiolas redondas. Para lá da cidade chinesa alguns tiros. Muito bem: quanto mais se batessem melhor. O automóvel tornou a partir, sob os olhares estupefactos do posto da guarda.

No “Astor”, Ferral mandou chamar o gerente.

- Queira subir comigo ao quarto de madame Serge. Ela está ausente, e gostava de lhe fazer uma surpresa.

O gerente engoliu o seu espanto, e mais ainda a sua reprovação: o “Astor” dependia do Consórcio. A simples presença de um branco a quem falava, libertava-o do seu mundo de humilhação, ajudava-o a voltar para entre os “outros”; o mercador chinês e a noite tinham-no deixado na sua obsessão; ainda não estava totalmente liberto dela naquele momento, mas ao menos não era só ela a dominá-lo.

Cinco minutos mais tarde, mandava dispor as gaiolas no quarto. Todos os objectos de valor estavam em armários, um dos quais não estava fechado. Pegou de cima da cama, para o atirar para o armário, um pijama que estava estendido, mas, mal tocara na seda morna, pareceu-lhe que aquele suave calor, através do braço, se lhe comunicava a todo o corpo, e que o tecido que apertava cobria

exactamente o seio: os vestidos, os pijamas dependurados no armário entreaberto, retinham em si qualquer coisa de mais sensual talvez do que o próprio corpo de Valérie. Esteve quase a mergulhar a cara naquele pijama, a apertá-lo ou a rasgá-lo, como se quisesse penetrar essas roupas ainda saturadas da presença dela. Se tivesse podido levar o pijama, tê-lo-ia feito. Atirou-o para o guarda-fato, e o “boy” fechou a porta. No próprio instante em que o pijama lhe saía da mão, a lenda de Hércules e Onfale invadiu bruscamente a sua imaginação. (Hércules vestido de mulher, envolto em tecidos brandos e tépidos como aquele, humilhado e satisfeito da sua humilhação). Em vão fez apelo às cenas, às dicas que há pouco se lhe impunham: o homem vencido por Onfale e por Dejanira pesava no seu pensamento, inundava-o de um prazer humilhado. Aproximaram-se passos. Apalpou o revólver na algibeira: se ela entrasse naquele momento, tê-la-ia matado, sem dúvida. Os passos do outro lado da porta diminuíram de intensidade, a mão de Ferral mudou de bolso e puxou nervosamente pelo lenço. Tinha que agir fosse como fosse para se libertar: mandou soltar os papagaios, mas as aves medrosas refugiaram-se nos cantos e nos cortinados. O canguru saltara para cima da cama e ali se conservava. Ferral apagou o candeeiro maior e só deixou acesa a luz da mesa de cabeceira: róseos, brancos, com magníficos movimentos de asas curvas e enfeitadas de fênix das Companhias das Índias, os papagaios começavam a voar num ruído de voo pesado e inquieto.

As caixas cheias de passarinhos agitados, espalhadas por cima de todos os móveis, pelo chão, no fogão de sala, causavam-lhe mal-estar. Tentou descobrir porquê, mas não adivinhou. Saiu. Voltou a entrar, compreendeu logo: o quarto parecia devastado. Escaparia ele à idiotia naquela noite? Sem querer, deixara ali a imagem incontestável da sua cólera.

- Abre as gaiolas - disse ao “boy”.

- O quarto ficará sujo, sr. Ferral - disse o gerente.

- Madame Serge mudará de quarto. Esteja sossegado, não será esta noite. O senhor depois manda-me a conta.

- Flores, sr. Ferral?

- Nada senão pássaros. E que ninguém aqui entre, nem os criados.

A janela era protegida contra os mosquitos por uma rede metálica. Os pássaros não fugiriam. O gerente abriu as vidraças, para que o quarto não cheirasse a animais.

Agora, sobre os móveis e as cortinas, aos cantos do tecto, esvoaçavam pássaros das ilhas, mates naquela luz fraca, como os dos frescos chineses. Teria oferecido por ódio a Valérie o seu mais lindo presente... Apagou a luz, voltou a acender, apagou a luz, voltou a acender. Empregou para isso o interruptor do candeeiro da

mesinha-de-cabeceira; lembrou-se da última noite passada em casa dele com Valérie. Esteve quase a arrancar o interruptor, para que ela nunca mais pudesse utilizá-lo, fosse com quem fosse. Mas não queria deixar qualquer vestígio da sua ira.

- Leva as gaiolas vazias - disse ao “boy”. - Manda-as queimar.

- Se madame Serge se informar sobre quem enviou os pássaros - perguntou o gerente que olhava Ferral com admiração, - que deveremos dizer?

- Não perguntará. É obra assinada.

Saiu. Tinha que dormir com uma mulher naquela noite. Não tinha, por,m, vontade de ir imediatamente para o restaurante chinês. Estar certo de que havia corpos à sua disposição, bastava-lhe... provisoriamente. Muitas vezes, quando um pesadelo o acordava em sobressalto, sentia-se tomado do desejo de tornar a adormecer apesar do pesadelo que encontraria de novo, e, ao mesmo tempo, pelo de libertar-se dele, acordando de vez; o sono era o pesadelo, mas era ele; o acordar, a paz, mas o mundo. O erotismo, nessa noite, era o pesadelo Resolveu-se finalmente a acordar, e fez-se conduzir ao Clube Francês: falar, voltar a estabelecer contactos com alguém, embora fossem apenas os de uma conversa, era o mais seguro despertar.

O bar estava cheio: tempos perturbados. Junto do guarda-vento entre-aberto, com um capote de lã grosseira nos ombros, só e quase isolado, Gisors estava sentado em frente de um “cocktail” doce; Kyo tinha telefonado que tudo ia bem, e o pai viera colher ao bar os boatos do dia, quase sempre absurdos mas por vezes significativos: hoje não o eram. Ferral dirigiu-se para ele, cumprimen-tando para a direita e para a esquerda. Conhecia a natureza daquelas reuniões, mas não lhes ligava importância; e ignorava que Kyo estivesse actualmente em Xangai. Julgava reles interrogar Martial sobre as outras pessoas, e o papel de Kyo não tinha qualquer carácter público.

Todos esses idiotas que olhavam para ele com tímida reprovação, julga-vam que estava ligado ao velhote pelo ópio. Era um erro. Ferral fingia fumar (um, dois cachimbos, sempre menos do que seria preciso para chegar a sentir a acção do ópio), porque via na atmosfera da sala de fumo, no cachimbo que passa de uma para outra boca, um meio de influir nas mulheres. Tendo horror à corte que tinha de fazer, da troca em que pagava com uma importância dada a uma mulher aquilo que ela lhe dava em prazer, lançava-se a tudo o que o dispensasse de tal.

Fora um gosto mais complexo que o levava a estender-se outrora em Pequim, na tarimba do velho Gisors. O prazer do escândalo, antes de mais nada. Depois, não queria apenas ser o presidente do Consórcio, queria ser distinto da sua acção como tal (meio de se lhe julgar superior). O seu gosto quase agressivo pela arte, pelo pensamento, pelo cinismo a que chamava lucidez, era uma defesa: Ferral

não vinha nem das “famílias” dos grandes estabelecimentos de crédito, nem do Movimento Geral de Fundos, nem da Inspeção de Finanças. A dinastia Ferral estava demasiado ligada à história da República para que pudessem considerá-lo um chicaneiro; continuava a ser um amador, fosse qual fosse a sua autoridade. Demasiado hábil para tentar preencher o fosso que o cercava, alargava-o mais. A grande cultura de Gisors, a sua inteligência sempre ao serviço do interlocutor, o seu desdém pelas convenções, os seus “pontos de vista” quase sempre singulares, de que Ferral não achava mal apropriar-se pelas costas, aproximavam-nos mais do que tudo o que os separava; com Ferral, Gisors não falava de política senão no plano da filosofia. Ferral dizia que precisava da inteligência, e, quando esta não o feria, era verdade.

Olhou em volta: no mesmo instante em que se sentou, quase todos os olhares se desviaram. Naquela noite, teria de bom grado desposado a cozinheira, nem que fosse só para a impor àquela multidão. Que todos aqueles idiotas julgassem o que ele fazia exasperava-o; quanto menos os visse melhor: propôs a Gisors beberem na esplanada em frente do jardim.

Apesar do fresco, os “boys” tinham levado algumas mesas para fora.

- Pensa que possa conhecer-se... conhecer... um ser vivo? - perguntou a Gisors.

Instalaram-se ao pé de uma lanterninha cujo halo se perdia na noite a encher-se pouco a pouco de bruma.

Gisors fitou-o. “Não teria o gosto da psicologia, se pudesse impor a sua vontade”.

- Uma mulher? - perguntou.

- Que importa?

- O pensamento que se aplica a elucidar uma mulher tem qualquer coisa de erótico... Querer conhecer uma mulher, não é, é sempre uma maneira de a possuir ou de se vingar dela... Uma “pega” qualquer, na mesa próxima, dizia a outra:

“- Não ma pregam assim tão facilmente como isso. Vou dizer-te: é uma mulher que tem ciúmes do meu cão”.

- Eu creio - tornou Gisors - que o recurso ao espírito tenta compensar isto: o conhecimento de um ser é um sentimento negativo: o sentimento positivo, a realidade, é a angústia de se ser sempre estranho aquilo que se ama.

- Alguma vez amamos?

- O tempo faz desaparecer por vezes essa angústia, só o tempo. Nunca se conhece um ente, mas deixamos por vezes de sentir que o ignoramos (penso no meu filho, não é, e também... num outro rapaz). Conhecer pela inteligência é a tentativa vã de passar sem o tempo...

- A função da inteligência não é a de privar-se das coisas.

Gisors olhou para ele:

- Que entende por: a inteligência?

- Na generalidade?

- Sim.

Ferral reflectiu.

- A posse dos meios de forçar as coisas ou os homens.

Gisors sorriu imperceptivelmente. De cada vez que fazia aquela pergunta, o seu interlocutor, quem quer que fosse, respondia com o retrato do seu desejo. Mas o olhar de Ferral tornou-se de súbito mais intenso:

- Sabe qual era o suplício infligido por ofensa da mulher ao seu senhor, aqui, nos tempos das primeiras dinastias? - perguntou ele.

- Pois bem, não é, havia vários. O principal, parece, consistia em a prender a uma jangada, de mão e pulsos cortados, olhos vazados, creio eu, e em...

Enquanto falava, Gisors notava a atenção crescente e talvez a satisfação com que Ferral o escutava.

- ...a deixar ir ao longo desses intermináveis rios, até que morresse de fome ou de esgotamento, com o amante amarrado ao lado, sobre a mesma jangada...

- O amante?

Como podia uma tal distração conciliar-se com aquela atenção, aquele olhar? Gisors não podia adivinhar que, no espírito de Ferral, não havia amante; mas já este se dominara.

- O mais curioso - continuou, - é que esses códigos ferozes parece terem sido até ao século IV redigidos por sábios humanos e bons, ao que conhecemos da vida particular deles...

- Sim, sem dúvida eram sábios.

Gisors olhou aquele rosto agudo de olhos fechados, iluminado por baixo pela lanterninha, com um reflexo de luz preso aos bigodes. Tiros ao longe. Quantas vidas se decidiam na bruma da noite? Contemplava aquela face asperamente tendida sob o efeito de qualquer humilhação vinda do íntimo do corpo e do espírito, a defender-se dela com a força irrisória que é o rancor humano; o ódio dos dois sexos estava acima dela, como se do sangue que continuava a correr sobre essa terra todavia empapada devessem renascer os mais antigos ódios.

Novos tiros, desta vez muito próximos, fizeram tremer os copos sobre a mesa.

Gisors estava habituado àquelas detonações que todos os dias vinham da cidade chinesa. Apesar do telefonema de Kyo, estes, de repente, inquietaram-no.

Ignorava a extensão do papel político representado por Ferral, mas esse papel não podia ser desempenhado senão ao serviço de Xan-Cai-Xeque. Julgou natural estar sentado, ao lado dele (nunca se achava “comprometido”, mesmo para si mesmo), mas deixou de desejar dar-lhe ajuda. Novos tiros, mais distantes.

- Que se passa? - perguntou.

- Não sei. Os chefes azuis e vermelhos lançaram juntos uma grande proclamação de união. Isto parece arrumar-se.

“Mente, pensou Gisors; está pelo menos tão bem informado como eu”.

- Vermelhos ou azuis - dizia Ferral, - os “colis” não deixarão por isso de serem “colis”. Não acha que é de uma estupidez característica da espécie humana que um homem que só tem uma vida possa perdê-la por uma ideia?

- É muito raro que um homem possa suportar, como hei-de dizer, a sua condição de homem.

Pensou numa das ideias de Kyo: tudo aquilo porque os homens aceitam deixar-se matar, para além do interesse, tende mais ou menos confusamente a justificar essa condição, fundamentando-a na dignidade: cristianismo para o escravo, nação para o cidadão, comunismo para o operário. Mas não tinha vontade de discutir as ideias de Kyo com Ferral. Voltou a este:

- É sempre preciso intoxicarmo-nos: este país com o ópio, o Islão com o haxixe, o Ocidente com a mulher... Talvez o amor seja sobretudo o meio que o ocidental emprega para se libertar da sua condição de homem...

Sobre aquelas palavras, uma corrente contrária, confusa e oculta de rostos deslizava: Tchen e o assassínio, Clappique e a sua loucura, Katow e a revolução; May e o amor, ele próprio e o ópio... Só Kyo para ele resistia a essas dominações.

- Muito menos mulheres se deitariam com os homens, se pudessem obter na posição vertical as frases de admiração de que precisam e a cama exige.

- E quantos homens?

- Mas o homem pode e deve negar a mulher: o acto, só o acto, justifica a vida e satisfaz o homem branco. Que pensaríamos nós, se nos falassem de um grande pintor que não faz quadros? Um homem é a súpula dos seus actos, daquilo que fez e do que pode fazer. Nada mais. Eu não sou o que qualquer encontro de uma mulher ou de um homem modela da minha vida; sigo os meus caminhos, os meus...

- Era preciso que os caminhos estivessem feitos.

Desde os últimos tiros, Gisors estava resolvido a não representar mais o papel de justificador.

- Senão por você, não é, por outro. É como se um general dissesse: com os meus soldados posso metralhar a cidade. Mas, se ele fosse capaz de a metralhar, não seria general... não se é general senão tendo saído de Saint-Cyr. Por outro lado, os homens são talvez indiferentes ao poder... O que os fascina nessa ideia, vê você, não é o poder em si, é a ilusão do bel-prazer. O poder do rei, governar, não é? Mas o homem não quer governar: tem vontade de forçar, como você disse. De ser mais do que homem, num mundo de homens. Escapar à condição humana, era o que eu dizia. Não apenas poderoso: todo poderoso. A quimérica doença, de que a vontade de poder é a justificação intelectual, é a vontade de divindade: todo o homem sonha ser deus.

O que Gisors dizia perturbava Ferral, mas o seu espírito não estava preparado para o acolher. Se o velho não o justificava, já o não livrava da sua obsessão:

- Segundo a sua opinião, por que não possuem os deuses as mortais senão sob formas humanas ou bestiais?

Como se o visse, Gisors sentiu que um vulto se instalava ao lado deles; Ferral levantara-se.

- Você tem necessidade de comprometer o essencial de si mesmo para sentir violentamente a existência - disse Gisors, sem olhar para ele.

Ferral não adivinhava que a perspicácia de Gisors vinha de que ele reconhecia nos seus interlocutores fragmentos da sua própria personalidade, e que poderia fazer-se o mais subtil retrato dele, reunindo os seus exemplos de argúcia.

- Um deus pode possuir - continuava o ancião, com um sorriso entendido, - mas não pode conquistar. O ideal de um deus, não é, é, tornar-se homem, sabendo que voltar a encontrar o seu poder; e o sonho do homem o de tornar-se deus sem perder a sua personalidade...

Tinha decididamente que dormir com uma mulher. Ferral partiu.

“Curioso caso de duplicidade elástica, pensava Gisors: na ordem erótica, dir-se-ia que ele se imagina, esta noite, como o imaginaria um pequeno burguês romântico”. Quando, pouco depois da guerra, Gisors entrara em contacto com as potências económicas de Xangai, não ficara pouco admirado de ver que a ideia que ele tinha do capitalismo não correspondia a coisa alguma. Quase todos aqueles que encontrou então, tinham fixado a sua vida sentimental, de uma ou de outra forma - e quase sempre sob a do casamento: a obsessão que faz o grande homem de negócios, quando não é um herdeiro presuntivo, acomoda-se mal com a dispersão erótica. “O capitalismo moderno, explicava ele aos seus alunos, é muito mais vontade de organização do que de poder...”.

Ferral, no automóvel, pensava que as suas relações com as mulheres eram

sempre as mesmas, e absurdas. Talvez tivesse amado, outrora. Outrora. Que psicólogo bêbedo como um cacho teria inventado chamar-se amor ao sentimento que envenenava agora a sua vida? O amor é uma obsessão exaltada; as suas mulheres obcecavam-no, sim... como um desejo de vingança. Ia fazer-se julgar pelas mulheres, ele que não aceitava qualquer opinião. Mulher que o tivesse admirado no dom de si própria, que ele não tivesse combatido, não teria existido para ele.

Condenado às levianas ou às p... Havia os corpos. Felizmente. Senão... “Há-de morrer, meu caro, sem dar porque uma mulher é um ser humano...” Para ela, talvez, não para ele. Uma mulher, um ser humano! É um repouso, uma viagem, um inimigo...

Escolheu de passagem uma cortesã, numa das casas da rua de Nanquim: uma rapariga de rosto gracioso e doce. A seu lado, no carro, com as mãos discretamente apoiadas na sua cítara, tinha o ar de uma estatueta Tang. Chegaram a casa. Ele subiu o degrau à frente dela, com o seu passo de ordinário largo, agora pesado. “Vamos dormir”, pensava... O sono era a paz.

Tinha vivido, combatido, criado. Debaixo de todas essas aparências, lá muito no fundo, voltava a encontrar só essa realidade, essa alegria de se abandonar a si mesmo, de deixar na praia, como o corpo de um companheiro afogado, esse ente, ele próprio, para quem era preciso todos os dias inventar de novo a vida. “Dormir, no fundo, é a única coisa que sempre desejei, de há tantos anos para cá...”.

Que esperar de melhor que um soporífero da rapariga cujas babuchas soavam atrás dele, a cada passo, num dos degraus da escada? Entraram na sala de fumo: um pequeno compartimento com divãs cobertos por tapetes da Mongólia, feito mais para a sensualidade do que para o sonho. Nas paredes, uma grande aguarela do primeiro período de Kama, uma bandeira tibetana. A mulher pousou a cítara num divã. Na bandeja, instrumentos antigos, de cabo de jade, ornamentados e pouco práticos, próprios de quem os não emprega. Ela estendeu a mão para eles; deteve-a com um gesto. Um tiro distante fez tremer as agulhas na bandeja.

- Quer que eu cante?

- Agora não.

Olhava o corpo dela, ao mesmo tempo indicado e oculto pela túnica de seda lilás com que estava vestida. Sabia que estava estupefacta: não é costume deitar-se alguém com uma cortesã, sem que ela tenha cantado, conversado, servido à mesa ou preparado cachimbos. Por que, se assim não era, não se dirigira a prostitutas?

- Também não quer fumar?

- Não. Despe-te.

Ele negava a dignidade dela, e sabia-o. Teve vontade de exigir que ela se pusesse toda nua, mas ela teria recusado. Só tinha deixado aceso um cande-eirinho de mesa de cabeceira. “O erotismo, pensou, é a humilhação em si ou noutrém, nos dois talvez. Uma “ideia, muito evidentemente...” Aliás ela era mais excitante assim, com a camisa chinesa justa; mas estava pouco excitado ou talvez só o estivesse pela submissão desse corpo que o esperava, ao passo que ele nem se movia. O seu prazer brotava de que se punha no lugar da outra, era claro: da outra, forçada, constringida por ele. Em suma, nunca se deitava senão consigo próprio, mas só podia chegar a isso, na condição de não estar só. Compreendia agora o que Gisors só adivinhara: sim, a sua vontade de poderio nunca atingia o seu objectivo, vivia só de o renovar; mas, ainda que na sua vida não houvesse possuído uma única mulher, possuía e possuiria, através daquela chinesa que o esperava, a única coisa de que era vido: ele próprio. Eram-lhe precisos os olhos dos outros para se ver, os sentidos de uma outra para se sentir. Olhou a pintura tibetana, posta aliás em que soubesse muito bem porquê: num mundo desbotado, sem cor, onde erravam viajantes, dois esqueletos exactamente análogos abraçavam-se em transe.

Aproximou-se da mulher.

Dez horas e meia

“Contanto que o carro não demore mais”, pensou Tchen. Na escuridão completa, não estaria tão seguro do seu gesto, e os últimos candeeiros iam em breve apagar-se. A noite desolada da China dos arrozais e dos pântanos invadira a avenida quase abandonada. As luzes vacilantes das persianas entreabertas, através das vidraças fechadas, apagavam-se uma a uma; os últimos reflexos agarravam-se aos carris molhados, aos isoladores do telégrafo; enfraqueciam de minuto a minuto; depressa Tchen os não viu senão nos letreiros verticais cobertos de caracteres dourados. Essa noite de bruma era a sua última noite, o que o satisfazia. Ia saltar pelos ares com o carro, num relâmpago em bola que iluminaria por um segundo aquela avenida horrível e havia de cobrir uma parede com uma girândola de sangue. A mais velha sentença chinesa veio-lhe à mente: os homens são os vermes da terra. Era preciso que o terrorismo se tornasse uma mística. Solidão, em primeiro lugar: que só o terrorismo decidisse, só ele executasse; qualquer força da polícia está na delação; o assassino que actua sozinho não corre risco de se denunciar a si mesmo. Solidão última, porque é difícil àquele que vive fora do mundo não procurar os seus. Tchen conhecia as

objecções opostas ao terrorismo: repressão policial contra os operários, apelo ao fascismo. A repressão não podia ser mais violenta, o fascismo mais evidente. E talvez Kyo e ele não pensassem nos mesmos homens. Não se tratava de manter na sua classe, para a libertar, os melhores dos homens esmagados, mas de dar um sentido ao próprio esmagamento; que cada um se instituisse responsável e juiz da vida de um senhor. Dar um sentido imediato ao indivíduo sem esperança e multiplicar os atentados, não por uma organização, mas por uma ideia: fazer renascer os mártires. Pei, escritor, seria escutado, porque ele, Tchen, ia morrer: sabia com que peso actua em qualquer pensamento o sangue derramado por ele. Tudo o que não fosse o gesto resolutivo se decompunha na escuridão por detrás da qual permanecia emboscado esse automóvel que em breve ia chegar. A bruma, alimentada pelo fumo dos navios, destruíra pouco a pouco, ao fundo da avenida, os passeios ainda não vazios: transeuntes atarefados caminhavam uns atrás dos outros, raramente se ultrapassando, como se a guerra tivesse imposto à cidade uma ordem onipotente. O silêncio geral do andar daquela gente, tornava a sua agitação quase fantástica. Não levavam embrulhos, cestos, não empurravam carrinhos; naquela noite, parecia que a actividade deles não tinha qualquer fito.

Tchen olhava todas aquelas sombras que deslizavam sem ruído para o rio, num movimento inexplicável e constante; não seria o próprio Destino essa força que os empurrava para o fundo da avenida, onde o arco acceso de tabuletas mal visíveis ante as trevas do rio parecia as próprias portas da morte? Enterrados em perspectivas turvas, os enormes caracteres perdiam-se naquele mundo trágico e desfocado como na vastidão dos séculos; e tal como se tivesse vindo, também ela, não do estado maior, mas dos tempos búdicos, a sirene militar do automóvel de Xan-Cai-Xeque começou a ressoar surdamente ao fundo da calçada quase deserta. Tchen apertou a bomba debaixo do braço, com reconhecimento. Só os faróis saíam da névoa. Quase em seguida, precedido pelo Ford da guarda, todo o carro saiu dela; mais uma vez pareceu a Tchen que avançava extraordinariamente depressa. Três riquexós obstruíram de súbito a rua, e os dois automóveis abrandaram. Tentou voltar a conseguir o domínio da respiração. Já o engarramento se desfizera. O Ford passou, o automóvel chegava, um enorme veículo americano, ladeado por dois polícias, agarrados aos estribos; dava uma tal impressão de força que Tchen sentiu que, se não avançasse, se esperasse, afastar-se-ia dele sem querer. Agarrou na bomba pela argola como numa garrafa de leite.

O automóvel do general estava a cinco metros, enorme. Correu para ele com uma alegria de êxtase e atirou-se-lhe para cima, de olhos fechados.

Voltou a si alguns segundos mais tarde: não tinha sentido nem ouvido o estalar dos ossos, que esperara, e soçobrara numa esfera ofuscante. Já não tinha casaco. Na mão direita segurava um pedaço de “capot”, cheio de lama ou de sangue. A

alguns metros, uma pasta de destroços vermelhos, uma superfície de vidro estilhaçado onde brilhava um último reflexo de luz e... mas já não distinguia coisa alguma: tomava consciência da dor, que ficou, em menos de um segundo, para lá da consciência. Já não via claro. Sentia contudo que a praça ainda estava deserta; receavam os policiais uma segunda bomba? Sofria em toda a sua carne, num sofrimento nem sequer possível de localizar: todo ele era sofrimento. Aproximavam-se. Lembrou-se de que devia pegar no revólver. Tentou atingir a algibeira das calças. Já não existia algibeira, nem calça, nem perna: carne picada. O outro revólver, no bolso da camisa. O botão tinha saltado. Agarrou a arma pelo cano, voltou-a sem saber como, puxou por instinto o fecho de segurança com o polegar. Abriu por fim os olhos. Tudo andava à roda, de uma maneira lenta e invencível, segundo um círculo muito grande, e todavia nada existia senão a dor. Um polícia estava mesmo ao pé. Tchen quis perguntar se Xang-Cai-Xeque estava morto, mas queria isso num outro mundo; neste mundo, essa morte era-lhe indiferente.

Com toda a força que tinha, o polícia voltou-o com um pontapé nas costelas. Tchen rugiu, disparou para a frente ao acaso, e o coice tornou mais intensa ainda aquela dor que ele julgava sem fundo. Ia desmaiar ou morrer. Fez o mais terrível esforço da sua vida, conseguiu introduzir na boca o cano do revólver.

Prevedo o novo coice, mais doloroso ainda que o precedente, já não se movia. Uma furiosa tacada do calcanhar de outro polícia crispou todos os seus músculos: atirou sem dar por isso.

Q U I N T A P A R T E

Onze horas e quinze

Através da bruma, o automóvel meteu-se pela longa alameda ensaibrada que conduzia a uma casa de jogo. “Tenho o tempo preciso para subir, pensou Clappique, antes de ir ao “Black Cat””. Estava resolvido a não faltar ao encontro com Kyo, por causa do dinheiro que esperava dele e porque ia possivelmente, desta vez, não preveni-lo mas salvá-lo. Obtivera sem custo as informações que Kyo lhe pedira: os informadores sabiam que estavam previstos para as onze horas movimentos das tropas especiais de Xan-Cai-Xeque e que todas as Comissões comunistas seriam cercadas. Já se não tratava de dizer: “a reacção está iminente”, mas “não passe esta noite por qualquer Comissão”. Não esquecera que Kyo tinha de partir antes das onze horas e meia. Havia portanto, essa noite, qualquer reunião comunista que Xan-Cai-Xeque intentava esmagar. O que os polícias sabiam era por vezes falso, mas a coincidência era demasiado evidente. Kyo prevenido podia mandar adiar a reunião ou, se já não houvesse tempo, não ir lá “Se ele me der cem dólares, terei talvez dinheiro bastante: cem e os cento e dezassete adquiridos esta tarde por vias simpáticas e uniformemente ilegais, duzentos e dezassete... Mas talvez ele nada tenha: desta vez não há armas fechadas à chave. Trataremos primeiramente de nos desenrascarmos sozinhos”. O automóvel parou. Clappique, de “smoking”, deu dois dólares. O motorista, de boné na mão, agradeceu com um sorriso aberto: a corrida custava um dólar.

- Esta liberalidade destina-se a permitir-te que compres um chapeuzinho de coco. E, de indicador erguido, anunciador da verdade:

- Digo “coco”.

O motorista já se ia embora.

- Porque, sob o ponto de vista plástico, que é o de todos os bons espíritos - continuou Clappique, postado no meio do saibro - este personagem exige um chapéu de “coco”.

O carro partira. Dirigia-se apenas à escuridão; e, como se ela lhe tivesse respondido, o perfume dos buxos e dos evónimos molhados elevou-se do jardim. Esse perfume amargo era a Europa. O barão apalçou o bolso direito e, em lugar da carteira, sentiu o revólver: a carteira estava na algibeira esquerda. Olhou para as janelas que não estavam iluminadas, e mal se distinguiam. “Reflectamos...”. Sabia que se esforçava unicamente por prolongar esse instante em que a partida não se travara ainda, em que a fuga ainda era possível. “Depois de amanhã, se tiver chovido, haver aqui este cheiro; e eu estarei morto talvez... Morto? Que digo? Loucura! Nem uma palavra: Eu sou imortal”. Entrou, subiu ao primeiro andar.

Ruídos de fichas e a voz do “croupier” pareciam elevar-se e voltar a decrescer com estratos de fumo. Os criados dormiam, mas os detectives russos da polícia privada, com as mãos nas algibeiras do casaco (a direita estendida para o Colt), encostados aos alizares ou passeando com despreocupação, não dormiam. Clappique chegou ao salão: numa névoa de fumo de tabaco, onde brilhavam confusamente os ornatos da parede, manchas alternadas (negro dos “smokings”, branco das espáduas) debruçavam-se para a mesa verde.

- Olá, Tótó! - gritaram vozes.

O barão era muitas vezes Tótó em Xangai. Não viera contudo ali senão ocasionalmente, para acompanhar amigos: não era jogador. De braços abertos, com ar do bom pai que volta a encontrar com alegria os seus filhos:

- Bravo! Estou comovido por poder tomar parte nesta pequena festa de família...

Mas o “croupier” lançou a esfera: a atenção deixou Clappique. Aqui, ele perdia valor: aquela gente não necessitava de ser distraída. As caras deles estavam todas fixadas pela olhar à esfera, numa disciplina absoluta.

Possuía cento e dezassete dólares. Jogar nos números seria muito perigoso. Escolhera de antemão o par ou ímpar.

- Algumas simpáticas fichazinhas - disse ao distribuidor.

- De quanto?

- De vinte.

Decidiu jogar uma ficha de cada vez, sempre par. Precisava de ganhar pelo menos trezentos dólares.

Jogou. Saiu o cinco. Perdeu. Nem o mesmo nem lucro. Jogou de novo, sempre par. Dois. Ganhou. Outra vez.

Sete: perdeu. Depois, nove: perdeu. Quatro: ganhou. Três: perdeu. Sete, um: perdeu. Estava a perder oitenta dólares Só lhe restava uma ficha.

A sua última jogada.

Lançou-a com a mão direita: já não mexia a esquerda, como se a imobilidade da esfera houvesse fixado essa mão presa a ela. E, todavia, essa mão puxava-o para si mesmo. Recordou-se de repente: não era a mão que o perturbava, era o relógio que trazia no pulso. Onze horas e vinte e cinco. Restavam-lhe cinco minutos para ir ter com Kyo.

Na penúltima jogada, estivera certo de ganhar; mesmo se tivesse de perder, não podia perder tão depressa. Tinha feito mal em não ligar importância à sua primeira perda: era certamente de mau augúrio. Mas ganha-se quase sempre na última jogada, e o ímpar acabava de sair três vezes seguidas. Desde a sua chegada, no entanto, o ímpar saía muito mais vezes do que o par, visto que estava

a perder... Trocar, jogar no ímpar? Mas qualquer coisa o impelia agora a permanecer passivo, a suportar: pareceu-lhe que tinha vindo para isso. Qualquer gesto teria sido um sacrilégio. Deixou a ficha no par.

O “croupier” lançou a esfera. Partiu devagar, como sempre, parecendo hesitar. Desde o começo, Clappique não tinha visto sair nem vermelho nem preto. Essas casas tinham agora as maiores probabilidades. A esfera continuava o seu passeio. Por que não jogara ele no encarnado? A esfera ia m nos depressa.

Parou no dois. Ganhou.

Era preciso pôr os quarenta dólares no sete, jogar nos números. Era evidente: daí em diante tinha que abandonar as bandas. Pousou as duas fichas e ganhou. Quando o “croupier” empurrou para ele catorze fichas, quando ele lhes tocou, descobriu com estupefacção que podia ganhar: não era imaginação, uma lotaria fantástica para premiados desconhecidos. Pareceu-lhe de súbito que a banca lhe devia dinheiro, não porque ele havia jogado no número que ganhara, não porque tinha perdido primeiro; mas, desde a eternidade, por causa da fantasia e da liberdade do seu espírito; - que aquela esfera punha o acaso ao seu serviço para pagar todas as dívidas da sorte. Contudo, se jogasse outra vez num número, perderia. Pôs duzentos dólares no ímpar e perdeu.

Revoltado deixou a mesa um instante, e aproximou-se da janela.

Lá fora, a noite. Sob as árvores, os clarões vermelhos das luzes traseiras dos automóveis. Apesar das vidraças, ouviu uma grande confusão de vozes, de risos, e, de repente, sem lhe distinguir as palavras, uma frase dita em tom de cólera.

Paixões... Todos esses seres que passavam na bruma, de que vida imbecil, monótona, viviam? Nem mesmo vultos: vozes na noite. Era naquela sala que o sangue afluía à vida. Os que não jogavam não eram homens. Todo o seu passado não seria mais do que uma longa loucura? Voltou à mesa.

Jogou sessenta dólares no par, outra vez. Essa esfera cujo movimento ia abrandar era um destino e, antes de mais, o “seu” destino. Não lutava contra uma criatura, mas contra uma espécie de deus; e esse deus, ao mesmo tempo, era ele próprio.

A esfera partiu de novo.

Encontrou logo a comoção passiva que procurava: mais uma vez lhe pareceu que pegava na sua vida, a suspendia nessa esferazinha irrisória. Graças a ela, satisfazia simultaneamente os dois Clappiques de que era feito, o que queria viver, e o que queria ser destruído. Para que olhar para o relógio? Relegava Kyo para um mundo de sonhos; parecia-lhe alimentar aquela esfera não já de paradas, mas com a sua própria vida (não se encontrando com Kyo, perdia toda a probabilidade de voltar a arranjar dinheiro) e a de um outro; e o facto de esse outro ignorar dava à esfera, cujas curvas iam amolecendo, a vida das

conjunções de astros, das doenças crônicas, de tudo aquilo a que os homens julgam os seus destinos ligados. Que tinha que ver com o dinheiro essa esfera que hesitava à beira das cavidades como um focinho e pela qual ele tocava o seu próprio destino, o único meio que jamais encontrara de se possuir a si mesmo! Ganhar, não já para fugir, mas para ficar, para arriscar mais, para que o jogar da sua liberdade conquistada tornasse o gesto mais absurdo ainda!

Apoiado no antebraço, nem mesmo olhando já a esfera que continuava o seu caminho cada vez mais e mais lenta, estremeando nos músculos da barriga da perna e dos ombros, descobria o verdadeiro sentido do jogo, o frenesi de perder.

Quase todos perdiam; o fumo encheu a sala ao mesmo tempo que um distender desolado dos nervos e o ruído das fichas recolhidas pelo rodo. Clappique sabia que não tinha acabado.

Para que conservar os dezassete dólares? Tirou a nota de dez e pô-la no par.

Estava tão certo de que perderia, que não jogara tudo... como para poder sentir-se a perder durante mais tempo. Logo que a bola começou a hesitar, a sua mão direita seguiu-a, mas a esquerda ficou agarrada à mesa. Compreendia agora a vida intensa dos instrumentos de jogo: essa esfera não era uma esfera como qualquer outra, como as de que nos não servimos para jogar; a própria hesitação do seu movimento vivia: esse movimento ao mesmo tempo inelutável e languido tremia assim, porque dele dependiam vidas. Enquanto girava, nenhum jogador puxava uma fumaça do cigarro aceso. A esfera entrou num alvéolo vermelho, saiu outra vez, errou ainda, entrou no nove. Com a mão esquerda pousada na mesa, Clappique esboçou imperceptivelmente o gesto de a arrancar de lá. Tinha perdido uma vez mais.

Cinco dólares no par: de novo a última ficha.

A esfera lançada percorria grandes circunferências, ainda não viva. O relógio, todavia, afastava dela o olhar de Clappique. Não o trazia ao pulso, mas virado para baixo, no sítio onde se toma o pulso. Pousou a mão aberta em cima da mesa e chegou a nada mais ver senão a esfera. Descobriu que o jogo é um suicídio sem morte: bastava-lhe pousar ali o seu dinheiro, olhar para aquela esfera e esperar, como se esperasse após ter engolido um veneno: veneno sem cessar renovado pelo orgulho de o tomar. A esfera parou no quatro. Ganhou.

O ganho foi-lhe quase indiferente. Não obstante, se tivesse perdido... Ganhou ainda uma vez, perdeu outra. Restavam-lhe de novo quarenta dólares, mas queria voltar a encontrar a emoção da última jogada. As entradas acumu-lavam-se no encarnado, que não saía havia muito tempo. Aquela casa, para onde convergiam os olhares de quase todos os jogadores, fascinava-o também; mas deixar o par parecia-lhe abandonar a luta. Conservou o par e jogou os quarenta dólares. Nenhuma parada equivaleria jamais àquela: Kyo talvez ainda não tivesse

partido: dentro de dez minutos, não poderia seguramente apanhá-lo já; mas, agora, talvez ainda pudesse. Agora, agora, jogava os seus últimos chavos, a sua vida e a de um outro, sobretudo a de um outro.

Sabia que entregava Kyo; era Kyo quem estava acorrentado àquela bola, àquela mesa, e era ele, Clappique, quem era essa esfera, senhora de todos e dele próprio... dele que, no entanto, a olhava, vivendo como nunca vivera, fora de si, esgotado por uma vergonha vertiginosa.

Saiu à uma hora: o “círculo” fechava. Restavam-lhe vinte e quatro dólares. O ar livre acalmou-o como o de uma floresta. A bruma estava muito mais tênue do que às onze horas. Talvez tivesse chovido. Tudo estava molhado. Embora não visse no escuro nem os buxos nem os evónimos, adivinhava-lhes a folhagem escura pelo cheiro acre. “É notável, pensou ele, que se tenha de tal maneira dito que a sensação do jogador nasce da esperança do ganho! É como se se dissesse que os homens se batem em duelo para se tornarem campeões de esgrima...”.

Mas a serenidade da noite parecia haver desfeito com a neblina todas as inquietações, todas as dores dos homens. Apesar disso, havia salvas ao longe. “Recomeçaram a fuzilar...”.

Deixou o jardim, esforçando-se por não pensar em Kyo; começou a caminhar. Já as árvores rareavam. De repente, através do que restava de bruma, apareceu à superfície das coisas a luz mate da Lua. Clappique ergueu os olhos. Ela acabava de surgir de um rasgado areal de nuvens mortas e derivava lentamente para um vão imenso, escuro e transparente como um lago com as profundezas cheias de estrelas. A sua luz cada vez mais intensa dava a todas aquelas casas fechadas, ao abandono total da cidade, uma vida extraterrestre, como se a atmosfera da Lua tivesse vindo instalar-se nesse grande silêncio, de repente, com a sua claridade. Contudo, por trás desse cenário de astro morto, havia homens. Quase todos dormiam e a vida inquietante do sono condizia com esse abandono de cidade submersa, como se esta fosse, também ela, a vida de um outro planeta. “Há, nas “Mil e Uma Noites”, pequenas cidades cheias de gente adormecida, abandonadas há séculos com as suas mesquitas sob a Lua, cidades no deserto adormecido... Não impede que eu vá talvez rebentar”. A morte, mesmo a sua própria morte, não era muito verdadeira naquela atmos-fera tão pouco humana que se sentia nela um intruso. E aqueles que não dormiam? “Há os que lêem. Os que se roem. (Que bela expressão!) Os que se estão amando”. A vida futura fremia por trás de todo aquele silêncio. Humanidade tarada, que nada podia libertar de si mesma! O cheiro dos cadáveres da cidade chinesa passou, com o vento que de novo se levantava.

Clappique teve que fazer um esforço para, respirar: a angústia voltava. Suportava mais facilmente a ideia da morte do que o cheiro dela. Este tomava, pouco a pouco, posse daquele cenário que ocultava a loucura do mundo sob uma

quietação de eternidade, e, enquanto o vento soprava sempre sem o menor assobio, a lua atingia a margem oposta, e tudo voltou a cair nas trevas. “Será um sonho?” Mas o tremendo cheiro lançava-o de novo à vida, à noite ansiosa onde os candeeiros, ainda há pouco sumidos no nevoeiro, desenhavam grandes rodela trêmulas sobre o passeio onde a chuva tinha apagado os passos.

Para onde ir? Hesitava. Não poderia esquecer Kyo, se tentasse dormir. Percorria agora uma rua de pequenos bares, bordéis minúsculos com tabuletas redigidas nas línguas de todas as nações marítimas. Entrou no primeiro.

Sentou-se perto da vidraça. As três criadas - uma mestiça, duas brancas - estavam sentadas com os clientes, um dos quais se preparava para sair. Clappique esperou, olhou para fora: nada, nem sequer um marujo. Ao longe, tiros. Teve um sobressalto, de propósito: uma sólida criada loira acabava de sentar-se ao lado dele. “Um Rubens - pensou - mas não perfeito: deve ser de Jordaens. Nem uma palavra...”. Fez girar o chapéu no indicador, a toda velocidade, fê-lo saltar, voltou a agarrá-lo pelas abas com delicadeza e pousou-o nos joelhos da mulher.

- Tem cuidado, querida amiga, com esse chapelinho. É único em Xangai. Para mais, está domesticado...

A mulher regozijou-se: era um pandego. E a alegria deu uma animação súbita à cara dela, até então imóvel.

- Bebemos, ou vamos lá para cima? - perguntou ela.

- As duas coisas.

Ela trouxe Schiedam. “Era uma especialidade da casa”.

- A sério? - perguntou Clappique.

Ela encolheu os ombros.

- Que moça queres tu que isso me faça?

- Tens aborrecimentos?

Ela olhou para ele. Com os engraçados, era preciso estar sempre de pé atrás. Mas ele estava só, não havia ali pessoa a quem quisesse divertir à custa dela; e não parecia na verdade estar a gozá-la.

- Que mais queres que tenha, com uma vida destas?

- Fumas?

- O ópio é caríssimo. Também se pode levar uma injeção, é certo, mas tenho medo: com as agulhas sujas com que eles as dão, apanham-se abscessos, a casa corre connosco. Há dez mulheres por cada vaga. E “óspois”...

“Flamenga”, pensou ele... Interrompeu-a:

- Pode arranjar-se ópio não muito caro. Eu pago este a dois dólares e setenta e cinco.

- Também és do norte?

Ele deu-lhe uma caixa sem responder. Ela ficou grata por encontrar um compatriota e por aquela oferta.

- Ainda é muito caro para mim... Mas este não ter custado caro. Hei-de comer dele esta noite.

- Não gostas de fumar?

- Julgas então que tenho um cachimbo? Mas que ideia fazes tu das minhas posses?

Sorriu com amargura, contente ainda, apesar de tudo Mas a desconfiança costumada surgiu outra vez:

- Por que é que tu mo dás?

- Deixa lá... Dá-me prazer. Já fui do “meio”...

Na verdade, ele não tinha o ar de um freguês. Mas não era certamente já “do meio” há muito tempo. (Ele tinha às vezes necessidade de inventar para si biografias completas, mais raramente quando a sexualidade estava em jogo). Ela chegou-se para ele sobre os coxins.

- Só quero que sejas amável comigo: ser a última vez que me deito com uma mulher...

- Por quê?

Ela era de compreensão lenta, mas não estúpida. Depois de ter respondido, compreendeu:

- Tu queres matar-te?

Não era o primeiro. Tomou entre as suas mãos a de Clappique, pousada sobre a mesa, e beijou-a, num gesto desajeitado e quase maternal.

- É pena... queres ir lá para cima?

Tinha ouvido dizer que esse desejo vinha por vezes aos homens, antes da morte. Mas não ousava ser a primeira a levantar-se: julgaria tornar-lhe assim mais próximo o suicídio. Conservara a mão dele entre as suas. Deitado para cima dos coxins, com as pernas cruzadas e os braços colados ao corpo como um insecto friorento, olhava para ela, de nariz estendido, com um olhar muito distante, apesar do contacto dos corpos. Embora tivesse bebido muito pouco, estava embriagado com aquela mentira, com o calor do universo fictício que tinha criado. Quando dizia que se matava, não pensava em tal; mas, como ela acreditava, ia entrando num mundo onde a verdade já não existia. Não era verdadeiro nem falso, mas vivido. E como não existiam, nem o passado que

acabava de inventar para si, nem o gesto elementar e suposto tão próximo sobre o qual se fundava a ligação com essa mulher, nada existia. O mundo tinha cessado de pesar sobre ele. Livre, já só vivia no universo romanesco que acabara de criar, forte pelo laço que estabelece toda a piedade humana perante a morte. A sensação de embriaguez era tal que a mão lhe tremia. A mulher sentiu e julgou que era de angústia.

- Não havia meio de remediar... isso?

- Não.

O chapéu, pousado ao canto da mesa, parecia olhá-lo com ironia. Atirou-o para cima das almofadas, para o não ver mais.

- História de amor? - perguntou ela ainda.

Uma salva crepitou ao longe. “Como se não houvesse bastantes que terão de morrer esta noite”, pensou ela.

Ele levantou-se sem ter respondido. Ela julgou que a pergunta lhe chamara recordações à memória. Apesar da curiosidade, teve vontade de lhe pedir perdão, mas não se atreveu.

Levantou-se também. Metendo a mão debaixo do bar tirou de lá um embrulho (seringa, toalhas) de entre dois frascos. Subiram.

Quando saiu (ele não se voltara, mas sabia que ela o seguia com o olhar, através da vidraça), nem o seu espírito nem a sua sensualidade estavam saciados. A brama voltara. Depois de um quarto de hora de caminhada (o ar fresco da noite não o acalmava) parou diante de um bar português. Os vidros deste não estavam embaciados. Afastada dos clientes uma morena magra, de olhos muito grandes, com as mãos sobre os seios como que para os proteger, contemplava a noite. Clappique olhou-a sem se mover. “Sou como as mulheres que não sabem o que um novo amante obter delas... Vamos suicidar-nos com aquela”.

Onze horas e trinta

No meio do barulho do “Black Cat”, Kyo e May tinham esperado.

Os cinco últimos minutos. Já deviam ter partido. Que Clappique não tivesse vindo causava espanto a Kyo (tinha reunido para ele quase duzentos dólares), mas não muito; cada vez que Clappique assim procedia era tão igual a si próprio que só semi-surpreendia quem o conhecesse. Kyo tomara-o a princípio por um original assaz pitoresco, mas estava-lhe reconhecido por tê-lo avisado, e ia a pouco e pouco sentindo por ele uma real simpatia. Contudo, começava a duvidar do valor da informação que o barão lhe transmitira, e aquele encontro a que faltara ainda mais o fazia duvidar.

Embora o foxe-trote não tivesse acabado, fez-se um grande redemoinho na sala, em direcção a um oficial de Xan-Cai-Xeque que acabava de entrar; houve pares que abandonaram a dança e se aproximaram e, se bem que Kyo não ouvisse o que diziam, adivinhou que se tratava de um acontecimento capital. Já May se dirigia para o grupo: no “Black Cat” uma mulher era suspeita de tudo e portanto de nada. Voltou muito depressa.

- Foi atirada uma bomba ao carro de Xan-Cai-Xeque - disse-lhe ela em voz baixa. - Ele não ia no carro.

- O assassino? - perguntou Kyo.

Ela voltou para junto do grupo, regressou seguida por um tipo que queria à viva força que dançasse com ele, e que a deixou em paz logo que viu que ela não estava sozinha.

- Fugiu - disse ela.

- Esperemos que sim...

Kyo sabia quanto aquelas informações eram quase sempre inexactas. Mas era pouco provável que Xan-Cai-Xeque tivesse sido morto; a importância dessa morte teria sido tal que o oficial não a ignoraria.

- Sabê-lo-emos na Comissão Militar - disse Kyo. - Vamos já para lá.

Desejava demasiado que Tchen tivesse podido escapar, para poder duvidar inteiramente. Quer Xan-Cai-Xeque estivesse ainda em Xangai, ou tivesse já partido para Nanquim, o atentado gorado dava uma importância capital à reunião da Comissão Militar. Apesar de tudo que esperar? Transmitira a informação de Clappique, de tarde, a uma Comissão Central céptica e esforçando-se por sê-lo: o golpe de força confirmava por demais as teses de Kyo para que a confirmação, vinda dele, não perdesse algo do seu valor. Aliás, a Comissão simulava a união, não a luta: alguns dias antes, o chefe político dos vermelhos e um dos chefes dos

azuis, tinham pronunciado em Xangai tocantes discursos. E o revés da tomada da concessão japonesa pela multidão, em Anqueu, começava a mostrar que os vermelhos estavam paralisados na própria China Central; as tropas manchus marchavam sobre Anqueu, que teria de as combater antes das de Xan-Cai-Xeque... Kyo avançava no nevoeiro, com May ao lado, sem falar. Se os comunistas tivessem de lutar nessa noite, mal poderiam defender-se.

Entregues ou não as últimas armas, como haviam de combater, um contra dez, em desacordo com as instruções do Partido Comunista Chinês, contra um exército que lhes oporia os seus corpos de voluntários burgueses armados à europeia e dispondo da vantagem do ataque? No mês anterior, toda a cidade era pelo exército revolucionário unificado; o ditador representara o estrangeiro, a cidade era xenófoba; a imensa pequena burguesia era democrata, mas não comunista; o exército, desta vez, estava ali, ameaçador, não em fuga para Nanquim; Xan-Cai-Xeque não era o carrasco de Fevereiro, mas um herói nacional, menos para os comunistas. Todos contra a polícia no mês anterior; hoje, os comunistas contra o exército. A cidade seria neutral, ou então favorável ao general. Mal poderiam defender os bairros operários; talvez Xapei? E depois?... Se Clappique tivesse enganado, se a reacção tardasse ainda um mês, Comissão Militar, Kyo, Katow organizariam duzentos mil homens. As novas brigadas de choque, formadas por comunistas convictos, tomavam conta das Uniões: mas seria necessário pelo menos um mês para criar uma organização bastante eficaz para manobrar as massas.

E a questão das armas ficava de pé. Seria preciso saber, não se duas ou três mil espingardas deveriam ser entregues, mas como haviam de armar as massas em caso de golpe por parte de Xan-Cai-Xeque. Enquanto se discutia, os homens seriam desarmados. E, se a Comissão Militar, em última análise, exigia armas, a Comissão Central, sabendo que as teses trotskistas atacavam a união com o Kuomintang, estava aterrado com qualquer atitude que pudesse, com razão ou sem ela, aparecer ligada à da Oposição russa.

Kyo começava a ver no nevoeiro que ainda não levantara (e que o obrigava a seguir pelo passeio com receio dos carros) a luz indecisa do edifício da sede da Comissão Militar. Bruma e noite opacas: teve que acender o isqueiro para ver as horas. Estava em atraso uns minutos. Resolveu apressar-se, deu o braço a May; ela encostou-se meigamente para ele. Tendo dado alguns passos, sentiu no corpo de May um soluço e uma moleza súbita: ela caía, deslizando na sua frente. “May!”.

Esbracejou, foi de mãos ao chão e, no momento em que se levantava, recebeu em cheio uma cacetada na nuca. Caiu de novo para a frente, ao comprido em cima dela.

Três polícias, saídos de uma casa vinham ao encontro do que tinha batido. Um

carro vazio estava parado um pouco mais além. Meteram nele Kyo e partiram, só começando a amarrá-lo após a partida.

Quando May voltou a si (aquilo que Kyo tomara por um soluço, fora uma cacetada na base das costelas), um piquete de soldados de Xan-Cai-Xeque guardava a entrada da Comissão Militar; por causa da bruma, não os avistou senão quando chegava mesmo ao pé deles. Continuou a caminhar na mesma direcção (respirava a custo, e doía-lhe a pancada) e voltou o mais depressa que pôde para casa de Gisors.

Meia-noite

Logo que soube que fora lançada uma bomba contra Xan-Cai-Xeque, Hemmelrich tinha corrido a saber novas. Haviam-lhe dito que o general estava morto e que o assassino fugira; mas, diante do carro voltado, com o motor esventrado, vira o cadáver de Tchen em cima do passeio... pequeno e sangrento, todo molhado já pela bruma, guardado por um soldado sentado ao lado, e soube que o general não seguia no carro. Absurdamente, pareceu-lhe que ter recusado asilo a Tchen era uma das causas da morte dele; tinha corrido ao posto comunista do bairro, desesperado, e passado ali uma hora a discutir baldadamente o atentado. Um camarada entrara.

- A União dos operários de fiação em Xapei acaba de ser encerrada por soldados de Xan-Cai-Xeque.

- Os camaradas não resistiram?

- Todos os que protestaram foram imediatamente fuzilados. Em Xapei, fuzilam também os militantes ou deitam-lhes fogo às casas... O Governo municipal acaba de ser dissolvido. Estão a fechar as Uniões.

Não havia instruções da Comissão Central. Os camaradas casados tinham-se escapado imediatamente, para tratar da fuga das mulheres e das crianças.

Logo que Hemmelrich saiu, ouviu tiros; arriscava-se a ser reconhecido, mas era preciso antes de mais nada levar o miúdo e a mulher. Diante dele, passaram no nevoeiro dois carros blindados e camiões carregados de soldados de Xan-Cai-Xeque. Ao longe, sempre tiros; e outros, muito perto.

Não havia soldados na Avenida das Duas Repúblicas nem na rua à esquina da qual ficava a sua loja. Não: já não havia soldados. A porta da loja estava aberta. Correu: por toda a parte, no chão, pedaços de discos espalhados em grandes poças de sangue. A loja fora “varrida” à granada, como uma trincheira. A mulher estava prostrada de encontro ao balcão, quase acocorada, com o peito numa chaga viva. A um canto, um braço de criança; a mão assim isolada, parecia ainda mais pequena. “Ao menos, que estejam bem mortos!”, pensou Hemmelrich. Tinha medo, acima de tudo, de uma agonia a que teria de assistir, impotente, em que ele só serviria para sofrer, como de costume - mais medo mesmo que desses cacifos crivados de manchas vermelhas e de estilhaços. Através das solas, sentiu o chão peganhento. “O sangue deles”. Deixava-se ficar imóvel, não se atrevendo a tocar em nada, a olhar... Descobriu por fim o corpo da criança, junto da porta, que o escondia. Ao longe, rebentaram duas granadas. Hemmelrich mal respirava, esmagado pelo cheiro do sangue derramado. “Nem se pode pensar em enterrá-los...”. Fechou a porta à chave, ficou em frente dela. “Se vem alguém, e se me reconhecem, sou um homem morto”. Mas não era

capaz de ir-se embora.

Sabia que sofria, mas um halo de indiferença cercava-lhe a dor, dessa indiferença que se segue a doenças e pancadas na cabeça. Nenhuma dor o teria surpreendido então: em suma, a sorte conseguira, desta vez, acertar-lhe em cheio com um golpe melhor do que os outros. A morte não o espantava, valia bem a vida. A única coisa que o apoquentava era pensar que tinha havido atrás daquela porta tanto sofrimento quanto de sangue havia. Contudo, desta vez, o destino jogara mal: ao arrancar-lhe tudo quanto ainda possuía, libertava-o.

Tornou a entrar, fechou a porta. Apesar do seu descabro interior, daquela sensação de paulada na nuca, dos seus ombros sem força, não podia tirar da ideia a alegria atroz, intensa, profunda, da libertação. Com horror e satisfação, sentia-a marulhar dentro de si como uma torrente subterrânea, aproximar-se; os cadáveres estavam ali, os pés que se lhe pegavam ao chão estavam pegamentos do sangue, nada podia ser mais irrisório do que aqueles assassínios (sobretudo o da criança doente: esta parecia-lhe ainda mais inocente do que a morta), mas agora já não era um incapaz. Agora podia também matar. Era-lhe de repente revelado que a vida não era o único modo de contacto entre os seres, que nem mesmo era o melhor; que os conhecia, os amava, os possuía mais na vingança do que na vida. Sentiu mais uma vez as solas pegarem-se, e cambaleou: os músculos, esses, não os auxiliava o pensamento. Mas uma exaltação intensa perturbava o seu espírito, a mais forte que jamais sentira; abandonava-se a essa horrenda embriaguez com um consentimento total. “Podemos matar com amor. Com amor, Deus do Céu!”. Repetiu, dando um murro no balcão, contra o Universo talvez... Retirou logo a mão, com a garganta apertada à beira dos soluços: o balcão também estava cheio de sangue. Olhou para a mancha já castanha na mão que lhe tremia como sacudida por uma crise de nervos: destacavam-se dela pequenas escamas. Rir, chorar, escapar àquele nó que lhe apertava o peito torturado... Nada se movia, e a imensa indiferença do mundo surgia na luz imóvel sobre os discos, sobre os mortos, sobre o sangue. A frase “arrancavam os membros dos condenados com tenazes em brasa” subia-lhe e descia-lhe no cérebro; já não a conhecia desde a escola; mas sentia que ela queria dizer também confusamente que tinha de partir, arrancar-se dali.

Enfim, sem saber bem como, tornou-se possível partir. Pôde sair, começou a caminhar numa euforia acabrunhada que ocultava remoinhos de ódio sem limites. A trinta metros dali parou.

“Deixei-lhes a porta aberta”. Voltou para trás. À medida que se aproximava, sentia os soluços a formarem-se, num nó mais abaixo da garganta, no peito, e a ficarem. Fechou os olhos, puxou a porta. A fechadura estalou: fechada. Tornou a ir-se embora. “Isto não acabou, resmungou ele, enquanto ia andando. Isto começa... Isto começa”. De ombros puxados para a frente, avançava como um

sirgador para uma região confusa de que apenas sabia que aí se matava, puxando com os ombros e com o cérebro o peso de todos os seus mortos, que, finalmente, o não impedia já de avançar.

Com as mãos trémulas, batendo o queixo, levado pela sua terrível liberdade, voltou em dez minutos ao posto. Era uma casa de um só andar. Por detrás das janelas estavam de certo postos colchões; apesar da falta das persianas não se viam rectângulos luminosos no nevoeiro, mas só riscas verticais. A calma da rua, quase uma ruela, era absoluta, e essas riscas de luz tomavam a intensidade ao mesmo tempo mínima e aguda dos arcos voltaicos. Tocou. A porta entreabriu-se: conheciam-no. Por trás, quatro militantes de Mauser em punho olharam-no ao passar. Como as sociedades de insectos, o vasto corredor vivia com uma vida de sentido confuso mas de movimento claro: tudo vinha da cave; o andar estava morto. Isolados, dois operários instalavam ao cimo da escada uma metralhadora que dominava o corredor. Nem sequer brilhava, mas chamava a atenção, como o tabernáculo numa igreja. Estudantes e operários corriam. Passou em frente das faxinas de arame farpado (para que poderia servir aquilo?), subiu, contornou a metralhadora e chegou ao patamar.

Katow saía de um escritório e olhou-o interrogativamente. Sem dizer coisa alguma, estendeu a mão ensanguentada.

- Ferido? Curativos lá em baixo. O miúdo está escondido?

Hemmelrich não podia falar. Mostrava obstinadamente a mão, com ar idiota. “É o sangue deles”, pensava. Mas isso não era coisa que pudesse ser dita.

- Tenho uma faca - disse por fim. - Dá-me uma espingarda.

- Não há muitas espingardas.

- Granadas.

Katow hesitava.

- Julgas que eu tenho medo, filho da mãe?

- Desce. Granadas, há-as nos caixotes. Não muitas... Sabes onde estará Ky o?

- Não sei. Vi Tchen: está morto.

- Eu sei.

Hemmelrich desceu. Alguns camaradas remexiam num caixote aberto, com os braços metidos lá dentro até aos ombros. A provisão devia, pois, estar no fim. Os homens, em magote, agitavam-se, iluminados em cheio pelas luzes (não havia frestas), e o volume espesso desses corpos em volta do caixote, visto depois dos vultos que se esgueiravam sob as lâmpadas veladas do corredor, surpreendeu-o como se, perante a morte, estes homens adquirissem subitamente o direito a uma vida mais intensa que a dos outros. Encheu as algibeiras, tornou a subir. Os

outros, os vultos, tinham acabado a instalação da metralhadora e posto arame farpado atrás da porta, um pouco retirado, para que pudessem abri-la; toques de campainha sucediam-se de minuto a minuto. Espreitou pelo postigo: a rua enevoada continuava calma e vazia: os camaradas chegavam, informes no nevoeiro, como peixes na água turva, sob a barra de sombra que os telhados projectavam. Voltava para ir ter com Katow: ao mesmo tempo, dois toques de campainha precipitados, um tiro e o ruído de uma sufocação, depois a queda de um corpo.

- Ei-los! - gritaram à vez vários guardas da porta.

O silêncio caiu no corredor, martelado em surdina pelas vozes e os ruídos de armas que subiam da cave. Os homens ocupavam os postos de combate.

Uma hora e meia

Clappique, cozendo a sua mentira como quem coze uma bebedeira, avançava no corredor do hotel chinês, onde morava, enquanto os “boys” deitados para cima de uma mesa redonda, que ficava sob o quadro das campinhas, cuspinhavam sementes de girassol à volta dos escarradores. Sabia que não dormiria. Abriu melancolicamente a sua porta, atirou o casaco para cima do familiar exemplar dos “Contos de Hoffmann” e encheu um copo de uísque: sucedia que o álcool dissipava a angústia que às vezes lhe caía em cima. Qualquer coisa mudara naquele quarto. Esforçou-se por não pensar nisso: a ausência inexplicável de certos objectos tornar-se-ia demasiado inquietante. Tinha conseguido escapar a quase tudo aquilo em que os homens fundamentam a vida: amor, família, trabalho; não ao medo. Este surgia nele, como uma consciência aguda da sua solidão; para o espantar, metia-se em geral no “Black Cat” mais próximo, refugiava-se junto dessas que abrem as coxas e o coração a pensar noutra coisa. Impossível naquela noite: fatigado, repleto de mentira e de fraternidades provisórias... Viu-se no espelho, aproximou-se:

“Mesmo assim, meu caro”, disse ele ao Clappique do espelho, “no fundo, escapares-te para quê? Quanto tempo ainda vai durar tudo isto? Tiveste uma mulher: passemos, oh!, passemos adiante! Amantes, dinheiro; podes sempre pensar nisso, quando precisas de fantasmas para fazer pouco de ti. Nem uma palavra! Tens dotes, como se diz, fantasia, todas as qualidades necessárias para fazer de ti um parasita: poder sempre ser criado de quarto em casa de Ferral, quando a idade te tiver conduzido à perfeição. Há também a profissão de cavalheiro-mendigo, a polícia e o suicídio. Chulo? Ainda a mania das grande-zas. Resta o suicídio, é o que te digo. Mas tu não queres morrer. Tu não queres morrer, meu pulhazito! Vê, mesmo assim, como tens umas belas ventas para morto...”

Aproximou-se mais, com o nariz quase encostado ao vidro; deformou a própria máscara, de boca aberta, com uma careta de gárgula; e como se a máscara lhe tivesse respondido:

“- Nem toda a gente pode ser morto? Evidentemente, preciso que haja de tudo neste mundo. Deixa, quando morreres, irás para o Paraíso. Além disso, Deus Nosso Senhor é boa companhia para um tipo da tua laia...”

Transformou a cara, de boca fechada e puxada para queixo, olhos entreabertos, à samurai de carnaval. E imediatamente, como se a angústia que as palavras não bastavam para traduzir se exprimisse directamente em toda a sua pujança, desatou a fazer esgares, transformando-se sucessivamente em macaco, em idiota, em assombrado, em tipo com defluxo, em todos os grotescos que um rosto

humano pode traduzir. Aquilo já não chegava: serviu-se dos dedos, puxando os cantos dos olhos, aumentando a boca para a goela de sapo do palhaço, achatando o nariz, puxando as orelhas. Cada uma dessas caras falava-lhe, revelava-lhe uma parte de si próprio oculta pela vida; este deboche de grotesco no quarto solitário, com a bruma da noite adensada junto à janela, tomava o cômico atroz e terrífico da loucura. Ouvia o seu riso - um único som de voz, igual ao da mãe; e, descobrindo de súbito o seu rosto, recuou com terror, e sentou-se ofegante. Havia um bloco de papel branco e um l pis sobre a poltrona. Se continuasse assim,. Ficaria realmente louco Para se defender do horrível espelho, começou a escrever a si mesmo:

“Acabará rei, meu velho Totó. Rei: bem quentinho, num confortável asilo de doidos, graças ao delirium-tremens, teu único amigo, se continuas a beber. Mas, neste momento, estarás bêbado, ou não?... Tu que imaginas tão cem tantas coisas, que esperas para imaginares que és feliz? Julgas”...

Bateram.

Caiu das nuvens. Liberto, mas desvairado.

Bateram de novo.

- Entre.

Casacão de lã, chapéu de feltro negro, cabelos brancos: o Gisors pai.

- Mas eu... eu... - tartamudeou Clappique.

Kyo acaba de ser preso - disse Gisors. - Conhece König, não é assim?

- Eu... Mas eu nada tenho...

Gisors olhou para ele com atenção. “Contanto que não esteja bêbedo de mais”, pensou.

- Conhece König? - repetiu.

- Sim, eu, eu... conheço-o. Prestei-lhe... um serviço... Grande serviço.

- Pode pedir-lhe um, a ele?

- Por que não? Mas qual?

- Como chefe da polícia de segurança de Xan-Cai-Xeque, König pode mandar pôr outra vez Kyo em liberdade. Ou, pelo menos, impedir que seja fuzilado: é o mais urgente, não é...

- Cla... Claro. ...

Tinha, porém, tão pouca confiança na gratidão de König, que julgara inútil e talvez imprudente ir vê-lo, mesmo depois das indicações de Chpilewsky. Sentou-se em cima da cama, com os olhos no chão. Nem se atrevia a falar. O tom da voz de Gisors mostrava-lhe que este não desconfiava de modo algum da

responsabilidade que ele tinha na prisão: Gisors via nele o amigo que viera prevenir Kyo de tarde, não o homem que jogava à hora do encontro. Mas Clappique não podia convencer-se disso. Não ousava olhar para ele, e não se acalmava. Gisors perguntava a si mesmo de que drama ou de que extravagância sala ele, não adivinhando que a sua própria presença era uma das causas daquela respiração ofegante. Parecia a Clappique que Gisors o acusava:

- Sabe, meu caro, eu não sou... enfim, não sou tão doido como isso; eu, eu...

Não podia cessar de gaguejar; parecia-lhe por vezes que Gisors era o único homem que o compreendia; e, outras, que o considerava um bufão. O velho olhava-o sem dizer nada.

- Eu... Que é que pensa de mim?

Gisors tinha mais vontade de o agarrar pelos ombros e de o levar ao pé de König do que de conversar com ele; mas transparecia uma tal comoção por trás da embriaguez que lhe atribuía, que não ousou recusar-se a entrar no jogo.

- Há aqueles que têm necessidade de escrever, os que precisam de sonhar, os que precisam de falar... É a mesma coisa. O teatro não é a sério, é a corrida de touros que o é; mas os romances não são sérios, é a mitomania que o é.

Clappique levantou-se.

- Dói-lhe o braço? - perguntou Gisors.

- Uma câibra, nem uma palavra...

Clappique voltara desajeitadamente o braço para esconder o relógio de pulso ao olhar de Gisors, como se o tivesse traído aquele relógio que lhe indi-cara as horas, na casa de jogo. Compreendeu pela pergunta de Gisors que era idiota.

- Quando irá ver König?

- Amanhã de manhã?

- Por que não agora? A polícia não dorme esta noite disse Gisors com tristeza - e tudo pode acontecer...

Clappique não queria ouvir outra coisa. Não por remorsos: novamente no jogo, lá teria ficado outra vez... mas por compensação.

- Corramos, meu velho...

A transformação que verificara ao entrar no quarto inquietou-o de novo. Olhou com atenção, ficou admirado de não ter visto mais cedo: uma das suas pinturas taoistas “que faziam sonhar” e as duas mais belas estátuas tinham desaparecido. Em cima da mesa, uma carta: a letra de Chpilewski. Adivinhou. Mas não ousou ler a carta. Chpilewski prevenira-o de que Kyo estava em perigo: se tivesse a imprudência de falar dele, não Poderia impedir-se de contar tudo. Pegou na carta e meteu-a no bolso.

Quando saíram, encontraram carros blindados e os caminhões cheios de soldados.

Clappique quase reencontrara a calma; para esconder a perturbação, da qual se não podia ainda livrar, fez-se idiota, como de costume.

- Queria ser um mágico, enviar ao califa um licorne... um licorne, digo-lhe eu... que apareceria da cor do sol, no palácio gritando: “Fica sabendo, califa, que a primeira sultana te engana! Nem uma palavra!” Eu, feito licorne, seria um assombro, com o meu nariz! E, bem entendido, não seria verdade. Dir-se-ia que ninguém sabe quanto, voluptuoso viver aos olhos de um ser outra vida diferente da nossa. De uma mulher, principalmente...

- Que mulher se não ofereceu uma vida falsa ao menos por um dos homens que se lhe dirigiram na rua?

- Acha... que todos os seres são mitómanos?

As pálpebras de Clappique batiam nervosamente; caminhou mais devagar.

- Não, ouça - disse ele, - fale-me francamente: por que acha que não o são?

Sentia nele agora um desejo, bizarramente estranho a si próprio, mas muito forte, de perguntar a Gisors o que pensava ele do jogo; e contudo, pela certa, se falasse de jogo, confessaria tudo. Iria falar? O silêncio obrigá-lo-ia a isso; por felicidade, Gisors respondeu:

- É possível que eu seja a pessoa menos indicada para lhe responder... O ópio só ensina uma coisa: fora do sofrimento físico, não há realidade.

- O sofrimento, sim... E... o medo. - O medo?

- Nunca tem medo... no ópio? - Não. Por quê?

- Ah...

Na verdade, Gisors pensava que, se o mundo não tinha realidade, os homens, e mesmo aqueles que mais se opunham ao mundo, têm uma realidade muito forte; e que Clappique, precisamente, era um dos muitos raros seres que não tinham nenhuma. E sentia-o com angústia, porque era nessas mãos de nevoeiro que ele entregava o destino de Kyo. Abaixo das atitudes dos homens, está um fundo que pode ser tocado, e pensar no sofrimento deles deixa pressentir a natureza daquele. O sofrimento de Clappique era independente dele, como o de uma criança: não era responsável por ele; e poderia destruí-lo, não podia modificá-lo. Clappique podia deixar de existir, desaparecer num vício, numa monomania, não poderia tornar-se um homem. “Um coração de ouro, mas oco”. Gisors percebia que, no fundo de Clappique, não havia solidão nem dor, como nos outros homens, mas sensação. Gisors julgava por vezes os seres imaginando-lhes a velhice: Clappique não podia envelhecer: a idade não o levava à experiência humana mas à intoxicação (erotismo ou drogas), onde se conjugariam por fim todos os meios de ignorar a vida. “Talvez, pensava o barão, se eu lhe contasse tudo, ele achasse

muito natural...”. Atiravam agora por toda a parte, na cidade chinesa: Clappique pediu a Gisors para o deixar no limite da concessão: König não o receberia. Gisors parou, viu desaparecer na bruma a silhueta magra e desengonçada.

A secção especial da polícia de Xan-Cai-Xeque estava instalada numa simples vivenda construída por volta de 1920: estilo Bécon-les-Bruyères, mas com janelas emolduradas de extravagantes ornamentos portugueses, amarelos e azulados. Dois ajudantes e mais plantões do que convinha; todos os homens armados; e era tudo. Na ficha que um secretário lhe estendia, Clappique escreveu Totó, deixou em branco o motivo da visita, e esperou. Era a primeira vez que se encontrava num sítio iluminado depois que deixara o quarto: tirou do bolso a carta de Chpilewski:

“Meu caro amigo:

“Cedi à sua insistência. Os meus escrípulos eram fundados, mas reflecti: assim você me permite regressar à tranquilidade, e os lucros que o meu negócio promete, neste momento, são tão importantes e tão garantidos que eu poderia por certo, antes de um ano, oferecer-lhe em agradecimento objectos da mesma natureza, e mais belos. O comércio da alimentação, nesta cidade”...

Seguiam-se quatro páginas de explicações.

“Isto não vai lá muito bem, pensou Clappique, nada bem...”. Mas já um contínuo vinha procurá-lo

König esperava-o, sentado na secretária, em frente à porta. Atarracado, moreno, o nariz de perfil no rosto quadrado, veio até ele, apertou-lhe a mão de um modo rápido e vigoroso que mais os afastava que aproximava.

- Como vai isso? Bom. Sabia que o veria hoje. Terei muito gosto em poder ser-lhe útil por minha vez.

- Você , temível - respondeu Clappique, semigracejando.

- Eu pergunto-me apenas se não haver um mal entendido: bem sabe que não me meto em política...

- Não há mal entendido.

“Tem um reconhecimento bastante condescendente”, pensou Clappique.

- Tem dois dias para se pôr a andar. Prestou-me um serviço em tempos: agora mandei-o prevenir.

- Co...mo? Foi você quem me mandou prevenir?

- Julga que Chpilewski se teria atrevido? O seu caso é com a Polícia Chinesa, mas já não são os chineses quem a dirige. Basta de conversa fiada.

Clappique começava a admirar Chpilewski, mas não sem irritação.

- Enfim - continuou, - uma vez que quer lembrar-se de mim, permita-me que lhe pergunte outra coisa.

- O que é?

Clappique não tinha grande esperança: cada nova réplica de König lhe mostrava que a camaradagem com a qual contava não existia, ou já não existia. Se König o mandara prevenir, não lhe devia mais nada. Foi mais por descargo de consciência do que com esperança que disse:

- Não se poderia fazer nada pelo filho de Gisors? Bem se rala você com tudo isso, creio...

- Que é ele?

- Comunista. Importante, julgo.

- Por que é ele comunista, não me dirá? O pai? Mestiço? Não arranjou trabalho? Que um operário seja comunista, já é idiota, mas ele! Enfim, por quê?

- Isso não se resume muito facilmente...

Clappique reflectia:

- Mestiço, talvez... mas teria podido arranjar-se: a mãe era japonesa. Não tentou. Ele diz qualquer coisa como: por desejo de dignidade...

- Por dignidade!

Clappique ficou estupefacto: König insultava-o. Não esperava tanto efeito dessa palavra. "Diria asneira?", perguntava a si mesmo.

- Em primeiro lugar, que quer dizer isso? - perguntou König com o indicador agitado, como se tivesse continuado a falar sem que o ouvissem. "Por dignidade", repetia. Clappique não podia enganar-se com o tom da voz dele: era o do ódio. Ele estava à direita de Clappique, e o nariz, que desse modo parecia muito arqueado, acentuava-lhe fortemente o rosto.

- Diga-me cá, Totozinho, acredita na dignidade?

- Nos outros...

- Sim?

Clappique calou-se.

- Sabe o que os vermelhos faziam aos oficiais prisioneiros?

Clappique já evitava responder. Aquilo tornava-se sério. E sentia que aquela frase era uma preparação, uma ajuda que König se dava a si mesmo: ele não

esperava resposta.

- Na Sibéria, eu era interprete num campo de prisioneiros. Consegui sair de lá servindo no exército branco, com Semenov. Brancos, vermelhos, estava-me ralando: queria era voltar à Alemanha. Fui preso pelos vermelhos. Estava semimorto de frio. Esbofetearam-me a socos, chamando-me “meu capitão” (eu era tenente) até que eu caísse. Levantaram-me. Eu não trazia o uniforme de Semenov, com caveirinhas. Tinha uma estrela em cada dragona.

Deteve-se. “Podia recusar sem tantas histórias”, pensou Clappique. Ofegante, devagar, a voz implicava uma necessidade que ele procurava contudo compreender.

- Pregaram-me um prego em cada ombro, em cada estrela. Do comprimento, de um dedo. Ouça bem, meu Totozinho.

Agarrou-o pelo braço, olhos fitos nos dele, com um olhar de homem apaixonado:

- Chorei como uma mulher, como um vitelo. .. Chorei diante deles. Está a ver, não está? Fiquemos por aqui. Ninguém perderá com isso.

Aquele olhar de homem que deseja esclarecia Clappique. A confiança não era inesperada: não era uma confiança, era uma vingança. Com certeza contava aquela história (ou contava-a a si próprio), todas as vezes que podia matar, como se essa narração pudesse raspar até ao sangue a humilhação sem limites que o torturava.

- Meu filho, mais valia não me falarem nunca de dignidade... A minha dignidade, a minha, é matá-los. Julga que me ralo com a China? Hem! A China, que piada! Só estou no Kuomintang para os poder mandar matar. Só vivo como dantes, como um homem, como seja o que for, como o último dos brutos que passam diante desta janela, quando os matam. É como os fumadores com os seus cachimbos. Um farrapo, pois! Vinha pedir-me a pele dele? Teria de me ter salvo três vezes a vida...

Encolheu os ombros, continuou raivosamente:

- Sabe ao menos o que é, meu pobre Totó, ver-se a vida tomar um sentido, um sentido absoluto: desgostar-nos de nós mesmos...

Acabou a frase entre dentes, mas sem se mexer, com as mãos nos bolsos, os cabelos curtos sacudidos pelas palavras arrancadas.

- Há o esquecimento - disse Clappique a meia voz.

- Há mais de um ano que me não deito com uma mulher Chega-lhe isto? E...

Deteve-se subitamente, recomeçou mais baixo:

- Mas diga lá, Totozinho, o filho do Gisors, o filho do Gisors... Falava de mal-entendido; quer realmente saber por que está você marcado? Vou dizer. Foi na

verdade quem tratou do caso das espingardas do “Xantum”? Sabe a quem eram destinadas as espingardas?

- Não se fazem perguntas nesses trabalhos, nem uma palavra!

Aproximou o indicador da boca, de acordo com as suas mais puras tradições. Ficou logo aborrecido com isso.

- Aos comunistas. E, como você arriscava a pele, podiam ter-lho dito. E era uma escroqueria. Serviram-se de si para ganhar tempo: na mesma noite assaltaram o navio. Se não estou em erro, foi o seu protegido de agora quem o meteu neste negócio?

Clappique esteve a ponto de responder: “Em todo o caso, recebi a minha comissão”. Mas a revelação que o seu interlocutor acabara de fazer dava ao rosto do outro uma tal satisfação, que o barão nada mais desejava do que ir-se embora. Embora Kyo tivesse cumprido as promessas, fizera-o jogar a vida sem lho dizer. Tê-la-ia jogado? Não. Kyo tivera razão em preferir a ele a causa: ele teria razão para se desinteressar de Kyo. Tanto mais que, na verdade, nada podia. Encolheu apenas os ombros.

- Então, tenho quarenta e oito horas para me pôr a andar?

- Sim. Não insiste. Faz bem. Até à vista.

“Ele diz que há um ano que não se deita com uma mulher, pensava Clappique ao descer as escadas. Impotência? Ou quê? Julgaria que este género de... dramas levava à erotomania. Deve fazer confidências destas, geralmente, aos que vão morrer: de qualquer maneira, não tenho outro remédio senão desandar”. Não se libertava do tom em que König dissera:

“Só vivo como um homem, como seja quem for...”. Continuava esmagado por aquela intoxicação total, que só o sangue saciava: vira bastantes destroços das guerras civis da China e da Sibéria para saber que negação do mundo a humilhação intensa exige; apenas o sangue acidamente vertido, as drogas e a nevrose alimentam tais solidões. Compreendia agora porque König estimara a sua companhia, não ignorando quanto junto dele, se enfraquecia toda a realidade. Caminhava lentamente, apavorado por tornar a encontrar Gisors que o esperava do outro lado do arame farpado. Que dizer-lhe?... Demasiado tarde: levado pela impaciência, Gisors, vindo ao seu encontro, acabava de se destacar da bruma, a dois metros dele. Fitava-o com a intensidade desvairada dos loucos. Clappique teve medo, parou. Gisors agarrava-o já pelo braço:

- Nada a fazer? - perguntou com uma voz triste, mas não alterada.

Sem falar, Clappique abanou negativamente a cabeça.

- Vamos. Vou pedir auxílio a outro amigo.

Ao ver Clappique sair da bruma, tivera a revelação da sua própria loucura. Todo

o diálogo que imaginara entre eles, no regresso do barão, era absurdo: Clappique não era nem um intérprete nem um mensageiro, era uma carta. Jogada a carta (perdida, mostrava-o a cara de Clappique), era preciso arranjar outra. Asfixiado pela angústia, o desânimo, permanecia lúcido no fundo da sua desolação. Pensara em Ferral; mas Ferral não interviria num conflito desta ordem. Ia tentar fazer intervir dois amigos...

König chamara um secretário:

- Amanhã, aqui, o filho do Gisors, quando os conselhos acabarem.

Cinco horas

Por cima dos breves clarões das detonações amareladas no fim da noite, Katow e Hemmelrich viam, das janelas do primeiro andar, a madrugada fazer aparecer reflexos plúmbeos nos telhados vizinhos, ao mesmo tempo que o perfil das casas se tornava nítido. Com os cabelos encharcados, muito pálidos, cada um começava de novo a distinguir a cara do outro, e sabia o que ele pensava. O último dia. Quase sem munições. Nenhum movimento popular viera em socorro deles. Salvas, do lado de Xapei: camaradas sitiados como eles. Katow explicara a Hemmelrich porque estavam perdidos: a dado momento, os homens de Xan-Cai-Xeque trariam os canhões de pequeno calibre de que dispunha a guarda do general; logo que um desses canhões fosse introduzido na casa em frente do posto, colchões e paredes cairiam como numa barraca de pim-pam-pum. A metralhadora dos comunistas dominava ainda a porta dessa casa; quando não tivesse mais balas, deixaria de dominá-la. O que não tardaria. Havia horas que atiravam furiosamente, impelidos por uma vingança anteci-pada: condenados, matar era o único sentido que poderiam dar às suas últimas horas. Mas começavam também a estar fartos disso. Os adversários, cada vez mais bem entrincheirados, só raramente apareciam. Era como se o combate enfraquecesse com a noite, e, absurdamente, o dia nascente que não denunciava uma só sombra inimiga lhes trouxesse a libertação, qual a noite lhes trouxera a prisão. O reflexo do dia, nos telhados, tornava-se cinzento pálido; por sobre o combate suspenso, a luz parecia aspirar grandes bocados de noite, não deixando diante das casas senão retângulos negros. As sombras encolhiam pouco a pouco: olhá-las permitia não pensar nos homens que iam morrer ali. Contraíam-se como sempre no seu movimento eterno, de uma selvagem majestade hoje, porque tal não veriam mais. De repente, todas as janelas em frente se iluminaram, e as balas bateram em volta da porta numa revoada de pedradas; um dos deles tinha posto um casaco na ponta de um pau. O inimigo contentava-se.

- Onze, doze, treze, catorze... - disse Hemmelrich. Contava os cadáveres então visíveis na rua.

- Tudo isso, brincadeira - respondeu Katow, em voz quase baixa. - Basta-lhes esperar. O dia é deles.

Havia apenas cinco feridos deitados na sala; não gemiam: dois fumavam, vendo o dia aparecer entre a parede e os colchões. Mais longe, Suan e outro defendiam a segunda janela. Quase já não havia salvas. As tropas de Xan-Cai-Xeque esperavam por toda a parte? Vencedores no mês anterior, os comunistas conheciam-lhes os progressos hora a hora; agora nada sabiam, como os vencidos de então.

Como para confirmar o que acabava de dizer Katow, a porta da casa inimiga abriu-se (os dois corredores eram em frente um do outro); imediata-mente, o crepitar de uma metralhadora elucidou os comunistas. “Veio pelos telhados”, pensou Katow.

- Por aqui!

Eram os metralhadores que chamavam. Hemmelrich e ele saíram a correr, e compreenderam; a metralhadora inimiga, por certo protegida por uma blindagem, atirava sem cessar. Não havia comunistas no corredor do posto, visto aquele se encontrar sob o fogo da sua própria metralhadora que, dos mais altos degraus da escada, dominava em tiro orgulhante a entrada dos adver-sários. Mas a blindagem protegia estes agora. Era porém preciso, antes de mais, manter o fogo. O apontador estava caído de lado, morto sem dúvida, fora o servente quem gritara. Ele alimentava e apontava, mas lentamente. As balas faziam saltar lascas de madeira dos degraus, do reboco da parede, e sons abafados, em silêncios de uma rapidez desconhecida, indicavam que algumas entravam na carne do vivo ou do morto. Hemmelrich e Katow atiraram-se para a frente. - Tu não! - berrou o belga. Com um soco no queixo atirou Katow aos tropeções pelo corredor, e saltou para o lugar do apontador. O inimigo atirava agora um pouco mais baixo. Não por muito tempo. - Ainda há aí carregadores? - perguntou Hemmelrich. Em vez de responder, o servente galgou de cabeça a escada toda. E Hemmelrich deu-se conta de que não sabia alimentar uma metralhadora.

Subiu com um salto, sentiu-se atingido num olho e na barriga da perna. No corredor, fora do ângulo de tiro do inimigo, parou: o olho fora atingido apenas por um bocado de estuque despregado por uma bala, a barriga da perna sangrava-lhe... outra bala à superfície. Estava já no compartimento onde Katow, curvado, com uma mão puxava para si o colchão (não para se proteger mas para se esconder) e segurava na outra um molho de granadas: só as granadas, se explodissem muito perto, podiam agir contra a blindagem.

Era preciso atirá-las pela janela para o corredor inimigo. Katow pusera outro molho por trás de si. Hemmelrich agarrou-o e atirou-o ao mesmo tempo que Katow, por cima do colchão. Katow deu consigo no chão, ceifado pelas balas, como se o tivesse sido pelas suas granadas: assim que as cabeças e os braços tinham ultrapassado o colchão, tinham atirado sobre eles de todas as janelas... “aquele crepitar de fósforos, tão próximo, não vinha das suas pernas?” perguntava a si mesmo Hemmelrich, que se baixara a tempo. As balas continuavam a entrar, mas a parede protegia os dois homens, agora que estavam caídos: a janela abria-se só a sessenta centímetros do soalho. Apesar dos tiros de espingarda, Hemmelrich tinha uma impressão de silêncio, porque as duas metralhadoras se tinham calado. Avançou nos cotovelos para Katow, que não se mexia; puxou-o pelos ombros. Fora do campo de tiro, os dois olharam-se em

silêncio: apesar do colchão e das protecções que tapavam a janela, o dia pleno invadia agora o compartimento. Katow desmaiava, a coxa aberta numa mancha vermelha que se prolongava no chão como num mata-borrão. Hemmelrich ouviu ainda Suan gritar: “O canhão!” e depois uma detonação enorme e surda, e, no instante em que levantava a cabeça, um choque na base do nariz: desmaiou por seu turno.

Hemmelrich voltava a si, pouco a pouco, vindo das profundezas para esta superfície de silêncio, tão estranha que lhe pareceu que o reanimava: o canhão já não atirava. A parede demolida obliquamente. No chão, cobertos de estuque e destroços, Katow e os outros, desmaiados ou mortos. Tinha sede e febre. O ferimento na barriga da perna não era grave. Rastejando, atingiu a porta, e no corredor levantou-se, pesadamente, apoiado à parede. Salvo na cabeça, onde lhe tinha batido um bocado despegado da alvenaria, a sua dor era difusa; agarrado ao corrimão, desceu, não a escada para a rua, onde por certo os inimigos continuavam à espera, mas a do pátio. Não atiravam já. As paredes do corredor da entrada tinham nichos cavados, onde existiam anteriormente mesas. Encolheu-se no primeiro e olhou o pátio.

À direita de uma casa que parecia abandonada (mas ele tinha a certeza que o não estava), um alpendre de ferro; ao longe, uma casa de beirais bicudos e uma fila de postes que mergulhava, repetindo-se, no campo que não tornaria a ver. Os arames farpados amontoados ao través da porta, riscavam de negro este espectáculo morto e o dia pardo, como o estalado numa faiança. Uma sombra apareceu por trás, uma espécie de urso: um homem de frente, completamente dobrado; começou a agarrar-se aos arames.

Hemmelrich não tinha mais balas. Olhava aquela massa que passava de um fio para outro antes que ele pudesse prever-lhe os gestos (os fios estavam nítidos à luz do dia, mas sem perspectiva). Agarrava-se, caía, agarrava-se outra vez, enorme insecto. Hemmelrich aproximou-se, ao longo da parede. Era evidente que o homem ia passar; nesse momento, contudo, estorvado, tentava desembaraçar-se dos arames farpados agarrados à roupa, com um resmungo estranho, e parecia a Hemmelrich que aquele monstruoso insecto poderia ficar ali para sempre, enorme e enrolado, suspenso do dia pardo. Mas a mão levantou-se nítida e negra, aberta, dedos afastados, para agarrar outro fio, e o corpo retomou o movimento.

Era o fim. Por detrás, a rua e a metralhadora. Em cima, Katow e os seus homens, abatidos. Aquela casa deserta, na frente, estava certamente ocupada por metralhadoras que, essas, ainda tinham balas. Se ele sala, os inimigos atira-riam às pernas, para o fazer prisioneiro (sentiu de súbito a fragilidade desses ossinhos, as rótulas...). Pelo menos mataria talvez aquele.

O monstro, composto de urso, de homem e de aranha, continuava a

desembaraçar-se dos fios. Ao lado da sua massa negra, uma linha de luz marcava a aresta da pistola. Hemmelrich sentia-se no fundo de um buraco, não menos fascinado por esse ser tão lento que se aproximava como a própria morte, do que por tudo o que o seguia, tudo o que ia uma vez mais esmagá-lo como uma tampa de sarcófago fechada sobre um vivo; era tudo aquilo que lhe destruíra a vida de todos os dias, que ali vinha para o esmagar de uma vez. “Bateram-me durante trinta e sete anos, e agora vão matar-me”. Não era apenas o seu próprio sofrimento que se aproximava, era o da mulher esventrada, do filho doente assassinado: tudo se misturava num nevoeiro de sede, de febre e de raiva. Novamente, sem a ver, sentiu a mancha de sangue da mão esquerda. Não como uma queimadura, nem como uma dor: sabia apenas que ela estava lá, e que o homem ia sair finalmente dos arames farpados. Esse homem, o primeiro que vinha, não era por dinheiro que vinha matar aqueles que se arrastavam em cima, era por uma ideia, por uma fé; Hemmelrich detestava aquela sombra, parada agora diante da barreira de arames, até no seu pensamento: não bastava que essa raça de felizes os assassinasse, era ainda preciso que julgasse ter razão. A silhueta, corpo agora endireitado, era prodigiosamente alongada sobre o pátio cinzento, sobre os fios telegráficos que mergulhavam na paz ilimitada da manhã de Primavera chuvosa. De uma janela, um grito de apelo se elevou, ao qual o homem respondeu; a resposta encheu o corredor, rodeou Hemmelrich. A linha brilhante da pistola desapareceu, metida na bainha e substituída por uma barra chata, quase branca naquela obscuridade: o homem desembainhava a baioneta. Já não era um homem, era tudo o que Hemmelrich sofrera até ali.

Naquele corredor negro, com as metralhadoras emboscadas para lá da porta este inimigo que se aproximava, o belga estava a ficar doido de raiva. “Deram-nos cabo da vida, mas aquele experimentar é experimentar...” O homem aproximava-se dele, passo a passo, com a baioneta na frente. Hemmelrich acocorou-se e viu imediatamente a silhueta crescer, o torso diminuir por cima de pernas fortes como pilares. No instante em que a baioneta lhe chegava acima da cabeça, levantou-se, agarrou-se com a mão direita ao pescoço do homem, apertou. Com o choque, a baioneta caíra. O pescoço era grande demais para uma mão só, o polegar e a extremidade dos dedos cravavam-se convulsivamente na carne mais do que detinham a respiração, mas a outra mão estava tomada pela loucura, esfregava com fúria a cara ofegante. “Hás-de pagá-las!, grunhia Hemmelrich. Hás-de pagá-las!” O homem cambaleava. Instintivamente, encostou-se à parede. Hemmelrich bateu-lhe com a cabeça na parede com toda a força, abaixou-se um segundo; o chinês sentiu um corpo enorme que entrava nele, lhe rasgava os intestinos: a baioneta. Abriu as duas mãos, levou-as à barriga com um gemido agudo, caiu, de ombros para a frente, entre as pernas de Hemmelrich, depois distendeu-se num repelão; na mão aberta caiu-lhe uma gota de sangue da baioneta, depois outra. Como se aquela mão, de segundo para

segundo manchada, o tivesse vingado, Hemmelrich ousou por fim olhar para a sua, e compreendeu que a mancha de sangue se apagara dela havia horas.

E descobriu que talvez não fosse morrer. Despiu precipitadamente o oficial, tomado ao mesmo tempo de simpatia pelo homem que viera trazer-lhe a libertação, e de raiva porque as roupas não se desembaraçavam bastante depressa do corpo, como se este as retivesse. Sacudia o corpo salvador como se o fizesse dançar o chifarote. Finalmente, vestido com o fato dele, mostrou-se à janela da rua, com o rosto inclinado escondido pela pala do boné. Os inimigos, defronte, abriram as janelas gritando. “É preciso safar-me antes que eles cá venham”. Saiu pelo lado da rua, voltou à esquerda como o teria feito aquele que matara, para se ir juntar ao grupo.

- Prisioneiros? - gritaram os homens das Janelas.

Fez ao acaso um gesto para aqueles ao encontro dos quais fingia ir. Que não atirassem era simultaneamente estúpido e natural: já não havia nele espanto. Voltou ainda à esquerda e dirigiu-se para as concessões: estavam guardadas, mas conhecia todas as casas com entrada dupla da avenida das Duas Repúblicas.

Um após outro, os do Kuomintang começavam a sair.

SEXTA PARTE

Dez horas

Provisoriamente - disse o guarda.

Kyo compreendeu que o encarceravam na prisão de direito comum. Logo que entrou na prisão, antes mesmo de poder olhar, ficou aturrido pelo cheiro nauseabundo: matadouro, exposição canina, excrementos. A porta que acabara de transpor abria para um corredor semelhante àquele que deixara; à direita e à esquerda, a toda a altura, enormes barras de madeira. Nas gaiolas de madeira, homens. No meio, o guarda sentado diante de uma mesita, na qual estava pousado um chicote: cabo curto, correia chata da largura de uma mão, da espessura de um dedo... uma arma.

- Fica ali, filho da mãe - disse ele.

O homem, habituado à escuridão, escrevia a sua sinalética. A Kyo doía-lhe ainda a cabeça, e a imobilidade deu-lhe a sensação de que ia desmaiar; encostou-se às barras.

- Como, como, como vai? - gritaram por detrás dele.

Voz incomodativa como a de um papagaio, mas voz de homem. O local era demasiado escuro para que Kyo distinguisse um rosto; só via dedos enormes crispados em torno das barras, não muito longe do seu pescoço. Por trás, deitados numa tarimba ou em pé, agitavam-se sombras muito compridas: homens, como vermes.

- Podia ir melhor - respondeu, afastando-se.

- Cala-te aí, filho da mãe, se não queres apanhar com a minha mão na tromba - disse o guarda.

Kyo ouvira muitas vezes a palavra “provisoriamente”; sabia, portanto, que não ficaria ali muito tempo. Estava decidido a não ouvir os insultos, a suportar tudo o que podia ser suportado, o importante era sair dali, retomar a luta. Contudo, sentiu até vontade de vomitar a humilhação que sente todo o homem diante de um homem de que depende: impotente contra aquela imunda sombra de chicote - privado de si mesmo.

- Como, como, como vai? - gritou de novo a voz.

O guarda abriu uma porta, felizmente nas barras da esquerda: Kyo entrou no estábulo. No fundo, uma comprida tarimba, onde estava deitado um único homem. A porta fechou-se.

- Político? - perguntou o homem.

- Sim. E você?

- Não. No tempo do Império, era mandarim...

Kyo começava a habituar-se à escuridão. Com efeito, era um homem de idade, um velho gato branco quase sem nariz, de bigode ralo e orelhas pontiagudas.

- ...Vendo mulheres. Quando corre bem, dou dinheiro à polícia e ela deixa-me em paz. Quando corre mal, ela julga que eu escondo o dinheiro e mete-me na prisão. Mas, quando não corre bem, prefiro comer na prisão do que morrer de fome em liberdade...

- Aqui!

- Bem vê, habituamo-nos... Lá fora também não vai muito bem, quando se é velho como eu, e fraco...

- Por que não está com os outros?

- Às vezes dou dinheiro ao carcereiro da entrada. Por isso, todas as vezes que venho para aqui, fico nos “provisórios”.

O guarda trazia a comida: passou pelas barras duas tigelinhas cheias de uma pasta cor de lama, com um cheiro tão fétido como a atmosfera. Tirava de uma panela com uma concha, deitava a paparrada nas tigelinhas onde ela caía com um “ploque”, e passava-a em seguida aos prisioneiros da outra gaiola, um por um.

- Não vale a pena - disse uma voz. - É amanhã.

(A sua execução - disse o mandarim a Kyo).

- Também a minha - disse outra voz. - Podias bem dar-me uma ração a dobrar; olha, a mim, faz-me fome.

- Queres um murro nas ventas? - perguntou o guarda.

Um soldado entrou, fez-lhe uma pergunta. Ele entrou na gaiola da direita, abanou levemente um corpo:

- Mexe - disse. - Com certeza que ainda está vivo...

O soldado retirou-se.

Kyo olhava com toda a atenção, tentava ver a que sombras pertenciam aquelas vozes tão perto da morte... como ele talvez. Impossível distinguir: aqueles homens morriam antes de terem sido para ele mais do que vozes.

- Não come? - perguntou-lhe o companheiro.

- Não.

- Ao princípio, é sempre assim...

Pegou na tigela de Kyo. O guarda entrou, esbofeteou o homem com toda a força e saiu levando a tigela, sem uma palavra.

- Por que não me bateu ele? - perguntou Kyo em voz baixa.

- Eu era o único culpado, mas não é por isso: você é político, provisório, e está bem vestido. Vai tentar obter dinheiro de si ou dos seus. Mas isso não impede... Espere...

“O dinheiro persegue-me até neste covil”, pensou Kyo. Tal como nas lendas, a abjeção do guarda não lhe parecia plenamente real; e, ao mesmo tempo, parecia-lhe uma imunda fatalidade, como se o poder tivesse podido bastar para transformar quase todos os homens em bestas. Os seres obscuros que resmungavam por trás das barras, inquietantes como os crustáceos e os insectos colossais dos sonhos da sua infância, não eram mais homens que eles. Solidão e humilhação totais. “Atenção”, pensou, porque já se sentia mais fraco. Pareceu-lhe que, se não fosse senhor da sua morte, encontraria ali o pavor. Abriu a fivela do cinto, e meteu o cianeto no bolso.

- Como, como, como vai? - gritou outra vez a voz

- Basta! - gritaram em coro os prisioneiros da outra gaiola.

Kyo estava agora habituado à escuridão, e o número de vozes não o admirou: havia mais de dez corpos deitados na tarimba, por detrás das grades.

- Calas-te ou não? - berrou o carcereiro.

- Como, como, como vai?

O carcereiro levantou-se.

- Engraçado ou teimoso? - perguntou Kyo em voz baixa.

- Nem uma coisa nem outra - respondeu o mandarim, - maluco.

- Mas por que...

Kyo parou de fazer perguntas: o vizinho acabava de tapar os ouvidos. Um grito agudo e rouco, sofrimento e espanto ao mesmo tempo, encheu todo o escuro: enquanto Kyo olhava o mandarim, o carcereiro entrara na outra cela com o chicote. A correia estalou, e o mesmo grito se elevou de novo. Kyo não era capaz de tapar os ouvidos e esperava, encostado às grades, o grito terrível que ia uma vez mais percorrê-lo até às unhas.

- Liquida-o de uma vez - disse uma voz - Que nos deixe em paz.

- Que isso acabe - disseram quatro ou cinco vozes, - que se durma em sossego!

O mandarim, com as mãos tapando ainda os ouvidos inclinou-se para Kyo.

- É a décima primeira vez que lhe bate em sete dias, parece. Eu estou aqui há dois dias: é a quarta vez. E, mesmo assim, ouve-se um bocado... Não posso fechar os olhos: julgo que, olhando-o, vou em auxílio dele, que o não abandono...

Kyo também olhava, quase sem ver nada... “Compaixão ou crueldade?” - perguntou a si mesmo com espanto. O que há de baixo e de fascinável em cada

ser era ali convocado com a mais selvagem veemência, e Kyo debatia-se com toda a sua consciência contra a ignomínia humana: lembrou-se do esforço que sempre lhe era necessário para fugir dos corpos supliciados vistos por acaso: tinha de, literalmente, se arrancar deles. Que os homens pudessem ver bater num doido mesmo mau com certeza velho a julgar pela voz, e aprovar esse suplício, acordava nele o mesmo terror que as confidências de Tchen na noite de Anqueu: “Os polvos...”. Katow contara-lhe quanto esforço tem de fazer o estudante de medicina da primeira vez que um ventre aberto diante dele lhe mostra órgãos vivos. Era o mesmo horror paralizante, bem diferente do medo, um horror todopoderoso antes mesmo que o espírito o tenha julgado, e tanto mais aflitivo quanto Kyo experimentava a sua própria dependência. E, no entanto, os seus olhos muito menos habituados à escuridão que os do seu companheiro, apenas distinguiam o brilho do couro, que arrancava os urros como um gancho. Desde a primeira pancada que não fazia um gesto: continuava agarrado às grades, com as mãos à altura da cara.

- Carcereiro! - gritou.

- Queres uma?

- Preciso de te falar.

- Sim?

Enquanto o carcereiro fechava outra vez raivosamente a enorme fecha-dura, os condenados que ele deixava riam-se. Detestavam os “políticos”, que não eram misturados com eles.

- Vai lá! Vai lá, carcereiro!, para gozarmos.

O homem estava em frente de Kyo, com o corpo cortado verticalmente por uma barra. A cara dele exprimia a mais abjecta cólera, a do imbecil que crê contestado o seu poder; os seus traços fisionómicos contudo não eram baixos: regulares, anónimos...

- Ouve - disse Kyo.

Olharam-se nos olhos, o guarda maior do que Kyo, cujas mãos ele via ainda crispadas nas grades, uma de cada lado da cabeça. Antes que Kyo tivesse compreendido o que acontecia, julgou que a mão esquerda lhe estalava; a toda a força, o chicote, seguro atrás das costas do carcereiro, tinha caído.

Kyo não pudera impedir-se de gritar.

- Muito bem! - urravam os prisioneiros da frente. – Nem sempre aos mesmos.

As duas mãos de Kyo estavam caídas ao longo do corpo, tomadas de um terror autónomo, sem que mesmo ele se tivesse apercebido disso.

- Tens ainda mais alguma coisa a dizer? - perguntou o guarda.

O chicote estava outra vez entre eles.

Kyo cerrou os dentes com toda a força, e, com o mesmo esforço que empregaria para levantar um peso enorme, sem tirar os olhos do guarda, estendeu de novo as mãos para as grades. Enquanto ele as elevava lentamente, o homem recuava imperceptivelmente, para tomar balanço. O chicote estalou, nas grades desta vez. O reflexo fora mais forte do que Kyo: tinha retirado as mãos. Mas já as repunha, com uma tensão extenuante dos ombros, e o guarda compreendeu no seu olhar que, desta vez, não as retiraria. Cuspiu-lhe na cara e levantou lentamente o chicote.

- Se tu... deixares de bater no doido - disse Kyo, - quando eu sair... dou-te cinquenta dólares.

O guarda hesitou.

- Bem - disse por fim.

O seu olhar desviou-se, e Kyo libertou-se de uma tensão tal que julgou desmaiar. A mão esquerda estava tão dorida que não podia fechá-la. Elevara-a ao mesmo tempo que a outra à altura dos ombros, e continuava ali, estendida. Novas gargalhadas.

- Estendes-me a mão? - perguntou o guarda, rindo também.

Apertou-lha. Kyo sentiu que, em toda a vida, não esqueceria esse aperto, não por causa da dor, mas porque a vida nada lhe impusera de tão odioso. Retirou a mão, caiu sentado na tarimba. O guarda hesitou, abanou a cabeça, coçou-a com o punho do chicote. Voltou para a mesa. O doido soluçava. Horas de uniforme abjecção. Por fim, vieram soldados buscar Kyo para o levarem para a Polícia Especial. Sem dúvida caminhava para a morte, e por isso saiu com uma satisfação cuja violência o surpreendeu: pareceu-lhe que deixava ali uma parte imunda de si mesmo.

- Entre!

Um dos guardas chineses empurrou Kyo pelo ombro, mas pouco; quando se tratava de complicações com estrangeiros (e para um chinês, Kyo era japonês ou europeu, mas com certeza estrangeiro), os guardas tinham medo da brutalidade à qual se julgavam obrigados. A um sinal de König, ficaram de fora. Kyo avançou para a secretária, escondendo no bolso a mão esquerda entumecida, fixando aquele homem que, também, lhe procurava os olhos: cara angulosa e barbeada, nariz extravagante, cabelo à escovinha. “Um homem que vai com certeza mandar-te matar parece-se sem dúvida com toda a gente”. König estendeu a mão para o revólver pousado na mesa: não, pegava numa caixa de cigarros. Estendeu-a a Kyo.

- Obrigado. Não fumo.

- O rancho da prisão é detestável, como convém. Quer almoçar comigo?

Na mesa, café, leite, duas chávenas, fatias de pão.

- Só pão. Obrigado.

König sorriu:

- E a mesma cafeteira para si e para mim, bem vê...

Kyo estava resolvido a ser prudente; além disso, König não insistira. Kyo ficou de pé (não havia cadeira) diante da secretária, trincando o pão como uma criança. Depois da abjeção da prisão, tudo lhe era de uma leveza irreal. Sabia que a sua vida estava em jogo, mas mesmo morrer era simples para quem vinha de onde ele vinha. A humanidade de um chefe de polícia inspirava-lhe pouca confiança, e König permanecia longe dele, como se ele estivesse separado da sua cordialidade: ela um pouco à frente, ele um pouco atrás. Contudo, não era impossível que aquele homem fosse cortês por indiferença: de raça branca, houvera sido talvez levado àquela profissão por acidente, ou por cupidez. Como desejava Kyo, que não sentia por ele nenhuma simpatia mas gostaria de relaxar-se, de libertar-se da tensão com que o havia extenuado a prisão; acabava de descobrir que ser obrigado a refugiar-se inteiro em si mesmo, quase atroz.

O telefone tocou.

- Está! - disse König. - Sim, Gisors, Kyoshi (*Kyo*, diminutivo. (*N. do A.*). Perfeitamente. Está aqui comigo.

- Perguntam se ainda está vivo - disse a Kyo.

- Por que me mandou chamar?

- Acho que vamos entender-nos. O telefone, de novo.

- Está! Não. Ia mesmo dizer-lhe que nos entenderíamos com certeza. Fuzilado? Volte a falar. Vamos ver.

Desde que Kyo entrara, o olhar de König não largara O seu.

- Que pensa disto? - perguntou, pousando o auscultador.

- Nada.

König baixou os olhos, ergueu-os de novo:

- Tem amor à vida?

- Depende.

- É que se pode morrer de diversas maneiras.

- Pelo menos não se pode escolher...

- Julga que se escolhe sempre a maneira de viver?

König pensava em si mesmo. Kyo estava resolvido a nada ceder de essencial, mas não desejava de modo algum irritá-lo:

- Não sei. E o senhor?

- Disseram-me que era comunista por dignidade. É verdade?

Kyo não compreendeu, a princípio. Atento à campainha do telefone, perguntava a si mesmo o que significava este singular interrogatório.

Finalmente:

- Isso interessa-o realmente? - perguntou.

- Mais do que julga.

Havia ameaça no tom, senão na frase. Kyo respondeu:

- Acho que o comunismo tornar a dignidade possível para aqueles com quem combato. O que é contra ele, em todo o caso, obriga-os a não a ter, a menos que possuam uma sabedoria tão rara entre eles como entre os outros, mais talvez, precisamente porque são pobres e o trabalho deles os separa da vida. Por que fazer-me esta pergunta, visto que não ouve a minha resposta?

- A que chama dignidade? Isso não quer dizer nada.

O telefone tocou. “A minha vida”, pensou Kyo. König não levantou o auscultador.

- O contrário da humilhação - disse Kyo. - Quando se vem de onde eu venho, isto quer dizer alguma coisa.

O toque do telefone soava no silêncio. König pousou a mão no aparelho.

- Onde estão escondidas as armas? - disse apenas.

- Pode deixar o telefone em sossego. Já compreendi: essa comunicação é puro teatro em minha intenção.

Kyo baixou-se rapidamente. König tinha querido atirar-lhe à cabeça um dos dois revólveres, descarregado com certeza, mas pousou-o outra vez na mesa.

- Tenho melhor - disse. - Quanto ao telefone, vai já ver se é combinado, meu menino. Já viu torturar?

No bolso, Kyo tentava fechar os dedos entumecidos. O cianeto estava naquele bolso esquerdo, e receava deixá-lo cair se tivesse que o levar à boca.

- Pelo menos já vi gente torturada: fiz a guerra civil. O que me intriga, é por que me perguntou onde estão as armas. Ou o sabe, ou o saberá. Portanto...?

- Os comunistas estão esmagados por toda a parte.

- É possível.

- Estão. Reflecta bem; se trabalhar para nós, está salvo, e ninguém o saberá. Dou-

lhe a fuga...

“Deveria ter começado por aqui”, pensou Kyo. O nervosismo dava-lhe agudeza, ainda que dela não precisasse. Mas sabia que a polícia não se contenta com compromissos incertos. No entanto, a proposta surpreendeu-o, como se, por convencional, deixasse de ser verdadeira.

- Só eu - continuou König - saberei. E basta...

Por que, perguntava a si mesmo Kyo, este gozo com o “basta?”

- Não entrarei ao vosso serviço - disse quase distraidamente.

- Cuidado: eu posso metê-lo no segredo com uns dez inocentes, dizendo-lhes que a sorte deles depende de si, que eles ficarão na prisão, se não falar, e que ficam livres de escolher os meios...

- Os carrascos, , mais simples.

- A alternância das súplicas e das crueldades é pior. Não fale do que não sabe... por enquanto, pelo menos.

- Acabo de ver quase torturar um doido. Um doido. Compreende?

- Está bem certo do que arrisca?

- Fiz a guerra civil, já lhe disse. Eu sei. Os nossos também torturaram: serão precisas aos homens muitas alegrias para compensar tudo isso... Adiante. Não o servirei.

König pensava que, apesar do que dizia Kyo, a ameaça lhe passava despercebida. “A juventude ajuda-o”, pensava ele.

Duas horas mais cedo, interrogara um tchekista prisioneiro; ao fim de dez minutos sentira-o fraternal: o mundo de ambos não era já o dos homens; daí em diante, eram de outro. Se Kyo escapava ao medo por falta de imaginação, paciência...

- Não me pergunta por que ainda não lhe atirei à cara com este revólver?

- Penso que estou muito perto da morte; isso extingue a curiosidade. E o senhor disse: “Tenho melhor...”.

König tocou.

- Talvez eu apareça esta noite a perguntar-lhe o que pensa da dignidade humana.

- Para o pátio, série A - disse ele aos guardas que entravam.

Quatro horas

Clappique misturou-se ao movimento que impelia das concessões para o arame farpado a multidão: na Avenida das Duas-Repúblicas o carrasco passava, de sabre curvo ao ombro, seguido da sua escolta armada de Mausers. Clappique voltou-se imediatamente, entrou na concessão. Kyo preso, a resis-tência comunista esmagada, numerosos simpatizantes assassinados mesmo na cidade europeia... König concedera-lhe até à tarde: não seria protegido por mais tempo. Tiros um pouco por toda a parte. Levados pelo vento, parecia que se aproximavam dele, e a morte com eles. “Não quero morrer, dizia por entre dentes, não quero morrer...”. Apercebeu-se de que corria. Chegou ao cais.

Não tinha passaporte e muito menos dinheiro para comprar um bilhete. Três barcos, um dos quais francês. Clappique deixou de correr. Esconder-se nos salva-vidas, cobertos por um toldo esticado? Era preciso subir para bordo, e o homem do portaló não o deixaria passar. Era idiota, além disso. Os paióis? Idiota, idiota, idiota. Procurar o capitão, a que título? Livrara-se assim de apuros na vida, mas desta vez o capitão julgá-lo-ia comunista e recusar-se-ia a embarcá-lo. O barco partia dentro de duas horas: m ocasião para incomodar o capitão. Descoberto a bordo assim que o barco se fizesse ao largo, arranjar-se-ia, mas era preciso entrar nele.

Via-se escondido em qualquer canto, agachado numa pipa, mas a fantasia, desta vez, não lhe acudia. Parecia-lhe que se oferecia, como aos intercessores de um deus desconhecido, àqueles barcos enormes, carregados de destinos, indiferentes a ele até ao desespero. Parara diante do barco francês. Não pensava nada, olhava, fascinado pela escada, os homens que subiam e desciam (dos quais nenhum pensava nele ou adivinhava a sua angústia, e que ele por isso mataria com gosto), que mostravam: o bilhete ao passar o portaló. Fabricar um bilhete falso? Absurdo.

Um mosquito picou-o. Enxotou-o, tocou nas faces: a barba começava a crescer. Como se qualquer “toilette” fosse propícia às partidas, decidiu ir barbear-se, mas sem se afastar do barco. Para lá dos armazéns, entre os botequins e os vendedores de curiosidades, viu a loja de um barbeiro chinês. O proprietário possuía também um café miserável, e os seus dois negócios eram separados apenas por uma esteira estendida. Esperando a vez, Clappique sentou-se ao lado da esteira e continuou a vigiar o portaló do navio. Do outro lado gente falava:

- É o terceiro - disse uma voz de homem.

- Com a criança nenhum nos aceitar . Se nós experimentássemos num dos hotéis caros, apesar de tudo?

Era uma mulher quem respondia.

- Vestidos como estamos? O tipo dos galões punha-nos na rua antes que entrássemos.
- Aí as crianças têm o direito de chorar... Tentemos ainda, em qualquer sítio.
- Assim que os donos virem o miúdo, recusarão. Só há os hotéis chineses que aceitam, mas o miúdo ficar doente, com a porcaria da comida.
- Num hotel europeu pobre, se conseguíssemos disfarçar o pequeno, quando estívéssemos lá, não se atreveriam talvez a expulsar-nos... Em todo o caso, ganhar-se-ia sempre uma noite. Seria preciso embrulhar o pequeno, para que julgassem que era roupa.
- A roupa não chora.
- Com o biberão na boca, não chorar ...
- Talvez. Eu arranjo-me com o tipo, e tu vens depois. Só tens de passar um segundo diante dele.

Silêncio. Clappique fixava o portaló. Barulho de papel.

- Não podes imaginar a pena que me faz levá-lo assim... Tenho a impressão que é mau goiuro para toda a vida... E tenho medo que lhe faça mal...

Silêncio outra vez. Ter-se-iam ido embora? O cliente deixava a cadeira. O barbeiro fez sinal a Clappique que se instalou nela, sempre sem largar o barco de vista. A escada estava vazia, mas, mal a cara de Clappique estava coberta de sabão, um marinheiro subiu, com dois baldes novos (que tinha talvez acabado de comprar) na mão, vassouras ao ombro. Clappique seguia-o com o olhar, degrau por degrau: teria passado por cão, se um cão pudesse transpor a escada e partir.

O marinheiro passou diante do homem do portaló sem dizer nada.

Clappique pagou atirando as moedas para a bacia, puxou as toalhas e saiu, com a cara cheia de sabão. Sabia onde havia adelos. Olhavam para ele: dados dez passos, voltou, lavou a cara, tornou a ir.

Encontrou sem custo fardas de marinheiro no primeiro adelo que achou. Voltou o mais depressa que pôde ao hotel, mudou de fato. Eram precisas vassouras também, ou qualquer coisa dessas. Comprar aos criados vassouras velhas? Absurdo: por que iria um marinheiro passear a terra com as vassouras? Para parecer melhor? Completamente idiota. Se passasse o portaló com vassouras, é porque as tinha ido comprar a terra. Tinham portanto de ser novas... Vamos comprá-las.

Entrou na loja com o seu habitual ar-Clappique. Perante o olhar de desdém do vendedor inglês, exclamou: - A meus braços! - pôs as vassouras ao ombro, voltou-se fazendo cair um candeeiro de cobre, e saiu.

“A meus braços”, apesar da extravagância voluntária, exprimia o que ele sentia:

até ali, representara uma com, dia inquieta, por descargo de consciência e por medo, mas sem fugir à ideia inconfessada de que tudo se malograria; o desdém do vendedor (embora Clappique, descuidado da indumentária, não tivesse assumido a atitude de um marinheiro) provava-lhe que podia triunfar. De vassouras ao ombro, caminhava para o navio, reparando ao passar nos olhares, para ver neles a confirmação da sua nova identidade. Assim que parou diante do portaló, ficou admirado de sentir quanto o seu destino era indiferente aos seres, quanto só existia para ele: os viajantes subiam, havia pouco, sem olhar aquele homem que ficava no cais, talvez para ser morto; os transeuntes, agora, olhavam com indiferença este marinheiro; ninguém saía da multidão para se admirar e o reconhecer, nem um rosto intrigado... Não que uma falsa vida fosse feita para o surpreender, mas desta vez era-lhe imposta, e a sua verdadeira vida dependia dela talvez. Tinha sede. Parou num bar chinês, pousou as vassouras. Quando acabou de beber, compreendeu que não tinha sede nenhuma, que tinha querido tirar mais uma prova. A maneira como o dono lhe deu o troco bastou para o tranquilizar. Desde que mudara de roupa, o mundo, em volta dele, transformara-se. Procurou em quê: eram os olhares que não eram os mesmos. O habitual interlocutor da sua mitomania tornara-se multidão.

Ao mesmo tempo (instinto de defesa ou prazer) a aceitação da sua nova identidade invadia-o. Encontrava, de súbito, por acidente, o êxito mais espantoso da sua vida. Não, os homens não existiam, pois bastava um fato para fugir de si mesmo, para encontrar uma outra vida aos olhos dos outros. Era, em profundidade, a mesma mudança de hábitos, a mesma felicidade que o tinham arrastado a primeira vez que entrara na multidão chinesa. “E dizer que “fazer” uma história, em francês, quer dizer escrevê-la, e não vivê-la!” Com as vassouras ao ombro como espingardas, subiu a escada, passou, com as pernas moles, diante do homem do portaló, e viu-se no convés. Esgueirou-se para a proa por entre os passageiros de primeira, pousou as vassouras em cima de um rolo de cordame. Não corria risco algum antes da primeira escala. Estava contudo longe de se sentir tranquilo. Um passageiro de primeira, um russo com cabeça de grão de bico, aproximou-se dele:

- É de bordo?

E sem esperar a resposta:

- A vida , agradável a bordo?

- Disse, meu rapaz, não podes fazer uma ideia. O francês gosta de viajar, , uma verdade: nem uma palavra. Os oficiais são aborrecidos, mas não mais que os patrões, e dorme-se mal (eu não gosto das macas... questão de gosto), mas come-se bem. E vêem-se coisas. Quando eu estava na América do Sul, os missionários tinham jeito aprender de cor aos selvagens, durante dias e dias, pequenos cânticos em latim. O bispo chegou, o missionário bate o compasso:

silêncio, os selvagens estão paralisados pelo respeito. Mas nem uma palavra! O cântico eleva-se sozinho: os papagaios da floresta, meu filho, que não tinham ouvido outra coisa, cantam-no com recolhimento... E calcula que encontrei ao largo das Celebes, há dez anos, caravelas árabes à deriva, esculpidas como cascas de coco e cheias de pestíferos mortos com os braços que pendiam, assim, ao longo da amurada sob uma tromba de gaivotas... Exactamente...

- Foi sorte. Eu viajo há sete anos, e nunca vi nada disso.

- É preciso introduzir os meios da arte na vida, meu caro, não para fazer dela arte, ah! meu Deus, não!, mas para fazer dela mais vida ainda. Nem uma palavra!

Bateu-lhe na barriga e voltou-se prudentemente: um automóvel que ele conhecia parava rente à escada: Ferral voltava para França.

Um criado começava a percorrer o convés da primeira classe, agitando a sineta da partida. Cada toque ressoava no peito de Clappique.

“A Europa, pensou; acabou-se a festa. Agora, a Europa”.

Parecia que ela vinha ao encontro dele com a sineta que se aproximava, não como a de uma libertação, mas como a de uma prisão. Não fora a ameaça de morte, teria descido.

- O bar das terceiras está aberto? - perguntou ao russo.

- Há uma hora. Toda a gente pode lá ir até sairmos para o mar.

- Vamos à pinga...

Seis horas

Na grande sala (antigo pátio de escola), duzentos feridos comunistas aguardavam que viessem acabá-los. Apoiado num cotovelo, Katow, entre os últimos trazidos, olhava. Todos estavam estendidos no chão. Muitos gemiam de uma maneira extraordinariamente regular, alguns fumavam como tinham feito os do Posto e as baforadas de fumo perdiam-se até ao tecto, já ensombrado apesar das grandes janelas à europeia escurecidas pela tarde e o nevoeiro de fora. Parecia muito elevado, acima de todos aqueles homens deitados. Embora o dia não tivesse ainda desaparecido, a atmosfera era uma atmosfera nocturna.

“Ser por causa dos ferimentos, perguntava a si mesmo Katow, ou porque estamos todos deitados, como numa estação? É uma estação. Não partiremos para parte alguma, e pronto...”

Quatro guardas chineses caminhavam de cá para lá no meio dos feridos, de baioneta calada, e as baionetas reflectiam estranhamente o dia fraco, nítidas e direitas acima de todos os corpos informes. Fora, no fundo da bruma, luzes amareladas (bicos de gás, com certeza) pareciam também vigiá-los; como se tivesse vindo delas (porque vinha, também, do fundo da bruma) um silvo ouviu-se, dominou murmúrios e gemidos: o de uma locomotiva; estavam junto da estação de Chapei. Havia naquela vasta sala algo de atrocemente tenso, que não era a espera da morte. Katow foi informado pela sua própria garganta: era sede... e fome. Encostado à parede olhava da esquerda para a direita: muitas caras conhecidas, porque um grande numero dos feridos era de combatentes dos “tchons”. A todo o comprimento de um dos lados mais curtos da sala, um espaço livre, com três metros de largura, estava reservado. “Por que é que os feridos estão uns em cima dos outros, perguntou em voz alta, em lugar de irem para ali?” Estava entre os últimos trazidos. Apoiado à parede, levantou-se; embora os ferimentos lhe doessem, parecia-lhe que podia estar de pé; mas deteve-se, ainda curvado: sem que uma única palavra fosse pronunciada, sentiu em redor dele um terror tão espantoso que se sentiu imobilizado. Nos olhares? Mal os distinguia. Nas atitudes? Todos estavam em atitudes de feridos que sofriam por conta própria. No entanto, fosse de que maneira fosse transmitido, o pavor estava ali... não o medo, mas o terror, o dos animais, o dos homens sozinhos ante o inumano. Katow, sem deixar de se apoiar à parede, passou por cima do corpo do vizinho.

- Estás doido? - perguntou uma voz rente ao chão.

- Por quê?

Pergunta e ordem ao mesmo tempo. Mas ninguém respondia. E um dos guardas, a cinco metros, em lugar de o atirar para o chão, olhava-o com espanto.

- Por quê? - perguntou outra vez, mais rudemente.

- Ele não sabe - disse outra voz, sempre rente ao chão; e ao mesmo tempo, outra voz - Ver com o tempo...

Tinha feito muito alto a segunda pergunta. A hesitação daquela gente tinha qualquer coisa de terrível em si mesma e também porque quase todos estes homens o conheciam: a ameaça suspensa naquela parede simultaneamente em todos, e particularmente nele.

- Torna a deitar-te - disse um dos feridos.

Por que nenhum deles o chamava pelo nome? E por que não intervinha o guarda? Vira-o atirar ao chão com uma coronhada, havia pouco, um ferido que tinha querido mudar de lugar...

Aproximou-se do seu último interlocutor, estendeu-se junto dele.

- Põem ali os que vão ser torturados - disse o homem em voz baixa.

Katow compreendeu. Todos sabiam, mas não tinham ousado dizer-lhe, fosse porque tinham medo de falar nisso, fosse porque nenhum ousasse falar-lhe nisso, a ele. Uma voz dissera: “Ver com o tempo...”

A porta abriu-se. Entraram soldados com lanternas, rodeando maqueiros que fizeram rolar feridos, como embrulhos, muito perto de Katow. A noite descia, subia do chão, onde os gemidos se cruzavam como ratos, misturados a um horrível cheiro: a maior parte dos homens não se podia mexer. A porta fechou-se outra vez.

Passou tempo. Nada senão os passos das sentinelas e a última claridade das baionetas acima dos mil ruídos da dor. De repente, como se a escuridão tornasse o nevoeiro mais espesso, de muito longe, o apito da locomotiva soou, mais abafado. Um dos recém-chegados, deitado de barriga para baixo, crispou as mãos nos ouvidos, e berrou. Os outros não gritavam, mas de novo o terror estava ali, rente ao chão.

O homem levantou a cabeça, ergueu-se nos cotovelos.

- Patifes! - berrou - Assassinos!

Uma das sentinelas avançou e, com um pontapé nas costelas, voltou-o. Ele calouse. A sentinela afastou-se. O ferido começou a entarmelar sons. Estava agora muito escuro para que Katow pudesse distinguir-lhe o olhar, mas ouvia-lhe a voz, sentia que ele ia articular. Com efeito - “...não fuzilam, atiram-nos vivos para a caldeira da locomotiva, dizia ele. E agora, apitam...”. A sentinela voltava. Silêncio, salvo a dor. A porta abriu-se outra vez. Outra vez baionetas, iluminadas agora de alto a baixo pela lanterna, mas sem feridos. Um oficial do Kuomintang entrou sozinho. Embora ele não visse senão a massa dos corpos, Katow sentiu que todos os homens se retesavam. O oficial, ao fundo, sem volu-me, sombra que a lanterna mal iluminava contra o fim do dia, dava ordens a uma sentinela. Esta

aproximou-se, procurou Katow, encontrou-o. Sem lhe tocar, sem dizer nada, com respeito, fez-lhe sinal para se levantar. Ele conseguiu-o a custo, em frente à porta, ao fundo, onde o oficial continuava a dar ordens. O soldado, de espingarda no braço, lanterna no outro, colocou-se-lhe à esquerda. A direita, havia só o espaço livre e a parede branca. O soldado indicou o espaço com a espingarda. Katow sorriu amargamente, com um orgulho desesperado. Mas ninguém lhe via a cara: a sentinela, de propósito, não o olhava, e todos, de entre os feridos que não estavam prestes a morrer, erguidos numa perna, num braço, no queixo, seguiam com o olhar a sua sombra ainda não muito negra, que crescia na parede dos torturados.

O oficial saiu. A porta ficou aberta.

As sentinelas apresentaram armas: um civil entrou. “Secção A”, gritou de fora uma voz, após o que a porta foi fechada. Uma das sentinelas acompanhou o civil até à parede, sem parar de resmungar: já perto, Katow, estupefacto, reconheceu Kyo. Como não estava ferido, as sentinelas, vendo-o chegar entre dois oficiais, tinham-no tomado por um dos conselheiros estrangeiros de Xan-Cai-Xeque; reconhecendo agora o engano, insultavam-no de longe. Deitou-se na sombra, ao lado de Katow.

- Sabes o que nos espera? - perguntou este.

- Tiveram o cuidado de me avisar, não me ralo; tenho o meu cianeto. Tens o teu?

- Tenho.

- Estás ferido?

- Nas pernas. Mas posso andar.

- Estás aqui há muito tempo?

- Não. Quando foste preso?

- Ontem à tarde. Não se pode fugir daqui?

Nada a fazer. Quase todos estão gravemente feridos. Fora, soldados por toda a parte. E tu viste as metralhadoras diante da porta?

- Vi. Onde foste apanhado?

Ambos tinham necessidade de fugir àquela vigília fúnebre, de falar, de falar: Katow, da tomada do Posto; Kyo, da prisão, da conversa com König, do que soubera depois: ainda antes da prisão provisória, soubera que May não estava presa. Katow estava deitado de lado, muito perto dele, separado por todo o estendal do sofrimento: boca entreaberta, lábios inchados por baixo do nariz jovial, os olhos quase fechados, mas ligado a ele por aquela amizade absoluta, sem reticências e sem complicações, que só a morte permite: vida condenada,

enfraquecida contra a sua na sombra cheia de ameaças e de feridas, por entre todos esses irmãos da ordem mendicante da Revolução: cada um desses homens tinha raivosamente agarrado à passagem a única grandeza que podia ser sua.

Os guardas trouxeram três chineses. Separados do monte de feridos, mas também homens da parede. Tinham sido detidos antes do combate, vagamente julgados, e aguardavam o fuzilamento.

- Katow! - chamou um dos dois.

Era Lu-Yu-Shuen, o associado de Hemmelrich.

- Que é?

- Sabes se fuzilam longe daqui ou perto?

- Não sei. Não se ouve, em todo o caso.

Uma voz disse, um pouco mais longe:

- Dizem que o executor, depois, arranca os dentes de ouro.

E outra:

- Bem me rala: não os tenho.

Os três chineses fumavam cigarros, fumaça após fumaça, obstinadamente.

- Têm mais caixas de fósforos? - perguntou um ferido, um pouco mais longe.

- Tenho.

- Mandem-me uma.

Lu mandou a dele.

- Gostaria que alguém pudesse dizer ao meu filho que morri com coragem - disse ele a meia voz. E, um pouco mais baixo ainda: - Não é fácil morrer.

Katow descobriu em si uma íntima satisfação: não tinha mulher, nem filhos.

A porta abriu-se.

- Venha um! - gritou a sentinela.

Os três homens apertavam-se uns contra os outros.

- Então, vamos - disse o guarda - decidam-se...

Não ousava escolher. De repente, um dos dois chineses desconhecidos deu um passo em frente, atirou com o cigarro mal começado, acendeu outro depois de ter partido dois fósforos, e foi-se com um passo apressado para a porta, abotoando, um a um, todos os botões do casaco. A porta fechou-se.

Um ferido apanhava os bocados de fósforo caídos. Os vizinhos e ele tinham partido em bocadinhos os da caixa dada por Lu-Yu-Shuen, e jogavam aos pauzinhos. Após menos de cinco minutos, a porta abriu-se de novo:

- Outro!

Lu e o companheiro avançaram juntos, agarrando-se pelo braço. Lu recitava em voz alta e sem timbre a morte do herói de uma peça famosa; mas a velha comunidade chinesa estava bem destruída: ninguém o ouvia.

- Qual? - perguntou o soldado.

Eles não respondiam.

- Vamos a ver, sim?

Com uma coronhada separou-os: Lu estava mais perto dele que o outro: agarrou-o pelo ombro.

Lu soltou o ombro, avançou. O companheiro voltou para o lugar e deitou-se. Kyo sentiu quanto seria mais difícil a este morrer do que aos que o tinham precedido: ficava só. Tão corajoso como Lu, pois avançara com ele. Mas agora o seu modo de estar deitado no chão, como cão de caça, com os braços apertados em volta do corpo, gritava medo. Na verdade, quando o guarda lhe tocou, foi tomado de uma crise nervosa. Dois soldados agarraram-no, um pelos pés, outro pela cabeça, e levaram-no.

Deitado de costas, braços cruzados no peito, Kyo fechou os olhos: era precisamente a posição dos mortos. Imaginou-se esticado, imóvel, com os olhos fechados, o rosto pacificado pela serenidade que a morte dá, durante um dia, a quase todos os cadáveres, como se devesse ser expressa a dignidade, mesmo dos mais miseráveis. Tinha visto morrer muito e, ajudado pela educação japonesa, pensara sempre que é belo morrer da “nossa” morte, de uma morte que condiga com a vida. E morrer é passividade, mas matar-se é acto. Logo que viessem buscar o primeiro dos dele, matar-se-ia em plena consciência. Lem-brou-se (com o coração apertado) dos discos de gramofone. Tempo em que a esperança conservava um sentido! Não tornaria a ver May, e a única dor à qual era vulnerável era a dor dela, como se a sua própria morte fosse uma falta. “O remorso de morrer”, pensou ele, com uma ironia crispada. Nada de parecido com respeito ao pai que sempre lhe dera a impressão, não de fraqueza, mas de força. Havia mais de um ano que May o libertara da solidão, senão da amargura. A lancinante fuga para a ternura dos corpos enlaçados brilhava, pela primeira vez, ah!, quando pensava nela, já separado dos vivos... “É preciso agora que ela me esqueça”. Escrever-lho só a mortificaria e a prenderia mais a ele. “E era dizer que ela amava outro”. Ó prisão, lugar onde o tempo pára... e continua algures... Não! Era neste pátio separado de todos pelas metralhadoras, que a revolução, fosse qual fosse a sua sorte, fosse qual fosse o lugar da sua ressurreição, receberia o golpe de misericórdia; por toda a parte onde os homens trabalham na dor, na absurdidade, na humilhação, se pensava em condenados semelhantes àqueles, como os crentes oram; e na cidade, come-çavam a amar

estes moribundos como se estivessem já mortos... Entre tudo o que aquela última noite cobria da terra, este lugar de agonias era sem dúvida o mais denso de amor viril. Gemer com aquela multidão deitada, reunir-se até ao murmúrio das queixas a este sofrimento sacrificado... E um rumor inaudível prolongava até ao fundo da noite este cochichar da dor: como Hemmelrich, quase todos esses homens tinham filhos. No entanto, a fatalidade aceite por eles subia com o seu sussurro de feridos, como a paz da tarde, envolvia Kyo, de olhos fechados, mãos cruzadas por sobre o corpo abandonado, com uma majestade de canto fúnebre. Teria combatido pelo que, no seu tempo, estaria cheio do sentido mais forte e da maior esperança; morria entre aqueles que quisera fazer viver; morria, como cada um destes homens deitados, por ter dado um sentido à vida. De que valeria uma vida pela qual não aceitasse morrer? É fácil morrer quando se não morre só. Morte saturada desta tremura fraterna da voz, assembleia de vencidos onde as multidões reconheceriam os seus mártires, lenda sangrenta de que se fazem os hagiólogos! Como, já fitado pela morte, não ouvir este murmúrio de sacrifício humano que lhe gritava que o coração viril dos homens é um refúgio de mortos que vale bem o espírito?

Segurava agora o cianeto na mão. Perguntara muitas vezes a si mesmo se morreria facilmente. Sabia que, se decidisse matar-se, matar-se-ia: mas, conhecedor da selvagem indiferença com que a vida nos desmascara a nós mesmos, não deixara de se inquietar acerca do instante em que a morte lhe destruiria o pensamento com todo o seu peso sem retorno.

Não, morrer podia ser um acto exaltado, a suprema expressão de uma vida com a qual essa morte tanto se parecia; e era escapar aos dois soldados que se aproximavam hesitando. Esmagou o veneno nos dentes como determinara, ouviu ainda Katow interrogá-lo com angústia e tocar-lhe, e, no momento em que queria agarrar-se a ele, sufocando, sentiu todas as forças abandonarem-no, dispersas para além dele contra uma convulsão onipotente.

Os soldados vinham lançar na multidão dois prisioneiros que não podiam levantar-se. Por certo que ser queimado vivo dava direito a honras especiais, embora limitadas: transportados numa única maca, um em cima do outro ou quase, foram despejados à esquerda de Katow; Kyo, morto, estava deitado à sua direita. No espaço vazio que os separava dos que não estavam condenados à morte, os soldados acocoraram-se junto da lanterna. Pouco a pouco cabeças e olhares recaíram na noite, não regressaram senão raramente à luz que ao fundo da sala marcava o lugar dos condenados.

Katow, depois da morte de Kyo (que agonizara um minuto, se tanto), sentia-se mergulhado numa solidão tanto mais forte e dolorosa quanto estava rodeado pelos seus. O chinês que fora preciso transportar para o matarem, sacudido pela crise de nervos, obcecava-o. Contudo, encontrava nesse abandono total uma

sensação de repouso, como se, há anos, esperasse aquilo; repouso reencontrado, nos piores instantes da vida. Onde lera ele: “Não eram as descobertas, mas os sofrimentos dos exploradores que eu invejava, que me atraíam...”. Como para responder ao seu pensamento, pela terceira vez o apito longínquo chegou até à sala. Os dois vizinhos da esquerda estremeceram. Chineses muito novos: um era Suan, que ele não conhecia senão porque tinha combatido com ele no posto; o segundo, desconhecido (não era Pei). Por que não estavam com os outros?

- Organização de grupos de combate? - perguntou ele.

- Atentado contra Xan-Cai-Xeque - respondeu Suan.

- Com Tchen?

- Não. Ele quis deitar a bomba dele sozinho. Xan não ia no carro. Eu esperava um pouco mais adiante. Fui apanhado com a bomba.

A voz que lhe respondia era tão estrangulada que Katow olhou atenta-mente para os dois rostos: os rapazes choravam, sem um soluço. “Pouco se faz com palavras”, pensou Katow. Suan quis mexer o ombro e fez uma careta de dor... estava também ferido no braço.

- Queimado - disse ele. - Ser queimado vivo. Os olhos também, os olhos, compreendes...

O companheiro soluçava agora.

- Pode acontecer, por acidente - disse Katow.

Parecia que falavam, não um ao outro, mas a qualquer terceira pessoa invisível.

- Não é a mesma coisa.

- Não: é menos natural.

- Os olhos também - repetia Suan em voz mais baixa – os olhos também... Todos os dedos, e a barriga, a barriga...

- Cala-te! - disse o outro, com voz de surdo.

Quereria gritar, mas não podia. Crispou as mãos muito perto das feridas de Suan, cujos músculos se contraíram.

“A dignidade humana”, murmurou Katow, que pensava na entrevista de Kyo com König. Nenhum dos condenados falava. Para lá da lanterna, agora na sombra completa, sempre o rumor dos ferimentos... Aproximou-se mais de Suan e do companheiro.

Um dos guardas contava aos outros uma história: com as cabeças juntas, postaram-se entre a lanterna e os condenados: estes não se viam sequer. Apesar do rumor, apesar de todos esses homens que tinham combatido como ele, Katow estava só, só entre o corpo do seu amigo morto e os dois companheiros aterrados,

só entre a parede e o silvo perdido na noite. Mas um homem podia ser mais forte que esta solidão e até mesmo, talvez, que o silvo atroz: o medo lutava nele contra a mais terrível tentação da sua vida. Abriu por sua vez a fivela do cinto. Finalmente:

- Olha - disse ele em voz muito baixa. - Suan, põe a tua mão no meu peito, e agarra quando eu lhe tocar: vou dar-vos o meu cianeto. Chega exactamente só para dois.

Renunciara a tudo, menos a dizer que só tinha para dois. Deitado de lado, partiu o cianeto ao meio. Os guardas tapavam a luz, que os rodeava de uma auréola indecisa; não se mexeriam? Impossível ver fosse o que fosse; esta oferta de mais que a vida, fazia-a Katow à mão quente que repousava nele, nem sequer a corpos, nem sequer a vozes. A mão crispou-se como um animal, separou-se dele imediatamente. Esperou com o corpo estendido. E de repente, ouviu, uma das vozes:

- Perdeu-se. Caiu.

Voz um pouco alterada pela angústia, como se uma catástrofe assim, tão decisiva, tão trágica, não fosse possível, como se tudo tivesse de ser remediado. Para Katow era também impossível. Uma cólera sem limites subia nele, mas recaiu, combatida por aquela impossibilidade. Esta agora! Ter dado aquilo, para que aquele palerma o perdesse!

- Quando? - perguntou.

- À frente do meu corpo. Não pude segurar, quando Suan mo passou: também estou ferido na mão.

- Deixou cair os dois - disse Suan.

Pela certa procuravam entre ambos. Procuraram em seguida entre Katow e Suan, sobre quem o outro estava quase deitado, porque Katow, sem ver nada, sentia perto dele a massa dos dois corpos. Ele próprio procurava, tentando vencer o nervosismo, pousar a mão espalmada de dez em dez centímetros, por todo o lado onde podia chegar. As mãos deles esfregavam a sua. E, de repente, uma das duas agarrou-lha, apertou-lha, segurou-lha.

- Ainda que não encontremos nada... - disse uma das vozes.

Katow, igualmente, apertava a mão, à beira das lágrimas, tomado dessa pobre fraternidade sem rosto, quase sem autêntica voz (todos os sussurros se parecem), que lhe era dada na escuridão em troca da maior oferta que jamais fizera, e que fora talvez feita em vão. Embora Suan continuasse a procurar, as duas mãos permaneciam juntas. O aperto tornou-se de repente crispação.

- Cá está.

Ó ressurreição!... Mas:

- Tens a certeza que não são pedras? - perguntou o outro.

Havia muitos bocados de calíça no chão.

- Dá-me! - disse Katow.

Com as pontas dos dedos, reconheceu as formas.

Devolveu-as... devolveu-as... apertou com mais força a mão que procurava a sua outra vez, e esperou, de ombros trementes, batendo os dentes. “Contanto que o cianeto não esteja estragado, apesar do papel prateado”, pensou. A mão que ele segurava torceu de repente a sua, e, como se tivesse comunicado por ela com o corpo perdido na escuridão, sentiu que este se distendia. Invejava aquela sufocação convulsiva. Quase ao mesmo tempo, o outro; um grito estrangulado a que ninguém prestou atenção. Depois, mais nada.

Katow sentiu-se abandonado. Voltou-se de braços e esperou. A tremura dos seus ombros não cessava.

Pelo meio da noite o oficial voltou. Com um estrondo de armas entrecho-cadas, seis soldados aproximaram-se dos condenados. Todos os prisioneiros tinham acordado. O novo lampião, igualmente, apenas mostrava compridas formas confusas (túmulos na terra revolvida, já) e alguns reflexos nos olhos. Katow conseguira levantar-se. O que comandava a escolta agarrou o braço de Kyo, sentiu-lhe a rigidez, agarrou logo Suan; este também estava rígido. Propagava-se um rumor, das primeiras filas dos prisioneiros às últimas. O chefe da escolta agarrou por um pé uma perna do primeiro, depois o segundo: tornaram a cair, tesas. Chamou o oficial. Este fez os mesmos gestos. Por entre os prisioneiros, o rumor aumentava. O oficial fixou Katow:

- Mortos?

Para que responder?

- Isolem os seis prisioneiros mais próximos!

- Inútil - respondeu Katow. - Fui eu quem lhes deu o cianeto.

O oficial hesitou:

- E tu? - perguntou por fim.

- Só havia para dois - respondeu Katow, com uma satisfação profunda.

“Vou apanhar uma corohnada na cara”, pensou.

O rumor dos prisioneiros tornara-se quase um clamor.

- Vamos - disse apenas o oficial.

Katow não esquecia que já fora condenado à morte, que vira as metralhadoras apontadas para ele, as ouvira atirar... “Quando estiver lá fora, vou tentar estrangular um, e ficar com as mãos muito tempo apertadas, para que se vejam

obrigados a matar-me. Queimar-me-ão, mas morto”. No mesmo instante, um dos soldados agarrou-lhe o corpo com os braços, enquanto outro lhe punha as mãos atrás das costas e lhas atava. “Os pequenos tiveram sorte, pensou. Vamos! Suponhamos que morro num incêndio”. Começou a caminhar. O silêncio caiu, como uma tampa de alçapão, apesar dos gemidos. Como antes na parede branca, a lâmpada projectou a sombra agora muito escura de Katow nas grandes janelas nocturnas; caminhava pesadamente, uma perna primeiro, outra depois, estorvado pelos ferimentos; quando o seu balanço se aproximava da lanterna, a silhueta da cabeça perdia-se no tecto. Toda a escuridão da sala estava viva, e seguia-o com o olhar, passo a passo. O silêncio tornara-se tal que o chão vibrava de cada vez que ele o tocava pesadamente com o pé; todas as cabeças, abanando de cima para baixo, lhe seguiam o ritmo da marcha, com amor, com susto, com resignação, como se, apesar dos movimentos seme-lhantes, cada um se desvendasse seguindo aquela partida aos baldões. Todos ficaram com a cabeça levantada: a porta fechou-se de novo.

Um ruído de respirações profundas, o mesmo que o do sono, começou a subir do solo; respirando pelo nariz, maxilares cerrados pela angústia, agora imóveis, os que não estavam ainda mortos esperavam pelo apito.

No dia seguinte

Dezenove horas

Havia mais de cinco minutos que Gisors contemplava o cachimbo. Diante dele a lâmpada acesa, “não obriga a nada”, a caixinha do ópio aberta, as agulhas limpas. Fora, a noite; na sala, a luz da lampadazinha e um grande retângulo claro, a porta aberta do compartimento vizinho, para onde tinham trazido o corpo de Kyo. O pátio fora esvaziado para numerosos condenados, e ninguém se opusera a que os corpos deitados fora fossem levados. O de Katow não fora encontrado. May levava o de Kyo, com os mesmos cuidados com que transportaria um ferido grave. Estava ali, estirado, não sereno, como Kyo antes de se matar pensara que ficaria, mas convulsionado pela asfixia, já algo diferente de um homem. May penteava-o antes da “toilette” fúnebre, falando em pensamento à última presença desse rosto com aflitas palavras maternas que não se atrevia a pronunciar com medo de as ouvir. “Meu amor”, murmurava ela, como teria dito “minha carne”, sabendo bem que era qualquer coisa dela mesma, não de estranho, que lhe era arrancado; “minha vida...”. Apercebeu-se que era a um morto que dizia isto. Mas havia muito que superara as lágrimas.

“Qualquer dor que não ajuda ninguém, absurda”, pensava Gisors, hipnotizado pela lâmpada, refugiado nessa fascinação.

“A paz está ali. A paz”. Mas não ousava estender a mão. Não acreditava em qualquer sobrevivência, não tinha qualquer respeito pelos mortos, mas não ousava estender a mão. Ela aproximou-se dele. Boca flácida, perdida no rosto de olhar vago... Pousou-lhe ao de leve os dedos no pulso.

- Venha - disse ela com uma voz inquieta, quase baixa.

- Parece-me que ele está um pouco reanimado...

Ele procurou os olhos daquele rosto tão humano, tão doloroso, mas de modo nenhum desvairado. Ela olhava-o impávida, menos com esperança que em súplica. Os efeitos do veneno são sempre incertos, e ela era médica. Ele levantou-se, seguiu-a, defendendo-se contra uma esperança tão forte que lhe parecia que, se se lhe abandonasse, não poderia resistir a que lhe fosse tirada. Tocou na fronte arroxeadada de Kyo, aquela fronte que nunca teria rugas: estava fria, do frio especial da morte. Não se atrevia a retirar os dedos, procurar o olhar de May, e deixava o seu fixo na mão aberta de Kyo, onde já as linhas começavam a apagar-se...

- Não - disse ele, voltando ao desespero, de que não tinha saído. Compreendeu que não acreditara em May.

- Tanto pior... - respondeu ela unicamente.

Ela viu-o sair para a sala próxima, hesitante. Em que pensava ele? Enquanto Kyo ali estivesse, todos os pensamentos deveriam ser para ele. Aquela morte esperava qualquer coisa, uma resposta que ela ignorava, mas que nem por isso existia menos. O sorte objecta dos outros, com as suas rezas, as suas flores fúnebres! Uma resposta que superasse aquele desespero que arrancava às suas mãos carícias maternas que nenhuma criança recebera dela, o espantoso apelo que faz falar aos mortos pelas formas mais ternas da vida. Aquela boca que lhe dissera na véspera: “Julguei que estavas morta”, não fala-ria mais; não era com o que restava aqui de vida irrisória, um corpo, mas com a própria morte que era preciso entrar em comunhão. E ela ali estava, imóvel, arrancando das recordações tantas agonias contempladas com resignação, tensa de passividade no vão acolhimento que oferecia selvaticamente ao nada.

Gisors tornara a estender-se no divã. “E, mais tarde, terei de acordar...”. Por quanto tempo as manhãs lhe trariam todas de novo esta morte? O caminho estava ali: a paz. Avançar a mão, preparar a bolinha: um quarto de hora depois, pensar até na morte com uma indulgência sem limites, como em qualquer paralítico que lhe tivesse querido mal: ela deixaria de poder afectá-lo, perderia toda a segurança e deslizaria na serenidade universal. A libertação estava ali, muito perto.

Nenhum auxílio pode ser dado aos mortos. Para quê sofrer mais ainda? A dor ser uma oferta ao amor, ou ao medo?... Não ousava em todo o caso tocar na bandeja, e a angústia apertava-lhe a garganta, ao mesmo tempo que o desejo e os soluços recalcados. Ao acaso, pegou na primeira brochura à mão (não tocava nunca nos livros de Kyo, mas sabia que a não leria). Era um número de “A Política de Pequim”, caído ali quando tinham trazido o corpo, e onde estava o discurso por causa do qual Gisors fora expulso da Universidade.

À margem, escrito por Kyo: “Este discurso foi o discurso do meu pai”. Nunca lhe dissera sequer que o aprovava. Gisors fechou a revista com doçura e contemplou a sua esperança morta.

Abriu a porta, atirou com o ópio para a noite e voltou a sentar-se, de ombros descaídos, esperando a madrugada, aguardando que se reduzisse ao silêncio, à força de se cansar no diálogo consigo mesma, a sua dor... Apesar do sofrimento que lhe entreabria a boca, que transformava em rosto pasmado a sua máscara grave, não perdia todo o domínio. Esta noite, a vida dele ia mudar: a força do pensamento não é grande contra a metamorfose à qual a morte pode obrigar um homem. Estava daqui em diante condenado a si próprio. O mundo já não tinha sentido, já não existia: a imobilidade sem regresso, ali, ao lado daquele corpo que o ligara ao Universo, era como um suicídio de Deus. Não esperara de Kyo nem sucesso, nem felicidade; mas que o mundo existisse sem Kyo... “Sou atirado para fora do tempo”; o filho era a submissão ao tempo, ao fluir das coisas; com

certeza, no fundo, Gisors era esperança como era angústia, esperança de nada, espera, e fora preciso que o seu amor tivesse sido esmagado para que tal descobrisse. E, no entanto!, tudo quanto o destruía encontrava nele um acolhimento ávido. “Há algo de belo em estar morto”, pensou.

Sentia tremer nele o sofrimento fundamental, não o que vem dos seres ou das coisas, mas o que vem do próprio homem e a que a vida se esforça por nos arrancar; podia escapar-lhe, mas só deixando de pensar nele; e nele mergulhava cada vez mais, como se esta contemplação aterrada fosse a única voz que a morte pudesse ouvir, como se o sofrimento de ser homem, de que se impregnava até ao fundo do coração, fosse a única oração que o corpo do filho morto poderia ouvir.

SÉTIMA PARTE

Paris, Julho

Vinte horas

Ferral, abanando-se com o jornal onde o Consórcio era mais violentamente atacado, foi o último a chegar à sala de espera do gabinete das Finanças: em grupos, esperavam o director-adjunto do Movimento Geral Fundos (o irmão de Ferral tinha adoecido sabiamente na semana anterior), o representante do Banco de França, o do principal banco de negócios franceses, e o dos estabelecimentos de crédito. Ferral conhecia-os a todos: um filho, um genro, e antigos funcionários da Inspeção das Finanças e do Movimento Geral de Fundos; a ligação entre o Estado e a Banca era demasiado estreita para que esta não tivesse vantagem em ligar-se a funcionários que encontravam junto dos seus antigos colegas um acolhimento favorável. Ferral notou-lhes a surpresa: era costume ele chegar antes deles, e, como não o tinham visto, tinham pensado que não fora convocado. Que se permitisse ser o último surpreendia-os. Tudo os separava: o que ele pensava deles, o que eles pensavam dele, as suas maneiras de vestir: quase todos estavam vestidos despreziosamente, e Ferral trazia o seu fato enrugado e de fantasia, e a camisa de seda cinzenta com colarinho mole, de Xangai. Duas raças.

Foram introduzidos quase imediatamente.

Ferral conhecia mal o ministro. Esta expressão de rosto de outros tempos viria dos cabelos brancos, espessos como as cabeleiras da Regência? Aquele rosto de olhos claros, aquele sorriso tão acolhedor - velho parlamentar - esta-vam de acordo com a tradição de cortesia do ministro, tradição paralela à da sua brusquidão, quando o picava uma mosca napoleónica. Ferral, enquanto cada qual tomava o seu lugar, pensava numa famosa anedota: o ministro, então ministro dos Negócios Estrangeiros, sacudindo pelas bandas do casaco o representante da França em Marrocos, e, rebentada de repente a costura das costas do casaco, tocando: “Traga um dos meus casacos para este senhor!”, e depois tornando a tocar no momento em que o contínuo ia a desaparecer: “O mais velho! Não merece mais!”. O seu rosto seria muito atraente, sem um olhar que parecia negar o que a boca prometia: ferido num acidente, um dos olhos era de vidro.

Tinham-se sentado: o director do Movimento Geral de Fundos à direita do ministro, Ferral, à esquerda; os representantes, ao fundo do gabinete, num canapé.

- Bem sabem, meus senhores - disse o ministro - por que os convoquei. Examinaram com certeza a questão. Deixo ao sr. Ferral o cuidado de a resumir e de lhes apresentar o seu ponto de vista.

Os representantes esperaram pacientemente que Ferral, como de costume, lhes

contasse anedotas.

- Meus senhores - disse Ferral - , costume, em conferências como esta, apresentar balanços otimistas. Viram o relatório da Inspeção de Finanças. A situação do Consórcio, praticamente, é muito pior do que o deixa supor esse relatório. Não ponho à vossa consideração prosápias ou créditos incertos. O passivo do Consórcio, conhecem-no, é evidente; desejo chamar a vossa atenção para dois pontos do activo que nenhum balanço pode indicar, e em cujo nome o vosso auxílio é pedido.

“Em primeiro lugar, o Consórcio representa a única actividade francesa desta ordem no Extremo-Oriente. Mesmo deficitário, mesmo em vésperas da falência, a sua estrutura ficaria intacta. A sua rede de agentes, os seus postos de compra e venda no interior da China, os laços estabelecidos entre os seus compradores chineses e as suas sociedades de produção indochinesas, tudo isso “é” e pode ser mantido. Não exagero ao dizer que, para metade dos mercadores do Iantsé, a França, o Consórcio, como o Japão , o “concern” Mitsubichi; a nossa organização, como sabem, pode comparar-se em “tensão à da Standard Oil. Ora a revolução chinesa não há-de ser eterna.

“Em segundo lugar: graças aos laços que unem o Consórcio a uma grande parte do comércio chinês, participei da mais eficaz das maneiras na conquista do poder pelo general Xan-Cai-Xeque. Já está garantido que parte da construção dos caminhos de ferro chineses, prometida à França pelos tratados, será confiada ao Consórcio. Conhecem a importância disto. É neste elemento que eu peço que se apoiem para conceder ao Consórcio o auxílio que ele solicita; é pelo facto da presença dele, que me parece defensável desejar que não desapareça da Ásia a única organização poderosa que lá representa o nosso país... ainda quando devesse sair das mãos que a fundaram.

Os representantes examinavam cuidadosamente as contas, que de resto conheciam e lhes não diziam mais nada: todos esperavam que o ministro falasse.

- Não é só do interesse do Estado - disse este, - mas também do das entidades bancárias, que o crédito não sofra. A queda de organismos tão importantes como o Banco Industrial da China, como o Consórcio, não pode deixar de ser inconveniente para todos...

Falava com indolência, encostado ao espaldar da cadeira, de olhar vago, e batendo com a ponta do lápis no mata-borrão posto diante dele. Os representantes aguardavam que a atitude dele se tornasse mais precisa.

- Permite-me, sr. Ministro - disse o representante do Banco de França - que lhe apresente uma opinião um pouco diferente? Sou o único a não representar aqui um estabelecimento de crédito, portanto imparcial. Durante alguns meses, os craques fazem diminuir os depósitos, é verdade; mas, após seis meses, as somas

retiradas tornam a entrar automaticamente, e precisamente nos principais estabelecimentos, que apresentam maiores garantias. Talvez a quebra do Consórcio, longe de ser prejudicial aos estabelecimentos que estes senhores representam, lhes seja, pelo contrário, favorável...

- Com a reserva de que , sempre imprudente jogar com o crédito: quinze falências de bancos de província não seriam proveitosas aos Estabelecimentos, que mais não fora pelas medidas políticas que reclamassem.

“Tudo isto , falar sem dizer nada, pensou Ferral, a não ser que o Banco de França tem medo de se comprometer e de ter de pagar, se os estabelecimentos pagarem”. Silêncio. O olhar interrogativo do ministro encontrou o de um dos representantes: rosto de tenente de cavalaria, olhar duro, reprovador, voz clara:

- Contrariamente ao que de ordinário vemos em conferências como esta em que nos reunimos, devo dizer que sou um pouco menos pessimista que o sr. Ferral sobre o conjunto das contas que nos submeteu. A situação dos bancos do grupo é desastrosa, é certo; mas certas sociedades podem ser defendidas, mesmo na sua forma actual.

- É o conjunto de uma obra que vos peço para manter – disse Ferral. - Se o Consórcio for destruído, os seus negócios perdem qualquer sentido para a França.

- Pelo contrário - disse outro representante, de rosto fino e delicado - o sr. Ferral parece-me optimista, apesar de tudo, quanto ao activo principal do Consórcio. O empréstimo não foi ainda emitido.

Ao falar, olhava as bandas do casaco de Ferral; este, intrigado, seguiu-lhe o olhar e acabou por compreender: só ele não vinha condecorado. De propósito. O seu interlocutor era comendador, e olhava com hostilidade aquela botoeira desdenhosa. Ferral nunca esperara consideração senão pela sua força.

- Bem sabe que ser emitido - disse ele. - Emitido e coberto. Isso diz respeito aos bancos americanos, e não aos seus clientes que comprarão o que lhes fizerem comprar.

- Suponhamos. Coberto o empréstimo, quem nos diz que os caminhos de ferro serão construídos?

- Mas - disse Ferral, um pouco espantado (o interlocutor não podia ignorar o que ele ia responder) - não se põe a questão de que a maior parte dos fundos seja investida directamente à conta do governo chinês. Irá directamente dos bancos americanos para as empresas encarregadas da fabricação do material, , evidente. De contrário, julgam que os americanos colocariam o empréstimo?

- Sem dúvida. Mas Xan-Cai-Xeque pode ser morto ou derrotado; se o bolchevismo voltar, o empréstimo não será emitido. Pela minha parte, não creio

que Xan-Cai-Xeque se mantenha no poder. As nossas informações dão a sua queda como eminente.

- Os comunistas foram esmagados por toda a parte – respondeu Ferral. - Borodine acaba de deixar Anqueu e de voltar para Moscovo.

- Os comunistas, sem dúvida, mas de modo nenhum o comunismo. A China não voltará mais a ser o que era, e, depois do triunfo de Xan-Cai-Xeque, são de temer novas vagas comunistas...

- A minha opinião é que ele estará ainda no poder daqui a dez anos, mas não há negócio que não corra risco.

“Ouçam só a vossa coragem, pensou ele, que nunca vos diz nada. E a Turquia, quando vos não pagava um chavo e comprava com o vosso dinheiro os canhões para a guerra? Vocês não fizeram sozinhos um só grande negócio. Quando acabam os entendimentos com o Estado, tomam a cobardia por prudência, e julgam que basta ser maneta para ser Vénus de Milo, o que é excessivo”.

- Se Xan-Cai-Xeque se mantém no governo - disse com voz doce um representante jovem, de cabelos ondulados - a China recuperar a sua autonomia aduaneira. Quem nos diz que, mesmo concordando com tudo o que o sr. Ferral supõe, a sua actividade na China não perde o valor no dia em que bastarão leis chinesas para a reduzir a nada? Muitas respostas podem ser dadas a isto, bem sei...

- Muitas - disse Ferral.

- Não menos por isso - respondeu o representante com cara de oficial - é incerto este negócio, ou, admitindo até que não implica qualquer risco, ainda implica um crédito a longo prazo e, na verdade, uma participação na vida de um negócio... Todos sabemos que o sr. Germain esteve quase a fazer falir o Credit Lyonnais por se ter interessado nas Cores de Anilina, que era um dos melhores negócios franceses. A nossa função não é participar em negócios, mas emprestar dinheiro com garantias, e a curto prazo. Fora disso, a palavra não é nossa, mas dos bancos. Silêncio, de novo. Longo silêncio.

Ferral meditava nas razões pelas quais o Ministro não intervinha. Todos, e mesmo ele, falavam uma língua convencional e empolada, como as línguas rituais da Ásia: não se punha além disso em questão que tudo isto não fosse bastante chinês. Que as garantias do Consórcio fossem insuficientes, era bem evidente; se assim não fosse, encontrar-se-ia ele ali? Desde a guerra, as perdas sofridas pelo pé de meia francês (como dizem os jornais de chantagem, pensava: e a irritação dava-lhe “verve”) que subscrevera as acções ou obrigações dos negócios comerciais recomendados pelos Estabelecimentos e pelos grandes bancos de negócios, eram cerca de quarenta biliões - sensivelmente mais que o tratado de Francfort. Um

mau negócio dava maior comissão do que um bom, ora aí estava. Mas ainda era preciso que esse mau negócio fosse apresentado aos Estabelecimentos por um “dos deles”. Não pagariam, salvo se o ministro intervisse formalmente, porque Ferral não era dos deles. Solteiro: histórias com mulheres conhecidas. Suspeito de fumar ópio. Desdenhara a Legião de Honra. Demasiado orgulho para ser, quer conformista, quer hipó-crita. Talvez que o grande individualismo não pudesse desenvolver-se plena-mente senão numa estrumeira de hipocrisia: Borgia não fora papa por acaso... Não fora no fim do século XVIII, entre os revolucionários franceses embria-gados de virtude, que se passeavam os grandes individualistas, mas na Renascença, numa estrutura social que era a cristã, é evidente...

- Sr. Ministro - disse o mais velho dos delegados, mastigando ao mesmo tempo as sílabas e o bigodinho branco como os cabelos ondulados, - que estamos dispostos a prestar auxílio ao Estado, , óbvio. Coisa assente. Bem sabe.

Tirou as lunetas, e os gestos das mãos, com os dedos ligeiramente afastados, tornaram-se gestos de cego.

- Mas enfim, em todo o caso, era preciso saber em que medida! Eu não digo que cada um de nós não possa entrar com cinco milhões. Bem...

O ministro encolheu imperceptivelmente os ombros.

- ... Mas não é disso que se trata, visto que o Consórcio tem de reembolsar, no mínimo, duzentos e cinquenta milhões de depósitos. E daí? Se o Estado acha que uma falência desta importância , perigosa, pode arranjar ele os fundos; para salvar os depositantes franceses e os depositantes anamitas, o Banco de França e o Governo Geral da Indochina são apesar de tudo mais indicados que nós, que temos também os nossos depositantes e os nossos accionistas. Cada um de nós está aqui em nome do seu Estabelecimento...

(Ficando entendido, pensava Ferral, que, se o ministro desse nitidamente a entender que exigia que o Consórcio fosse auxiliado, já não haveria depositantes nem accionistas).

- ... Qual de entre nós pode afirmar que os seus accionistas aprovariam um empréstimo que se destina apenas a manter um estabelecimento abalado? O que pensam esses accionistas, sr. Ministro, e não apenas eles, sabemos-lo muito bem: é que o mercado deve ser saneado, que os negócios que não são viáveis devem desaparecer; que mantê-los artificialmente é o pior serviço prestado a todos. Em que se torna a eficácia da concorrência, que é a vida do comércio francês, se os negócios condenados forem automaticamente mantidos?...

(Meu amigo, pensou Ferral, o teu Estabelecimento exigiu do Estado, no mês passado, uma elevação de trinta e dois por cento das tarifas aduaneiras; para facilitar, pela certa, a livre concorrência...)

- ...E daí? A nossa profissão é emprestar dinheiro contra garantias, como foi dito muito justamente. As garantias que nos propõe o sr. Ferral... ouviram o sr. Ferral em pessoa. Quer o Estado substituir aqui o sr. Ferral, e dar-nos as garantias contra as quais nós concederemos ao Consórcio os fundos de que ele tem necessidade? Numa palavra: o Estado apela para a nossa dedicação sem compensações, ou pede-nos, ele e não o sr. Ferral, que facilitemos uma operação de tesouraria, mesmo a longo prazo? No primeiro caso, não é verdade, a nossa dedicação é-lhe devida, mas, enfim, é preciso levar em conta os nossos accionistas; no segundo, que garantias nos oferece?

Linguagem completamente cifrada, pensava Ferral. Se não estivessemos aqui a representar uma comédia, o ministro responderia: “Aprecio o cómico da palavra dedicação. O essencial dos vossos lucros provem das vossas relações com o Estado. Vocês vivem de comissões, em função da importância do vosso estabelecimento, e não do trabalho ou da eficiência. O Estado deu-vos este ano cem milhões sob uma forma ou outra; tira-vos vinte, bendigam o seu nome e desandem”. Mas não havia qualquer perigo: o ministro tirou de uma gaveta da secretária uma caixa de caramelos e ofereceu-a em volta. Cada um comeu um, salvo Ferral. Sabia agora o que queriam os delegados dos Estabelecimentos: pagar, pois que era impossível deixar aquele gabinete sem conceder qualquer coisa ao ministro, mas pagar o menos possível. Quanto a este... Ferral esperava, certo de que ele ia pensar: “Que faria Choiseul no meu lugar?” Fingir: o ministro não pedia aos grandes da realeza lições de vontade, mas de autodomínio ou de ironia.

- O sr. Director-Adjunto do Movimento Geral de Fundos - disse, dando na mesa pancadinhas com o lápis - dir-lhes-á, como eu, que não posso dar-vos essas garantias sem um voto do Parlamento. Reuni-os, meus senhores, porque a questão que debatemos interessa ao prestígio da França; acham que seja uma maneira de o defender pôr esta questão perante a opinião publica.

- Chem dúvida, chem dúvida, mas pelmita, chenhor ministro... - a voz tinha um sotaque de Auvergne.

Silêncio; os representantes mastigavam os caramelos, refugiando-se, num ar meditativo, de se sentirem de repente ameaçados pelo sotaque, se abriam a boca. O ministro fitava-os sem sorrir, um após outro, e a Ferral, que o via de perfil do lado do olho de vidro, parecia uma grande arara branca, imóvel e triste entre passarinhos.

- Vejo, pois, meus senhores - continuou o ministro, - que estamos de acor-do neste ponto. De qualquer modo que vejamos o problema, é necessário que os depósitos sejam reembolsados. O Governo Geral da Indochina partici-paria no levantamento do Consórcio com um quinto. Qual poderia ser a vossa parte?

Agora, todos se refugiavam no caramelo. “Gostinho, disse consigo Ferral. Tem vontade de se distrair, mas o resultado teria sido o mesmo sem caramelo-los...”. Conhecia o valor do argumento posto pelo ministro. Fora o irmão quem respondera aos que pediam ao Movimento Geral de Fundos uma conversão sem voto no Parlamento: “Por que não hei-de eu dar depois magnanimamente duzentos milhões à minha amiguinha?”

Silêncio. Mais longo ainda que os precedentes. Os representantes cochi-chavam uns com os outros.

- Sr. Ministro - disse Ferral, - se os negócios firmes do Consórcio são, de uma maneira ou de outra, retomados; se os depósitos deverão ser, seja como for, reembolsados, não acha que seria preferível desejar um esforço maior, mas do qual a manutenção do Consórcio não seja excluída? A existência de um organismo francês tão extenso não tem aos olhos do Estado uma importância igual à de algumas centenas de milhões de depósitos?

- Cinco milhões não é uma cifra importante, meus senhores - disse o ministro. - Devo fazer apelo de uma maneira mais convincente à dedicação de que falaram? Eu sei que querem, que os vossos Conselhos querem, evitar o controle dos bancos pelo Estado. Acham que a quebra de negócios como o Consórcio não leva a opinião pública a exigir esse controle, de uma maneira que poderia tornar-se imperiosa e talvez urgente?

“Cada vez mais chinês, pensou Ferral. Isto quer dizer apenas: “Deixem de me propor cinco milhões ridículos”. O controle dos bancos é uma ameaça absurda, quando é feita por um governo cuja política é o oposto de medidas deste género. E o ministro não tem mais vontade de recorrer a isso de facto, do que o representante, que mantém no seu jogo a Agência Havas, tem vontade de iniciar uma campanha de imprensa contra o ministro. O Estado não pode jogar mais seriamente contra os bancos que eles contra ele. Todas as cumplicidades: pessoal comum, interesses, psicologia. Luta entre chefes de serviços de uma mesma casa, e de que afinal vive a casa. Mas mal. Como antes, no “Astor”, só se salvava pela necessidade de não enfraquecer e de não mostrar qualquer cólera. Mas estava batido: tendo feito da eficácia o seu valor essencial, nada compen-sava que se encontrasse em frente destes homens, cujas pessoas e os métodos sempre desprezara, nesta posição de humilhação. Era mais fraco que eles, e, por isso, mesmo no seu sistema, tudo o que pensava era vão.

- Sr. Ministro - disse o delegado mais velho, - nós queremos mostrar uma vez mais a nossa boa vontade ao Estado; mas, se não dá garantias, nós não podemos, perante os nossos accionistas, conceder um crédito mais elevado que o montante dos depósitos a reembolsar, e garantido pela aquisição que faríamos dos negócios são do grupo. Deus sabe que nós não estamos interessados nesta aquisição, que a faremos por respeito para com os superiores interesses do Estado...

“Este homem, pensava Ferral, é realmente incrível, com o seu ar de professor aposentado, transformado em Édipo cego. E todos os embrutecidos, mesmo a França, que vêm pedir conselhos a estes directores de agências, e a quem são atirados os fundos do Estado encadernados em “chagrin”, quando é preciso construir caminhos de ferro estratégicos na Rússia, na Polónia, no Polo Norte! Desde a guerra, esta cadela sentada no canapé custou às finanças francesas, só em fundos do Estado, dezoito biliões. Muito bem: como ele dizia há dez anos: “Todo o homem que pede conselhos para colocar a fortuna a uma pessoa que não conhece intimamente está arruinado”. Dezoito biliões... Sem falar dos quarenta biliões de trocas comerciais. Nem de mim.

- Sr. Damiral- disse o ministro.

- Não posso deixar de me associar, sr. ministro, às palavras que acabou de ouvir. Como o sr. Morelles, não posso comprometer o estabelecimento que represento sem as garantias de que ele falou. Não poderia fazê-lo, sem faltar aos princípios e às tradições que fizeram deste estabelecimento um dos mais poderosos da Europa, princípios e tradições muitas vezes atacados, mas que lhe permitem pôr a sua dedicação ao serviço do Estado, quando este apela, como fez há cinco meses, como faz hoje, como fará talvez amanhã. E a frequência destes apelos, sr. Ministro, e a resolução que tomámos de os ouvir, que me obriga a pedir as garantias que esses princípios e essas tradições exigem que asseguremos aos nossos depositantes, e graças aos quais... permito-me dizer-lho, sr. Ministro... estamos à sua disposição. Sem dúvida, poderemos dispor de vinte milhões.

Os representantes olhavam-se com consternação: os depósitos seriam reembolsados. Ferral compreendia agora o que queria o ministro: dar satisfação ao irmão sem se comprometer; fazer reembolsar os depósitos; fazer pagar os Estabelecimentos, mas o menos possível; poder redigir um comunicado satisfatório. O regateio continuava. O Consórcio seria destruído; mas pouco importava o seu aniquilamento, se os depósitos eram reembolsados. Os Estabelecimentos adquiriam a garantia que tinham pedido (perdiam, mas pouco). Alguns negócios, mantidos, tornar-se-iam filiais dos Estabelecimentos; quanto ao resto... Todos os acontecimentos de Xangai iam dissolver-se ali num sem-sentido total. Teria preferido sentir-se despojado, ver viva, fora das suas mãos, a sua obra conquistada ou roubada. Mas o ministro não veria senão o medo que tinha do Parlamento; não romperia hoje as costuras a ninguém. No seu lugar, Ferral teria começado por expulsar-se de um Consórcio saneado, que depois manteria a todo o custo. Quanto aos Estabelecimentos, sempre afirmara a incurável avareza deles. Recordou com orgulho a frase de um dos adversários: “Ele quer sempre que um banco seja uma casa de jogo”.

O telefone tocou, muito perto. Um dos secretários entrou:

- Sr. Ministro, o sr. Presidente do Conselho na linha directa.

- Diga-lhe que as coisas se compõem muito bem... Não, eu vou lá.

Saiu, voltou um instante depois, interrogou com o olhar o delegado do principal banco de negócios franceses, o único ali representado. Bigodes direitos, paralelos às lunetas, calvície, fadiga, não tinha ainda dito uma palavra.

- A manutenção do Consórcio não nos interessa de maneira nenhuma - disse lentamente. - A participação da construção dos caminhos de ferro está assegurada à França por tratados. Se o Consórcio quebrar, outra empresa se formará ou se desenvolverá e suceder-lhe-á...

- E essa nova sociedade - disse Ferral - em lugar de industrializar a Indo-china, distribuirá dividendos. Mas, como nada fez por Xan-Cai-Xeque, encontrar-se-á na situação em que o senhor estaria, se nada tivesse feito nunca pelo Estado; e os tratados serão desvirtuados em favor de qualquer sociedade americana ou britânica, com tabuleta francesa, evidentemente. A quem emprestarão, nessa altura, o dinheiro que me recusam. Nós criámos o Consórcio, porque os bancos franceses da Ásia faziam tal política de garantias que teriam acabado por emprestar aos ingleses, só para não emprestar aos chineses. Nós seguimos uma política de risco, ,...

- Eu não ousava dizê-lo.

- ...claro. É normal que soframos as consequências. A economia ser protegida (sorriu com um lado só da boca) até cinquenta biliões de perdas, e não cinquenta e oito biliões e algumas centenas de milhões. Vejamos portanto juntos, meus senhores, se estão dispostos, como o Consórcio deixará de existir.

Kobe

Nove horas

Em plena luz da Primavera, May, demasiado pobre para alugar um carro, subia para casa de Kama. Se as bagagens de Gisors fossem pesadas, teria de pedir emprestado algum dinheiro ao velho pintor, para apanhar o barco. Ao deixar Xangai, Gisors dissera-lhe que se refugiava em casa de Kama; ao chegar mandara-lhe a direcção. Depois, mais nada. Mesmo quando ela lhe mandou dizer que tinha sido nomeado professor do Instituto Sun-Yat-Sen de Moscovo. Medo da policia japonesa?

Enquanto caminhava, lia uma carta de Pei que lhe fora entregue à chegada do barco a Kobe, quando visara o passaporte.

...”e todos aqueles que puderam fugir de Xangai a esperam. Recebi os folhetos”...

Ele publicara anonimamente dois relatos da morte de Tchen, um de acordo com o seu coração: “A morte do ditador , dever do individuo frente a si mesmo, e deve ser separada da acção política, determinada por forças colecti-vas”, o outro para os tradicionalistas: “Tal como o dever filial - a dívida que os nossos antepassados têm em aberto - nos leva a procurar a mais nobre vida, assim exige de todos a morte do usurpador”. As tipografias clandestinas imprimiam já esses folhetos.

...”Vi ontem Hemmelrich, que pensa em si. É montador na central eléctrica. Disse-me: “Dantes, começava a viver quando saía da fábrica; agora, começo a viver, quando entro nela. É a primeira vez na minha vida que trabalho sabendo por que, e não esperando pacientemente morrer...”. Diga a Gisors que o esperamos. Desde que estou aqui, penso no curso em que ele dizia: “Uma civilização transforma-se, não é verdade, quando o seu elemento mais doloroso (a humilhação no escravo, o trabalho no operário moderno) se torna pouco a pouco um valor, desde que não se trata já de fugir a essa humilhação, mas de esperar dela a salvação, não de fugir a esse trabalho, mas de encontrar nele a razão de ser. É preciso que a fábrica, que é agora uma espécie de igreja das catacumbas, se torne no que foi a catedral, e que os homens vejam nela, em lugar dos deuses, a força humana em luta contra a terra”...

Sim: é certo que os homens não valiam senão pelo que tinham transformado. A Revolução acabava de passar por uma terrível doença, mas não estava morta. E eram Kyo e os outros, vivos ou não, vencidos ou não, quem a tinha dado ao mundo.

“Vou voltar para a China como agitador: não serei nunca um comunista paro. Nada acabou. Talvez nos encontremos lá todos; disseram-me que o seu pedido

foi aceite”...

Um recorte de jornal caiu da carta dobrada; apanhou-o:

“O trabalho deve tornar-se a arma principal da luta de classes. O plano de industrialização mais importante do mundo está actualmente em estudo: trata-se de transformar em cinco anos a U.R.S.S., de fazer dela uma das primeiras potências industriais da Europa, depois de igualar e ultrapassar a América. Este empreendimento gigantesco...”

Gisors esperava-a, de pé no limiar da porta. De quimono. Não havia bagagens no corredor.

- Recebeu as minhas cartas? - perguntou ela, entrando numa sala nua, esteiras e papel, cujos painéis abertos mostravam a baía toda.

- Recebi.

- Despachemo-nos: o barco parte dentro de duas horas.

- Não partirei, May.

Ela fitou-o. “Inútil interrogá-lo, pensou, ele explicar-se-á”.

Mas foi ele quem interrogou:

- Que vai fazer?

- Tentar servir nas secções de agitadoras. Está quase arranjado, parece. Estarei em Vladivostoque depois de amanhã, e partirei imediatamente para Moscovo. Se isso não se arranjar, trabalharei como m, dica em Moscovo ou na Sibéria.

Oxalá que a primeira coisa se consiga... Estou tão cansada de tratar... Viver sempre com doentes, quando não é por um combate, , preciso para isso uma espécie de estado de graça, e não há já em mim graça de qualquer espécie. E depois, agora, tornou-se-me quase intolerável ver morrer... Enfim, se for preciso... É ainda uma maneira de vingar Kyo.

- Não nos vingamos na minha idade...

Com efeito, qualquer coisa nele tinha mudado. Estava distante, separado, como se só uma parte dele se encontrasse na sala com ela. Estendeu-se no chão: não havia cadeiras. Ela deitou-se também, ao lado de um prato com ópio.

- Que vai fazer? - perguntou ela.

Ele encolheu os ombros com indiferença:

- Graças a Kama, sou aqui professor livre de história da arte ocidental... Volto à minha primeira profissão, como vê...

Ela procurava-lhe os olhos, estupefacta:

- Mesmo agora - disse ela - que estamos politicamente derrotados, que os nossos

hospitais fecharam, grupos clandestinos se refazem em todas as províncias. Os nossos não esquecerão nunca que sofrem por causa de outros homens, e não das suas vidas anteriores. O senhor dizia: “Acordaram em sobresalto de um sono de trinta séculos, de que não tornarão a adormecer”. Dizia também que aqueles que deram consciência de revolta a trezentos milhões de miseráveis não eram sombras como os homens que passam, mesmo batidos, mesmo supliciados, mesmo mortos...

Calou-se um instante:

- Estão mortos, agora - continuou ela.

- Penso-o sempre, May. É outra coisa... A morte de Kyo não é só a dor, nem apenas a mudança, é... uma metamorfose. Nunca estimei muito o mundo: era Kyo quem me ligava aos homens, era por ele que existiam para mim... Não quero ir para Moscovo. Lá ensinaria miseravelmente. O marxismo deixou de viver em mim. Aos olhos de Kyo era uma vontade, não é verdade? Mas aos meus é uma fatalidade, e eu concordava com ele, porque a minha angústia da morte estava de acordo com a fatalidade. Quase não há angústia em mim, May; desde que Kyo morreu, é-me indiferente morrer. Estou simultaneamente libertado (libertado!...) da morte e da vida. Que iria eu lá fazer?

- Mudar outra vez, talvez.

- Não tenho mais filhos a perder.

Aproximou de si a bandeja com ópio, preparou um cachimbo. Sem dizer nada, ela mostrou-lhe com o dedo uma das colinas próximas: amarrados pelos ombros, uma centena de “colis” puxavam qualquer peso muito pesado que se não via, com o gesto milenário dos escravos.

- Sim - disse ele - sim.

- No entanto - continuou ele, após um instante, - tome cuidado: estes estão prontos a deixar-se matar pelo Japão.

- Por quanto tempo ainda?

- Mais tempo do que eu viverei.

Gisors fumara o cachimbo de uma vez. Abriu outra vez os olhos.

- Pode enganar-se a vida muito tempo, mas ela acaba sempre por fazer de nós aquilo para que somos feitos. Todos os velhos são um testemunho, vá, e se tantas velhices são vazias, é porque outros tantos homens o eram e o escondiam. Mas mesmo isto não tem importância. Era preciso que os homens pudessem saber que não há real, que existem mundos de contemplação... com ou sem ópio... em que tudo, vão...

- Onde se contempla o quê?

- Talvez nada mais que esta vaidade... É muito.

Kyo dissera a May: “O ópio tem um grande papel na vida de meu pai, mas pergunto-me por vezes se a determina ou se justifica certas forças que o inquietam...”

- Se Tchen - continuou Gisors - tivesse vivido fora da Revolução, pense que teria sem dúvida esquecido os seus crimes. Esquecido...

- Os outros não os esqueceram; houve dois atentados terroristas depois da morte dele. Ele não gostava das mulheres, por isso nunca o conheci; mas creio que ele não teria vivido fora da Revolução nem um ano. Não há dignidade que se não funde na dor.

Ele mal a ouvira.

- ...Esquecido - continuou. - Depois que Kyo morreu, descobri a música. Só a música pode falar da morte. Ouço Kama, agora, sempre que ele toca. E, no entanto, sem esforço da minha parte (falava tanto para si próprio como para May), de que me lembro ainda? Os meus desejos e a minha mágoa, o peso do meu destino, a minha vida, não, verdade... (Mas, enquanto se liberta da sua vida, pensava ela, outros Katows são queimados nas fornalhas, outros Kyos...).

O olhar de Gisors, como se tivesse seguido o gesto de esquecimento, perdeu-se ao longe: para lá da estrada, os mil ruídos de trabalho do porto pareciam voltar com as vagas para o mar resplendente. Correspondiam, ao deslumbramento da Primavera japonesa com o esforço dos homens, com os navios, os elevadores, os automóveis, a multidão activa. May pensava na carta de Pei: era no trabalho enérgico desencadeado por toda a terra russa, na vontade de uma multidão para quem esse trabalho se fizera vida, que se tinham refugiado os seus mortos. O céu raiava nos espaços dos pinheiros como o Sol; o vento que inclinava molemente os ramos deslizou-lhes sobre os corpos estendidos. Pareceu a Gisors que esse vento passava através dele como um rio, como o próprio Tempo, e, pela primeira vez, a ideia de que passava por ele o tempo que o aproximava da morte não o separou do mundo, antes o ligou a este num acordo sereno. Fitava o amontoado de guindastes ao fundo da cidade, os paquetes e os barcos no mar, as manchas humanas na estrada. “Todos sofrem, pensou, e cada um sofre porque pensa. No fundo, o espírito só pensa o homem no eterno, e a consciência da vida só pode ser angústia. Não se deve pensar a vida com o espírito, mas com o ópio. Quantos sofrimentos dispersos nesta luz desapareceriam, se desaparecesse o pensamento...”. Libertado de tudo, mesmo de ser homem, acariciava com reconhecimento o cano do cachimbo, contemplando a agitação de todos esses seres desconhecidos que caminhavam para a morte ao deslumbrante sol, cada um acariciando no mais secreto de si o seu parasita assassino.

“Todos os homens, são loucos, pensou ainda, mas que, um destino humano senão

uma vida de esforços para unir esse louco e o Universo...”. Tornou a ver Ferral, iluminado pela lâmpada baixa, na noite cheia de bruma, ouvindo: “Todo o homem sonha ser deus...”.

Cinquenta sirenes ao mesmo tempo invadiram o ar: aquele dia era véspera de festa, e o trabalho acabava. Antes de qualquer mudança no porto, homens minúsculos atingiram, como batedores, o caminho direito que levava à cidade, e em breve a multidão enchia-o, longínqua e negra, num barulho de “klaxons”: patrões e operários largavam ao mesmo tempo o trabalho. Vinha como ao assalto, com o grande movimento inquieto de toda a multidão contemplada a distancia. Gisors vira a corrida dos animais para as fontes, ao cair da noite: um, alguns, todos, precipitados para a água por uma força caída com as trevas; na sua recordação, o ópio dava à corrida cósmica uma harmonia selvagem, e os homens perdidos no longínquo barulho dos socos pareciam-lhe todos doidos, separados do Universo, cujo coração, batendo algures, no alto, na luz palpi-tante, os agarrava e os atirava para a solidão, como os grãos de uma colheita desconhecida. Ligeiras, muito altas, as nuvens passavam por cima dos pinheiros sombrios e sumiam-se pouco a pouco no céu; e pareceu-lhe que um dos seus grupos, aquele precisamente, exprimia os homens que conhecera ou amara, e que estavam mortos. A humanidade era espessa e pesada, pesada de carne, de sangue, de sofrimento, eternamente colada a si mesma como tudo o que morre; mas mesmo o sangue, mesmo a morte se sumiam lá longe na luz, como a música na noite silenciosa: pensou na de Kama, e a dor humana pareceu-lhe subir e perder-se como o próprio canto da terra; na paz tremente, e escondida nele como o coração, a dor possuída fechava lentamente os braços inumanos.

- Fuma muito? - repetiu ela.

Já lho perguntara, mas ele não a tinha ouvido. O seu olhar voltou à sala:

- Julga que não adivinho o que pensa, e julga que eu não o sei melhor que você? Julga mesmo que me não seria fácil perguntar-lhe com que direito me condena?

Olhou-a:

- Não deseja ter um filho?

Ela não respondeu: esse desejo sempre fervoroso parecia-lhe agora uma traição. Mas olhava com espanto aquele rosto sereno.

Voltava na verdade do fundo da morte, estranho como um dos cadáveres das valas comuns. Na repressão que caíra sobre a China esgotada, na angústia ou na esperança do povo, a acção de Kyo continuava incrustada como as inscrições dos impérios primitivos nas gargantas dos rios. Mas mesmo a velha China que esses poucos homens tinham atirado sem retorno às trevas, com um estrondo de

avalanche, não estava mais apagada do mundo do que o sentido da vida de Kyo do rosto do pai. Ele continuou:

- A única coisa que eu amava foi-me tirada, não, verdade, e quer que eu permaneça o mesmo. Julga que o meu amor não valeu o que vale o seu para si, cuja vida nem sequer mudou.

- Como não muda o corpo de um vivo que se torna um morto...

Ele pegou-lhe na mão:

- Conhece a frase: “São precisos nove meses para fazer um homem, e um só dia para o matar”. Nós soubemo-lo tanto quanto se pode saber, um e outro... May, ouça; não são precisos nove meses, são precisos cinquenta anos para fazer um homem, cinquenta anos de sacrifícios, de vontade, de... de tantas coisas! E quando esse homem está feito, quando nada mais há nele da infância, nem da adolescência, quando, verdadeiramente, ele, um homem, nada mais resta senão morrer.

Ela fitava-o aterrada; ele olhava as nuvens:

- Amei Kyo como poucos homens amam os filhos, bem sabe...

Continuava a segurar-lhe a mão, chegou-a para si, tomou-lha nas suas:

- Ouça-me: temos de amar os vivos e não os mortos.

- Eu não vou a Moscovo para amar.

Ele contemplava a baía magnífica, cheia de sol. Ela retirara a mão.

- No caminho da vingança, May, encontra-se a vida...

- Não, uma razão para a chamar.

Ela levantou-se, estendeu-lhe a mão em sinal de adeus. Mas ele segurou-lhe o rosto entre as palmas das mãos e beijou-lho. Kyo beijara-a assim, no último dia, exactamente assim, e nunca mais quaisquer mãos lhe tinham agarrado a cabeça.

- Agora já não choro - disse ela, com um orgulho triste.

FIM